



• ORGÃO-OFFICIAL-DA-COMISSÃO-EXECUTIVA •
DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA
• RIO DE JANEIRO, 24 DE FEVEREIRO DE 1922 •

PREVISORA RIO GRANDIENSE

COMPANHIA DE SEGUROS

VIDA, FOGO ^{DE} E TRANSPORTES

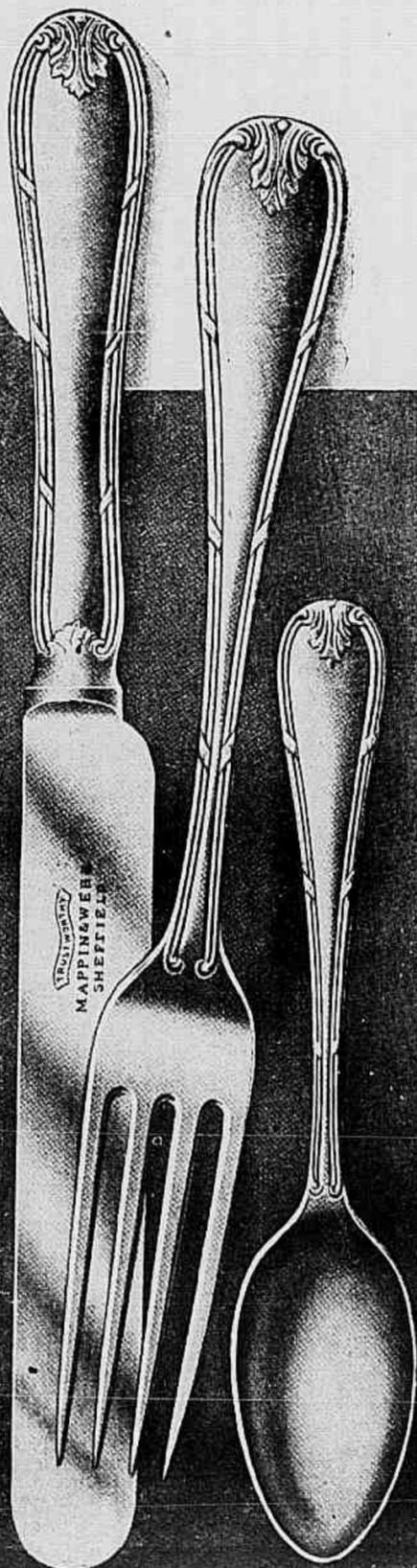
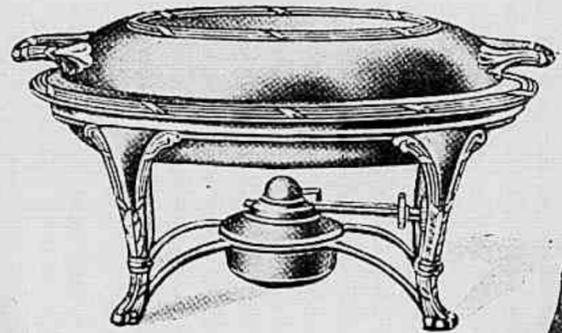
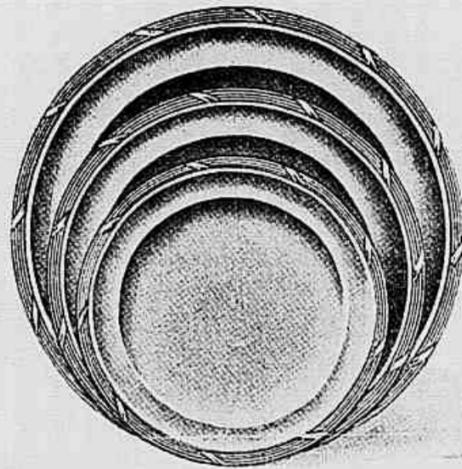
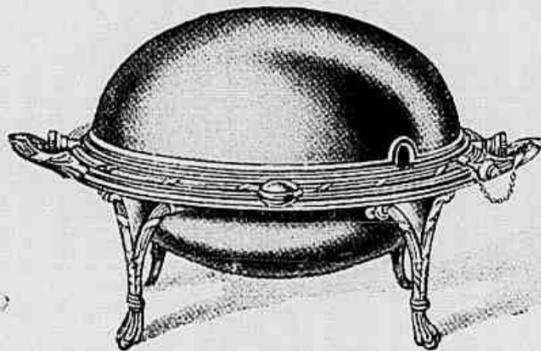
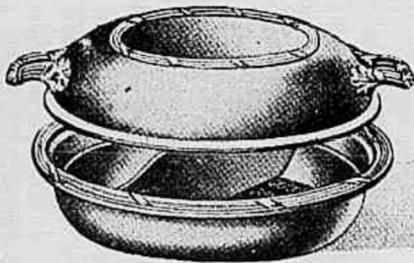
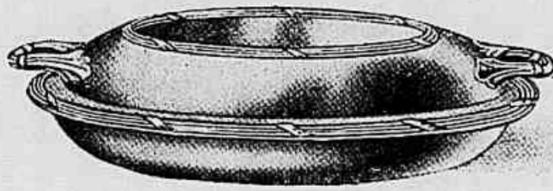
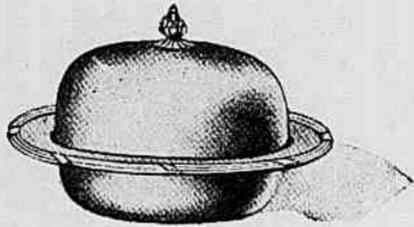
CAPITAL
RS. 5.000:000#000

FUNDOS DE GARANTIA
MAIS DE
17 MIL CONTOS DE REIS

PAGAMENTOS EFFECTUADOS DE APOLICES VENCIDAS E SINISTRADAS DE 25- XII-1920 ATÉ 30
DE SETEMBRO DE 1921. RS. 2.803:538\$878

MATRIZ RIO DE JANEIRO - AV. RIO BRANCO 22/26 EDIFICIO PROPRIO

SEGURO



Serviço Louis XVI

em "PRATA PRINCEZA"

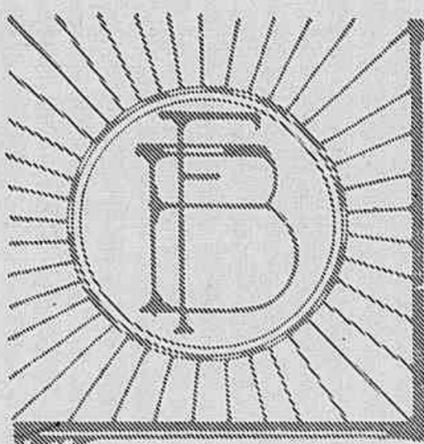
PRATA PRINCEZA é um metal branco coberto com tres camadas de prata pura, sendo a sua durabilidade de 30 annos, sem mudar de cor. "Prata Princeza" é fabricada unicamente por nós, sob uma marca e titulo registrados e substitue melhor que todos os outros metaes prateados. A variedade dos artigos neste metal é tão numerosa como a de prata, e para artigos de uso domestico e de mesa são de grande vantagem e economia.

MAPPIN & WEBB

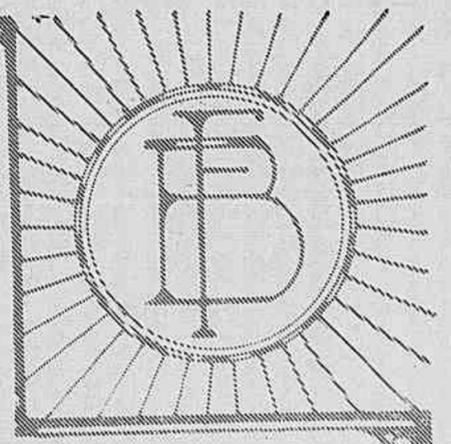
100, OUVIDOR
Rio de Janeiro

Fabrica:
The Royal Works, Sheffield.

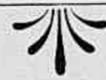
Casas em:
São Paulo, Buenos Aires, Roma, etc.



Completo sortimento
de artigos
para bordar



Sedas, ———
linhos e
trabalhos principiaados



————— D. M. C. —————

ACABAMOS DE RECEBER AS AFAMADAS LINHAS DE D. M. C.
Cores inalteraveis. ——— ✕ ——— Sortimento completo

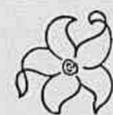
A MAIOR VARIEDADE DE ARTIGOS PARA PINTUFA EM
————— TODOS OS GENEROS —————

Estojos completos e preparos avulsos para Pyrogravura, Judaica, Plastica, Bico de penna, Oriental, Couro, Tarço, Estanho, Cobre, Helios, Oleo, aquarella, etc., etc.

Especialidade em Calçados finos e
————— Meias de Seda —————



Barboza, Freitas & C.



AVENIDA RIO BRANCO, 136

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ANNO X

Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1922

NUM. 18



DIALOGOS PERDIDOS

NUM CAES :

- E nunca mais voltas?
- Talvez...
- Eras feliz, aqui...
- Era...
- Esperas ser mais feliz, lá-longe?
- Não sei...
- Então, porque partes? Não compreendo!
- E para que compreender?



NUMA ALCOVA :

- Não me conheces?
- Lembro-me de que te vi, ha muito tempo, numa noite de Carnaval... Sim, foi numa noite de Carnaval. E's a Morte, não és?
- Sou a Vida. E' a primeira vez que me olhas de frente.
- Sinto que vou morrer. Porque appareceste tão tarde? E's bella! Conta, porque só hoje vieste?
- Porque vaes morrer...



NUMA COVA :

- E's tu?
- Sou eu...
- Lá em cima, ouvi dizer que havia, depois da terra, um lugar de felicidade, outro de esperança, outro de tortura. Para onde me vaes levar?
- Além de mim, nada existe.
- E como te chamas aqui?
- Eu sempre me chamo Vida. Cala-te, e vive.

ALVARO MOREYRA



O
NOVO
CHEFE
DA
IGREJA
CATHOLICA



Photographias do Cardeal Achille Ratti, feitas quando ascendeu ao Arcebispado de Milão, no mez de Junho do anno passado. O Cardeal Ratti foi eleito Papa, em substituição a Benedicto XV, tomando o nome de Pio XI.

O NOVO PONTIFICE SEMPRE SE DESTACOU POR SUA DOUTRINA E ERUDIÇÃO, COMO ECCLESIASTICO, COMO HISTORIADOR, COMO ORIENTALISTA, COMO BIBLIOGRAPHO. SIMPLES, DE UMA BONDADDE CAPTIVANTE, ERA UM PASTOR AMAVEL E POPULAR. QUANDO SAHIU, EM 1913, DE MILÃO, OS ADMIRADORES LHE DISSERAM: "VAE, COM CHAPÉO PRETO, VOLTARA' COM CHAPÉO VERMELHO, E HA DE CHEGAR AO CHAPÉO BRANCO". REALISOU-SE A PROPHECIA.

Trinta dias...

TRINTA dias são passados sobre estas observações que em Fevereiro divulgo. Valerá mesmo a pena publical-as?... Sim. Quintino Bocayuva disse, numa carta que escreveu, pouco antes de morrer, ao publicista argentino Dr. Barroetaveña: — “A utopia da paz entre os povos será talvez o sonho e a illusão dos nobres espiritos ainda em minoria; porém essa *esperança* e as diligencias empregadas, para que esse *ideal* chegue algum dia á realidade, SÃO UM CONFORTO MORAL E UM MEIO DE EDUCAÇÃO QUE, mais cedo ou mais tarde, pela cultura social e pelo desenvolvimento da instrucção popular, ha de produzir o que todos almejamos, o aperfeiçoamento da especie humana e a felicidade dos povos.”

Ademais, a *ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA*, sem duvida alguma, não deixará de render o preito de suas homenagens aos tres illustres espiritos em cujas biographias encontrei as semelhanças curiosas que me lembraram a phrase do patriarcha da Republica, e que todos tres, em Janeiro findo, occuparam largamente a publica attenção.

Terá o amavel leitor reparado na interessante coincidência? Pois então verifique se havia encontrado alguma *ligação* intellectual entre os tres personagens que foram protagonistas dos maiores acontecimentos commentados no mez passado.



Benedicto XV, o glorioso papa fallecido a 21 de Janeiro, só pela sua obra de amor e de humanidade, se mais nada houvesse feito, teria se imposto á admiração universal e inscripto o seu nome entre os dos maiores successores de Pedro em Roma.

Eleito a 3 de Setembro de 1914, Benedicto XV entrou no Vaticano após um mez a declaração da mais cruenta guerra que ha assolado o mundo, e desde então sempre prégou e rogou pela paz, não perdendo occasião alguma, nem pretextos, para as tentativas de conciliação e de piedade que lhe inspiravam o coração amargurado.

Era, a 8 de Setembro — recordam os seus biographos — a exhortação aos catholicos do mundo inteiro, conjurando os chefes dos povos a entrar no caminho da concordia. Era, a 1º de Novembro, tambem de 1914, a encyclica que enumerava as causas da guerra e fazia votos pela paz geral. Era, a 24 de Dezembro, a allocução aos cardeaes, em que, depois de exprimir a sua magua por não ter obtido que os exercitos belligerantes se dessem treguas no dia do Natal, desejava que os chefes dos povos ouvissem a voz do autor da paz. Era, a 22 de Janeiro de 1915, a allocução pronunciada no Consistorio, em que affirmava o seu dever de observar a mais estricta neutralidade, porque havia ficis em todos os povos belligerantes, e conjurava os que invadissem territorios inimigos a não devastal-os inutilmente. Eram, successivamente, a carta ao bispo de Munich, a 3 de Maio; a saudação ao decano do Sacro Collegio, a 20 de Maio; a carta ao cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, a 15 de Agosto, e a pastoral aos bispos da Suissa, a 17 do mesmo mez, declarando que todo o seu cuidado consistia em promover a paz e diminuir os males causados pela guerra; a allocução no Sacro Collegio, a 24 de Dezembro, em que deplorava a inutilidade de todos os seus esforços pela paz; a declaração relativa á necessidade de observar e respeitar os principios do *direito natural*, em relação aos judeus, como em relação a todos os homens, no dia 9 de Fevereiro de 1916, em resposta a uma mensagem de

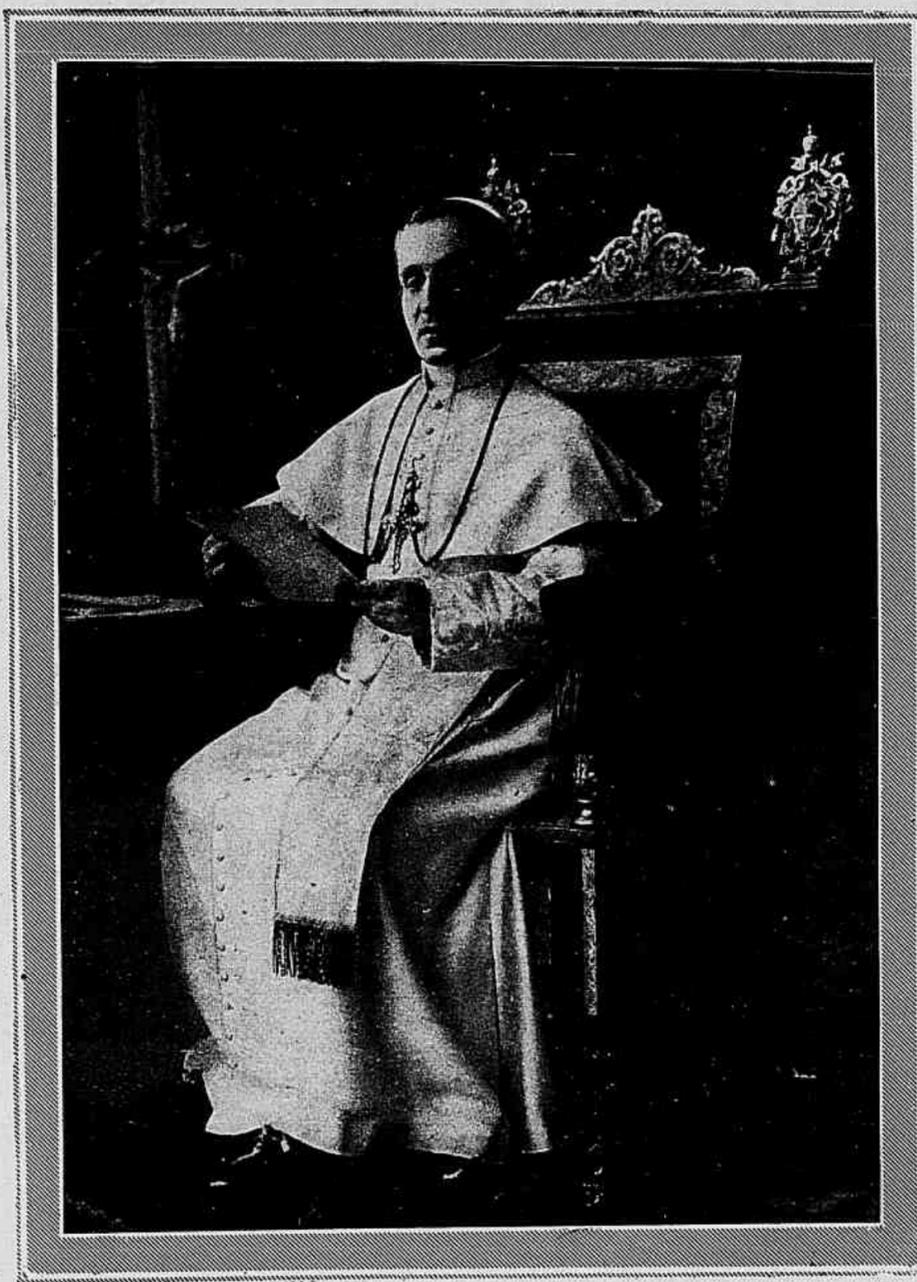
tres milhões de judeus dos Estados Unidos. Era a intervenção junto ao governo da Austria para que fossem respeitadas as cidades abertas (17 de Fevereiro); era a allocução consistorial de 4 de Dezembro do mesmo anno, mostrando como o terrivel conflicto levava a excessos e desastres, pela violação e desprezo das leis que regulam as relações entre os Estados; era a resposta aos votos do Sacro Collegio, na vespera do Natal, exhortando mais uma vez a boa vontade dos governos e dos povos, como condição necessaria para se pôr fim ao tremendo cataclysmo. E finalmente, a 1º de Agosto de 1917, para não citar outras datas posteriores de menor importancia, a sua famosa nota diplomatica aos paizes em guerra, concitando-os á paz sob condições por elle mesmo formuladas, e cuja primeira era esta: — “Recurso ao arbitramento obrigatorio com sancção, afim de evitar conflictos futuros.”



Amaro Cavalcanti, tambem como o antecessor de Pio XI, fallecido em Janeiro, dia 28, consagrou igualmente larga parte de sua vida á grande obra da paz entre as nações. A morte veio surprehendel-o na presidencia da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, onde sempre esteve vigilante, durante a ultima guerra e após ella, a todos os movimentos importantes a favor da cessação das hostilidades.

Os seus livros, as suas conferencias e os seus estudos pacifistas fazem honra á literatura nacional e foram lidos, com immenso agrado, no estrangeiro, especialmente nos Estados Unidos, o grande campeão do arbitramento, terra de Woodrow Wilson, o preconizador da actual Liga das Nações.

“Publicistas, homens de Estado, chefes dos povos — escrevia elle em 1913 — todos querem a paz, reconhecem a sua excellencia em confronto com a guerra, e proclamam a necessidade da sua preferencia, como condição de felicidade das nações. E no entanto — continuava — por toda a parte se vê a guerra, procurando cada belligerante aperfeiçoar, com esmerado cuidado, os apparatus de morte. Como explicar essa contradição flagrante — perguntava — entre a vontade em favor da paz assim manifestada pelos diri-



BENEDICTO XV

gentes dos povos, e os actos dos mesmos, significativos do maior empenho pela guerra?”

“De duas uma — concluia — ou os governos das varias potencias do mundo civilisado não têm sido sinceros nas suas palavras e intuitos manifestados quanto á necessidade da paz internacional; ou a guerra ainda continúa a se lhes impor, como condição inevitavel, não obstante a sinceridade de suas preferencias pelos meios da paz.”

“Somos dos que entendem — affirmava resolutamente — que a verdade, a verdade dos factos, está na segunda hypothese, sem que, por isto, queiramos absolver os governos, nomeadamente, das grandes potencias, de graves culpas, já positivas, já negativas, contra os possiveis progressos da paz internacional. Se não podemos ter uma *paz internacional permanente* — e jamais nenhum pacifista judiciosamente esclarecido a pretendera no momento — podemos, todavia, pretender que os governos das nações civilisadas procurem proceder, na solução das contendas internacionaes, de accordo com os proprios compromissos solemnemente tomados, umas com as outras, nos seus congressos em favor das medidas da paz, como dignas de preferencias, em lugar dos meios violentos e brutaes da guerra.”

“Ora, ninguém ignora — terminava o illustre juriconsulto patricio — que entre as medidas, pôde-se dizer, definitivamente assentadas, está a do arbitramento por meio de Côrtes internacionaes, cuja decisão se imponha ás partes em contenda. O instituto do *Arbitramento internacional* já entrou na consciencia jurídica dos diversos Estados da Europa e da America.”

Pois era assim que falava, antes de Benedicto XV, o grande brasileiro Dr. Amaro Cavalcanti, cuja morte enlutou a alma pensante do Brasil e certamente também representa uma grande e sensível perda para a Humanidade.

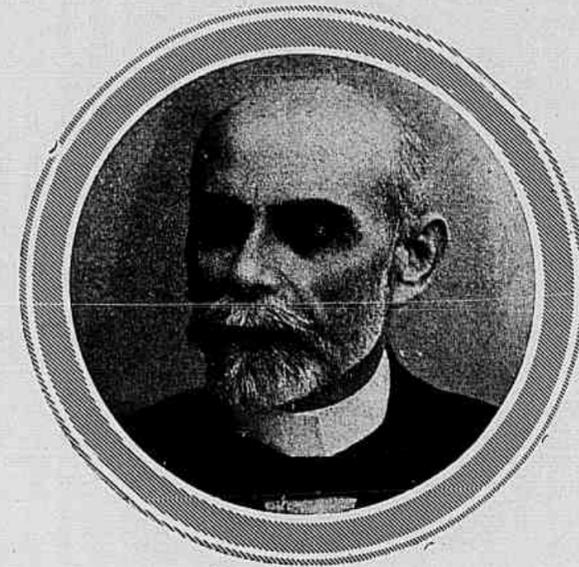


Mas ainda me resta dizer algo sobre o terceiro personagem a quem

a ILLUSTRACÃO BRASILEIRA quer render as homenagens do seu respeito.

Felizmente, de este nada tenho que lamentar. E' moço, vive em perfeita saude e está tallado, sem duvida, para manter no estrangeiro o bello nome e a gloriosa fama que conquistámos em Haya.

Parlamentar insigne, tendo conquistado entre os seus pares uma situação de inconfundível prestigio, o terceiro personagem de que me



DR. AMARO CAVALCANTI

quero ocupar regressou a 29 de Janeiro da Europa, onde, desde 1919, era um dos delegados brasileiros á Conferencia da Paz.

Certo não lhe preciso mais declinar o nome brilhante. A sua actividade nas commissões daquella augusta assembléa mundial, seu solido preparo juridico e a habilidade desenvolvida por elle nos trabalhos para a organização da Côte Permanente de Justiça Internacional tornaram-n'o desde logo conhecido no Universo, e impuzeram-n'o, cá no Brasil, á admiração de todos os seus compatriotas.

Sim, o eminente Sr. Dr. Raul Fernandes é hoje um dos grandes nomes nacionaes, de reputação já firmada para além das fronteiras em que nasceu. Espirito de rara penetração e de um grande poder objectivador, o preclaro deputado fluminense foi o defensor victorioso do principio de jurisdicção obrigatoria da Côte de Justiça Internacional, para a solução pacifica dos conflictos entre os povos. O que vale dizer que o

delegado de nosso paiz na Conferencia de Genebra logrou tornar triumphante, perante todas as nações do mundo, a bella conquista social que implantámos no n. 11 do artigo 34 da Constituição Brasileira.

Foi naquella memoravel reunião, por signal, que o grande Léon Bourgeois lhe manteve a palavra além do tempo regulamentar, attendendo ao “consideravel papel” que elle ia desempenhando com brilho e felicidade pouco communs.

Bem mercedas, portanto, foram as flores que lhe levaram, no seu desembarque nesta Capital, os representantes do governo e do povo brasileiros. As nossas flores de Janeiro quasi que iam, então, a desmentir o poeta...

Era preciso mesmo que ellas desabrochassem também para consagrar a vida preciosa e forte do patricio insigne que nos veiu dizer com a sua presença: tenhamos fé no futuro, pois que o destino da humanidade é progredir!...



E' progredir, sim, a despeito de tudo. Algumas vezes entre alegrias e applausos, e outras, mais numerosas, sob o imperio da dôr, dos sofrimentos e das injustiças dos homens!

Pois não estamos agora mesmo pagando caro, carissimo, os nossos progressos democraticos?... Ai! de Quintino, se elle fosse vivo! Que contraste doloroso não divisaria elle entre os *modernos* processos de propaganda politica, e aquelles de que elle, o grande Ruy, Benjamin Constant e tantos outros lançaram mão para derrubar o throno do serenissimo Pedro II!

E mesmo lá fóra, nas conferencias para o desarmamento das nações, quantas desillusões não terão padecido os sinceros preconizadores da paz entre os povos?... Mas o mundo é assim mesmo. Fraco será, e como fraco será vencido aquelle que na defesa do proprio *ideal* deixar-se dominar pelos desgostos e pelas contrariedades.

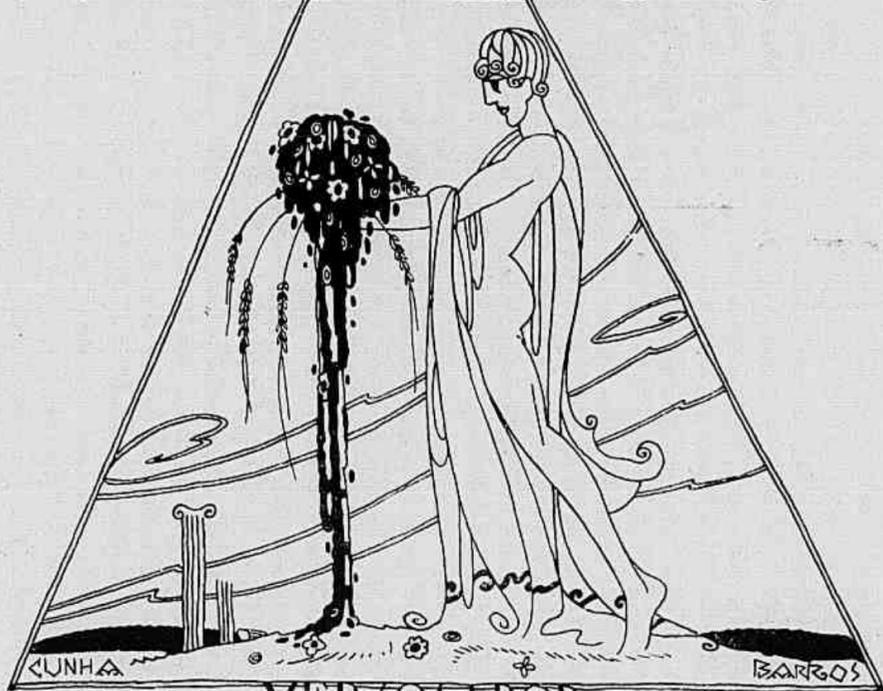
Repare o leitor, no emtanto, dando tempo ao tempo, que já o factor principal na eleição do novo Papa foi a orientação politica de Benedicto XV...



DR. RAUL FERNANDES

MOZART LAGO.

HUMANIDADE



VERTOS + POR
ANNA + AMELIA + DE + QUEIROZ + CARNEI-
RO + DE MENDONÇA

*Homem que tens na terra a inexgotavel messe
De alegria e de dôr, de virtude e de mal,
Colhe, em vez de buscar o fruto que apetece,
O trigo que ha de ser teu pão espiritual.*

*No anseio do saber ou no enlevo da prece,
Conquista o alto do Olympo ou o mysterio de Graal,
Banha-te, Prometheu, na luz que os sóes aquece,
Prega o bem, prega a fé, glorioso Parsifal.*

*Em vão desta arte fala á fraca humanidade
Uma soturna voz que vem de idade a idade,
Vibrando dentro em nós num intimo clamor.*

*O homem continuará, em sublime holocausto,
Sonhando sempre em vão, trocando como Fausto,
A vida, a gloria, o ideal, por um pouco de amor.*

Nossa Marinha de Guerra em 1823,

por E. W. Luiz Barreto.



Marinha de Guerra Brasileira pôde-se dizer que surgiu em 1822, com os primeiros passos que nos conduziram é emancipação política. Entretanto, só em 1823 é que ella alcança o grão de equilibrio indispensavel á obra grandiosa de nos legar uma patria unida e independente. A experiencia de 1822 confirmava o receio que inspirara a dedicação duvidosa da maioria dos portuguezes adhesistas. O almirante De Lamare regressava ao Rio amargurado, em meio

das difficuldades mais serias.

Continuavam os Lusitanos senhores da Bahia, constituindo ameaça terrivel sobre os nacionaes que, do reducto de Itaparica, bem apercebidos da gravidade da situação e compenetrados da alta missão que lhes tocava, procuravam tornar-se cada vez mais fortes e tratavam de molestar quanto podiam as forças estrangeiras oppressoras.

No sul, o almirante Rodrigo Lobo, a serviço do Brasil no commando do bloqueio da Cisplatina, continuava na vigilancia de Montevidéu, enquanto o chefe Jewet regressava á capital.

O governo imperial, entremettes, deante das difficuldades que descortinava, sem confiança no auxilio incerto da maioria dos portuguezes que por cá se haviam deixado ficar no serviço naval, e comprehendendo que do exito alcançado no mar dependia a causa da independencia, resolveu lançar mão do auxilio de homens experimentados nas lides do oceano e affeitos ao troar dos canhões, embora fossem elles estrangeiros, mas contanto que inspirassem confiança pela ausencia de ligações com a antiga metropole.

Officiaes e marinheiros norte-americanos e inglezes, em bom numero, contámos, então, entre nós.

O marquez de Barbacena, como Encarregado de Negocios do Imperio em Londres, firmou contracto com varios officiaes britannicos e algumas centenas de marinheiros. Aquelles comprometteram-se a servir á nossa bandeira por cinco annos prorogaveis, caso em que receberiam mais meio soldo de suas patentes, e seriam nomeados no posto acima do que tinham em sua marinha.

Assim, vieram os capitães de fragata Norton e Thompson; o capitão-tenente Kelmare; os primeiros-tenentes Cleare, Gleddon, Chester, Chrofton, Wright, Nicoll, Gillet e Clearence; segundos-tenentes Litcostan, Broom, Cowan, Macriecht e Inglis.

Na capital já haviam sido, tambem, ajustados os serviços do capitão de fragata John Taylor, primeiros-tenentes Manson e Eyre, e segundo-tenente Mynson, além do capitão de mar e guerra David Jewet, da armada norte-americana. A nomeada de Lord Cochrane corria, então, pela America inteira; suas façanhas nas lutas da independencia do Chile attrahiam sobre a personalidade do almirante inglez todas as atenções, e a circumstancia de se encontrar elle, ao fim da brilhante jornada do Pacifico, em desavença com o governo chileno, não escapára á argucia do marechal Brant, que aconselhava a José Bonifacio aproveitasse a magnifica oportunidade de apresentar ao Lord as suas propostas. Taes foram as deferencias e instancias da Côrte, que o conde de Dundonald, em companhia de outros officiaes seus compatricios e com elle factores das glorias chilenas, accedendo aos desejos de Sua Magestade Imperial, aqui aportou em Março de 1823, juntamente com os commandantes Sackville Crosbie, Grenfell, Sheperd e Clewley.

Ainda nesse mez D. Pedro mandava nomear o bravo marinheiro Primeiro Almirante da Armada, posto a que nenhum outro official poderia ter accesso, e designava para ficarem sob as suas ordens immediatas a não "Pedro I", as fragatas "União", "Carolina" e "Nitheroy"; as corvetas "Maria da Gloria" e "Liberal"; os brigues "Guarany" e "Real", e a escuna "Leopoldina", dando-lhe a incumbencia de desalojar os Portuguezes da Bahia.

O Lord Alexandre Thomas Cockrane era um nobre da estirpe dos condes de Dundonald, e, antes da defesa da independencia chilena, havia já ligado o seu nome a muitas façanhas do mar. Natural da Escosia, entrou muito joven para a Marinha, celebrisando-se nas guerras franco-britannicas, e foi promovido a capitão de mar e guerra, contando apenas vinte e seis annos de idade.

De 1817 a 1823 escreveu paginas admiraveis de historia militar e politica no Pacifico, vindo ao Brasil, para bater-se ainda mais tarde pela libertação da Grecia. Ao assumir o commando das forças nacionaes, o intrepido marinheiro começou instituindo a disciplina e a ordem que andavam bem longe do espirito das guarnições que nos serviam.

Sem marinheiros de profissão que fossem do paiz, em numero sufficiente; constringidos a aceitar mercenarios portuguezes, com quem se não comprazia em trabalhar a gente nossa, tambem difficil nos era attrahir os que embarcavam na marinha mercante, para a de guerra, pois, enquanto nos navios de commercio viviam sem os rigores da disciplina militar e os perigos dos combates, nas unidades de guerra passariam a receber uma soldada que nem á metade attingiria da que venciam no trafego mercantil.

Os fusileiros navaes, a quem se incumbia o serviço de policia a bordo, "eram — na phrase de um commandante de então — mui senhores de si mesmos, e pareciam querer sel-o tambem delle", como refere o capitão de corveta Lucas Boiteux, em seus magnificos estudos historicos sobre a Marinha no reinado. Em lugar de executores da disciplina, dentro da ordem, eram os primeiros a transgredil-a, em se fazendo mandões e gosadores.

Era difficil a tarefa que se impoz o Lord, a si e a seus companheiros de trabalho, tanto mais que, estrangeiros que eram, só com muito tacto poderiam realisar-a sem ferir melindres e excessos de zelo pessoal.

De um lado, a acção repressiva e punitiva inherente ao commando militar, em meio da anarchia reinante, não poderia deixar de gerar pequenos odios e mesquinhas preocupações entre os proprios nacionaes, mórmente numa phase de expansão do ardor patriotico, prompto a converter, na febre de excessos, um nacionalismo sadio em nativismo hysterico.

Por outro lado, era o papel proeminentemente politico que a Marinha, commandada pelos estrangeiros, ia desempenhar, por todo o Brasil, para mantel-o unido e forte entre as luctas e competições de pequenas facções desejosas de preponderar nos destinos do novo imperio, de permeio com os pruridos do desmembramento com que algumas juntas governativas sonhavam em proveito proprio ou da côrte de Lisboa. Finalmente, as ligações ainda existentes entre varios personagens do scenario politico de nossa terra com os potetados luzitanos; o interesse mercantil da bandeira das quinas no Atlantico sul, ferido gravemente pela actividade emprendedora do almirante inglez, — tudo isso fermentou, desprendendo miasmas que espalharam uma epidemia de ingratições, de odios e processos truculentos, calumniosos e degradantes contra a personalidade do marquez do Maranhão, factor maximo da união nacional e obreiro infatigavel de nossa formação autonoma, que, por sua dedicação heroica, batalhou em tres mares distantes, por tres novas bandeiras que os anseios de liberdade agitavam em outras tantas terras estrangeiras!

Pondo sua experiencia e o saber de marinheiro e homem de guerra, a intrepidez calma de sua raça no emprehendimento energico de

nossa campanha emancipadora, o conde de Dundonald traçou nos mares a fronteira do Brasil com as quilhas de uma frota sempre activa, e projectou, no firmamento azul de nosso horizonte claro do levante, a sentença historica irrevogavel, gravada nas velas prenes de nossa esquadra que causticava as náos fugitivas de Felix de Campos: — O Brasil, para vencer, tem que dominar as aguas verdes que lhe beijam as areias brancas!

Não lhe pouparam o renome brilhante; um incidente commercial na bolsa de Londres e a opposição intransigente que sustentou no Parlamento britannico batalhando pelos ideaes da democracia, serviram de assumpto diffamatorio manejado por seus detractores, e tendenciosamente divulgado pelos Portuguezes, que o temiam mais, a elle, que a ninguém.

De ganhador e delapidador dos dinheiros publicos, indevidamente tomados no Maranhão, lhe quizeram fazer a fama.

A Historia, porém, não se escreve com o fel dos rancores distillado, nem com o veneno da injuria contumaz.

O marquez deixou em suas memorias documentos irrefutaveis da



UMA CORVETA, NAVEGANDO EM MAR CALMO E VENTO LARGO

lisura de seu proceder, que, se foi, por vezes, arrebatador em defesa de legítimos interesses pecuniarios, nem por isso constituiu a menor offensa aos brios nacionaes ou o menor gravame injustificado ao thesouro do paiz. Em nossos dias, a penna autorizada do almirante Henrique Boiteux, insigne perscrutador dos factos de nossa historia naval, já rendeu completa justiça á memoria desse grande vulto da independencia — estrangeiro, é verdade — mas, por isso mesmo, ainda maior em nossos corações e perante o julgamento sereno do tribunal da Historia.

O governo imperial sentia-se mais forte e confiante com a presença dos novos officiaes e marinheiros, e já em Janeiro declarava em bloqueio o porto da Bahia; mandava que tornasse a pagar direitos nas alfandegas a mercadoria que reembarcasse em S. Salvador para outros portos do paiz, impondo multas pesadas a quem negociasse no abastecimento ás tropas do general Madeira, e concedendo, ainda, o direito, a todos os nacionaes e estrangeiros, de fazerem a guerra de corso contra o pavilhão luzitano.

O general Pedro Labatut conseguira approximar-se da Bahia pelo norte, mas o general Madeira sempre lograva hostilizar os Itaparicanos, e preparou contra elles uma operação combinada, em pessoa dirigida pelo almirante Felix de Campos.

A 6 de Janeiro de 1823 feriu-se o grande combate, em que quarenta embarcações portuguezas, armadas e tripuladas com reforço, tentaram dominar a ilha defendida pelos bravos companheiros de João das Botas. Em tres dias de áspera refrega encontrou a derrota o assaltante, repellido com denodo pelos nacionaes.

O effeito moral não podia deixar de ser profundo entre os Portuguezes, como de facto succedeu, enchendo de esperança os que no Rio preparavam a acção decisiva que iria determinar a expulsão dos Lusitanos e a libertação dos heróes de Itaparica, sempre debaixo da ameaça de Madeira.

O effeito moral fôra grande, e o inimigo, accetando um combate em retirada, forçava de velas para o porto!

Não pôde, entretanto, ser completa a victoria.

Os Portuguezes que faziam parte da tripulação do "Real Pedro" recusaram-se a combater contra os de Felix de Campos, e, na propria não capitanea, amotinaram-se os adhesistas luzitanos. O fiel de artilharia, o escoteiro e outras praças fecharam os paíões e insubordinaram-se. Foi o capitão-tenente John Grenfell que atacou-os na coberta e, dominando-os, fel-os subir ao convez onde soffreram immediata punição.

O almirante viu-se impossibilitado, então, de explorar a victoria moral já alcançada, impedido de colher os fructos materiaes de sua tactica acertada.

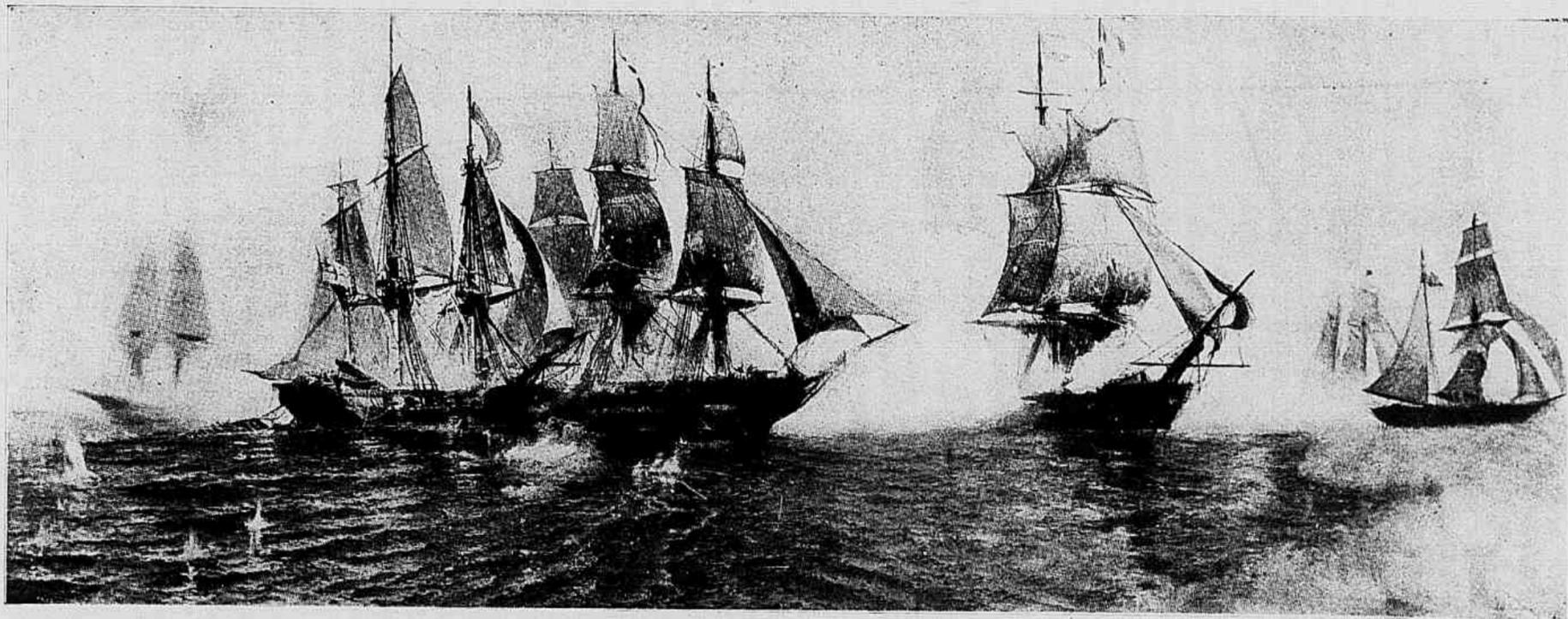
Enquanto Felix de Campos recolhia a S. Salvador a frota abatida e desmoralizada por um encontro de desfecho deprimente para as armas de Portugal, os navios brasileiros davam fundo á sombra do Morro de S. Paulo, onde fizeram base de operações para o bloqueio e posteriores ataques planejados. Communicou-se Lord Cockrane com as forças de Itaparica, dando a João das Botas, nomeado capitão-tenente por seus feitos notaveis, auxilios para continuar a guerrilha.

Substituiu parte das guarnições da esquadra, dirigia em pessoa os trabalhos da base e construção dos brulotes com que pretendia atacar os Portuguezes; inspecionava, infatigavel, todos os serviços, a tudo provendo e tudo prevendo com perfeito tino guerreiro.

É a esquadra luzitana, muito mais numerosa e mais fortemente armada, permanecia bloqueada, corroída pelas dissensões, enquanto a nossa, mais fraca, sensivelmente inferior em armamento, lhe dictava leis á barra e a desafiava para a luta.

Entrementes recebiamos reforços.

Chegavam ao Morro de S. Paulo a fragata "Carolina" (44 peças) commandada pelo capitão-tenente James Thompson; o brigue "Rio da Prata", as charruas "Leuconia" e "Luiza", as escunas "Leopoldina" e "Catharina".



COMBATES NAVAES DA MARINHA A VELA

Finalmente em Abril fez-se de vela a esquadra de Lord Cockrane, com a seguinte composição:

Não "Pedro I" — com o pavilhão do almirante, commandada por Thomas Crosbie, seu Capitão de Bandeira.

Fragata "Ypiranga" — sob as ordens de David Jewet.

Fragata "Nichteroy" — commandada por John Taylor, que se reuniu á esquadra em caminho, por se ter demorado em aprestos.

Corvetas "Maria da Gloria" e "Liberal" — respectivamente sob o commando dos capitães-tenentes Beaurepaire e Freira Garção.

Brigues "Guarany" e "Real Pedro", aquelle commandado pelo capitão-tenente Antonio do Couto, e este pelo 1º tenente Xavier de Castro.

A capitanea, bem como a "Ypiranga" e a "Maria da Gloria" eram excellentes veleiros, tanto quanto a afamada "Nichteroy", o mesmo não acontecendo ás demais unidades; além disso, guarnições novatas precisavam exercitar-se nas manobras de panno, base do combate naval de então, de sorte que somente em Maio era dado ás nossas forças se avistarem com as do inimigo, que as vinham encontrar, sabido que foi da approximação dos Brasileiros.

A' nossa esquadra, de sete unidades, com 246 canhões, oppunham treze navios armados de 400 peças.

A desproporção, todavia, não lhe fez esmorecer o animo ao intrepido marujo escossez. Seu golpe de vista julgava as manobras do inimigo, e por ellas aferia o seu valor militar.

Collocado em posição vantajosa, a barlavento, Cockrane não hesitou em travar uma lutá desigual pelo numero, confiante em sua tactica.

Seguida apenas da "Nichteroy", "Ypiranga" e "Maria da Gloria", a "Pedro I" adeantou-se e, de um golpe, levou o ataque á fracção portugueza que formava a retaguarda, contando destroçal-a antes que a vanguarda lhe viesse em auxilio, e que a ala volante, de sotavento, terminasse a manobra presentida de collocal-a entre os fogos de duas linhas.

O general Labatut fôra substituido por Lima e Silva, que apertava o cerco a Madeira de Mello. O bloqueio fechava as communicações com o oceano, e resolveram os portuguezes precipitar a evasão, antes que entrassem em scena os brulotes que Lord Cockrane tinha em adeantada construcção, e com os quaes pretendia repetir façanhas suas realisadas ao tempo em que combatia sob a cruz de São Jorge.

Com effeito, a 2 de Julho, acompanhados de um grande comboio de cerca de noventa navios, Madeira de Mello, Felix de Campos e uma quantidade de civis abandonavam o Brasil, com armas, tropas e bagagens, forçando de vela em demanda do Tejo. O embarque deu-se á noite, a horas caladas, e logo pela manhã a população brasileira em regosijo assistia á partida dos fugitivos, enquanto as tropas de Lima e Silva forçavam a marcha para occupar a cidade e atacar eventualmente os Luzitanos, que sabiam já em situação precaria e preparando a evasão.

Só tinha um objectivo a frota portugueza; era ganhar caminho. Não nos enfrentava; fugia. Não combatia; fustigada, martellada pelo fogo incessante dos canhões brasileiros, rendiam-se os que não conseguiam escapar ao alcance de tiro.

Infelizmente eramos pouco numerosos. A certa altura notou o almirante Cockrane que um agrupamento inimigo se desligava e fazia rumo ao norte; talvez outro, antes, já o mesmo houvesse feito á noite. Ordenou a perseguição; eram seis unidades, com uma divisão de tropas de desembarque, que atacadas impetuosamente foram destroçadas e apresadas.

Comprehendeu o commandante em chefe o perigo, para nós, da chegada de reforços ao norte para os Portuguezes e, resolutivo, não hesitou em entregar á "Nichteroy", sózinha, a tarefa gloriosa de perseguir a esquadra fugitiva, enquanto elle, em pessoa, iria limpar o littoral de navios inimigos.

(Conclue no fim do numero)



Senhora Alfredo Ruy Barbosa

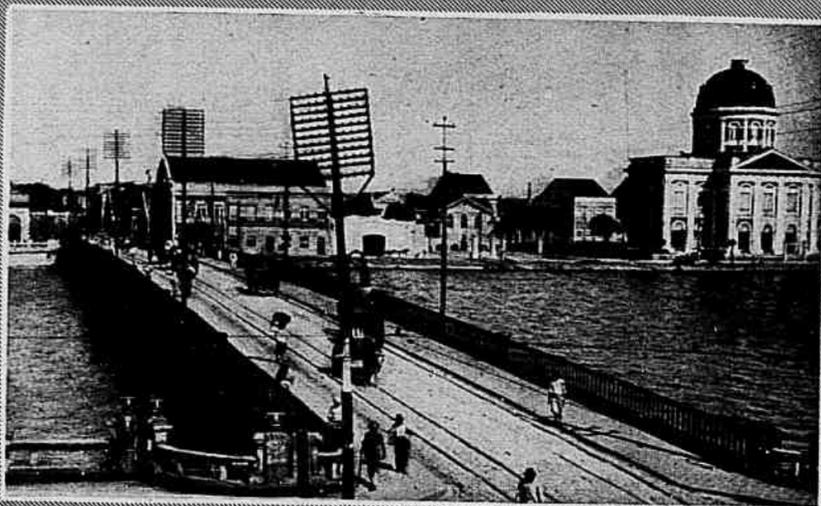
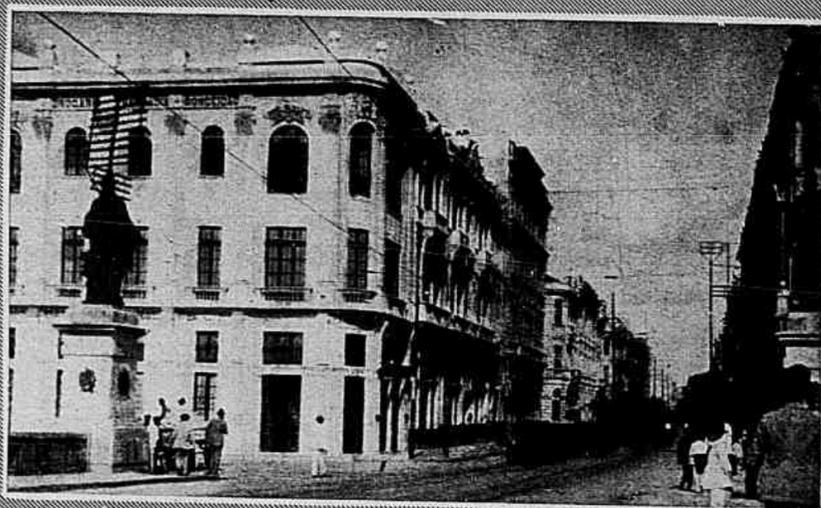
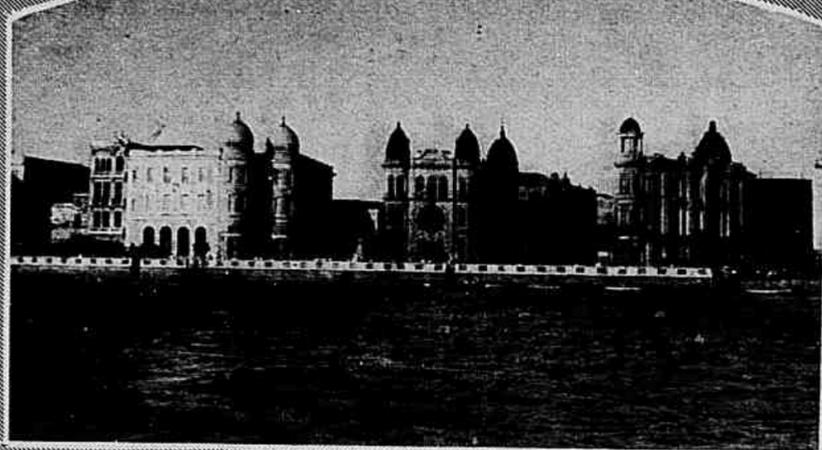
Sociedade Brasileira

CONSTITUIDA, DE LONGA DATA, NUM AMBIENTE DE SIMPLICIDADE E ELEGANCIA NATURAES, COM A PUREZA QUE LHE E' INSEPARAVEL, A NOSSA VIDA SOCIAL, PELO ESPLENDOR QUE A ENVOLVE, E' UM DOS ORGULHOS DA GENTE DO BRASIL.



Senhora de Lima Castro

A BRASILEIRA, DE LINHAS PURAS E ATTITUDES HARMONIOSAS. TEM A BELLEZA ANTIGA DESABROCHADA EM TERRA MOÇA, E AS FLORES DA RAÇA QUE VAMOS FORMANDO DESMENTEM QUE NADA HAJA DE NOVO SOB O SOL...



VISTAS DE RECIFE

CAES ALFREDO LISBOA — AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA.
VISTA DA PONTE MAURICIO DE NASSAU — PONTE SANTA ISABEL
SOBRE O CAPIBERIBE — TRECHO DA RUA AURORA. A' MARGEM ES-
QUERDA DO CAPIBERIBE.

O Recife

por Mario Melo

PRAIA de pescadores no início da colonização portugueza, centro de resistência dos soldados de Mathias de Albuquerque na invasão neerlandeza, capital do Brasil hollandez no governo de Mauricio de Nassau, berço da nossa nacionalidade com a conspiração desaprovada pela Metropole para expulsar do solo o dominio bätavo, séde do primeiro governo republicano que se instituiu no paiz, teatro de gloriosas revoluções em prol da democracia, Recife é, pela sua belleza natural — emergente das aguas do Atlantico, do Capiberibe, do Beberibe e do Tejipió, divididos em braços e canaes emmoldurada pela orla de outeiros que a cinge em semi-circulo de Olinda a Santo Agostinho — a princeza do Norte, a mais linda cidade que o mar banha antes de formar a Guanabara, aquella que, pela sua situação geographica, primeiro recebe o quente beijo do sol e as caricias refrigerantes da noite.

◆ ◆ ◆

Origina-se o nome da curiosa muralha — arrecife = Recife — que, no oceano, corre a pequena distancia parallela á terra.

Edificada sobre uma serie de ilhas e quasi ilhas e sobre terrenos roubados ao mar ou aos rios que a banham, a cidade é absolutamente plana, não se elevando a mais de tres metros nos pontos mais altos.

Varrida por uma brisa constante, sem calmarias nem ventos fortes, gosa de clima bastante saudavel e apresenta temperatura agradavel, regular, quasi sem variante.

◆ ◆ ◆

A cidade do Recife comprehende a península do Recife, a ilha de Santo Antonio e outras menores, e o continente.

Começou a ser povoada pela restinga, onde residiam os pescadores, com a sua ermida do Corpo Santo.

Foram primeiros habitantes da ilha de Santo Antonio — outr'ora Antonio Vaz — os franciscanos, que, em 1606, construíram o seu convento, ainda existente.

Depois surgiu Moritzstad — a cidade Mauricia — edificada na ilha de Antonio Vaz, na primeira metade do seculo XVII, pelo conde Mauricio de Nassau, que, cortando-a com saneados canaes, nella construiu palacios, parques, pontes, para teatro das festas mais sumptuosas.

◆ ◆ ◆

Mais tarde, com a quéda do dominio hollandez, Recife retrogradou a povoação.

Olinda renasceu, para o luxo e para a grandeza.

E uma rivalidade terrivel começou a germinar nos habitantes de uma e de outra.

A elevação de Recife a villa, em 1709, determinou uma prolongada guerra civil.

Olinda começou a notar o seu declínio. A capital de facto não era mais na velha Mearim, embora só em 1827 passasse o Recife, então cidade desde 1823, a ser, de direito, a séde do governo de Pernambuco, não sem os protestos da velha rival, que já perdeu até a sua primazia no governo religioso, e está ameaçada de ser, apenas, um arrabalde do Recife, se não houver uma reacção patriótica em nome das tradições historicas.



Envolta sempre em ondas revolucionarias, Recife cria seus filhos no exemplo da coragem e do denodo: de 1630 a 1654 lutou contra a invasão hollandeza, até á expulsão dos intrusos; em 1710 e 1711 esteve de armas nas mãos, em defesa dos seus fóros de villa; em 1817 e 1824 defendeu heroicamente os principios republicanos, vendo tombar muitos de seus filhos; em 1848 batalhou pela implantação de reformas liberaes, e, em 1911, pela restauração de normas democraticas.



Com sua população crescente de 250.000 habitantes, sua invejavel situação geographica, é, commercial e industrialmente, o emporio do Norte.

O seu commercio só é inferior ao da Capital Federal e ao de São Paulo. Pela renda, a sua Alfandega é a terceira do paiz. Pela população, occupa o quarto lugar, immediatamente depois da Capital Federal, de São Paulo e da Bahia.

Está num grande surto de progresso, transformando-se pelo cosmopolitismo.

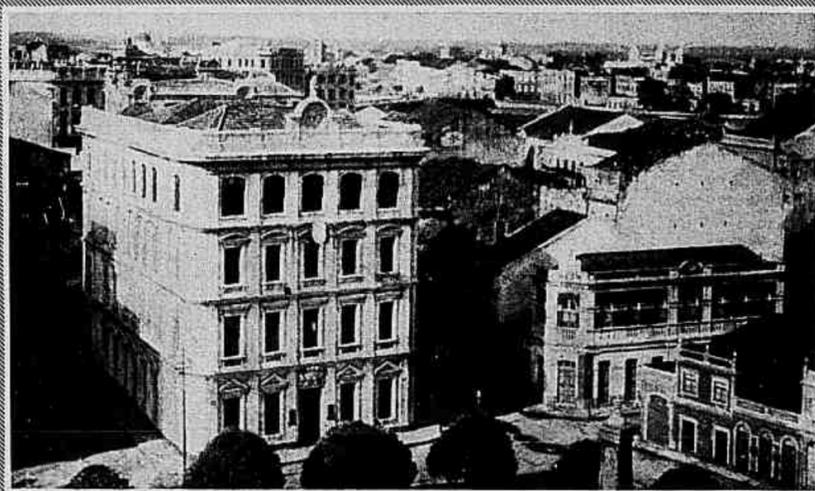
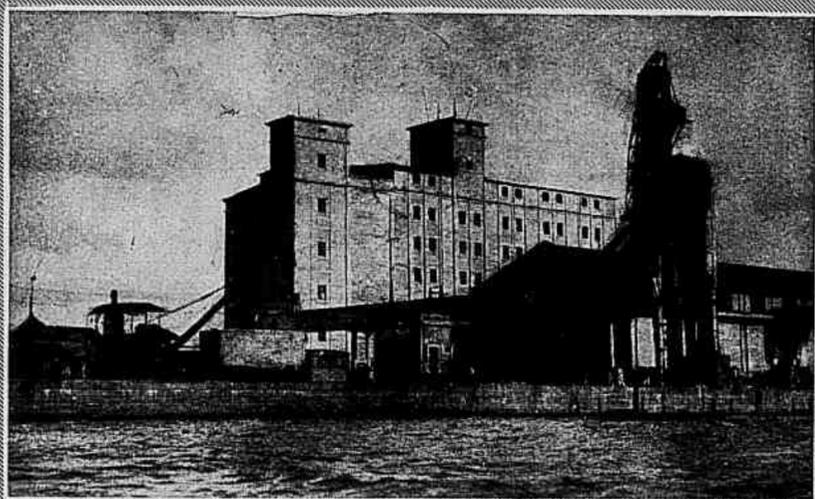
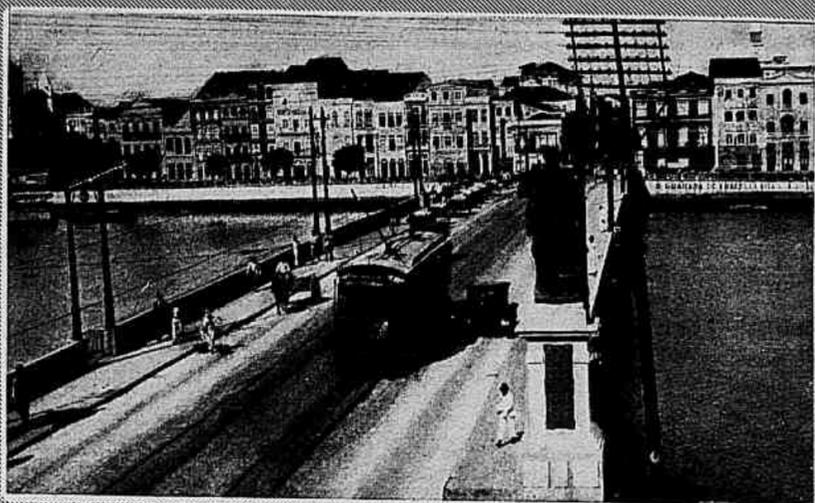


Traçando com as proprias mãos a planta do Recife, Jotando Moritzstad de palacios e jardins, de museus e de parques botanicos, ligando-a por pontes e saneando-a por innumerous canaes, Mauricio de Nassau declarou que ia edificar a cidade mais bella do mundo. Não poudo concluil-a; mas esboçou-a.

Ao menos em parte se tornará realidade o sonho de Nassau. Em futuro não muito remoto, a princeza do Norte do Brasil, tão prodigalisada pela natureza, será — com as suas pontes magestosas, com os edificios sumptuosos que já se erguem, com os seus imponentes e admiraveis templos religiosos, as suas largas avenidas, o progresso da sua industria, a consistencia do seu commercio, o encanto dos seus arreboes, a suavidade do seu clima, a limpidez do seu céu, a doçura de suas noites estrelladas — uma das mais lindas cidades da America do Sul.



A "Illustração Brasileira", que não póde ser bairrista, publica com o maior prazer o hymno de Mario Melo á "Veneza Brasileira". Resta que os escriptores das outras capitaes imitem o exemplo do escriptor do Recife, cantando tambem a terra onde nasceram.



VISTAS DE RECIFE

ESTATUA DO BARÃO DO RIO BRANCO, NA PRAÇA DO COMMERCIO — PONTE MAURICIO DE NASSAU, SOBRE O CAPIBERIBE E O BEBERIBE CONFLUIDOS — MOINHO DE TRIGO — VISTA PARCIAL DA CIDADE.

Medico.

Por Humberto de Campos

HA quatro dias era aquella a situação do pequenito. Primeiro, fôra um calafrio, seguido de febre violenta. Com a febre, viera o delirio, tornando desesperador o estado da creança, que se debatia no leito, rolando, sem sentidos, de um lado para outro do leito, entre os fios tenues da vida e as garras poderosas da morte.

Desgrenhada, olhos aprofundados pela vigilia, D. Alice não se afastava do quarto em que o seu pequenino Alfredo soffria. Torcendo as mãos, nervosa, era quasi uma allucinada. A morte do marido, um anno antes, havia lhe deixado uma profunda ferida no coração. Para minorar-lhe o soffrimento, a agrura irremediavel da perda, havia lhe ficado aquelle anjo, que Deus, surdo á sua prece, alheio aos seus soluços de desespero, lhe queria, agora, arrancar.

Todos os medicos illustres da cidade haviam passado, já, pela cabeceira do doentinho. E todos, unanimes, abanavam a cabeça, reconhecendo, em tal caso, a impotencia da medicina. Como, entretanto, nenhum quizesse desilludir, de uma vez, a pobre mãe, cada um indicava um collega suppostamente mais autorizado, mais illustre, mais respeitavel, a que legava a incumbencia dolorosa de um desengano final. Por uma coincidência, porém, dois, ou tres, entre elles, haviam aconselhado, já, com certa confiança :

— Seria conveniente chamar o Dr. Viterbo Teixeira. E' um especialista em molestias de creanças, e a senhora não perderia nada, consultando-o.

Um escrupulo a vinha, no entanto, detendo, impedindo a consulta áquelle homem de sciencia, de sabida nomeada. Menina ainda, haviam-se os dois conhecido. Elle era um rapazola, preparatorio do Pedro II, e ella uma creança, doze annos apenas, companheira de uma irmã d'elle, no Sion. Com o decorrer do tempo, haviam-se amado profundamente, sinceramente, apaixonadamente; e de tal maneira que tinham ficado noivos, entre as benções das duas familias approximadas por elles ambos, no dia, mesmo, do seu doutoramento.

Diplomado, e com o destino do seu coração definitivamente resolvido, achava elle, apaixonado pela profissão escolhida, que devia percorrer os hospitaes europeus, aperfeiçoando-se. Partira. Um anno, ou mais, levava viajando. Paris, Londres, Vienna, Berlim, Roma, o haviam detido nos seus laboratorios, nas suas universidades, nos seus hospícios, nos seus institutos de saber e de trabalho. Ao fim de alguns mezes, ella o chamara, anciosa. Recusou vir, pretextando pesquisas, estudos, experiencias novas. Ciumenta, autoritaria, voluntariosa, supuzera-o arrebatado pelos prazeres dos grandes centros de tentação e de peccado, e, como vingança, voltou aos bailes, aos chás, aos passeios, em um dos quaes conhecera um joven official de Marinha, que lhe falara, com a sua mocidade e os seus galões, á sua tôla vaidade de moça. E quando o Viterbo voltou, portador de uma sciencia humanitaria e gloriosa, era ella, ha dois dias apenas, a esposa do tenente Godofredo Fernandes.

Orgulhoso e rude, o moço não protestara, não se justificara, não se queixara. Por varias vezes, em casa de familias amigas, haviam se encontrado na mesma sala. Nunca, porém, os seus olhos a procuraram. Uma especie de desprezo, de nojo, de repugnancia, parecia irradiar da sua physionomia severa, quando o acaso os approximava. E isso lhe doia, a ella, no intimo, fazendo-lhe nascer, por elle, no espirito, um mixto de piedade e de aversão. Como poderia, pois, chamar esse homem, naquelle transe, para salvar o seu filho ?

O sentimento da maternidade era, no entanto, nella, maior que o amor proprio. Se era elle, na opinião dos collegas, o unico de quem poderia esperar um milagre, porque não sacrificar o orgulho, a vaidade, o capricho, mantidos durante seis annos, e que se rebellavam, ainda, dentro della, defronte daquelle berço revolto, que poderia amanhecer transformado em esquife ?

O relógio da copa havia marcado, pausadamente, as dez horas da noite. A creada havia se recolhido ao seu quarto, fatigada pelo trabalho do dia. Sózinha, com o filho, a pobre mãe chorava e resava, ao lado do leito, acariciando a cabeça febril, e inquieta, do pequenito. De repente, como quem toma uma deliberação definitiva, levantou-se, abriu o catalogo de endereços, procurou um com a ponta do dedo quasi transparente, encaminhou-se para a sala de jantar,

e pediu uma ligação. A resposta fôra, para ella, um golpe no coração. O medico estava em casa, attendera pessoalmente, e promettia ir. Dentro de meia hora estaria lá.

E não faltara. Trinta minutos depois parava na esquina proxima, trepidando, um "landaulet" particular. Dois minutos ainda, e soava, como o sino de um claustro, a campainha do portão. Um minuto mais, e estavam os dois, frente a frente, de pé, sózinhos, na sala de visitas, junto ao quarto do enfermo. O primeiro a quebrar o silencio, foi elle :

— Estou ás suas ordens. Que deseja de mim ?

Olhos velados pelas lagrimas, tremula, a moça caminhou para elle, de mãos postas. Frio, impassivel, o medico esperou que ella se approximasse mais.

— Luiz, salve meu filho ! — soluçou, rebentando em choro, escondendo a cabeça nos braços.

Mudo, soturno, Viterbo Teixeira, em cuja cabeça os fios de prata, numerosos e precoces, fulgiam á claridade da lampada, assistia aquelle inexprimivel espectaculo de soffrimento. De repente, rompeu o silencio, quebrado, apenas, pelos soluços da moça.

— Eu sou — começou — portador da vida para seu filho. Estou inteirado, pelos meus collegas, da marcha da molestia, cujo tratamento, no Rio de Janeiro, só eu conheço.

Uma pausa dolorosa, e continuou :

— A senhora não ignora, porém, o veneno que lançou na minha vida. O seu soffrimento, eu o sei, é dos maiores da terra. Mas o meu, aquelle com que destruiu a minha felicidade, o meu futuro, o meu destino, não foi, não é menor.

Respirou alto, contendo o coração, e tornou :

— Ha seis annos que soffro em segredo, afogando no estudo, no trabalho atordoante e sem termos, o tumulto dos meus pensamentos desesperados. Estou velho; estou vencido; estou morto. Poderia ter acabado, ha mais tempo, com o meu tormento, destruindo, em silencio, o fio da minha existencia. A idéa da vingança obrigou-me, porém, a viver. E aqui estou. Não tenho piedade da sua angustia, porque, ha seis annos, não tenho mais coração, e a senhora, que tem o seu, não se compadeceu, jámais, de mim !

Tremula, afflicta, desesperada, a moça estava reduzida, curvada, de joelhos, sobre o tapete, a uma rodilha de nervos, agitada pelos soluços. E o monstro reatou :

— Eu vim aqui para vender-lhe a vida do seu filho. Jurei que não morreria sem a satisfação do meu amor, da minha carne agrihoadada, do meu desejo alimentado a sonhos desde os primeiros annos da minha vida. A vida do seu filho está nos meus braços. E eu só lh'a restituirei quando tiver, nelles, o seu corpo !

De um salto, a moça poz-se de pé, os dentes e os punhos cerrados. Vibrando de indignação, olhos fuzilando no rosto inundado de pranto, cabello em desalinho, era a estatua, mesmo, da dor, a encarnação viva do soffrimento.

— Miseravel !... — rugiu, rilhando os dentes.

Mudo, sinistro, horrivel na sua impassibilidade apparente, o medico a encarou, por alguns instantes. Em seguida, sem mais uma palavra, tomou o chapéo, empunhou a maleta, prompto para sahir. Ao primeiro passo foi, porém, detido com força pelo braço.

— Queres possuir-me ? — rugiu a moça, com olhos de louca. — E' por esse preço que vendes a vida do meu filho ? Pois, bem. Toma-me ! Possue-me ! Sou tua ! Ceva-te, porco, na minha imundicie !

A scena que se seguiu á capitulação foi um insulto, uma infamia aos olhos complacentes de Deus. Soltando a maleta e o chapéo, o monstro, como se acordassem nelle os instinctos baixos de todos os brutos ancestraes, lançou-se sobre a desgraçada, atirando-a, aos solavancos, sobre o tapete da sala. E apertava-a ainda nos braços musculosos, vencida, rôta, desgrenhada, quando ella, desatando num choro convulso, pediu-lhe, sem poder levantar-se, as pernas tremulas :

— Agora, o meu filho ! Corra ! Salve-o !

Viterbo Teixeira ergueu-se, pallido, cambaleando, penetrou no quarto do doentinho, e recuou, dedos crispados, bocca aberta, olhos fôra das orbitas, numa horrenda expressão de terror.

A creança havia morrido.



O RIO, VISTO DAS NUUVENS — PHOTOGRAPHIA APANHADA DE UM AEROPLANO VOANDO SOBRE OS BAIRROS DE BOTAFOGO E LARANJEIRAS, VENDO-SE OS DOIS CAMPOS DOS CLUBS FLAMENGO E FLUMINENSE.

Museo Brasileiro

Contra o analfabetismo. por Narciso Berlese.

A QUESTÃO nacional que merece o nosso maior carinho e a nossa melhor atenção, mormente agora que se approxima o centenario da nossa emancipação politica, é a desanalfabetisação do Brasil. Na hora que decorre, não ha brasileiro culto e de bom senso que não o entenda e saiba que o analfabetismo é o problema maximo da nossa nacionalidade.

Todos os governos do nosso paiz, portanto, deveriam empenhar-se na solução immediata, intransferivel, deste magno problema, de que depende a felicidade da nação. Não preciso demonstrar que este é o mais elevado dever dos governos. Zelar pela grandeza moral de um povo, eis a virtude de um regimen verdadeiramente republicano.

Sabemos que a dignidade e as prerogativas de uma republica não está na sua extensão territorial, mas, sim, na elevação moral do seu povo. Sem preparo, sem virtude não ha superioridade espirital. A ausencia de cultura e amor annulla a comprehensão exacta das cousas e leva um paiz para a ruina, fal-o perder a independencia e, logo, a liberdade.

Sem um conhecimento mais ou menos perfeito dos deveres e direitos da existencia individual, não ha personalidade possivel. No valor da intelligencia e do caracter temos o merito da sociedade. A grandeza definitiva do Brasil, consequentemente, está na educação do seu povo.

E' este o mais alto assumpto de salvação nacional. Pensemos bem e procuremos, sem perda de tempo, o alevantamento moral da nossa raça, que é o engrandecimento da Republica. Não nos deixemos indifferentes ás perfeições espirituaes, ao futuro desta terra. Não fiquemos confiantes na força bruta; porque esta por si só nada vale. Preparemos adequadamente os cerebros da mocidade. Não os deixemos sem os esplendores do saber. Illuminemolhes a vereda. Demo-lhes a consciencia de si mesmos. Evitemos que se assemelhem a certos dipteros, que se deixam indifferentes ás subtilezas, ás aranhas, pousando aqui e ali descuidadamente, sem imaginarem siquer que a um angulo da sala uma fuliginosa aranha prepara arditosamente as tramas da morte.

Engrandecemos os filhos desta patria, que desejamos forte, grandiosa e sublime. Eduquemol-os, salvemol-os. Cultivemolhes a intelligencia. Virtualisemolhes o coração. Formemolhes o caracter. Encaminhemol-os á sublimidade de si mesmos

Trabalhemol pela nossa honra, pela honra do Brasil. Combata-mos efficientemente o analfabetismo, este atrazo social, este mal que nos deprime. Exterminemol-o, para que possamos alcançar um logar condigno entre as mais elevadas nações do mundo.

Esforcemol-nos pela nobreza, pelo engrandecimento do nosso povo. Não meçamos sacrificios. Precisamos vencer, custe-nos o que custar. Salvemos o Brasil deste enorme prejuizo moral, que é os vinte e quatro milhões de analfabetos, num paiz de trinta milhões de almas. 80% de analfabetos é uma vergonha que nos deprecia e abate.

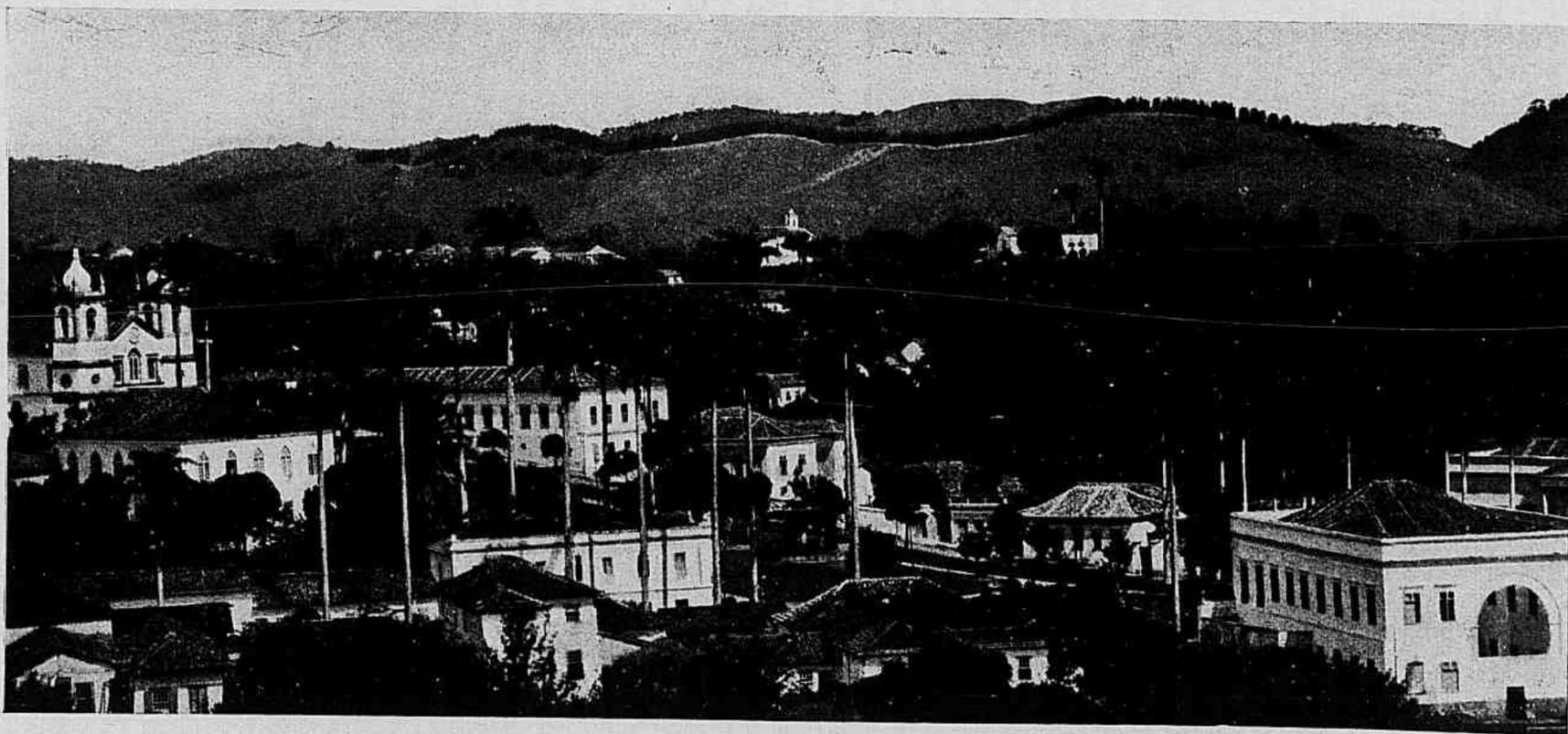
Não creio haja um coração de brasileiro que não fique entristecido ao ouvir esta verdade. Todos deveriamos, pois, resolutamente, fazer uma séria campanha contra o analfabetismo. Com os esforços benevolos de uma collectividade tudo se póde conseguir. De-liberação é fim, é confôrto. Não descuremos as magnificencias do futuro.

Façamos com que as luzes do ensino surjam sufficientemente em todas as circumscripções da Federação onde haja um agrupamento de creaturas. Distribuamos a educação ampla e efficientemente, dentro dos elevados conceitos da moderna pedagogia. Disseminar o ensino sem uma orientação segura, sem a pureza dos bons preceitos pedagogicos, é desperdiçar energias. A educação deve ser ministrada a par dos conhecimentos da moderna sciencia pedagogica, e isto não devemos desconhecer ao iniciarmos qualquer movimento pedagogico.

Diffundamos o ensino, mas numa grande obra de amor e virtude.

Não é necessario apenas que multipliquemos as escolas, que combatamos o analfabetismo: precisamos de boas escolas, de bons educadores, de homens conscientes e dedicados na elevação moral do aperfeiçoamento; precisamos de uma educação justa, esmerada; precisamos remodelar o ensino dentro dos contemporaneos conhecimentos scientificos da pedagogia.

Compenetremol-nos desta grande necessidade e, carinhosamente, numa disposição reciproca, procuremos o alevantamento espirital dos filhos desta promissora terra brasileira. Trabalhemol pela nossa honra, pela nossa grandeza, que é a honra e a grandeza do Brasil.



ESTADO DO RIO — UM ASPECTO DA CIDADE DE VASSOURAS

A Inesolacao

Conto de Horacio de Quiroga, traduzido por
Lila Escobar de Camargo.

O CACHORRO Old sahiu pela porta e atravessou o pateo, com passo direito e preguiçoso. Deteve-se no limite do pasto, voltou-se para o monte, entrecerrando os olhos, o nariz vibratil, e sentou-se tranquillo. Via a monotona planura do Chaco, com suas alternativas de campo e monte, monte e campo, sem outra cor que o creme do pasto e o negro do monte. Este cerrava o horizonte, a duzentos metros, por tres lados da chacara. Para o oeste, o campo se alargava e se estendia em enseada, mas a inilludivel linha sombria se destacava ao longe.

A essa hora matinal, o confim, offuscante de luz, ao meio dia, adquiria repousada nitidez. Não havia uma nuvem, nem um sopro de vento. Sob a calma do céu prateado, o campo emanava tonica frescura, que trazia a alma pensativa, ante a certeza de outro dia de secca, melancolias de mais bem recompensado trabalho.

Milk, o pae do cachorro, cruzou por sua vez o pateo e sentou-se ao lado daquelle, com preguiçoso queixume de bem estar. Permaneciam immoveis, pois ainda não havia moscas.

Old, que mirava, havia pouco, a beira do monte, observou:

— A manhã está fresca.

Milk seguiu o olhar do cachorro e quedou com a vista fixa, pestanejando, distrahido. Disse, após um momento:

— Naquella arvore ha dois falcões.

Volveram a vista indifferente a um boi que passára, e, por habito, continuaram mirando as coisas.

Entretanto, o oriente começava a purpurear-se em leque, e o horizonte havia perdido já sua matinal precisão. Milk cruzou as patas dianteiras e sentiu leve dôr. Olhou seus dedos, sem se mover, decidindo por fim a cheiral-os. No dia anterior havia tirado um *pique*, e recordando-se do que havia soffrido lambheu longamente o dedo enfermo.

— Não podia caminhar — exclamou, em conclusão.

Old não entendeu a que se referia. Milk accrescentou:

— Ha muitos bichos do pé.

Desta vez o cachorro comprehendeu. E respondeu por sua conta, depois de largo tempo:

— Ha muitos bichos do pé.

Calaram-se de novo, convencidos.

O sol sahiu, e ao primeiro banho de luz, as *pavas del mato* lançaram ao ar puro o tumultuoso trombetear de sua charanga. Os cães, dourados ao sol obliquo, baixaram os olhos, ducificando sua molleza em beato pestanejar. Pouco a pouco a parelha augmentou com a chegada de outros companheiros: Dick, o taciturno preferido; Prince, cujo labio superior, partido por um coati, deixava ver dois dentes, e Isondú, de nome indigena. Os cinco *fox-terriers*, estendidos e mortos de bem estar, dormiram.

Ao cabo de uma hora ergueram a cabeça; pelo lado opposto do bi-

zarro rancho de dois andares — o inferior de barro e o alto de madeira, com corredores e varanda de *chalet* — haviam percebido os passos de seu dono, que descia a escada. Mister Jones, de toalha ao hombro, deteve-se um momento, ao canto do rancho, e mirou o sol, alto já. Tinha ainda o olhar morto e o labio pendente, devido á sua vigilia de *whisky*, mais prolongada que as habituaes.

Emquanto se lavava, os cães se acercavam e lhe cheiravam as botas, meneando o rabo com preguiça. Como as feras amestradas, os cães conhecem o menor indicio de borracheira em seu amo. Afastaram-se com lentidão, a deitar de novo ao sol. Porém o calor crescente os fez logo abandonar aquella sombra pela dos corredores.

O dia avançava como os precedentes de todo esse mez: secco, limpo, com quatorze horas de sol calcinante, que parecia manter o céu em fusão, e que em um instante quebrava a terra molhada em crostas esbranquiçadas. Mister Jones foi á chacara, olhou o trabalho do dia anterior e retornou ao rancho. Em toda essa manhã não fez nada. Almoçou e subiu, a dormir á sesta.

Os trabalhadores voltaram, ás duas, á carpição, não obstante a hora de fogo, pois os joios não deixavam o algodoal. Atraz delles foram os cães, muito amigos da cultura, desde que, no inverno passado, aprenderam a disputar aos falcões os insectos brancos que levantava o arado. Cada um se deitou sob um algodoeiro, acompanhando com seu offego os golpes surdos da enxada.

No entanto, o calor crescia. Na paisagem silenciosa e cegadora de sol, o ar vibrava por todos os lados, ferindo a vista. A terra removida exhalava um bafo de forno, que elles, com o mutismo de seus trabalhos, supportavam sobre a cabeça, envolta até ás orelhas num lenço esvoaçante. Os cães mudavam a cada instante de planta, em procura de sombra mais fresca. Estendiam-se de comprido, mas a fadiga obrigava-os, para respirar melhor, a sentar-se sobre as patas trazeiras.

Reverbera agora deante delles um pedaço pequeno de greda, que nem siquer se havia tentado arar.

Ali o cachorro viu de prompto a mister Jones, que o mirava fixamente, sentado sobre um tronco. Old se poz em pé, meneando o rabo. Os outros tambem se levantaram, porém eriçados.

— E' o patrão! — exclamou o cachorro, surprehendido pela attitude daquelles.

— Não, não é elle — replicou Dick.

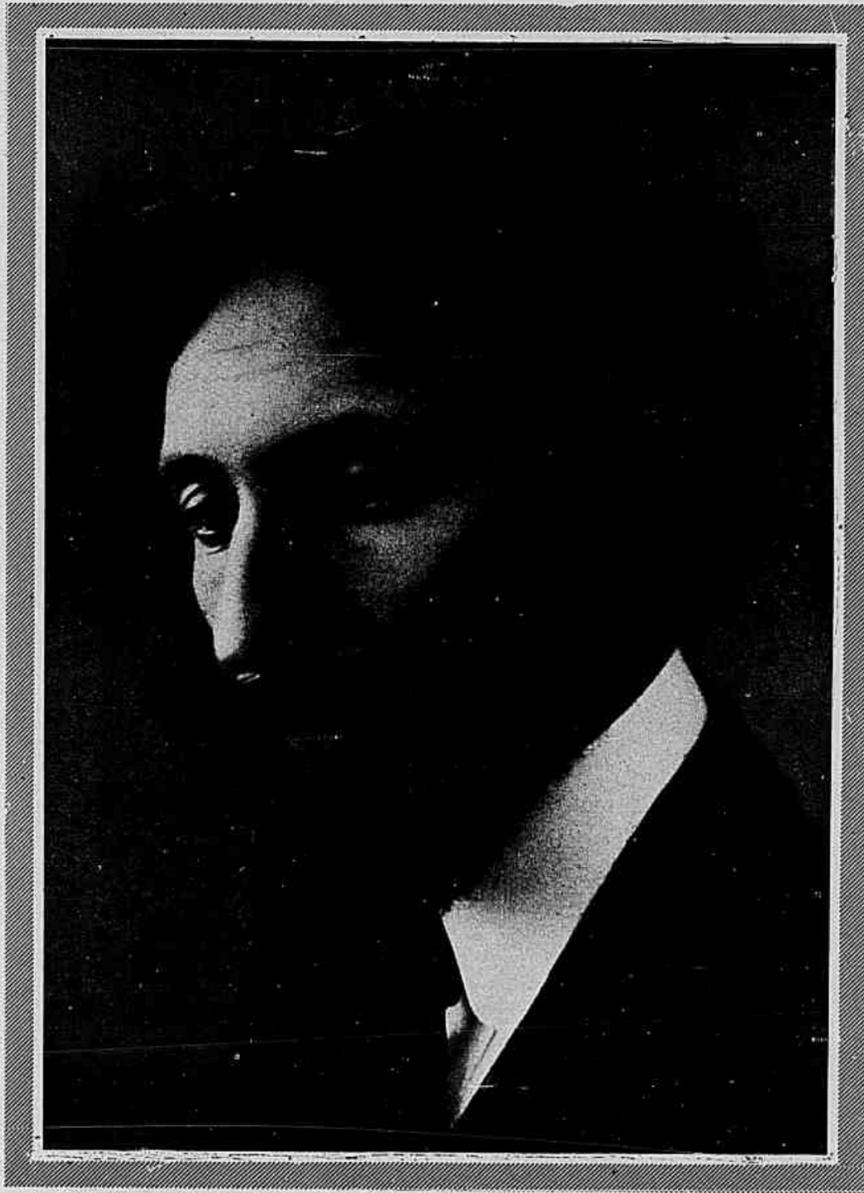
Os quatro cães estavam juntos, grunhindo surdamente, sem tirar os olhos de mister Jones, que continuava immovel, mirando-os. O cachorro, incredulo, ia avançar, mas Prince lhe mostrou os dentes:

— Não é elle, é a morte.

O cachorro eriçou-se de medo e retrocedeu ao grupo.

— E' o patrão morto? — perguntou anciosamente.

Os outros, sem responder, romperam a ladrar com furia, sempre em



SR. HORACIO QUIROGA, AUTOR DE VARIAS OBRAS DE ALTO MERITO, ENTRE AS QUAES: "CUENTOS DE AMOR, DE LOCURA Y DE MUERTE". E' CONSIDERADO, HOJE, O MAIOR "CONTEUR" DA LITERATURA ARGENTINA. SEU ESTYLO E' DE UMA GRANDE RIQUEZA, MUITO EMBORA SE MOSTRE SOBRIO E DISCRETO. O QUE CARACTERISA PRINCIPALMENTE A PERSONALIDADE DE QUIROGA E' O PODER DE SUA IMPRESSIVA IMAGINAÇÃO, UMA DAS MAIS OPULENTAS DAS LETRAS SUL-AMERICANAS.

atitude de medroso ataque. Sem se mover, mister Jones se desvaneceu no ar ondulante.

Ao ouvir os alaridos, os trabalhadores haviam levantado os olhos, sem nada distinguir. Giraram a cabeça, para ver se tinha entrado algum cavallo na chacara, e de novo se dobraram.

Os *fox-terriers* volveram a passo ao rancho. O cachorro, eriçado ainda, adeantava-se e retrocedia com curtos trotes nervosos, e soube, pela experiencia de seus companheiros, que quando uma coisa vae morrer, apparece antes.

— E como sabem que esse que vimos não era o patrão vivo? — perguntou.

— Porque não era elle — responderam displicentes.

Logo a Morte, — e com ella a mudança de dono, as miserias, as patadas, — cahia sobre elles! Passaram o resto da tarde ao lado de seu patrão, sombrios e alertas. Ao menor ruido, grunhiam. Mister Jones sentia-se satisfeito pela sua vigilante inquietude.

Por fim, o sol se fundiu atraz do negro palmar do arroio, e na calma da noite prateada, os cães estacionaram em redor do rancho, em cujo andar superior mister Jones reco-meçava sua vigilia de *whisky*. A meia noite ouviram seus passos, logo a dupla quéda das botas no soalho de taboas, e a luz se apagou. Então os cães sentiram mais proxima a mudança de dono, e sós, a pretexto de que a casa dormia, começaram a chorar. Choravam em côro, transformando seus soluços convulsos e seccos, como mastigados, num uivo de desolação, que a voz caçadora de Prince sustinha, enquanto os outros voltavam de novo ao soluço. O cachorro ladrava. A noite avançava, e os quatro cães de idade, agrupados á luz da lua, o focinho estendido e inchados de lamentos — bem alimentados e acariciados pelo dono que iam perder — continuavam chorando sua miseria domestica.

Na manhã seguinte, mister Jones foi em pessoa buscar as mulas e as atrellar na carpideira, trabalhando até ás nove. Não estava, no entanto, satisfeito. Além de nunca ter sido a terra bem rasteada, os discos não tinham fio, e com o passo rapido das mulas, a carpideira soltava. Volveu com esta e afiou suas relhas; mas, um parafuso, em que, ao comprar sua machina já havia notado uma falha, quebrou-se ao armal-a. Mandou um camarada a uma officina proxima, recommendando-lhe o cavallo, um bom animal, porém ensolado. Alçou a cabeça ao sol incandescente do meio dia e insistiu para que não galopasse um momento. Almoçou em seguida e subiu. Os cães, que pela manhã não haviam deixado por um segundo a seu patrão, ficaram nos corredores.

A sesta pesava, abatida de luz e silencio. Todo o contorno estava brumoso, devido á cremação. Em redor do rancho, a terra branca do pateo, deslumbrada pelo sol a pino, parecia deformar-se em tremulo fervor, que adormecia os olhos pestanejantes dos *fox-terriers*.

— Não tem apparecido mais — disse Milk.

Old, ao ouvir apparecido, levantou as orelhas sobre os olhos. Desta vez, o cachorro, incitado pela evocação, poz-se em pé e ladrou, procurando. Calou-se logo, com o grupo, entregue á sua defensiva caça de moscas.

— Não venho mais — juntou Isondú.

— Havia uma lagartixa sob a raiz-grande — recordou Prince pela primeira vez.

Uma gallinha, o bico aberto e as azas apartadas do corpo, cruzou o pateo incandescente, com seu pesado trote de calor. Prince seguiu-a preguiçosamente com a vista e saltou num repente:

— Vem outra vez! — gritou.

Pelo norte do pateo avançou só o cavallo em que o empregado havia ido. Os cães arquearam sobre as patas, ladrando com prudente furia á Morte, que se acercava. O animal caminhava com a cabeça baixa, aparentemente indeciso sobre o rumo que ia seguir. Ao passar em frente ao rancho, deu uns tantos passos em direcção ao poço, diminuindo progressivamente na crua luz.

Mister Jones desceu; não tinha somno. Disponha-se a proseguir a montagem da carpideira, quando viu o camarada chegar inesperadamente a cavallo. Apesar de sua ordem, havia de ter galopado, para chegar a essa hora. Culpou-o, com toda sua logica nacional, ao que o outro respondia com evasivas. Apenas livre e concluida sua missão, o pobre cavallo, em cujo arquear era impossivel contar a pulsação, tremeu, baixando a cabeça, e cahiu de costas. Mister Jones mandou o camarada á chacara, com o rebenque ainda á mão, para não o expulsar, se continuasse ouvindo suas jesuiticas desculpas.

Os cães, porém, estavam contentes. A morte, que procurava seu patrão, havia se conformado com o cavallo. Sentiam-se alegres, livres de preocupação, e, em consequencia, dispunham-se a ir para a chacara, atraz do camarada, quando ouviram mister Jones gritar por este, já longe, pedindo-lhe o parafuso. Não havia parafuso: o armazem estava fechado, o encarregado dormia, etc. Mister Jones, sem replicar, pendurou seu capacete e sahiu em pessoa, em busca do utensilio. Resistia ao sol como um trabalhador, e o passeio era maravilhoso contra seu máo humor.

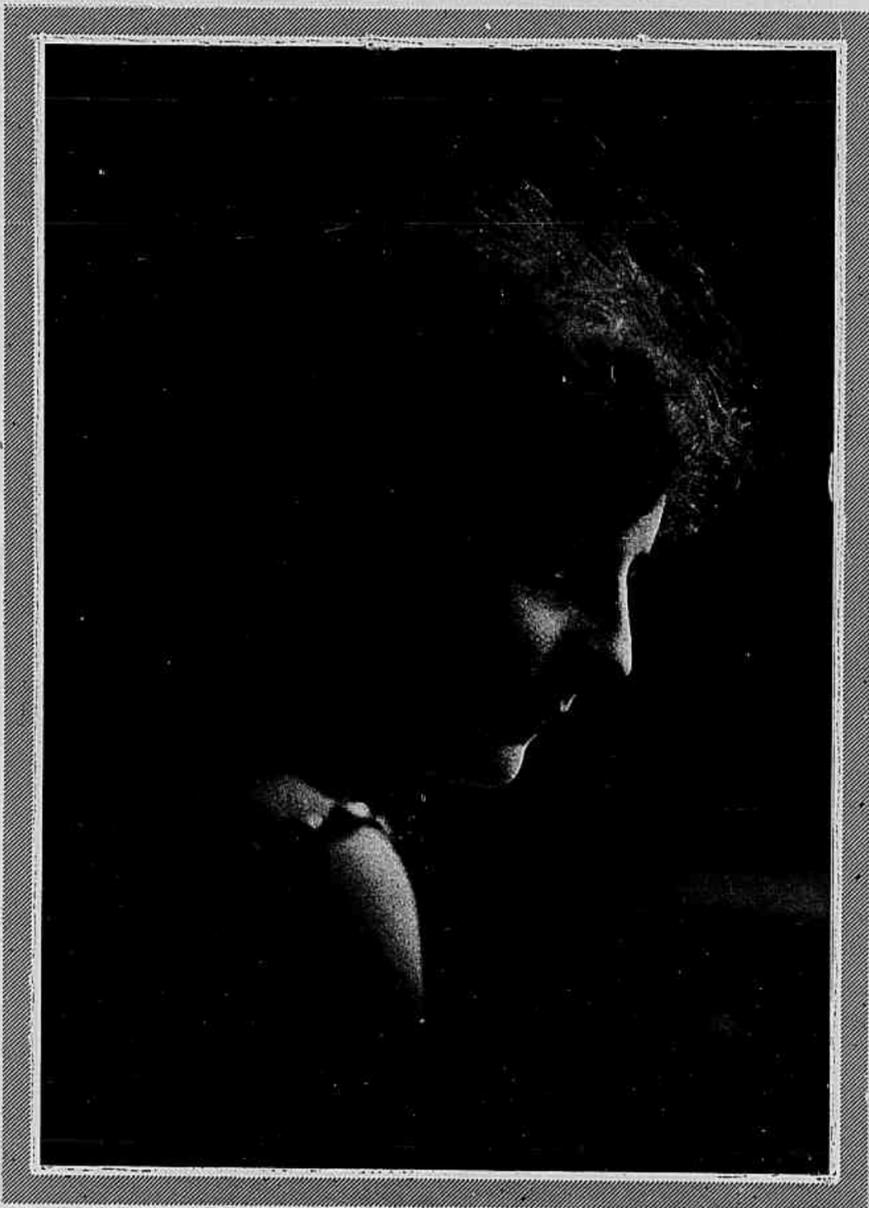
Os cães acompanharam-no, mas se detiveram á sombra da primeira alfarrobeira; fazia demasiado calor. Dahi, firmes nas patas, o cenho contrahido e attento, viram-no afastar-se. Por fim, o medo da solidão pode mais, e, com abatido trote, seguiram atraz delle.

Mister Jones obteve seu parafuso e voltou. Para encurtar a distancia, desde logo, evitando a poeirenta curva do caminho, marchou em linha recta para a chacara. Chegou ao riacho e se internou pelo sapezal, o diluviano sapezal do Saladito, que tem crescido, seccado e abrolhado desde que ha sapé no mundo, sem conhecer fogo. Os arbustos, arqueados em abobadas á altura do peito, entrelaçavam-se em blocos massiços. A tarefa de o atravessar, sería já em dia fresco, era muito dura a essa hora. Mister Jones atravessou-o, não obstante, bracejando entre a falha estalante e poeirenta pelo barro que deixavam

as enchentes, afogado de fadiga e acres exhalações de nitrato. Sahiu por fim e deteve-se na linde; porém, era impossivel permanecer quieto sob esse sol e com esse cansaço. Marchou de novo. Ao calor crescente, que augmentava sem cessar, desde tres dias atraz, aggregava-se agora o suffocamento do tempo desfeito. O céu estava branco e não se sentia um sopro de vento. Faltava ar, com angustia cardiaca, que não permittia concluir a respiração.

Mister Jones convenceu-se que havia passado o limite de sua resistencia. Desde havia momentos, feria-lhe os ouvidos das carotidas. Sentia-se no ar, como se dentro da cabeça lhe puxassem o craneo para cima. Orientava-se mirando o pasto. Appressurou a marcha para acabar com isso de uma vez... e de prompto voltou a si e se encontrou em paragem distincta: havia caminhado meia quadra sem se dar conta de nada. Olhou para traz e a cabeça se lhe foi em nova vertigem. Entretanto, os cães seguiam atraz delle, trotando com a lingua toda de fóra. A's vezes, asphixiados, detinham-se á sombra de um *espartillo*; sentavam-se, precipitando seu arquejo, mas volviam ao tormento do sol. Afinal, como a casa estava proxima, apressaram o trote. Foi nesse momento que Old,

(Conclúe no fim deste numero)



SENHORINHA LILA ESCOBAR DE CAMARGO, TRADUCTORA DO CONTO "A INSOLAÇÃO", E DAS NOSSAS JOVENS ROMANCISTAS, UMA DAS MAIS FINAS E BRILHANTES. SEU PRIMEIRO LIVRO FAZ ESPERAR A REALISAÇÃO DE UMA ESCRITORA CHEIA DE VIDA E EXUBERANCIA.

O Theatro S. Pedro, scenario politico.

por Adalberto Netto

O THEATRO S. PEDRO DE ALCANTARA, (antigo S. João), teve na proclamação da nossa independencia uma posição definida, pois foi scenario de acontecimentos politicos de real monta. Contava então o theatro com a sympathia das autoridades; não raro, era ver-se a familia real comparecer aos espectaculos, occupando a regia tribuna. O que havia de melhor na sociedade de então comparecia, ostentando luxo e apparatus. As mulheres lá appareciam com os seus altos penteados, engrinaldados de pedrarias reluzentes; os homens ostentavam fardões vistosos, engalondados de ouro, trazendo ao peito as commendas enfileiradas... O ambiente era festivo, colorido na riqueza das tapeçarias; perfumado pelos ramalhetes de flores naturaes, faiscante nas luminarias dos lustres e arandelas... Tinha o antigo theatro quatro ordens de camarotes e uma platéa que accommodava 1020 pessoas. O panno de bocca representava a "entrada da familia real, na bahia do Rio de Janeiro, embarcações e fortalezas a salvarem, e grande quantidade de botes, canoas e faluas circulando a esquadra real". Systematicamente, os espectaculos tinham inicio pelos vivas ao Rei e aos principes presentes. Em seguida, havia o elogio declamado em honra a S. Magestade e soltavam-se pombos com laços multicores... O governo contribuia com cento e cincoenta mil réis — para indemnizar tres camarotes, destinados aos Ministros do reino, Encarregado do governo das armas e Intendente de policia. Um dos caracteristicos do theatro era o terraço, onde, em 1821, teve logar um acontecimento notavel. Por toda a parte, reinava grande descontentamento, boatos corriam, affirmando ter D. João VI deliberado não confirmar as decisões das côrtes portuguezas, que confeccionavam um codigo constitucional. A 25 de Fevereiro do mesmo anno explodiu o descontentamento, em manifestações hostis, tendo o movimento augmentado a 26; na manhã desse dia appareceu a praça do Rocio "apinhada de tropa das diferentes armas". Por tal motivo, reuniu-se a camara, na sala do theatro, e o principe D. Pedro, apparecendo no terraço, leu o Decreto de 24 de Fevereiro, onde o Rei assegurava ao povo do Brasil a "sancção da Constituição e a sua admissão em todo o reino portuguez". O povo e a tropa delirantemente applaudiram a noticia, vivaram o "Rei, a religião e a constituição", salvando a fortaleza da ilha das Cobras. Lavrado o termo do juramento da constituição, pelo escrivão da Camara, foi o mesmo assignado pelos principes D. Miguel e D. Pedro, ministros e grande quantidade de pessoas presentes.

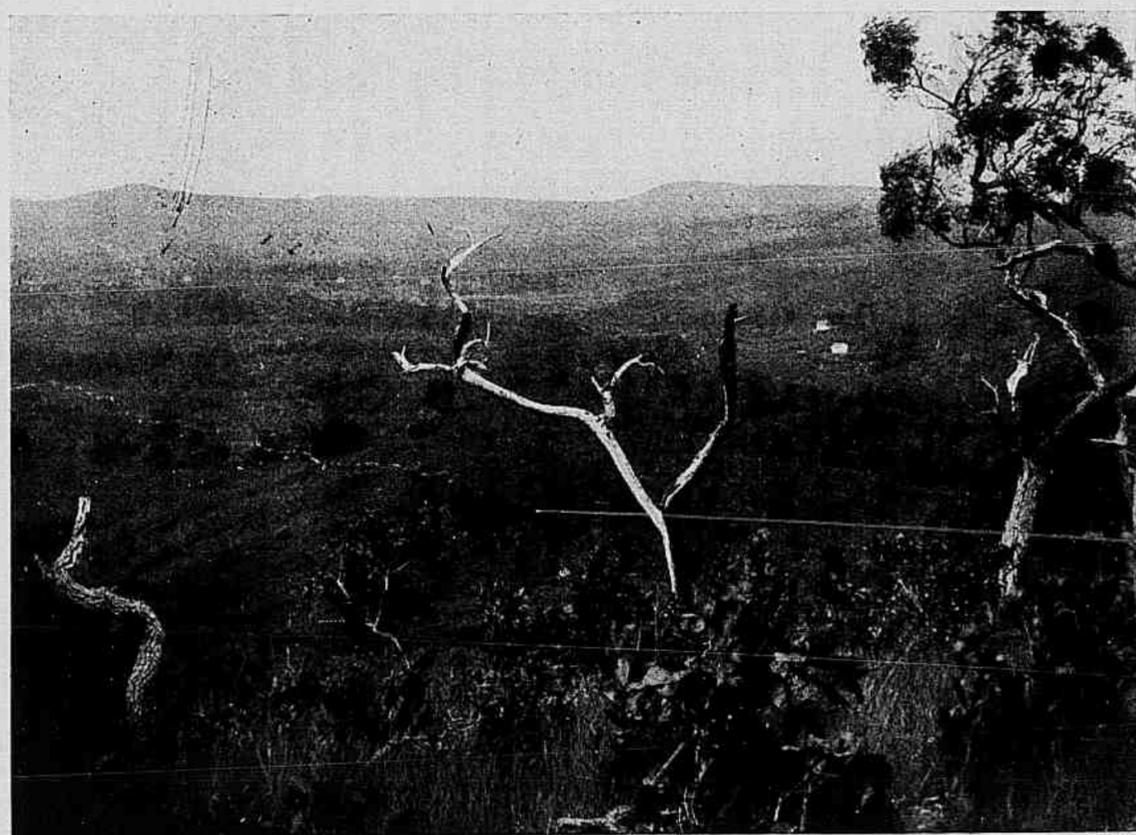
cão da opera *Cenerentola* e de um bailado, fazendo-se acompanhar pela guarda de honra commum e de outra, composta de generaes e officiaes superiores do Estado Maior, havendo nessa noite illuminação em toda a cidade. A 5 de Agosto de 1821 tornou o povo a commungar com a tropa, enviando uma delegação ao principe D. Pedro, que então já era regente, "pedindo-lhe que jurasse e fizesse jurar as bases da constituição portugueza". Annuiu o principe aos desejos do povo e, apresentando-se no mesmo dia no salão do theatro, prestou juramento ás bases da constituição em "mãos do bispo, conde capellão-mór". Outras vontades fez o principe, inclusive a demissão do conde d'Arcos, sendo nomeado ministro e secretario de estado do reino e estrangeiros o desembargador Pedro Alvares Diniz; nomeando na mesma occasião, uma commissão de militares para o "mando das armas" e uma junta provisoria de nove deputados responsaveis perante as côrtes portuguezas; foram, porém, as mesmas dissolvidas, pouco tempo depois. A' noite, houve espectaculo, constando de uma opera italiana e de um hymno composto pelo principe. A 15 de Setembro, voltando á Côrte, depois do grito do Ypiranga, apresentou-se D. Pedro no theatro, trazendo no braço esquerdo a legenda: *Independencia ou morte*.

Os applausos estrugiram festivamente e o grito de Independencia ou morte foi o estribillo da noite, ecoando unisono a cada momento. Muitos hymnos foram compostos, e o povo acompanhava-os ao som das farras e fazia côro com os artistas no theatro; innumeras foram as "letras" que appareceram publicadas, cada qual mais bizarra. Uma dellas era assim concebida:

"Já o doce momento
Emfim é chegado,
Em que libertado
Respira o Brasil;
A Imperio elevado
Com digna corôa,
Quebrou de Lisboa
O jugo servil.

Viva o grande Pedro
Nosso defensor.
Viva o novo Imperio,
Viva o imperador."

Em 1823 foi publicado o projecto de constituição, sendo marcado o dia 25 de Março do anno seguinte para o juramento do codigo constitucional, o que foi feito com toda a solemnidade. Na noite desse mesmo dia, houve espectaculo de gala no theatro; D. Pedro foi recebido entre aclamações, e não podendo conter o entusiasmo, ergueuse, vivendo cinco vezes seguidas a nova constituição, no que foi acompanhado por todos os presentes. Sob a atmospheria de entusiasmo, a orchestra executou o hymno constitucional, composto pelo proprio imperador. Ao soar o ultimo accorde, o primeiro imperador do Brasil bradou: "Viva a nossa perpetua independencia!" Um enthusiasmo ainda maior cobriu essas palavras. O povo respondia, correspondendo ao seu patriotismo... Horas depois, a dôr succedia ao entusiasmo: o theatro ardia. Em poucas horas era um montão de ruinas fumarentas... e D. Pedro I, que já se encontrava no palacio em S. Christovão, voltou, a ver a destruição do scenario, onde momentos antes era victoriado pelo povo que, aterrado, contemplava o sinistro espectaculo...



ESTADO DE MINAS GERAES — UMA PAIZAGEM NA BOCCA DO SERTAO

A's onze horas, voltou ao largo do Rocio o principe D. Pedro, acompanhando D. João VI; o povo, vibrando de entusiasmo, acclamou o soberano, tirou as parellas do carro, puxando-o em triumpho até ao Paço; ahi chegado, o Rei, de uma das janelas, declarou que approvava integralmente tudo quanto o seu filho D. Pedro havia feito. Nesse momento salvaram as fortalezas, seguindo-se o beija-mão.

A' noite, foi o Rei ao theatro, acompanhado da familia real, assistir á representa-

Padre Pedro

por João do Norte

NA aspera vida dos sertões do Nordeste, em que o melhor das energias dos habitantes, pela falta inconsciente dos governos, se vae perder no banditismo ou na emigração, pois que o abandono em que vivem é completo, o sacerdote exerce funções que saem fóra dos limites traçados pelos deveres religiosos.

Nessa sociedade rudimentar, retardada, o padre é quasi sempre um centralizador de forças, de ideias, de inclinações. A justiça está nas mãos dos poderosos, a força vence o direito; não ha assistencia de serviços publicos, não ha instrucção, não ha phophylaxia; agricultura e commercio se arrastam atrasados, acabrunhados pelos impostos excessivos; a politica serve sómente para perseguições, e o bacamarte se erige em defensor, em vingador e em justiceiro. Ora, nessas condições de vida, a unica cousa que ainda fala á alma rude e atribulada dos sertanejos é a religião, embora deformada pelo fanatismo resultante da ignorancia.

Desta sorte, o vigario da freguezia representa a autoridade mais estavel e, espiritualmente, a mais forte. Em torno delle grupam-se energias. Dahi o poder extraordinario de centralisação que exercem sacerdotes como o padre Roma e como o padre Cicero.

Alguns atacam este ultimo, chamando-o fanatisador e explorador da sua influencia. Ha alguns annos pensaria assim. Hoje meu espirito, melhor esclarecido sobre a sociologia sertaneja, verifica que esses homens são fatalmente necessarios ao sertão. Num meio dominado pela anarchia, o padre Cicero ou outro qualquer de seus semelhantes representam uma base, um poder central, uma influencia até certo ponto moderadora, uma autoridade moral onde não ha nenhuma. E, se fanatisam, se exploram, a culpa não é da população sertaneja, que clama por escolas, hygiene, vias de communição e agua; porém dos governos estadoaes e do seu director supremo — o governo federal.

Entretanto, muitas vezes o padre é levado de roldão pela anarchia circumdante e torna-se de um momento para outro cangaceiro ou chefe de cangaceiros. São innumerous os exemplos de taes factos na historia sangrenta dos sertões do Nordeste, onde já um bando de sequazes uma vez obrigou o padre cearense Mourão a “commungar” com uma hostia que era a pelle da sua corôa arrancada a ponta de faca — supplicio identico ao que o tyranno Rosas, na Argentina, applicou ao cura Villatañe, maior de 65 annos e a outros sacerdotes.

Entre os padres que se têm cangaceirado no sertão nordestino, merece especial menção o celebre Padre Pedro, que deixou fama imperecivel em Pernambuco, no começo do seculo passado.

Residia mais ou menos a 20 leguas do Recife. Nesse tempo, 1809 a 1815, essas 20 leguas representavam, em relação á civilisação littoranea do Brasil, duzentas de hoje. O caso do Padre Pedro passou-se a 20 leguas duma capital. Actualmente, factos identicos occorrem a 200 leguas. A differença para um seculo é grande.

A casa do sacerdote elevava-se, como quasi todas as suas congeneres do sertão, no alto de um contoro, tendo longa vista sobre as planicies circumjacentes, cobertas de catingas ralas, de capoeiras

e de carrascaes. Seu proprietario era o chefe incontestado da redondeza. Acolhia na sua fazenda todos os perseguidos. Foi assim que Roma nasceu, que Canudos se formou e que o Joazeiro do Cariry chegou a ter a densa população que hoje tem. Padre Pedro acolhia todos os que procuravam sua morada, todos, menos os ladrões. Esse traço não é raro, antes pelo contrario, no banditismo das regiões do nosso Centro Norte e pinta o fundo honesto da alma dos seus obscuros heróes do cangaço.

O cangaceiro é sempre assassino; raramente é ladrão, porque o primeiro crime commette para defender-se, para vingar-se, pois a justiça official não existe e, quando existe, está tão desmoralisada pelos exemplos anteriores que ninguem absolutamente acredita mais nella.

A casa do Padre Pedro era cercada de mattos espinhentos, de varzeas desertas onde se cruzavam e se recruzavam veredas torcicollosas, formando verdadeiro labyrintho e “cada estaca da cerca dos curraes”, consoante o expressivo falar sertanejo, “era um homem armado!”

Accusado perante o governador colonial do Recife de dar guarida a criminosos e chamado por esse, veiu á capital defender-se. Trouxe uma escolta composta de uma duzia dos seus melhores satellites. Deixou-os de trabuco em punho á porta do paço governamental e subiu as escadas sózinho, ordenando-lhes não deixassem subir ninguem depois delle.

Apresentou-se á autoridade, respeitosamente, de chapéo na mão. O representante de D. João VI queixou-se do seu procedimento fóra da lei, lamentando que um ministro de Christo se fizesse acolhedor de facinoras. Respondeu com altivez e segurança:

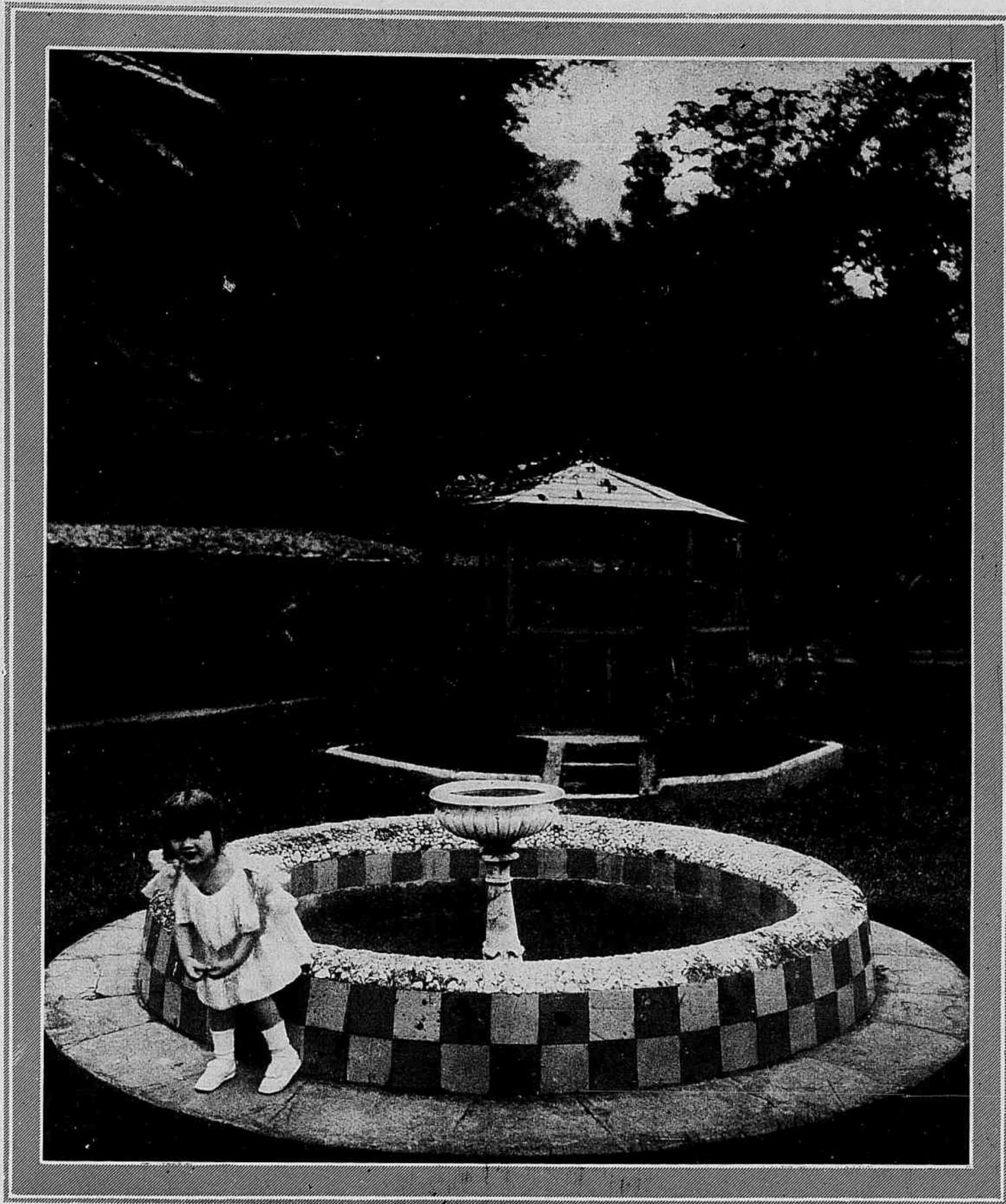
— O senhor conhece o sertão e a sua vida tão bem como eu. Não tenho culpa dessa vida ser barbara como é. Não a fiz. Encontrei-a e vivo de accordo com o lugar onde o destino me poz. E' inutil mandar chamar-me para conversar sobre esse assumpto.

Deu as costas ao governador e sahiu, sobranceiro. Acolheu-se ao seu grupo armado e partiu para a sua fazenda, onde, em redor da casa, corriam os seus cães de gado, molossos ferozes que parecia descenderem do demonio, o celebre cão de Boradilla, e que valiam, affirmam o povo, outros tantos cangaceiros.

Continuou a sua vida barbara, mandando atrelar á sua bolandeira e ao seu engenho de canna, como muares, os officiaes de justiça que o vinham citar e os commandantes dos destacamentos que o vinham sitiár e que desbaratava.

E ha mais de um seculo, infelizmente, energias dessa ordem, caracteres assim fortes, energias e caracteres que produziram os heróes das bandeiras e da guerra hollandeza, do Equador e dos Quebra-kilos, se perdem no nosso sertão por culpa dos nossos governos que os não têm sabido aproveitar, encaminhando-os para o bem, salvando-os do mal!

Rio, fevereiro de 1922.



Nylza, filha do Sr. Carlos Joppert Filho, no jardim da sua residencia, nas Laranjeiras.

NA
IDADE
CONTENTE



O
BRASIL
FUTURO

Menino Manoel Garcia

O INTERIOR
DO BRASIL

A CIDADE DE
ARARAQUARA
NO ESTADO DE
SÃO PAULO



Na grande terra paulista, Araraquara é um dos mais bellos e adiantados recantos. Início da bitola larga da Companhia Paulista e ponto terminal da Estrada de Ferro Araraquarense, que atravessa todo o nordeste do sertão do Estado, é um emporio commercial importantissimo e tem todo o conforto das cidades modernas; bem edificada, bem illuminada, com um optimo calçamento de parallelepipedos de granito, vasta rêde de esgotos e excellente distribuição de agua. Araraquara deve o seu progresso á familia Carvalho, á qual pertence o actual prefeito, Sr. Plinio de Carvalho.

AS NOSSAS PHOTOGRAPHIAS REPRODUZEM
DOIS ASPECTOS DA PRAÇA DA MATRIZ E
I PERSPECTIVA DA RUA DO COMMERCIO.



A estranha aventura de Miss Goodman

por José do Patrocínio, filho

A O chegar de São Paulo, Annibal Nerli já encontrou o Rio todo cheio da reputação de intemerata excentricidade de Miss Katherine Goodman. Filha do velho Reo-Washington Goodman, que ganhára bilhões durante a guerra, Miss Goodman gosava de uma independência de certo modo irritante para as susceptibilidades do meio que atravessava como uma chuva de ouro e um vendaval de aventuras.

Portanto, criára fama. Automobilista, *sport-woman* trepada em continuos torneios de *tennis*, de *cricket* e outros jogos, tinha uma tal ou qual desenvoltura masculina. Aventurava-se só, com uma arrogância destemida, por onde quer que a levasse o seu capricho, ou a sua curiosidade. E os seus proprios compatriotas, e até inglezes, tão commedidos de expressão e respeitosos das damas, tinham-na cognominado *The most charming Devil!*

O riquissimo Goodman, sempre preocupado com especulações, deixava-lhe a redea solta. Na esperança de obter, por preços baixos, consideráveis terras de pastagem, viera ao Brasil no intuito de fundar um colossal negocio de pecuaria. Por enquanto, apenas lhe interessavam, pois, campos, gado, transportes e vias de comunicação. Miss Goodman acompanhára-o porque quizera: não podia, por consequencia, distrahir-o de serios affazeres, tanto mais que tinha idade para possuir, sufficientemente, o seu *self-control*. E a joven americana, prevalecendo-se da liberdade em que a deixavam as preocupações paternas, fazia por merecer que lhe chamassem mesmo "o diabo mais encantador"...

Annibal Nerli soubera tudo isso logo ao chegar de São Paulo. A' tarde, tendo ido ao Jockey Club inscrever os animaes com que pretendia concorrer ao grande premio, immediatamente todos lhe falaram della. Depois, no "dia" da elegante Sra. Borborema, não cessaram as referencias a seu respeito. Falava-se da alta protecção de que a cobria a embaixada yankee, por determinação directa da Casa Branca, e o diplomata Alberto São-Vicente, que tinha servido em Washington, relatou o que della se dizia na *high-life* dessa cidade e de Nova York.

— As singularidades de Miss Goodman não têm conta. Enquanto o pae ganhava sommas fabulosas, fabricando armamento, alistou-se como enfermeira no exercito americano, e viu a guerra de perto. Nas primeiras linhas de frente, dizem que, muitas vezes, tomando a carabina de um ferido, fez fogo contra o inimigo. Não teme cousa nenhuma: e declarou certa vez que só se casaria com o homem que a fizesse ter medo...

Nerli, que ouvira, até então, silencioso, interrompeu São Vicente:

— Isso não é difficil...

O diplomata sorriu: é que o amigo Nerli não conhecia Miss Goodman. Todos os jovens excentricos de Nova York já tinham tentado a prova, com insuccesso. Tinham-se-lhe armado ciladas, tinham-se mesmo organizado assaltos nocturnos aos seus aposentos, no palacete do pae. Katherine mostrava sempre inabalavel bravura: era uma Amazona!

— E francamente, ajuntou, parece-me que seria perigoso tentar ainda satisfazer o seu capricho...

Nerli, excellente rapaz, tinha entretanto a mania da contradicção e amava a notoriedade. Neto do barão de Baurú, desde que herdára a fortuna dos paes e do avô, que era grande usára de todos os meios para se collocar em evidencia. Viajára, fazia correr, tanto aqui como no Prata, salvára afogados com perigo de vida e fazia methodicamente toda sorte de extravagancias. A *haute-gomme* consagrára-o por fim o seu heróe: e elle procurava manter essa reputação até á custa de sacrificios. Disse portanto, com superioridade:

— Comprometto-me, em oito dias, a metter medo a Miss Goodman.

Todos os presentes aproximaram-se delle e de São Vicente, que retrucou:

— Seria, meu caro Nerli, uma inutil tentativa...

— Quem sabe? disse a Sra. Borborema. Quem não arrisca não netisca, sobretudo em se tratando da herdeira de varios bilhões...

Todos davam a sua opinião, uns apoiando Nerli, outros negando as suas possibilidades de exito na aventura. Elle falou de novo:

— Se ella não fôr prevenida, e se não partir do Brasil, repito que em oito, quinze dias, no maximo, Miss Goodman terá medo.

— Veremos...

— Para começar, amanhã mesmo tomarei quarto no Palace-Hotel...

Ao almoço do dia seguinte, um cavalheiro desastrado, junto á mesa de Miss Goodman, fez cahir a bandeja de *hors-d'oeuvres* das mãos do criado que a carregava. Ella, surpresa, levantou os olhos e viu que era um rapaz moreno, escanhoado, sympathico, de hombros largos, trajando elegantemente: Annibal Nerli.

Ora, para uma americana, como para uma ingleza, *flirting* é um passatempo de predilecção. A *flirtation*, de facto, é, sob o ponto de vista anglosaxão, um inconsequente "jogo de prendas", que tem a virtude de produzir certa emoção. Flirtar é dar a entender a um cavalheiro que sua presença é agradável, e através uma habil manobra de sorrisos, de olhares, de gestos languidos e abandonados, razer-lhe acreditar que não se lhe repudiaria a declaração dos seus sentimentos. Não é pouco, mas tambem não é muito, quando se tem em vista o temperamento dos povos a que a *flirtation* é peculiar...

Miss Goodman durante o almoço exerceu-se a flirtar. Seu temperamento irrequieto se comprouve em excitar a attenção de Annibal Nerli. E após a refeição desceram juntos no elevador.

Passaram-se dias. Já se falavam. Annibal, a principio, affectára perante ella uma altivez musulmana. A tactica, as fintas da sua coquetteria, pareciam deixal-o indifferente. E isso irritava, exacerbava a sua vaidade voluntariosa, incitando-a a empenhar-se mais compromettedoramente na conquista daquella admiração que lhe escapava.

Assim, fôra ella quem primeiro lhe dirigira a palavra, sob um pretexto futil. Fôra ella quem, accentuando o *flirt*, estabelecera entre elles uma intimidade injustificavel em tão curto espaço de tempo. E como se em verdade elle já fosse o seu *lover*, levava-o até, só com elle no automovel que ella mesma guiava, para longos passeios na Tijuca.

Apezar disso, o diplomata São Vicente não se dava por vencido. Era facil, na sua opinião, ganhar a intimidade de Miss Goodman. Mas isso mesmo provava a sua coragem e o seu desprezo pelo juizo do mundo...

Todavia, nessa noite memoravel, Annibal Nerli decidiu-se a dar o grande golpe. Fôra ella quem dirigira intencionalmente a palestra para o assumpto que discutiam: os *touristes* não conheciam nunca os aspectos mais pittorescos das cidades que visitavam...

— Que viu Miss Goodman do Rio? perguntou. A avenida, a Tijuca, o Country-Club, o *stadium* do Fluminense... Mas que conhece do Rio mysterioso e terrivel, dos seus vicios e dos seus crimes?

— Oh! fez Miss Goodman. Existe um Rio mysterioso e terrivel?

— Perfeitamente...

— Tão mysterioso, tão terrivel assim?

— Tão perigoso e tão sombrio como o mais tragico New York...

— Verdade?...

— Com uma differença apenas... E' que em New York, em Londres, a policia é um facto, enquanto que, entre nós, ainda é um aparelho primitivo, cheio de falhas e de hesitações...

— De onde se conclue?...

— Que entre nós o perigo é talvez maior...

— Está me aguçando a curiosidade, Nerli.

— Pois lamento, porque isso é uma cousa que os seus olhos não podem ver.

— Porque?

— Porque é o vicio em toda a sua hediondez, o crime em todo o seu cannibalismo. Ver, por exemplo, certa casa onde se fuma opio, situada no emaranhamento dos beccos, das ruelas, das travessas colonias, que inexplicavelmente perduram a dois passos da Avenida, seria sem duvida um espectaculo curioso. Ali sim, naquella casa seturna, inteiramente despida de atavios, e onde não ha sequer certo conforto — as paredes rachadas e leprosas, o assoalho sordido, apenas alguns leitos camboyianos em que fervilha a vermina — ali é que se encontram, no occidente, os verdadeiros fumantes de opio, como na plebe chinesa.

— Mas isso existe?

— No becco dos Ferreiros e no becco da Musica...

— Será possivel!

— E o que é mais admiravel, é que em taes casas mesclam-se, ás vezes, figuras que pertencem ao que ha de mais fino na nossa sociedade, aos mais ferozes criminosos, a bandidos internacionaes, de cuja existencia as autoridades nem mesmo têm noticia!

— Oh! Nerli, não exaggeres!...

— Não exaggero nada: sinto apenas não lh'o poder mostrar...

— E por que não pôde?

— Porque mesmo que eu me decidisse a levá-la, Miss Goodman não iria...

— Não iria?...

— Não iria, accentuou Annibal Nerli — porque teria medo.

— Medo? Eu!

São Vicente, ante a energica exclamação de Miss Goodman e como se se tratasse de um triumpho pessoal, respirou largamente. Miss Goodman, com uma ponta de febre e de ironia no olhar, insistiu:

— Julga, então, que eu tenho medo?

— Deve ter...

— Parece uma provocação! Que é que eu posso temer?

— Tudo, e pelo menos a sua reputação.

O "diabo mais encantador" partiu numa estrepitosa gargalhada. Era facil notar, comtudo, a excitação dos seus nervos.

— Sou sufficientemente rica, declarou, para ter sempre uma reputação optima. Quanto aos outros perigos, não acredito nelles...

— Faz mal...

— E até para provar-lh'o, exijo que me leve hoje mesmo a uma dessas casas.

— Eu!

— Sim.

Nerli hesitou. A' ultima hora, recordando-se de que apenas exaggerára um pouco a hediondez dos antros que descrevera, não se sentiu com forças para levar ávante a imaginada comedia. Mas São Vicente, surprehendendo talvez o que se passava em seu espirito, olhou-o de tal maneira, que elle respondeu logo:

— A's suas ordens!

Houve uma pequena pausa. Dir-se-ia que todos calculavam a insensatez da aventura.

— Vou ácima pôr um chapéo, disse Miss Goodman.

Nerli recommendou:

— O mais simples possivel.

E, de novo o silencio cahiu, pesado e lugubre. São Vicente falou por fim:

— Vae mesmo levá-la?

— Vou.

— Mas é uma temeridade! E' uma loucura!

— Quer vir connosco?

— Eu!...

Aos olhos do diplomata passou, como um relampago, a possibilidade do escandalo, o espalhamento noticioso dos jornaes, a disponibilidade, a demissão talvez!... Prudentemente esquivou-se... Outros tambem foram-se embora. O gerente da *Tramway, Telephon, Ingineering Corporation* examinou Nerli com uma grande consternação e murmurou retirando-se:

— Must bee silly!...

Quando Miss Goodman desceu, só encontrou Annibal Nerli no saguão. Não esmoreceu, todavia, e perguntou:

— Vamos?

Elle teve um ultimo escrupulo:

— Pense bem...

— Já pensei, estou prompta.

Silenciosamente, Annibal foi buscar ao vestuario o chapéo e a bengala. Estava de *smoking*, como jantára; ella, entretanto, trocára o vestido por um *tailleur* de cor escura; mas, talvez por esquecimento, ou talvez por bravata, guardára ao pescoço o seu famoso collar de perolas, avaliado em New York em cento e cinccenta mil dollars.

Faltava um quarto para a meia noite quando sahiram. Viu-os ainda na Avenida, um *chauffeur*, que lhes offereceu o seu carro:

— Taxi!

Mas elles foram a pé. Dobrando a segunda esquina, seguiram até o fim da rua São José e, mar-

geando a igreja, chegaram aos terrenos baldios fronteiros á Cadeia Velha e ao Ministerio da Viação. Iam silenciosos. E quando enfim se encontraram á esquina da primeira ruella, Nerli parou.

— Vamos chegar, disse elle. Quer decididamente que eu a leve?

— Quero.

Embrenharam-se. A illuminação deficiente deixava os beccos e as travessas na penumbra. Nem um policia, nem um guarda civil encontraram. Apenas, de quando em quando, á sua passagem, rangia discretamente, encimada pela lanterna vermelha, a porta de alguma hospedaria... Num dos beccos, por fim, elle disse:

— E' aqui.

Pararam. A casa, silenciosa e ás escuras, tinha um aspecto lobrego. Tacteando um instante o humbral, tirou um nickel do bolso e encostou-o á saliência qte o seu dedo marcava. Ella ainda quiz agradecer:

— Brrr! E' terrivel!

Elle levou o indicador aos labios, recommendando silencio.

Alguns segundos depois, uma voz senil e longinqua, perguntou lá de dentro:

— Quem é?

— Abre, Tséo-Hoah.

A porta abriu-se sem ruido. Deparou-se-lhes um corredor cheio de trevas, a cuja entrada uma creatura, franzina como uma creança e encarquilhada como um macrobio, erguia uma candeia fumarenta. Miss Goodman hesitou. Elle tomou-a pelo braço:

— Entre. Agora é preciso entrar.

O gnomo da candeia fechou a porta em silencio e precedeu-os. A certo ponto, parando, interrogou:

— Em cima?

— Sim, em cima...

— Aqui. Cuidado. A escada...

Começaram a subir os rangentes degrãos. Pairava no ar uma murrinha antiga. Na espessa penumbra, Miss Goodman procurou o corrimão, mas os seus dedos, tocando na parede, só encontraram uma corda viscosa e repugnante. Em cima, logo no patamar, o gnomo abriu-lhes uma porta. Accendeu um lampeão de kerosene e quedou na attitude de quem espera.

— Dois cachimbos, encommendou Annibal Nerli.

O outro baixou affirmativamente a cabeça e retirou-se, sem dizer palavra.

A' luz escassa do lampeão, Miss Goodman examinou o aposento. Era sordido. Toda a mobilia consistia em grossos cortinados recobrendo as janellas, e em quatro ou cinco enxergas, ao rez do soalho, ladeadas cada qual por uma mesa tão baixa que, mesmo deitado, poder-se-ia attingir qualquer objecto collocado sobre ella.

— Que é isto? perguntou.

Annibal Nerli, depois de olhal-a longamente, respondeu:

— E' uma *fumerie de opium*...

Ella ergueu os hombros com desprezo. Elle continuou:

— A mais famosa das que possuímos, sobretudo porque é tambem um antro...

Fez uma pausa.

— Gosa-se aqui da mais completa immuniidade. Foi nesta casa que assassinaram a Fanny dos brilhantes, uma bailarina escoszeza que tinha a temeridade de possuir dois brilhantes verdes, rarissimos (como as suas perolas...) e commetteu a imprudencia de seguir até aqui um sujeito que lhe era quasi desconhecido. Mataram-na para a roubar: a figura juridica do *latrocinio*, previsto no artigo 359, do nosso Codigo Penal... Mas, que quer? Aqui nada ha a temer: só dois chinezes rachiticos e cobardes, mercadores de veneno, guardam a casa. Em primeiro lugar, são chinezes, por indole discretos; além disso, têm sobejos motivos para não desejarem explicações com a policia... Mas o que ha sobretudo de commodo são as disposições da propria casa: de construcção colonial, é dotada de poços, subterraneos, mysterios onde um cadaver desapparece com facilidade e de tal sorte que só o olho omnisciente de Jehovah é capaz de o tornar a descobrir, no dia do juizo final...

— Como nos romances...

Bateram devagarinho.

— Entre, fez Nerli, alteando um pouco a voz.

Era o chinez. Em passos deslisantes, sem nenhum ruido, começou a dispôr sobre duas das mezinhas os apetrechos para fumar: dois cachimbos em cada uma, menores que um dedal, e uma pequena lampada a alcool e a caixinha de metal, contendo a droga. Annibal Nerli repetiu:

— Sim, como nos romances... Tséo-Hoah póde contar-lhe o caso...

E interpellando o chinez:

— Lembra-te, Tséo-Hoah, da Fanny dos brilhantes?...

— Sim... Madam'Fanny... Tséo-Hoah lembra. Foi neste quarto...

— Está ouvindo? Foi neste quarto... Conta, Tséo-Hoah, conta...

— Madam'Fanny vem com um só; dois outros já estar no quarto... Tséo-Hoah traz cachimbo; vae embora. Depois, Tséo-Hoah ouve barulho; volta; encontra homens na escada, com faca na mão: "Tséo-Hoah, cala bocca!" — "Sim, cala bocca." — Tséo-Hoah subir, ver Madam'Fanny deitada, muito sangue... Depois Madam'Fanny desaparecer... Policia nunca sabe: Tséo-Hoah promette, cala bocca...

Tranquillamente continuou a dispor as cousas.

— Deixa, Tséo-Hoah, disse-lhe Annibal Nerli; nós fumaremos sozinhos...

— Bem...

Retirou-se, cerrando a porta.

Depois de uma pequena pausa, Annibal Nerli falou:

— Foi, pois, neste mesmo quarto que morreu Fanny dos brilhantes. E Tséo-Hoah se calou, e a policia nunca soube como desapareceu a dansarina escoszeza... Vê, minha cara Miss, o perigo que existe em acompanhar pessoas quasi desconhecidas a logares incriminaveis? Porque, afinal de contas, o seu caso é muito semelhante á imprudencia da bailarina... Eil-a commigo aqui, sozinha e trazendo ao pescoço um collar que vale cento e cincoenta mil dollars. Ora, sabe o que são, no Brasil, cento e cincoenta mil dollars? Uma fortuna, minha linda amiga! E sabe quem sou eu?...

Olhou-a com uma compaixão ironica:

— Annibal Nerli? Neto dos nobres barões de Baurú? Isso foi que lhe disseram... E' possível, todavia, que e... Queja nada disso. Supponhamos que eu sou apenas um aventureiro habil, que conseguí atrahil-a até aqui e que cobiça o seu collar... Digo-lhe cortezmente: Miss Goodman, ás seis horas da manhã zarpa um vapor para plagas longinuas, e eu preciso das suas perolas para poder seguir viagem, podendo ser, em terras afastadas, neto de outros barões e generoso *gentleman*... Que me responde, Miss Goodman?

Arregalando os olhos, pallida, tomada, enfim, por um tremor nervoso, que a arrepiava toda, a filha do opulento R. W. Goodman, recuou em silencio. Nerli, então, saccou do bolso uma navalha catalã de ponta e mola, abriu-a e fez brilhar a lamina assassina.

— Não responde? Eis um punhal; talvez o mesmo com que, neste quarto, alguém que aqui trouxera Fanny...

Miss Goodman deu um grito de horror:

— Nerli! Não é possível!

— Tudo é possível...

E cravando a arma numa das mesas:

— Repare na tempera deste aço. E' aquella que se forja para as vinganças tragicas da Hespanha. Treme? Talvez tenha razão...

Em voz mais rude, intimou:

— Vamos, dê-me o collar!...

Andou para ella.

— E não só o collar: quero os seus labios tambem... *Katheryne you is damned pretty!*

— Miseravel!

— Quero que a sua saudade perfume a minha vida aventureira... Quero o crime e quero o amor, quero o seu sangue, as suas joias e os seus beijos!

As suas mãos desvaíradas estendiam-se para ella, seus olhos fuzilavam saddicos e felinos. Mas, com um movimento rapido, Miss Goodman recuou de novo, arrancou o punhal da mesa, ergueu o braço e feriu.

Nerli cambaleou:

— Oh!

Ella golpeou de novo.

— Miss Goodman!...

Seu olhar, injectando-se, tomou, a um tempo, uma expressão de espanto e de pavor immenso. Veiu-lhe á bocca a primeira golfada de sangue. Cambaleou, cahiu.

— Miss Goodman... Que loucura! Fuja! Agora fuja... Não comprehendeu... Era uma comedia... Perdoe... Fuja!

Tombou. Uma ultima convulsão. Ficou immovel.

— Meu Deus! Meu Deus!

Entretanto, a porta abriu-se de mansinho. Tséo Hoah entrou, foi direito ao cadaver e revistou-lhe os bolsos. De uma carteira, tirou um maço de dinheiro, que dividiu em duas partes. Miss Goodman olhava-o sem comprehender; mas o chinez, acercando-se, metteu-lhe na mão algumas notas:

— Metade... Tséo-Hoah cala bocca... Policia nunca sabe...

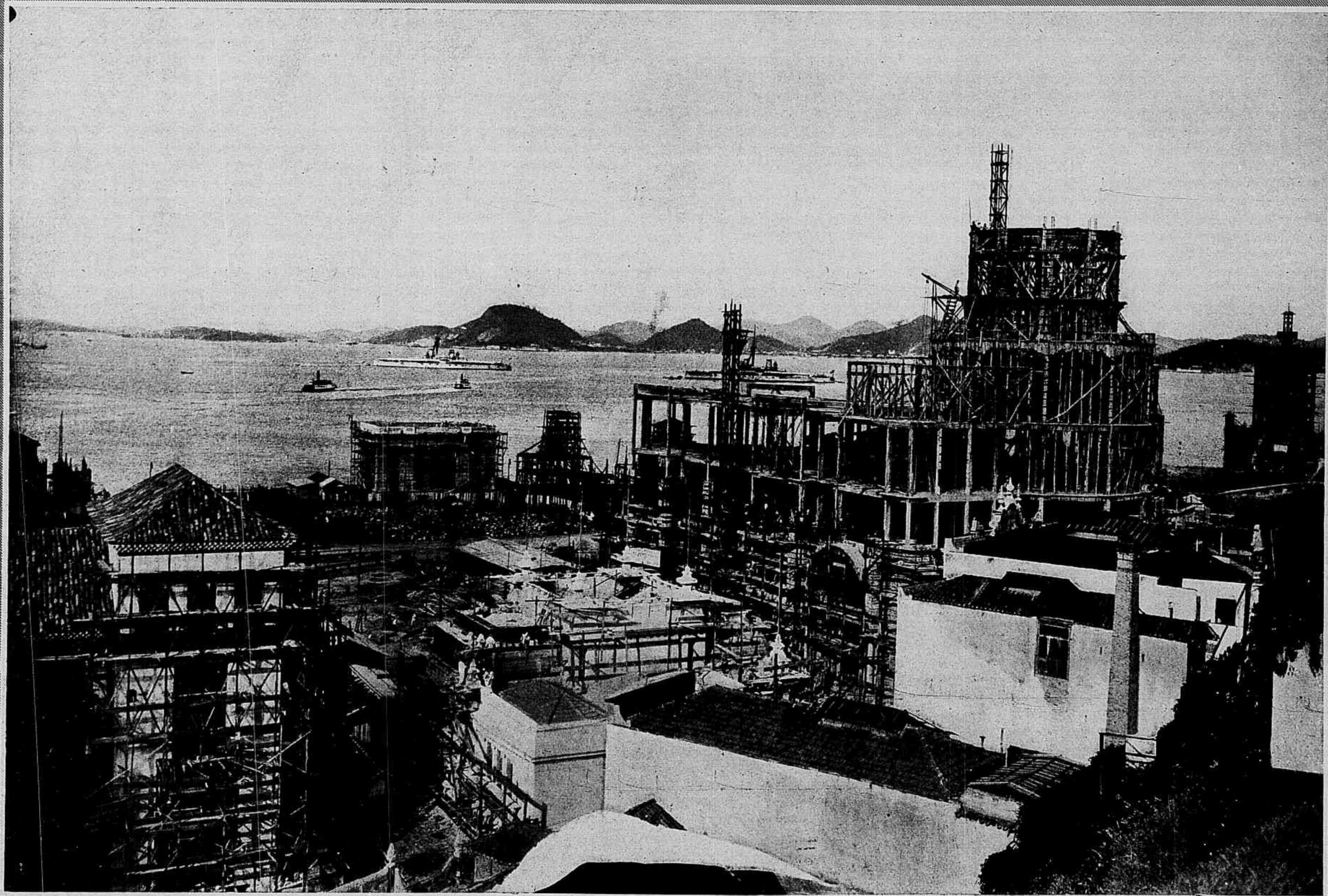
Como ella ficasse immovel, sem dizer nada, sacudiu-lhe o braço brutalmente e mostrando-lhe a porta aberta, intimou-a:

— Vae embora!

E Miss Goodman sahio cambaleando...



ESTADO DO PARANA' — UM ASPECTO DA CACHOEIRA DE IGUASSU'



Historic Brasileira

ASPECTO DAS OBRAS DA EXPOSIÇÃO, APANHADO DO MORRO DO CASTELLO. A CONSTRUÇÃO, À DIREITA, É A DO PALACIO DOS ESTADOS.

Mor Barba da Constituição

A REPUBLICA foi, talvez, a maior surpresa politica que o Brasil pode registrar na sua historia. Basta abrir-se, ao acaso, qualquer compendio, mais ou menos erudito, que se occupe do assumpto, ou mesmo ouvir-se qualquer testemunha daquelles dias incertos, que ainda sobrevivem, mais ou menos veridica, para se ter desse facto grandioso a noção exacta de como os acontecimentos se passaram.

Até ás vespéras da Proclamação, os conspiradores não se entendiam quanto ao ponto de vista que os devia guiar a todos. Benjamin Constant tinha um programma liberal avançado, meio politico e meio religioso, a executar. Deodoro, que não tinha programma propriamente de acção intellectual, guardava, comtudo, serios resentimentos do gabinete Ouro Preto, responsabilizado como aquelle que havia posto o Exército fóra da lei, como a lei se punha fóra da administração. Glycerio era por um e por outro; mas era, sobretudo, pelo opportunismo das cousas. Ruy Barbosa, tomado á ultima hora como a clava formidavel do movimento demolidor, declarara, da tribuna parlamentar e da imprensa diaria, que em seguida á Abolição nenhum partido poderia contar-o nas suas fileiras sem primeiro ter adherido ao vasto plano de uma reforma geral, pela federação das antigas provincias.

Em torno, como satellites, á volta dos astros maiores, os demais propagandistas giravam impellidos e compellidos por correntes varias e até contradictorias.

A Proclamação foi mesmo obra de um imprevisto alliado á pouca energia e decisão do throno, minado completamente nos seus alicerces por vinte annos de um ambiente morno, onde todos, conservadores e revolucionarios, respiravam com difficuldade. O imperador poderia tel-a esmagado, de prompto, se não fosse o panico que se apoderou de todos, até dos mais abnegados partidarios da Corôa. Poderia ter derramado sangue, mandado afiar a espada das guarnições regionaes, attonitas e indignadas ao primeiro rebate, como succedeu na Bahia; mas, philosopho, além de principi-

pê, elle comprehendeu que nada deteria o movimento no seu curso fatal. O velho e benemerito brasileiro percebeu que havia soado a hora mysteriosa de uma grande transformação, e quaesquer que fossem as barreiras que se lhe antepuzessem, ainda mesmo que elle fizesse como Luiz XVI, que mandou atirar contra o povo, na manhã de 10 de Agosto de 1792, a reacção triumpharia. Triumpharia, se lhe abandonassem o campo sem luta, do mesmo modo que se lh'o alastrassem de sangue. No primeiro caso, e foi o que se deu, a revolução seria clemente e generosa; no segundo, a guerra civil liquidaria o paiz, para sempre.

O throno ignorava a causa cruel da sua enfermidade e sommando os dias que lhe estavam reservados, não deixava de repetir, como o pensador do *D. Quixote* :

“Presto haber de morir, que es lo mas cierto
Que el mal de quien la causa no se sabe
Milagro es acertar la medicina...”

O monarcha conhecia a molestia, observava-lhe a marcha lenta e devoradora, mas não via a therapeutica que lhe deveria servir.

Acredita-se que, assim como no dia do Juizo Final, um novo mundo, surgido do fundo do Valle de Josaphat, substituirá o velho, tambem nas revoluções sociaes as velhas e caducas organizações serão substituidas por outras, que satisfaçam a todos na sua ancia de liberdade e na sua sêde de justiça.

A Republica, pela trombeta dos seus prégoeiros, pretendia isso e mais alguma cousa.

A Constituição Federal, primeira consequencia do grande golpe, tinha que ser, pois, o espelho de todas as idéas, principios e profissões de fé dessa phase tumultuaria e romantica, quando as lutas politicas ainda não tinham descido ao pégo lamacento do murmúrio e da intriga em surdina. O sólo, que tremia, ás vezes, por effeito da jornada do Campo de Sant'Anna, não estava de todo consolidado. Era preciso, nos gabinetes dos juriconsultos, cessarem os appellos constantes á força, para que a Nação se occupasse livre e desembaraçadamente com a sua ordem civil.

Confiada a Ruy Barbosa, a tarefa era das mais difficeis. Todavia, habituado a não encontrar tropeços em nada que dependesse para uma construcção, do esforço da sua intelligencia privilegiada e do seu saber incomparavel, o espirito poderoso desse homem extraordinario atira-se ao trabalho. Elle proprio, enfrentando, quasi trinta annos depois, do Senado, a carranca do terror militar, que o ameaçava de fazer calar, explicou como se tinha desobrigado dessa espinhosissima missão, indo levar ao chefe do Provisorio o original do projecto de lei.

Deodoro recebeu-o no Itamaraty, com a deferencia costumada. Ruy

Barbosa, então, iniciou a leitura do volumoso manuscripto, artigo por artigo, aos quaes o generalissimo ia dando a sua approvação, com um simples, mas expressivo signal de cabeça.

A's vezes, discutia. O mestre do Direito nem sempre o encontrou disposto a concordar, desenvolvendo verdadeiros prodigios de logica e de persuasão para chamal-o á symphathia integral da Carta Magna, defendendo-a contra elle e convertendo-o a ella.

O artigo que retirava taxativamente do arbitrio do Poder Executivo a faculdade de dissolver as Camaras, irritou o marechal. Elle não queria transigir neste ponto e foi preciso que Ruy Barbosa esgotasse todos os seus recursos de argumentador, para obrigar o soldado impetuoso, mas sincero, a acceital-o.

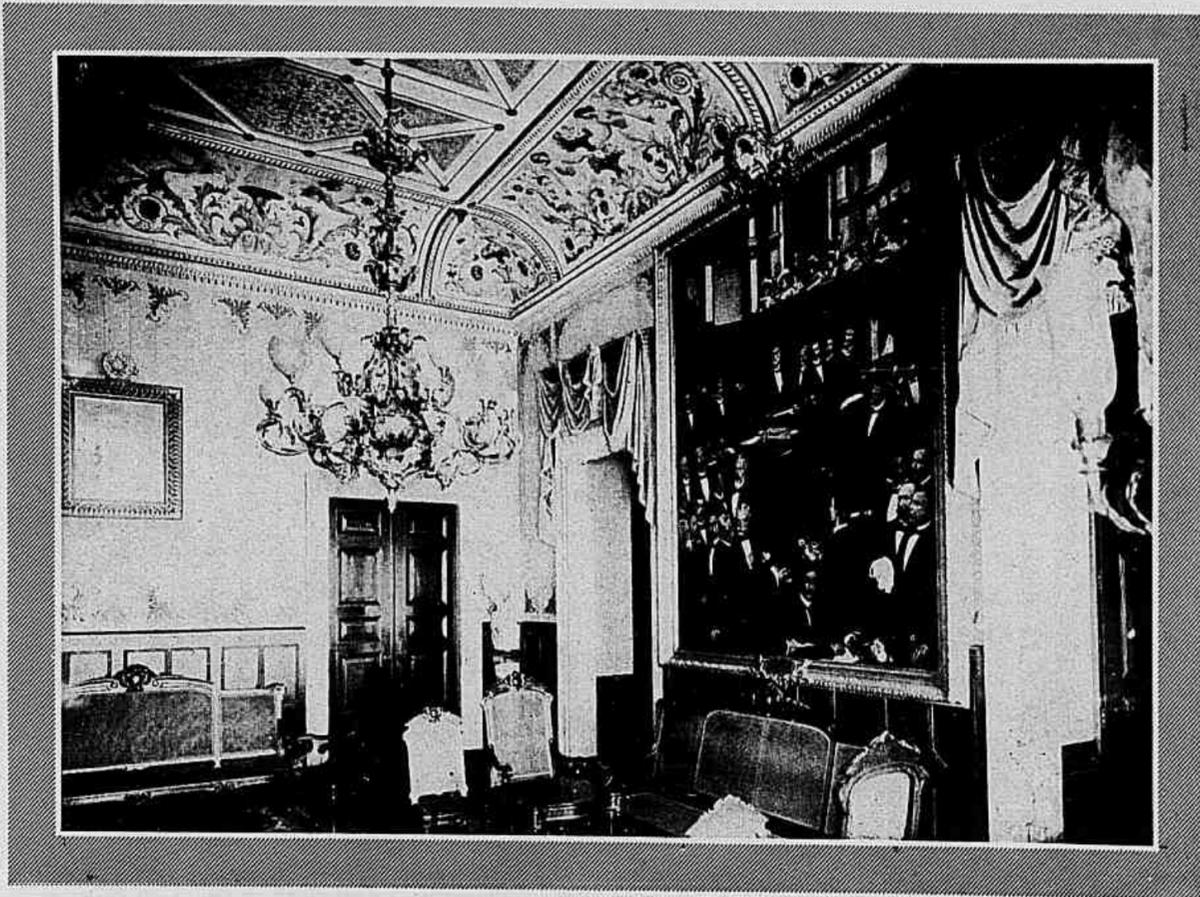
Vencido mais pelo cansaço, do que mesmo pelas subtilidades da jurisprudencia do outro, Deodoro, afinal, accedeu, accrescentando :

— Eu assigno a lei, mas fique sabendo que o senhor ainda ha de sahir daquella Camara, pela janella, como os Andradas, na primeira Constituinte.

Aquelle que redigira o artigo providencial, que fizera toda aquella vasta obra, á maneira norte-americana e a adaptara ás nossas tradições, aos nossos costumes e ás nossas perspectivas, recordou, por um momento, todo um longo e agitado passado. Viu as multidões conspirando contra o Primeiro Imperio e D. Pedro reagindo, os pamphletos que circulavam, as aggressões pessoas, as sociedades secretas, o preparo da noite das garrafadas, a dissolução e o 7 de Abril. Solemnemente, aos seus olhos, nesse instante angustioso, passou toda uma serie de dramas empolgantes : as tropas imperiaes descendo de S. Christovão para cercarem a Assembléa; Antonio Carlos submettido ao canhão, mas lançando-lhe uma phrase de admiração e desprezo; o motim do Campo da Honra e a abdicção...

Tudo isso o commoveu, mas não o demoveu, certo de que a crise não seria permanente, nem a historia se repete com tamanha facilidade.

Deodoro, porém, não faltara á ameaça pronunciada, e elle, Ruy, com os seus companheiros, teve mesmo que sahir mais tarde...



SALA SILVA JARDIM, NO PALACIO DO CATTETE. O QUADRO QUE SE VÊ NA PAREDE, Á DIREITA, DO PIN-TOR AURELIO DE FIGUEIREDO, REPRESENTA "O JURAMENTO DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA"

Autographo precioso

Publicámos na edição de Janeiro desta revista as palavras dos Srs. Balthazar Brum, presidente da Republica Oriental do Uruguay, e Schulthess, presidente da Confederação Suissa, enviadas em homenagem ao Brasil na época do Centenario da sua Independencia. A nossa pagina de hoje reproduz a saudação de Alberto I, rei dos Belgas, tão amado dos brasileiros



"J'apporte à la République des Etats-Unis
du Brésil le salut fraternel de la Belgique.

"Nation, comme la vôtre imprégnée de culture
latine, la Belgique suit avec une vive sympathie
le développement moral et politique de ce pays
intellectuellement si proche de sa pensée .

"Elle admire votre patriotisme, votre sens
du droit, votre recherche de la perfection lit-
téraire, votre conception de l'honneur, votre
suprême courtoisie, votre esprit chevaleresque."

Albert

Monarchia e a Constituição

A REPUBLICA foi, talvez, a maior surpresa politica que o Brasil pode registrar na sua historia. Basta abrir-se, ao acaso, qualquer compendio, mais ou menos erudito, que se occupe do assumpto, ou mesmo ouvir-se qualquer testemunha daquelles dias incertos, que ainda sobrevivem, mais ou menos veridica, para se ter desse facto grandioso a noção exacta de como os acontecimentos se passaram.

Até ás vespéras da Proclamação, os conspiradores não se entendiam quanto ao ponto de vista que os devia guiar a todos. Benjamin Constant tinha um programma liberal avançado, meio politico e meio religioso, a executar. Deodoro, que não tinha programma propriamente de acção intellectual, guardava, comtudo, serios resentimentos do gabinete Ouro Preto, responsabilizado como aquelle que havia posto o Exército fóra da lei, como a lei se punha fóra da administração. Glycerio era por um e por outro; mas era, sobretudo, pelo opportunismo das cousas. Ruy Barbosa, tomado á ultima hora como a clava formidavel do movimento demolidor, declarara, da tribuna parlamentar e da imprensa diaria, que em seguida á Abolição nenhum partido poderia contal-o nas suas fileiras sem primeiro ter adherido ao vasto plano de uma reforma geral, pela federação das antigas provincias.

Em torno, como satellites, á volta dos astros maiores, os demais propagandistas giravam impellidos e compellidos por correntes varias e até contradictorias.

A Proclamação foi mesmo obra de um imprevisito alliado á pouca energia e decisão do throno, minado completamente nos seus alicerces por vinte annos de um ambiente morno, onde todos, conservadores e revolucionarios, respiravam com difficuldade. O imperador poderia tel-a esmagado, de prompto, se não fosse o panico que se apoderou de todos, até dos mais abnegados partidarios da Corôa. Poderia ter derramado sangue, mandado afiar a espada das guarnições regionaes, attonitas e indignadas ao primeiro rebate, como succedeu na Bahia; mas, philosopho, além de príncipe, elle comprehendeu que nada deteria o movimento no seu curso fatal. O velho e benemerito brasileiro percebeu que havia soado a hora mysteriosa de uma grande transformação, e quaesquer que fossem as barreiras que se lhe antepuzessem, ainda mesmo que elle fizesse como Luiz XVI, que mandou atirar contra o povo, na manhã de 10 de Agosto de 1792, a reacção triumpharia. Triumpharia, se lhe abandonassem o campo sem luta, do mesmo modo que se lh'o alastrassem de sangue. No primeiro caso, e foi o que se deu, a revolução seria clemente e generosa; no segundo, a guerra civil liquidaria o paiz, para sempre.

O throno ignorava a causa cruel da sua enfermidade e sommando os dias que lhe estavam reservados, não deixava de repetir, como o pensador do *D. Quixote* :

“Presto haber de morir, que es lo mas cierto
Que el mal de quien la causa no se sabe
Milagro es acertar la medicina...”

O monarcha conhecia a molestia, observava-lhe a marcha lenta e devoradora, mas não via a therapeutica que lhe deveria servir.

Acredita-se que, assim como no dia do Juizo Final, um novo mundo, surgido do fundo do Valle de Josaphat, substituirá o velho, tambem nas revoluções sociaes as velhas e caducas organizações serão substituidas por outras, que satisfaçam a todos na sua ancia de liberdade e na sua sede de justiça.

A Republica, pela trombeta dos seus prégoeiros, pretendia isso e mais alguma cousa.

A Constituição Federal, primeira consequencia do grande golpe, tinha que ser, pois, o espelho de todas as idéas, principios e profissões de fé dessa phase tumultuaria e romantica, quando as lutas politicas ainda não tinham descido ao pégo lamacento do murmurio e da intriga em surdina. O sólo, que tremia, ás vezes, por effeito da jornada do Campo de Sant'Anna, não estava de todo consolidado. Era preciso, nos gabinetes dos jurisconsultos, cessarem os appellos constantes á força, para que a Nação se occupasse livre e desembaraçadamente com a sua ordem civil.

Confiada a Ruy Barbosa, a tarefa era das mais difficeis. Todavia, habituado a não encontrar troços em nada que dependesse para uma construcção, do esforço da sua intelligencia privilegiada e do seu saber incomparavel, o espirito poderoso desse homem extraordinario atira-se ao trabalho. Elle proprio, enfrentando, quasi trinta annos depois, do Senado, a carranca do terror militar, que o ameaçava de fazer calar, explicou como se tinha desobrigado dessa espinhosissima missão, indo levar ao chefe do Provisorio o original do projecto de lei.

Deodoro recebeu-o no Itamaraty, com a deferencia costumada. Ruy

Barbosa, então, iniciou a leitura do volumoso manuscrito, artigo por artigo, aos quaes o generalissimo ia dando a sua approvação, com um simples, mas expressivo signal de cabeça.

A's vezes, discutia. O mestre do Direito nem sempre o encontrou disposto a concordar, desenvolvendo verdadeiros prodigios de logica e de persuasão para chamal-o á sympathia integral da Carta Magna, defendendo-a contra elle e convertendo-o a ella.

O artigo que retirava taxativamente do arbitrio do Poder Executivo a faculdade de dissolver as Camaras, irritou o marechal. Elle não queria transigir neste ponto e foi preciso que Ruy Barbosa esgotasse todos os seus recursos de argumentador, para obrigar o soldado impetuoso, mas sincero, a acceital-o.

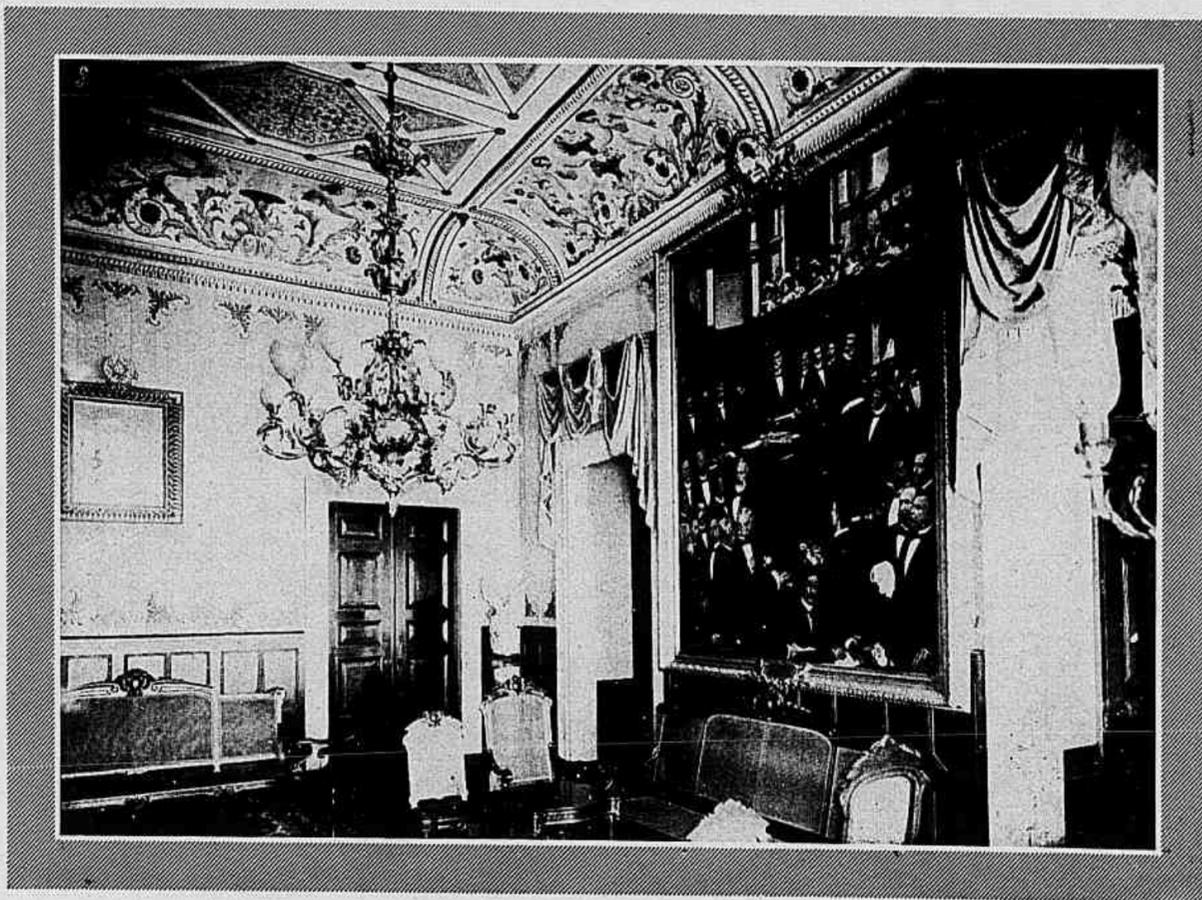
Vencido mais pelo cansaço, do que mesmo pelas subtilezas da jurisprudencia do outro, Deodoro, afinal, accedeu, acrescentando :

— Eu assigno a lei, mas fique sabendo que o senhor ainda ha de sahir daquela Camara, pela janella, como os Andradas, na primeira Constituinte.

Aquelle que redigira o artigo providencial, que fizera toda aquella vasta obra, á maneira norte-americana e a adaptara ás nossas tradições, aos nossos costumes e ás nossas perspectivas, recordou, por um momento, todo um longo e agitado passado. Viu as multidões conspirando contra o Primeiro Imperio e D. Pedro reagindo, os pamphletos que circulavam, as aggressões pessoaes, as sociedades secretas, o preparo da noite das garrafadas, a dissolução e o 7 de Abril. Solemnemente, aos seus olhos, nesse instante angustioso, passou toda uma serie de dramas empolgantes : as tropas imperiaes descendo de S. Christovão para cercarem a Assembléa; Antonio Carlos submettido ao canhão, mas lançando-lhe uma phrase de admiração e desprezo; o motim do Campo da Honra e a abdicção...

Tudo isso o commoveu, mas não o demoveu, certo de que a crise não seria permanente, nem a historia se repete com tamanha facilidade.

Deodoro, porém, não faltára á ameaça pronunciada, e elle, Ruy, com os seus companheiros, teve mesmo que sahir mais tarde...



SALA SILVA JARDIM, NO PALACIO DO CATTETE. O QUADRO QUE SE VÊ NA PAREDE, Á DIREITA, DO PINTOR AURELIO DE FIGUEIREDO, REPRESENTA “O JURAMENTO DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA”

Autographos preciosos

Publicámos na edição de Janeiro desta revista as palavras dos Srs. Balthazar Brum, presidente da Republica Oriental do Uruguay, e Schulthess, presidente da Confederação Suissa, enviadas em homenagem ao Brasil na época do Centenario da sua Independencia. A nossa pagina de hoje reproduz a saudação de Alberto I, rei dos Belgas, tão amado dos brasileiros



"J'apporte à la République des Etats-Unis
du Brésil le salut fraternel de la Belgique.

"Nation, comme la vôtre imprégnée de culture
latine, la Belgique suit avec une vive sympathie
le développement moral et politique de ce pays
intellectuellement si proche de sa pensée .

"Elle admire votre patriotisme, votre sens
du droit, votre recherche de la perfection lit-
téraire, votre conception de l'honneur, votre
suprême courtoisie, votre esprit chevaleresque."

Albert



AS MANHÃS FRIAS, DE CHUVA, NÃO AFUGENTARAM OS BANHISTAS. O SOL APPARECE, A DAR OS BONS DIAS ÀQUELLA GENTE FELIZ... A ALEGRIA DA HORA DO BANHO AJUDA O BOM TEMPO... ENTRE A NEVOA.



NA PRAIA DE COPACABANA, QUANDO O MAR SE POVÔA...



A ÚLTIMA NOVIDADE MUNDANA É A RECEPÇÃO NA AREIA, DIANTE DO OCEANO... DEPOIS DOS PULOS E DAS BRAÇADAS, A PALESTRA TRANQUILLA...

Carnaval

A 28 deste mez, o carnaval carioca festejará o seu 68º anniversario. Foi nesse dia, em 1854, que a gente do Rio de Janeiro iniciou o habito de festejar o carnaval por meio de carros allegoricos e cavalgatas, em logar do antigo entrudo a esguichos de agua e limões de cêra. Um chronista amoroso das tradições da cidade, Mello Moraes Filho, recorda assim o "reinado de Momo", outr'ora, na velha terra de São Sebastião:

"E' certo que o carnaval, como o temos, melhor se harmonisa com o progresso moderno; mas não é menos exacto que o entrudo, excepção feita das grosserias que lhe eram proprias, interessava a maior numero de pessoas e esmaltava-se de um resto de poesia que se irradiava no lar domestico.

Quanto a desastres e consequencias funestas, resultantes de ambos, parece-nos que nenhum delles se apresenta como devedor.

O entrudo entretanto, disseminava a alegria por todas as classes, a intimidade das familias amigas estreitava-se, e não era de admirar vir a saber-se que este ou aquelle *pedido de casamento* tivera como motivo um limão de cheiro, comprimido a furto sobre um collo de neve ou um braço bem feito e macio.

Arraigado por uma persistencia secular em nossos costumes o jogo do entrudo, a observação tem demonstrado que a maioria das nossas populações não o baniu absolutamente, e que mesmo nesta capital, onde os regulamentos policiaes o prohibem, uma especie de atavismo o faz reaparecer, de tempos a tempos, como herança de raça.

Em 1885, particularmente na rua do Ouvidor, a guerra com limões foi tão forte, os esguichos em tamanha quantidade, e a agua tão abundante, que nem mesmo os prestitos carnavalescos passavam incolumes.

Ninguem que trouxesse chapéo alto deixava de tornar-se um alvo ás pontarias dos rapazes e das moças, que, das janellas ou dos cantos das ruas, disparavam os projectis do entrudo, frente a frente, lado a lado, para cima e para baixo, na direcção do transeunte, que enterrava na cabeça a casa-mata da sua cartola.

Como facto anormal, esse acontecimento presumia-se apenas em razão de alguns annuncios de limões de cheiro que se publicavam nos jornaes, annuncios de ordinario neutralizados para muitos pelo rotineiro edital da policia, que de nada servia.

Antigamente, a cousa fazia-se da maneira a mais solemne, e subordinada a preceitos escrupulosamente seguidos.

Colloquemo-nos no passado e descrevamos a folia, segundo contam os mais velhos.

Na mediana social, raro era o chefe de familia que, de quinze a vinte dias antes do entrudo, não se visse atropellado com os pedidos de cêra que lhe faziam a senhora, uma filha, etc.

Para a confecção dos limões varios ingredientes tornavam-se

precisos, bem como as essencias para aromatizar a agua, o carmin e o anil para coloril-os, tudo isso addicionado de um funilzinho de folha de Flandres, por meio do qual os enchiam.

No referido pedido, por consequente, achava-se comprehendido o mais, visto como as fôrmas em uso — laranjas, pencas de bananas, frutos diversos — ficavam á escolha e na alçada da aquisição de qualquer que emprehedia a exploração da pequena industria.

Desde logo, os donos da casa começavam a comprar pães de cêra virgem, a frequentar as sacristias, agradando o mais possível aos zeladores e sacristães, unicamente com o fim de obter delles bicos de velas, que carregavam em embrulhos.

A' enorme distancia, apercebido pela filharada á espera, o bom pae fazia tregeitos, negaças, e, approximando-se, apontava com o

dedo o pacote sobrado, sendo recebido com grande motim, riso, choro, ouvindo-se, em altas vozes, sahirem do infantil grupo as seguintes phrases: "E' meu!" "Não é!" "E'!" "Não é!"

E uma moça ou a velha, arrebatando no ar a encomenda, tomava para a sala de dentro, succedendo não poucas vezes rasgar-se o envolturo, entornando-se no corredor os tocos das velas bentas, com que as creanças esmurravam-se, escorregavam, davam quedas, para apanhar.

As escravas e as *sinhas moças* entregavam-se todo o tempo ao fabrico dos limões de cheiro, que eram expostos á venda em bandeijinhas, cestinhas, pratos, etc., que as familias collocavam sobre as janellas de suas casas, sobre bancos e cadeiras, das salas terreas, ou em tableiros á porta dos sobrados, sendo confiada a quitanda a algum moleque ou



NO CARNAVAL, TIRA-SE A MASCARA, — SEGUNDO AFFIRMAM OS MCRALISTAS...

preta velha, que negociava com os compradores.

Desde a ante-vespera já um ou outro projectil esborrachava-se no vestuario de algum passante que, sacudindo pacientemente a cera esfolhada no *paletot*, limpava com o lenço os logares molhados.

No dia, logo pela manhã, viam-se tableiros, bandejas e mais bandejas de limões á cabeça de negros e de molecotes, que os apre-goavam por toda a parte, havendo freguezes que compravam a mercadoria por atacado, isto é, que se faziam seguir de um ou mais vendedores, entrando pelas casas, molhando e sendo molhados, no meio de grande alarido.

Ninguem lograva escapar ao assalto imprevisto, a menos que não se trancasse nos quartos, á mais leve suspeita despertada por um tropel na escada, á corrida de uma negrinha em gritos, ou cousa semelhante.

Casas havia em que os moradores preveniam-se com gamellas d'agua, cartuchos de polvilho, travando-se lutas, nas quaes os assaltantes e os assaltados ficavam completamente *ensopados*.

As classicas seringas de folha de Flandres occupavam posição saliente na folia, sustidas ao alto com as duas mãos; servindo de

ponto de apoio ao grosso cabo de pão a barriga do portador, á pressão gradualmente exercida, o longo esguicho lançava agua nas pessoas dos sobrados e nos individuos que procuravam fugir.

Das vendas, dos cantos das ruas, de todos os largos e praças da cidade, a negralhada, a chusma dos moleques em fraldas de camisa acudia á approximação de uma negra de quitanda, de pretos velhos que caminhavam rogando pragas, soltando impróperios, e os encharcava de novo, barreava-lhes de vermelhão e alvaiade os cabellos e a cara, tornando-os risiveis e medonhos.

Os baldes, as cuias, os regadores, as bacias cheias d'agua, os foliões despejavam entre si e sobre a gente de sua igualha que circula-



NO TEMPO DE D. JOÃO VI
(Desenho de Debret)

que os caroços cobertos de cêra, com que alguns perversos entendiam divertir-se, ocasionando accidentes.

Em razão desses desregramentos, das contendidas repetidas, do prejuizo resultante á saude publica, o entrudo foi prohibido, baixando ordem terminante da policia para serem multados os fabricantes de limões, presos os vendedores, inutilizados os taboleiros, recebendo cada pedestre 4\$000 de gorgeta, por pretinho negociante que levasse seguro pelo cós da calça.

Os abusos, porém, não desnaturavam a graça do folguedo, o muito que elle tinha em si de attrahente e agradável. Entre gente fina era de estylo os cavalheiros submettem-se ás abundantes molhadelas do bello sexo, que se tornava implacavel nesses dias.

Improvisando casos graves, novidade curiosa, negocio de interesse, as familias mandavam a visio a parentes e intimos, que não tardavam a correr ao reclamo.

Uma vez na sala de visitas, eram surpreendidos por uma ou mais pessoas da casa, que, tomando-lhes a dianteira, os recebiam com uma sarivada de limões, muita algazarra e muita gargalhada.

Do brinquedo do entrudo, influentes existem que ainda se lembram das bellas pontarias que fizeram, dos alvos que

atingiram, dos deliciosos namoros que entabularam naquellas tardes que se foram, e de cujo crepusculo apenas um ou outro raio lhes esclarece a noite sombria da saudade."

Essas reminiscencias não de interessar a gente nova, que faz do

carnaval a preocupação do anno inteiro... A bem dizer, na capital do Brasil o carnaval vive sempre, com maior barulho nos tres grandes dias, mas em eco pelos mezes todos...

Este anno, por exemplo, desde a primeira madrugada de Janeiro, elle andou a ensaiar a entrada definitiva. Nem o facto de cahir na quarta-feira de cinzas o dia da eleição presidencial arrefeceu o enthusiasmo...

Momo não tarda; quando chegar, tudo lhe pertencerá... As ruas se apinharão, atapetadas de confetti, enroladas em serpentinas, cheirando a ether, delirantemente. Como a liberdade se desenfria nesta época, todos os poetas desconhecidos se revelam, sem obstaculos, e até com applausos...

As cantigas carnavalescas, que são uma originalidade nossa, nascem, crescem e se multiplicam, ás centenas, aos milhares. Cada rancho, cada cordão, cada grupo tem o seu hymno especial, com letra estapafurdia, em versos futuristas, e musica... dolorosa... Dessas cantigas nem todas morrem, ao entrar da Quaresma.

Muitas ficam na memoria da população e nos discos dos gramophones. Ficam e, pelo tempo fóra, recordam o prazer das horas perdidas, perdidas ou ganhas porque, já descobrira Camillo, tudo que nos alegra, seja poema ou tolice, é sempre um raio da misericordia divina...



UM PRESTITO, NA TERÇA-FEIRA GORDA, HA QUARENTA E CINCO ANNGS... (Desenho de Angelo Agostini)

Os estudantes, os filhos-familias e homens serios por sua idade e collocação social, não resistindo á tentação do brinquedo, percorriam diversos bairros, com os bolsos atonetados de limões,

tendo sob o braço esquerdo, de encontro ao seio, caixas de charutos, balaios, cestinhas e caixas de papelão repletos das mesmas provisões.

E as pontarias faziam-se certeiras, a agua jorrava em diluvios, os chapéus de sol abertos surdiam d'aqui e d'ali, tudo isso ao som das vaías, da vozeria, das descomposturas, do barulho, do descer e subir escadas, até que anoitecia.

Algumas familias mandavam encher gamellas, que deixavam um pouco para dentro da porta da rua, enquanto ao largo passeavam, de cá para lá, dois ou mais escravos.

Ao signal que dava a senhora moça, que espiava da janella, o transeunte era agarrado e mettido á força no preparado banho, do qual safava-se esperneando como um enforcado e molhado dos pés á cabeça.

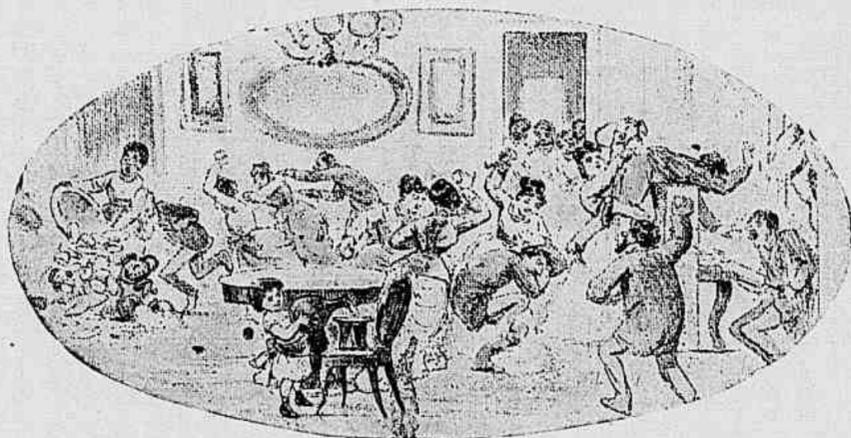
Os tiroteios de vizinho para vizinho entretinham-se sem tréguas não havendo mãos a medir á prodigiosa quantidade de limões de cheiro que se gastavam. Especialmente nas ruas da Quitanda, Ottrives e Ouvidor, os rapazes faziam uma especie de Judas, de tamanho natural, atado á cintura por uma corda cuja extremidade amarravam ao batente de uma janella ou a uma sacada.

Apenas um individuo passava em baixo, a r g a v a m de repente a figura, que cahia-lhe na frente e o assustava, e, para cural-o do susto, empurravam-lhe por cima uma bacia d'agua.

Este gracejo de reprovado gosto, a introdução do vermelhão, dos pós de sapatos e do pixe no jogo do entrudo, deram motivo a conflictos e justas reclamações, do mesmo modo



SCENAS DE ENTRUDO EM 1888. (Desenho de A. Agostini)



O ENTRUDO NAS VESPERAS DA REPUBLICA. (Desenho de A. Agostini)



UMA SERINGA...



OUTRA SERINGA...

Pernambuco

por Gonçalves Maia

O povo pernambucano tem uma vida agitada. A sua historia é um martyrologio. Em geral a historia dos povos não é outra cousa. Dir-se-ia que o seu sangue não serve senão para ser derramado por ideias. E, no povo pernambucano, esses ideias têm sido, desde os primeiros tempos, os da libertação do povo ou do territorio.

A chamada *Restauração de Pernambuco*, que integralisou definitivamente a nacionalidade brasileira, não foi senão uma revolução pernambucana, uma revolta contra o poder constituído dos holandezes naquella parte do territorio nacional. E, nessa revolta, como se lê nos *Desaggrados do Brasil*, "excederam os pernambucanos aos Scipiones, Pompeos, Camillos e Cesares, e, no zelo da religião, aos Numas".

O conquistador bätavo se transformára em tyranno. Era preciso derrubal-o, era preciso depol-o, expulsal-o:

"Queriam os pernambucanos a todo transe libertar-se da oppressão. Para recuperarem a nacionalidade antiga, sendo possível; no caso contrario, por outro qualquer meio, de toda maneira, queriam, porém, a liberdade." (Lucio de Azevedo. Revista do Instituto Historico, vol. 78, pag. 292).

Abandonados á sua sorte, dentro e fóra do paiz, nem por isso arrefeceu a sua energia e o seu espirito de revolta.

Essa campanha elles fizeram sós. A expedição do Conde de Villa Pouca trazia carta para unicamente defender Taparica (Bahia) e não passar dahi. As intrigas do padre Antonio Vieira, alliadas á covardia da corte de D. João IV, teriam vendido Pernambuco á Companhia das Indias, isto é, aos holandezes, se a victoria dos Guararapes não trouxesse uma alma nova á revolução e não decidisse da victoria.

O Brasil vencêra pelo braço pernambucano e pela bravura pernambucana de André Vital de Negreiros, a alma dessa victoria.

Ninguém ignora que de um gesto seu dependia tudo. Quando o governador geral Telles da Silva mandou que elle e Martim Soares Moreno deixassem Pernambuco, que abandonassem a campanha contra os holandezes, e fossem para a Bahia. "pois não convinha que o mundo suspeitasse que se estava violando a paz entre a corôa e os Estados Gerais", Martim Moreno foi, mas Vital de Negreiros ficou, como bom pernambucano que era. Ficou e venceu.

Não fóra Portugal; fóra Pernambuco; foram os pernambucanos, principalmente os pernambucanos, e que após 24 annos de uma dominação estrangeira, se insurgiram, se revoltaram contra esse governo, para nos restituírem a patria e a religião que ainda possuímos.



JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA

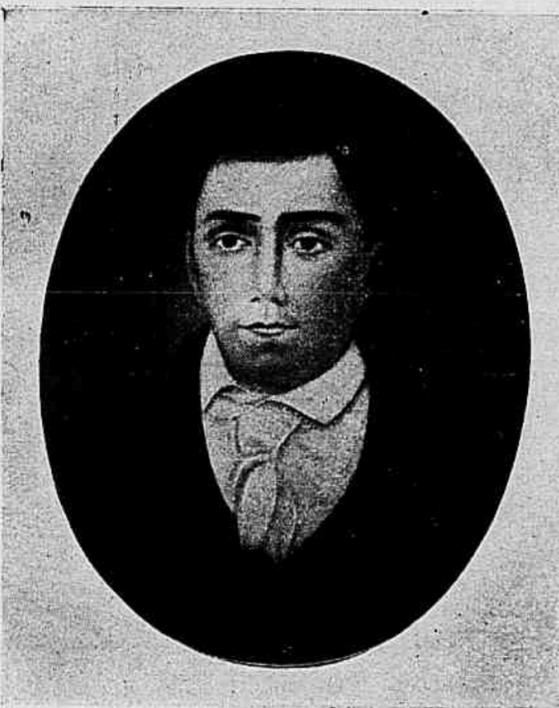
Os acontecimentos que se acabam de relatar, a victoria dos pernambucanos, o seu caracter puramente local, a categoria dos homens que nelles tomaram parte, todos nobres, ou quasi nobres, davam aos vencedores uma ascendencia e um amor proprio a que não podiam ser estranhas as virtudes nativas do sangue, creando ao mesmo tempo uma hostilidade das classes inferiores, formadas principalmente dos elementos portuguezes e colonisadores. É um phenomeno commum a hostilidade entre o na-

tural e o colonizador, verdadeiro odio, que só o tempo desfaz.

As lutas que vão seguir, no terreno da politica, trazem a marca dessas rivalidades. E' nessas rivalidades mesmo que se vão inspirar muitas vezes.

Sessenta annos depois a victoria sobre o holandez accendia ainda as lutas regionalistas.

O dominio dos governadores nomeados pela me-



VICENTE FERREIRA DOS GUIMARÃES PEIXOTO

trópole nunca foi benigno. O governador e o senhor se confundiam. Castro e Caldas não escapou á regra. As suas hostilidades ao elemento nativo e nobre, que acabava de restituir o Brasil aos brasileiros, expulsando o bätavo, creavam-lhe uma situação difficil no governo. Necessitando de um apoio politico, foi buscal-o nos adversarios dos vencedores, nas classes inferiores, nos *mascates*, que eram o elemento popular portuguez, fixado, não na velha Olinda, a capital nobre dos vencedores, mas na pequena cidade incipiente que era o Recife.

Era atirar Recife contra Olinda; os *mascates* contra a nobreza.

A atmosphera de hostilidade se carregara nos attrictos de todo dia, nas lutas, nos conflictos, nas intrigas, nas delações. As prisões de homens conceituados como Leonardo Bezerra, Manoel Bezerra, Manoel Barbalho, Afonso de Albuquerque Mello e outros exasperaram os pernambucanos de estirpe. Era evidente o intuito de desmoralisar os *fidalgos*.

A 17 de Outubro de 1710, ao passar na actual rua das Aguas Verdes (Lomas Valentinas), Castro Caldas, o governador, no meio de um sequito de mais de vinte companheiros, recebe varios tiros disparados do interior de uma casa. As balas, porém, não o mataram.

O incidente só conseguira fazer recrudescer os seus odios contra os pernambucanos e as suas sympathias pelos *mascates*. E, ao mesmo tempo que numerosas forças são enviadas para todos os pontos do interior, afim de effectuar prisões de todos os que não fossem seus adeptos, elle, Castro Caldas, eleva o Recife a villa.

As forças enviadas para o interior são, porém derrotadas.

E os victoriosos, tendo á sua frente Bernardo Vieira de Mello, entram triumphantes no Recife, demolindo o pelourinho, symbolo, como a Bastilha, da tyrannia official.

Era já uma revolução, tomando um curso que nem sempre entra nas cogitações dos dirigentes. Já agora não é Olinda contra Recife. E' a republica que é preciso fazer. E' o jugo de Portugal que é preciso sacudir. Castro e Caldas foge.

E Bernardo Vieira de Mello, no Senado de Olinda, em 1710, muitos annos antes de *Tiradentes*, proclama a fórma republicana, nos adiantados moldes da epoca, como era então comprehendida, no typo da republica de Veneza.

A nova republica veneziana tinha porém os seus dias contados.

Fructo extemporaneo de uma epoca profunda-

mente monarchica e num terreno mal preparado para as ideias republicanas, a joven republica não encontrou no elemento popular, até então hostile, o apoio que lhe seria necessario contra a reacção official. Ao contrario.

Bernardo Vieira é preso, encarcerado e condemnado á morte. Não é executado, por se entender que era incompetente o tribunal que o condemnara.

Remettido para Lisboa, recolhido á cadeia do Limoeiro, ahi morre amortalhado na idéa republicana, que desfraldára com tanta bravura.

◆◆◆

A aristocratica e ephemera republica veneziana de 1710 teria de dar logar ás ideias democraticas, que enchiam o ambiente universal um seculo depois.

O novo seculo XIX trazia avolumada a immensa maré dos novos ideias politicos.

A liberdade e a republica buscavam um ponto de apoio no reducto das associações secretas, ou maçonicas, das sociedades literarias, das *academias*. Eram os *doutrinarios da liberdade* que pretendiam revolucionar o mundo, eram os *inimigos da autoridade real*, os *aboliconistas da tyrannia dos reis*, os apostolos dos novos ideias.

Em Pernambuco, trabalhado já pelas ideias revolucionarias, esses novos ideias iam acolher-se tambem nas sociedades maçonicas, então secretas. Duas se destacavam: *Pernambuco do Oriente* e *Pernambuco do Occidente*.

Foi nesse ambiente de *agarchia*, como se dizia então, officialmente, que se fecundou a futura revolução de 1817, alimentada pelos desgostos geraes, pelos novos tributos de dinheiro e de sangue. De dinheiro, porque todos os impostos foram augmentados. O assucar, o fumo, o algodão, a aguardente pagavam, além dos velhos impostos, mais outros a que davam nomes diversos, até de *literarios*. O gado, os couros, a libra de carne nos açougues, as patentes, tudo augmentou. Creava-se ainda o *sello do papel* e das procurações.

Vinha depois o tributo de sangue. Portugal declarava guerra á França, occupava a Guyanna e exigia dos pernambucanos mil homens para a guerra.

A isso accrescia a corrupção administrativa. Tudo excitava á revolta; e á sua frente se puzera o grupo infatigavel dos Domingos José Martins, padre João Ribeiro, Cabugá, Domingos Theotônio, José de Barros, Pedroso (capitão de artilharia), José Mariano e Manoel de Souza Teixeira (tenentes).

Governava então Pernambuco Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que não procurava amenisar as rivalidades entre os naturaes e os portuguezes.

Um conflicto havido na festa de Nossa Senhora



MANOEL DE CARVALHO PAES DE ANDRADE

da Estancia, em que um official preto, do batalhão dos Henriques, surrara um portuguez, originara talvez a explosão.

A parcialidade do governo pelos portuguezes foi mal recebida. As prisões de Domingos Theotônio e outros excitaram os naturaes. O capitão Pedroso mata a tiros o tenente-coronel Alexandre secretario do governador. O capitão José Victoriano, que conduzia preso a Domingos Theotônio, é atravessado por um espada.

ponto de apoio ao grosso cabo de p o a barriga do portador,   pressão gradualmente exercida, o longo esguicho lanava água nas pessoas dos sobrados e nos individuos que procuravam fugir.

Das vendas, dos cantos das ruas, de todos os largos e praças da cidade, a negralhada, a chusma dos moleques em fraldas de camisa acudia   approximação de uma negra de quitanda, de pretos velhos que caminhavam rogando pragas, soltando improperios, e os encharcava de novo, barreava-lhes de vermelhão e alvaiade os cabellos e a cara, tornando-os risiveis e medonhos.

Os baldes, as cuias, os regadores, as bacias cheias d'água, os foliões despejavam entre si e sobre a gente de sua igualha que circula-



NO TEMPO DE D. JOÃO VI
(Desenho de Debret)

que os caroços cobertos de c era, com que alguns perversos entendiam divertir-se, ocasionando accidentes.

Em razão desses desregramentos, das contendas repetidas, do prejuizo resultante   saude publica, o entrudo foi prohibido, baixando ordem terminante da policia para serem multados os fabricantes de limões, presos os vendedores, inutilizados os taboleiros, recebendo cada pedestre 4\$000 de gorgeta, por pretinho negociante que levasse seguro pelo c s da calça.

Os abusos, porém, não desnaturalavam a graça do folguedo, o muito que elle tinha em si de attrahente e agradavel. Entre gente fina era de estylo os cavalheiros submettem-se  s abundantes molhadelas do bello sexo, que se tornava implacavel nesses dias.

Improvisando casos graves, novidade curiosa, negocio de interesse, as familias mandavam avisos a parentes e intimos, que não tardavam a correr ao reclamo.

Uma vez na sala de visitas, eram surprehendidos por uma ou mais pessoas da casa, que, tomando-lhes a dianteira, os recebiam com uma saraivada de limões, muita algazarra e muita gargalhada.

Do brinquedo do entrudo, influentes existem que ainda se lembram das bellas pontarias que fizeram, dos alvos que

atingiram, dos deliciosos namoros que entabolaram naquellas tardes que se foram, e de cujo crepusculo apenas um ou outro raio lhes esclarece a noite sombria da saudade."

Essas reminiscencias não de interessar a gente nova, que faz do

carnaval a preocupação do anno inteiro... A bem dizer, na capital do Brasil o carnaval vive sempre, com maior barulho nos tres grandes dias, mas em  co pelos mezes todos...

Este anno, por exemplo, desde a primeira madrugada de Janeiro, elle andou a ensaiar a entrada definitiva. Nem o facto de cahir na quarta-feira de cinzas o dia da eleição presidencial arrefeceu o entusiasmo...

Momo não tarda; quando chegar, tudo lhe pertencer ... As ruas se apinhar o, atapetadas de confetti, enroladas em serpentinas, cheirando a ether, delirantemente. Como a liberdade se desenfria nesta época, todos os poetas desconhecidos se revelam, sem obstaculos, e até com applausos...

As cantigas carnavalescas, que são uma originalidade nossa, nascem, crescem e se multiplicam,  s centenas, aos milhares. Cada rancho, cada cordão, cada grupo tem o seu hymno especial, com letra estapafurdia, em versos futuristas, e musica... dolorosa... Dessas cantigas nem todas morrem, ao entrar da Quaresma.

Muitas ficam na memoria da população e nos discos dos gramophones. Ficam e, pelo tempo f ra, recordam o prazer das horas perdidas, perdidas ou ganhas porque, já descobrira Camillo, tudo que nos alegra, seja poema ou tolice, é sempre um raio da misericordia divina...



UM PRESTITO, NA TERÇA-FEIRA GORDA, HA QUARENTA E CINCO ANNGS... (Desenho de Angelo Agostini)

Os estudantes, os filhos-familias e homens serios por sua idade e collocação social, não resistindo   tentac o do brinquedo, percorriam diversos bairros, com os bolsos atopetados de limões,

tendo sob o braço esquerdo, de encontro ao seio, caixas de charutos, balaios, cestinhas e caixas de papelão repletos das mesmas provisões.

  as pontarias faziam-se certas, a água jorrava em diluvios, os chap es de sol abertos surdiam d'aqui e d'ali, tudo isso ao som das vaias, da vozeria, das desconposturas, do barulho, do descer e subir escadas, até que anoitecia.

Algumas familias mandavam encher gamellas, que deixavam um pouco para dentro da porta da rua, enquanto ao largo passeavam, de c  para l , dois ou mais escravos.

Ao signal que dava a senhora moça, que espiava da janella, o transeunte era agarrado e mettido   força no preparado banho, do qual safava-se esperneando como um enforcado e molhado dos p s   cabeça.

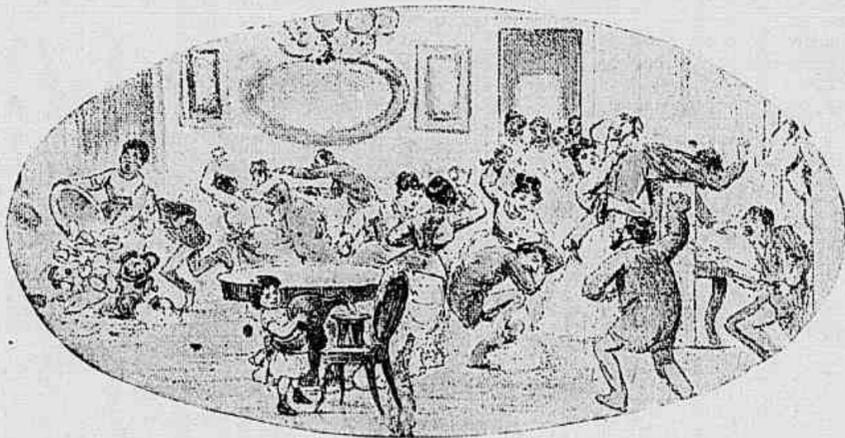
Os tiroteios de vizinho para vizinho entretinham-se sem treguas não havendo mãos a medir   prodigiosa quantidade de limões de cheiro que se gastavam. Especialmente nas ruas da Quitanda, Oturives e Ouvidor, os rapazes faziam uma especie de Judas, de tamanho natural, atado à cintura por uma corda cuja extremidade amarravam ao batente de uma janella ou a uma sacada.

Apenas um individuo passava em baixo, largavam de repente a figura, que cahia-lhe na frente e o assustava, e, para cural-o do susto, empurravam-lhe por cima uma bacia d' gua.

Este gracejo de reprovado gosto, a introducão do vermelhão, dos p s de sapatos e do pixe no jogo do entrudo, deram motivo a conflictos e justas reclamações, do mesmo modo



SCENAS DE ENTRUDO EM 1888. (Desenho de A. Agostini)



O ENTRUDO NAS VESPERAS DA REPUBLICA. (Desenho de A. Agostini)



UMA SERINGA...



OUTRA SERINGA...

Pernambuco

por Gonçalves Maia

O povo pernambucano tem uma vida agitada. A sua historia é um martyrologio. Em geral a historia dos povos não é outra cousa. Dir-se-ia que o seu sangue não serve senão para ser derramado por ideaes. E, no povo pernambucano, esses ideaes têm sido, desde os primeiros tempos, os da libertação do povo ou do territorio.

A chamada *Restauração de Pernambuco*, que integralizou definitivamente a nacionalidade brasileira, não foi senão uma revolução pernambucana, uma revolta contra o poder constituído dos holandezes naquella parte do territorio nacional. E, nessa revolta, como se lê nos *Desaggravos do Brasil*, "excederam os pernambucanos aos Sciphões, Pompêos, Camillos e Cesares, e, no zelo da religião, aos Numas".

O conquistador bätavo se transformára em tyranno. Era preciso derrubal-o, era preciso depol-o, expulsal-o:

"Queriam os pernambucanos a todo transe libertar-se da oppressão. Para recuperarem a nacionalidade antiga, sendo possível; no caso contrario, por outro qualquer meio, de toda maneira, queriam, porém, a liberdade." (Lucio de Azevedo. Revista do Instituto Historico, vol. 78, pag. 292).

Abandonados á sua sorte, dentro e fóra do paiz, nem por isso arrefeceu a sua energia e o seu espirito de revolta.

Essa campanha elles fizeram sós. A expedição do Conde de Villa Pouca trazia carta para unicamente defender Taparica (Bahia) e não passar dahi. As intrigas do padre Antonio Vieira, alliadas á covardia da cörte de D. João IV, teriam vendido Pernambuco á Companhia das Indias, isto é, aos holandezes, se a victoria dos Guararapes não trouxesse uma alma nova á revolução e não decidisse da victoria.

O Brasil vencêra pelo braço pernambucano e pela bravura pernambucana de André Vital de Negreiros, a alma dessa victoria.

Ninguém ignora que de um gesto seu dependeria tudo. Quando o governador geral Telles da Silva mandou que elle e Martim Soares Moreno deixassem Pernambuco, que abandonassem a campanha contra os holandezes, e fossem para a Bahia. "pois não convinha que o mundo suspeitasse que se estava violando a paz entre a corôa e os Estados Geraes", Martim Moreno foi, mas Vital de Negreiros ficou, como hom pernambucano que era.

Ficou e venceu.

Não fóra Portugal; fóra Pernambuco; foram os pernambucanos, principalmente os pernambucanos, e que após 24 annos de uma dominação estrangeira, se insurgiram, se revoltaram contra esse governo, para nos restituírem a patria e a religião que ainda possuímos.



JOSÉ LUIZ DE MENDONÇA

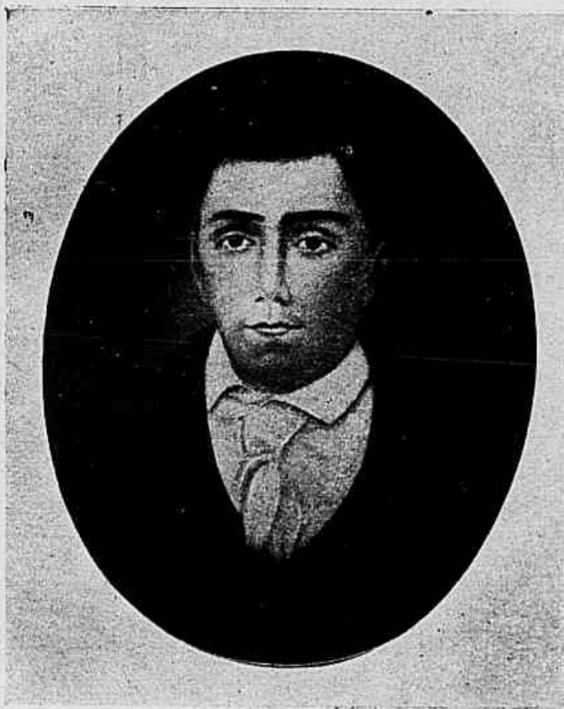
Os acontecimentos que se acabam de relatar, a victoria dos pernambucanos, o seu character puramente local, a categoria dos homens que nelles tomaram parte, todos nobres, ou quasi nobres, davam aos vencedores uma ascendencia e um amor proprio a que não podiam ser estranhas as virtudes nativas do sangue, creando ao mesmo tempo uma hostilidade das classes inferiores, formadas principalmente dos elementos portuguezes e colonisadores. E' um phenomeno commum a hostilidade entre o natu-

ral e o colonizador, verdadeiro odio, que só o tempo desfaz.

As lutas que vão seguir, no terreno da politica, trazem a marca dessas rivalidades. E' nessas rivalidades mesmo que se vão inspirar muitas vezes.

Sessenta annos depois a victoria sobre o holandez accendia ainda as lutas regionalistas.

O dominio dos governadores nomeados pela me-



VICENTE FERREIRA DOS GUIMARÃES PEIXOTO

tropole nunca foi benigno. O governador e o senhor se confundiam. Castro e Caldas não escapou á regra. As suas hostilidades ao elemento nativo e nobre, que acabava de restituir o Brasil aos brasileiros, expulsando o bätavo, creavam-lhe uma situação difficil no governo. Necessitando de um apoio politico, foi buscal-o nos adversarios dos vencedores, nas classes inferiores, nos *mascates*, que eram o elemento popular portuguez, fixado, não na velha Olinda, a capital nobre dos vencedores, mas na pequena cidade incipiente que era o Recife.

Era atirar Recife contra Olinda; os *mascates* contra a nobreza.

A atmosphera de hostilidade se carregara nos attrictos de todo dia, nas lutas, nos conflictos, nas intrigas, nas delações. As prisões de homens conceituados como Leonardo Bezerra, Manoel Bezerra, Manoel Barbalho, Affonso de Albuquerque Mello e outros exasperaram os pernambucanos de estirpe. Era evidente o intuito de desmoralisar os *fidalgos*.

A 17 de Outubro de 1710, ao passar na actual rua das Aguas Verdes (Lomas Valentinias), Castro Caldas, o governador, no meio de um sequito de mais de vinte companheiros, recebe varios tiros disparados do interior de uma casa. As balas, porém, não o mataram.

O incidente só conseguira fazer recrudescer os seus odios contra os pernambucanos e as suas sympathias pelos *mascates*. E, ao mesmo tempo que numerosas forças são enviadas para todos os pontos do interior, afim de effectuar prisões de todos os que não fossem seus adeptos, elle, Castro Caldas, eleva o Recife a villa.

As forças enviadas para o interior são, porém, derrotadas.

E os victoriosos, tendo á sua frente Bernardo Vieira de Mello, entram triumphantes no Recife, demolindo o pelourinho, symbolo, como a Bastilla, da tyrannia official.

Era já uma revolução, tomando um curso que nem sempre entra nas cogitações dos dirigentes. Já agora não é Olinda contra Recife. E' a republica que é preciso fazer. E' o jugo de Portugal que é preciso sacudir. Castro e Caldas foge.

E Bernardo Vieira de Mello, no Senado de Olinda, em 1710, muitos annos antes de *Tiradentes*, proclama a fórmula republicana, nos adiantados moldes da epoca, como era então comprehendida, no typo da republica de Veneza.

A nova republica veneziana tinha porém os seus dias contados.

Frueto extemporaneo de uma epoca profunda-

mente monarchica e num terreno mal preparado para as idéas republicanas, a joven republica não encontrou no elemento popular, até então hostile, o apoio que lhe seria necessario contra a reacção official. Ao contrario.

Bernardo Vieira é preso, encarcerado e condemnado á morte. Não é executado, por se entender que era incompetente o tribunal que o condemnara.

Remettido para Lisboa, recolhido á cadeia do Limoeiro, ahi morre amortalhado na idéa republicana, que desfraldára com tanta bravura.



A aristocratica e ephemera republica veneziana de 1710 teria de dar lugar ás idéas democraticas, que enchiam o ambiente universal um seculo depois.

O novo seculo XIX trazia avolumada a immensa maré dos novos ideaes politicos.

A liberdade e a republica buscavam um ponto de apoio no reducto das associações secretas, ou maçonicas, das sociedades literarias, das *academias*. Eram os *doutrinarios da liberdade* que pretendiam revolucionar o mundo, eram os *inimigos da autoridade real*, os *aboliconistas da tyrannia dos reis*, os apóstolos dos novos ideaes.

Em Pernambuco, trabalhado já pelas idéas revolucionarias, esses novos ideaes iam acolher-se tambem nas sociedades maçonicas, então secretas. Duas se destacavam: *Pernambuco do Oriente* e *Pernambuco do Occidente*.

Foi nesse ambiente de *ayarchia*, como se dizia então, oficialmente, que se fecundou a futura revolução de 1817, alimentada pelos desgostos geraes, pelos novos tributos de dinheiro e de sangue. De dinheiro, porque todos os impostos foram augmentados. O assucar, o fumo, o algodão, a aguardente pagavam, além dos velhos impostos, mais outros a que davam nomes diversos, até de *literarios*. O gado, os couros, a libra de carne nos açougues, as patentes, tudo augmentou. Creava-se ainda o *sello do papel* e das procurações.

Vinha depois o tributo de sangue. Portugal declarava guerra á França, occupava a Guyanna e exigia dos pernambucanos mil homens para a guerra.

A isso accrescia a corrupção administrativa. Tudo excitava á revolta; e á sua frente se puzera o grupo infatigavel dos Domingos José Martins, padre João Ribeiro, Cabugá, Domingos Theotónio, José de Barros, Pedroso (capitão de artilharia), José Mariano e Manoel de Souza Teixeira (tenentes).

Governava então Pernambuco Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que não procurava amenisar as rivalidades entre os naturaes e os portuguezes.

Um conflicto havido na festa de Nossa Senhora



MANOEL DE CARVALHO PAES DE ANDRADE

da Estancia, em que um official preto, do batalhão dos Henriques, surrára um portuguez, originara talvez a explosão.

A parcialidade do governo pelos portuguezes foi mal recebida. As prisões de Domingos Theotónio e outros excitaram os naturaes. O capitão Pedroso mata a tiros o tenente-coronel Alexandre secretario do governador. O capitão José Victoriano, que conduzia preso a Domingos Theotónio, é atravessado por um espada.

Era a revolução.

A noticia de que ella já fôra victoriosa correrá por toda parte. O governador foge. No delirio do momento, os presos das cadeias são postos em liberdade. E' impossivel deter o passo ás multidões amotinadas e evitar os crimes commettidos em nome da liberdade.

Era a revolução no seu aspecto inconfundivel. Era a republica em todos os corações. Os proprios soldados e officiaes do exercito



GERVASIO PIRES FERREIRA

arrancam das barretinas as armas reaes e as jogam nas ruas.

Um bando foi espalhado, proclamando o governo provisório do Povo, João Ribeiro, capitão Domingos Theotônio, José Luiz de Mendonça, Manoel Correia de Araujo e Domingos José Martins. Uma outra proclamação separa Pernambuco do resto do Paiz.

Parahyba e Rio Grande do Norte adterem. As armas reaes são destruidas. O tratamento de *senhoria* é trocado pelo de *vós* ou pelo de *patriota*.

Todas as revoluções se parecem.

Mas a nova republica está ainda condemnada a ter uma vida ephemera.

Impotente para resistir á reacção monarchica, ella succumbe.

Luiz do Rego, o algoz diabolico, se encarrega do resto, isto é, do martyrio de todos os patriotas, que pagam com a vida e com a liberdade a illusão republicana.



Pernambuco nunca deixou arrefecer o seu amor pela liberdade e o seu rancor por todas as tyrannias, quaesquer que sejam as fórmãs dessas tyrannias. O Brasil atravessava um periodo de agitação politica. O Sete de Setembro, em 1822, embalava ainda os espiritos na illusão da Independencia, quando o imperador dissolve a constituinte em 12 de Novembro de 1823, golpe que o *Typhis Pernambucano*, de Frei Caneca, compara ao 18 *Brumario*.

Foi o motivo immediato allegado, a razão directa talvez. E' o que consta do *manifesto* de Paes de Andrade.

Mas a propaganda republicana já vinha se'e annos antes, de 1817, que a força e os supplicios infligidos por Luiz do Rego, aos patriotas, não conseguiram asphixiar.

O martyrio faz o odio.

Nesse mesmo *Typhis*, Cypriano Barata, no seu ardor separatista, exclamava :

— *Do Rio nada! Nada queremos do Rio!*

Um republicano governava a provincia: Manoel de Carvalho Paes de Andrade, esse mesmo que exclamava, sete annos antes: *Republica! Só Republica! Morra para sempre a tyrannia real!*

O povo ficára, portanto, o mesmo. A alma revolucionaria a mesma. As idéas de 17 se renovavam. A vida pernambucana transcorre assim numa atmosphera francamente revolucionaria e irriquieta: dous factos precipitam os acontecimentos: a dissolução da Constituinte e a nomeação do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, para substituir a Manoel de Carvalho e *prevenir assim os rumores revolucionarios*.

Manoel de Carvalho recusa entregar o governo. A sua rebeldia desafia a colera imperial.

Era a revolução de 1824.

Manoel de Carvalho proclama então a *Confederação do Equador* :

— *Pernambucanos!*

A's armas! Viva a Confederação do Equador! Viva o valente povo pernambucano!

A guarnição fica ao lado de Manoel de Carvalho e do povo.

Mas, bloqueado pelo mar, cercado e combatido por terra, pelas peças vindas da Bahia e Alagoas, a posição de Manoel de Carvalho é insustentavel. Em 12 de Setembro, Lima e Silva toma o Recife de surpresa, ajudado pela esquadra de Cockrane. Manoel de Carvalho refugia-se a bordo da corveta in-



DOMINGOS JOSÉ MARTINS

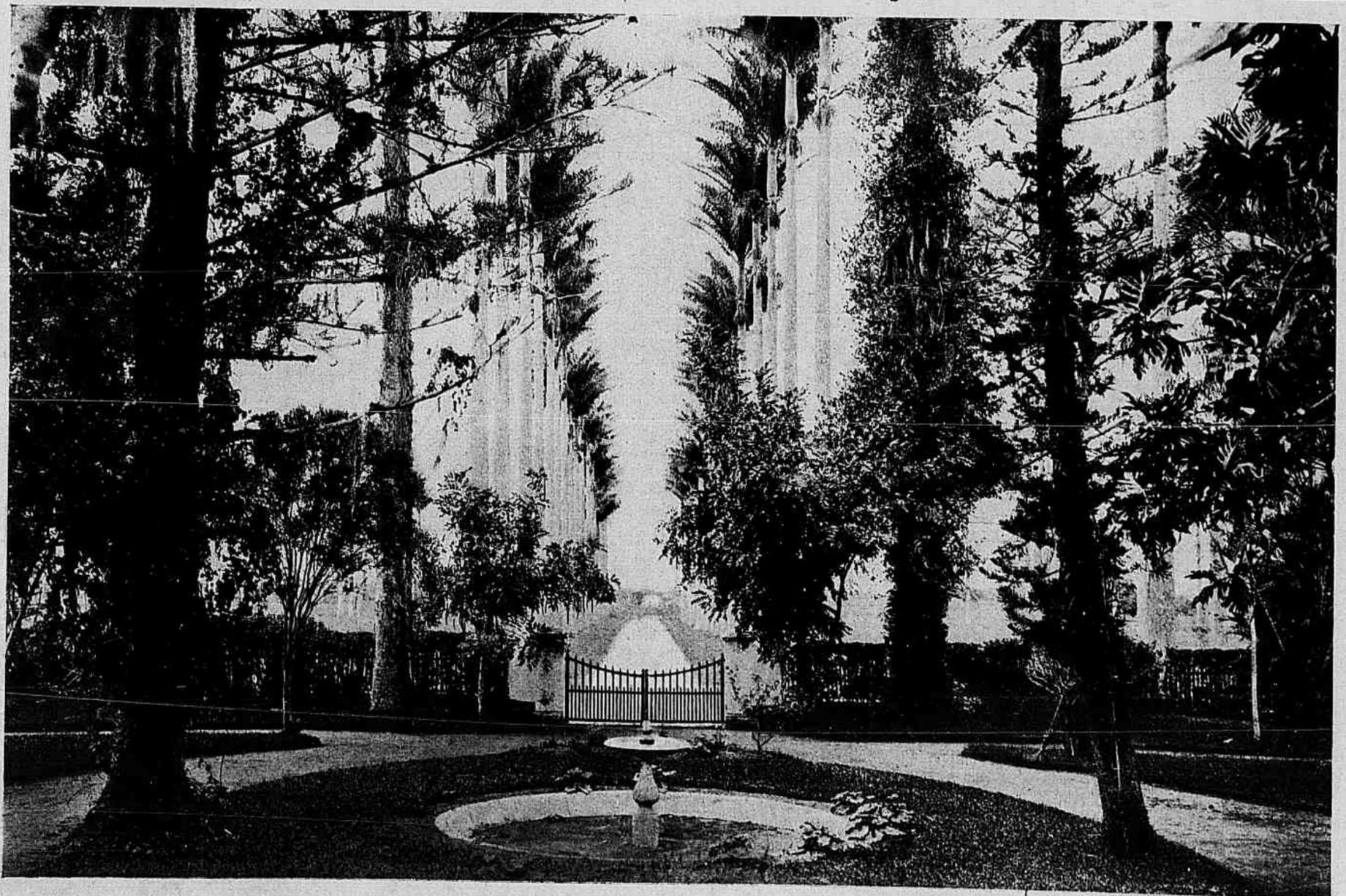
gleza *Tweed*. A revolução é jugulada, Frei Caneca, condemnado á força, é fuzilado, porque não ha um só carrasco que o queira enforcar.

Lazaro Fontes, Antonio Macario, Agostinho Bezerra, Antonio Monte são enforcados. Outros patriotas são fuzilados ainda, sem que arrefeça o ardor da liberdade.

Foi mais uma tentativa esmagada pela força.

Essas quatro revoluções pernambucanas deram ao grande povo a fama heroica de *amante da liberdade*.

O seu sangue não tem servido senão para ser por ella derramado. No passado e no futuro.



ESTADO DO RIO DE JANEIRO — QUISSAMAN — ENTRADA DE UMA FAZENDA



(Porém a terra em si é de muitos bons ares, assim frios e temperados...)

Em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, dar-se-á nella tudo, por bem das aguas que tem.)

Carta de P. Vaz Caminha.

+ Santa Cruz, 1^o de Maio de MD.

QUEM patrioticamente se der ao trabalho de pesquisar a origem local da nossa descoberta e tiver o zelo patriótico de observar a primeira parte de terra brasileira palmilhada pelos nossos valerosos descobridores, tem de certo uma profundissima e lamentavel magoa, em observar o abandono e a negligencia em que deixámos entregues, por tantos seculos, esse nucleo matricial de todo esse portentoso e extenso territorio que se estende desde a Serra de Paracaina ao septentrião, até o arroio Chuy, ao meio dia e desde o Cabo Branco, ao rio Javary — de oriente ao occidente.

Não se pode conjecturar nacionalmente, como em um paiz adeantado, onde vive uma população culta e generosa e que tem dado de si tantas e indubitaveis provas de magnanimidade e fidalguia, se deixe ao olvido absoluto, com assentimento perenne dos seus dirigentes, o berço memoravel e carinhoso de sua Nação, o orgulho auspicioso de uma nobilissima raça de heróes, dos quaes com tanto orgulho descendemos, e que deveria ficar para sempre assignalada com o fausto nacional de uma cidade historica, aquelle nucleo glorioso de terra, que é bem a madre fecunda ege-trice de toda a Patria, vinculada ao além-mar. Nem os memoraveis feitos do 4^o Centenario da Descoberta do Brasil, nem as obras dos nossos Institutos Historicos e Associações religiosas cogitaram ainda de fazer ver ao governo e sentir á Nação, que a terra de Vera Cruz, a gloria de Cabral, não pôde continuar no abandono, no desprezo absoluto, na indifferença criminosa e na decadencia em que se encontra de um villarejo esboroadado, da mais infima ordem, habitado por 1500 almas de pescadores e agrarios sem estímulo.

E' verdade que os esforços dessa patriótica acção congregada deveriam partir do seio da antiga Metropole do Brasil — a Bahia — dos seus governos e do seu Instituto Historico, que aliás muito tem feito para elucidar o testemunho de Caminha sobre aquelle verdadeiro logar da descoberta, mandando em 1899 uma commissão a Santa Cruz, e que deu cabal desempenho, satisfazendo a melindrosa tarefa de que por elle foi incumbida e sobre a qual publicou em 1900 o primeiro trabalho que designou por: "A Bahia Cabralia e Vera Cruz".

Entretanto, dado esboço ao patriótico empreendimento, depois do 4^o Centenario da Descoberta do Brasil a 3 de Maio de 1900, não se cogitou mais de fazer em Vera Cruz os beneficios de que a villa necessita, tornando-a o primor do Brasil, povoando-a, civilisando-a, incrementando e vitalisando a formosa madre do paiz, a gloria maior de todas as descobertas maravilhosas do Novo Mundo.

Vera Cruz, que devia por direito de primogenitura, ser a cidade modelo, a *urbs* formosura, a joia mais linda da nossa grandeza, o escrinio do nosso amor patrio, é o velho e desprezível povoado em ruinas que se encontra secularmente olvidado no sul da Bahia, desde o dia festivo de 23 de Julho de 1835, o segundo jubileo de sua vida em que recebia engalanada um Decreto do Presidente da Provincia elevando-a a categoria de villa.

O abandono em que se encontra a linda terra de Cabral é clamoroso e criminoso, porque melhor-a, engrandecel-a á altura dos seus providenciaes destinos, é um de-

Uma digressão patriótica á actual
Vera Cruz, com um golpe de vista sobre
o estado de abandono em que se encontra o
logar da descoberta do Brasil.
por Paschoal de Moraes

ver patriótico, um culto ao sentimento civico da Nação e da tradição nacional.

Demora ao sul da Bahia Cabralia, a villa de Santa Cruz, outr'ora a povoação veneranda de Vera Cruz, fundada por Campo Tourinho. Tem-se passado já do auspicioso descobrimento 422 annos e nenhum filho dessa terra ditosa, cogitou ainda de emprehen-

der uma campanha generosa com o fim patriótico e justissimo de fazer do velho e olvidado povoado primaz — a Civitas modelo, a *urbs* do progresso, a cidade privilegiada de Santa Cruz, a gloria mais portentosa e fecunda das descobertas lusitanas: a séde, a madre genitora do Brasil.

Convenhamos, pois, que temos relegado ao mais clamoroso e negligente abandono este logar escondido e venturoso, cheio de evocações gratas, esta terra santa e fecunda que é bem o coração do paiz, o amago da Nação e para onde deveriam convergir todo nosso carinho e ternura, todo nosso amor, todo o nosso empenho e anceo de progresso, grandeza e amor patrio.

O leitor que talvez não conheça bem a terra matriz da nossa patria, recapitule summaria e espiritualmente conosco a carta de Caminha e venha em pensamento observar o que é Vera Cruz, com os seus formosissimos pincaes, seus cabeços alcandorados, suas florestas lindas e sua magestosa e en-

can ta dora Bahia onde se penteiam os mansos regatos Mutary e Yáyá, e de cujas aguas saborosas do penultimo se abasteceu a esquadra de Cabral.

O que logo assalta o espirito de quem chega a Santa Cruz — é ver o Monte Paschoal, o index portentoso com que Deus apoitou á frota portugueza as terras promissoras do Novo Mundo.

O Monte Paschoal está situado na latitude de 16° 53'20" sul e na longitude de 39° 25'05", ou em tempo de 2 h. e 38 m. oeste de Greenwich. Tem uma altitude de 536 metros e é visivel a olhos desarmados a uma distancia de 16 leguas.

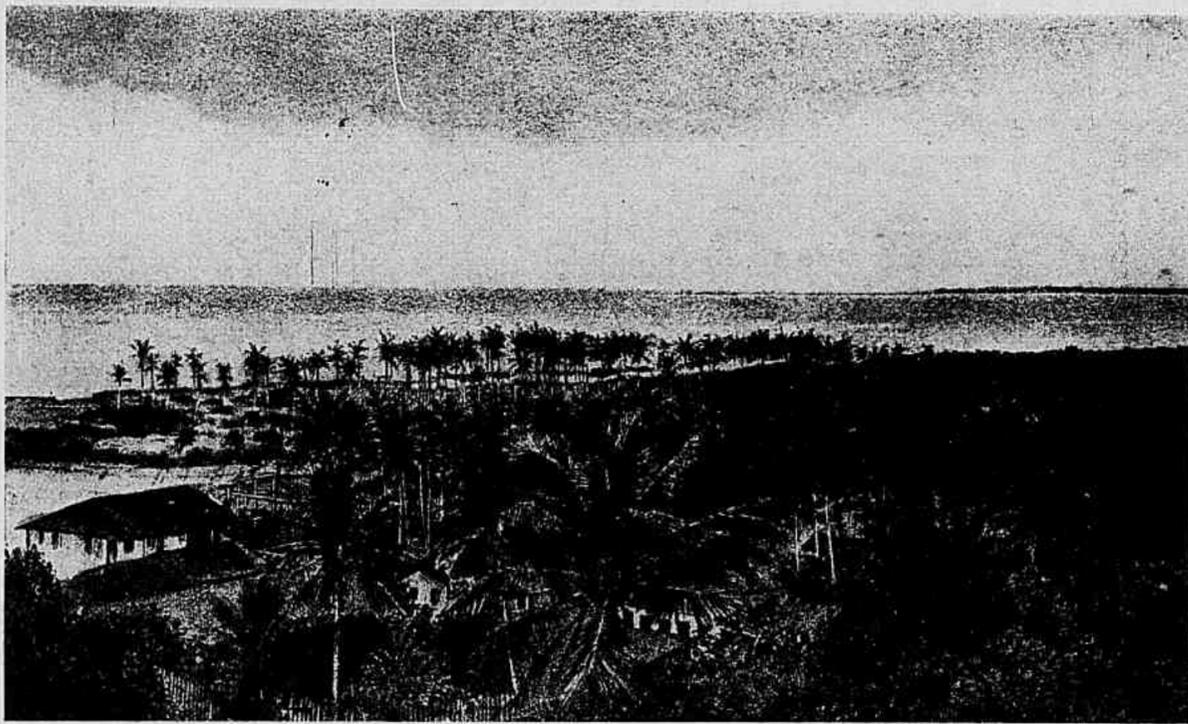
Vista de leste e de nordeste, esta montanha apparece como um cabeço isolado de forma arredonda, ligeira mente conica, dominando as terras circunvizinhas, mas de sueste, vê-se acompanhado de muitos cabeços menos elevados e de um pico muito notavel, tendo a forma cylindrica de uma grossa torre sobre o cume de uma montanha.

Este pico é o João Leão, que está a 12 milhas a rumo do sudoeste para ceste do Monte Paschoal e parece mais elevado que aquelle. São esses os unicos cumes vistos do largo que se encontram entre os morros do Commandatuba a 15° 30' de latitude austral e as altas terras do Espirito Santo a 20 grãos de latitude meridional. Este monte está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos a 17° 57' sul.

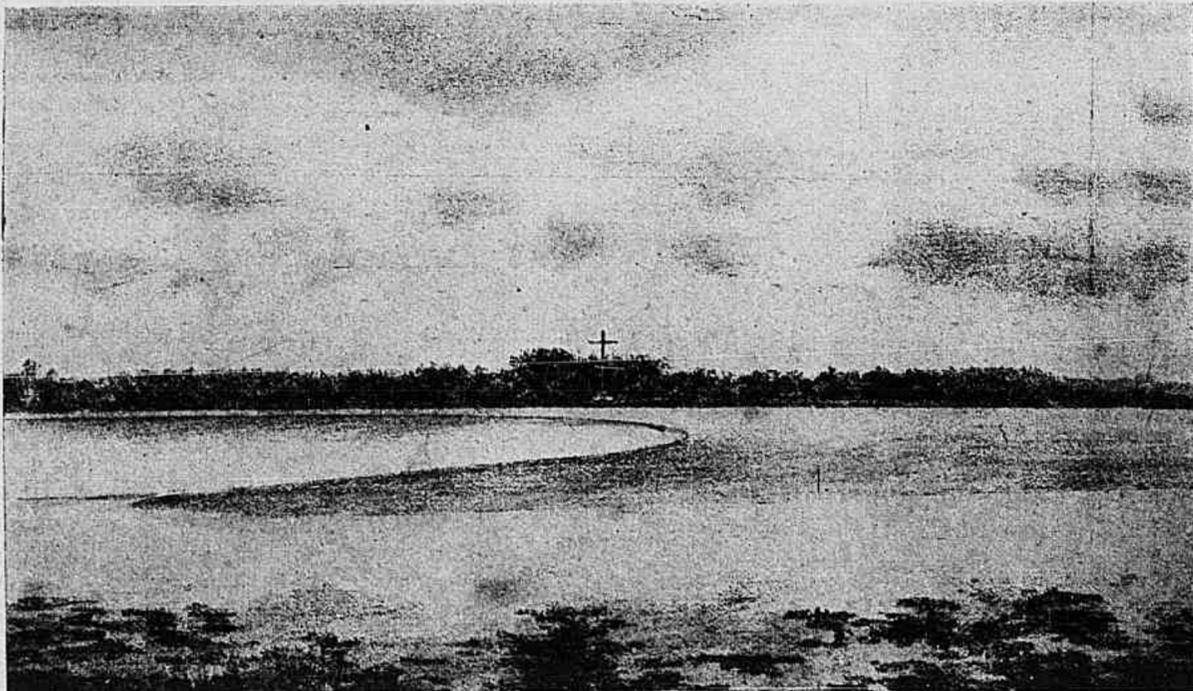
ONDE FOI PLANTADA A SANTA CRUZ

Não são simples — dizem os "Estudos sobre a Bahia Cabralia e Vera Cruz" — de salvador Pires, e que aqui nos servem de guias, as presumpções que nos levam a afirmar que a Cruz plantada por Cabral, tendo nella pregadas as armas e divisas de El-Rei Dom Manoel, o Afonso, foi erguida á margem do ribeirão Mutary.

Além do facto material de não existir, desaguando na bahia, tendo "praia á bocca" — outro rio, ribeirão ou riacho que corra ao carão da praia, de aguas não salgadas e em cuja foz podem atracar escaler, bote, batel ou esquife, temos a carta de Caminha, primeira pagina da nossa historia, escripta no mesmo dia do descobrimento da terra de Vera Cruz. Diz Ca-



TRAIJA DO ARACACAHY E FÓZ DO RIO YAYÁ, COM OS SEUS VASTOS PALMARES



NESTE LOGAR, NO ILHÉO DA CORÔA VERMELHA, FOI CELEBRADA A PRIMEIRA MISSA EM TERRA BRASILEIRA

tramby que, "se outro qualquer documento não existisse, bastaria somente ella para nos levar com segurança ao porto desejado".

Narrador imparcial e observador profundo não emittiu uma asserção que não encontre ainda hoje a mais peremptoria confirmação, ou se não vejamos como diz elle para orientar-nos.

— "E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de Maio (11 de Maio Gregoriano) sahimos pela manhã em terra com a nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantage a Cruz, para ser melhor vista e ali assignou o capitão, onde fizemos a cova para chantage e enquanto a ficaram fazendo, elle e todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do rio onde estava.

Trouxemos-a dali com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando á maneira de procissão. Eram já ali muitos delles (indios) obra de setenta ou oitenta, e quando nos assim viram vir, alguns delles foram metter debaixo della a ajudar-nos.

Passamos o rio, ao longo da praia e pomol-a por onde havia de ser, que se dá do rio obra de dois tiros de bésta (45 a 50 metros).

O ribeirão Mutary, que não é mais ancho que um jogo de manguás, pois tem em media 4m 80 de largura e que corre parallelamente ao mar ou que anda ao carão da praia — 719 metros, é o referido por Caminha. Sendo a distancia que o separa do mar em media de 25 metros e a ribeira constituída por comoros de areia, não foi necessariamente ali que Cabral plantou a primeira Cruz.

Subindo o rio, desde a sua fóz, na distancia de 719 metros que elle corre ao carão da praia, muda rapidamente a orientação junto de um pequeno morro coberto hoje de palmeiras, ficando perfectamente visivel do mar, do qual dista cento e poucos metros.

Da parte plana da pequena elevação do rio, distará obra de dois tiros de bésta (45 a 50 metros).

Esta elevação está acima do nivel do mar 11 metros, rodeada de jusarás, mussandós e jeribás, e estende-se por oeste, acompanhando o rio na distancia de mais de 1 kilometro.



A TERRA DE SANTA CRUZ

A actual Vera Cruz ou villa de Santa Cruz, está situada a 16° 15' 35" de latitude austral e de 39° 00' 17" de longitude oeste de Greenwich ou em tempo de 2h e 36m.

Sendo a primeira terra descoberta por Cabral a 22 de Abril de 1500, só foi elevada a cathogoria de Villa pelo Decreto de 13 de Dezembro de 1832, dando o presidente da Provincia em 18 de Maio de 1833, os limites do Novo Municipio, que são a leste: uma legua para o sul (ponta do Mutá) e cinco para o norte (barra do rio Mugiquissaba). Teve logar a installação da Villa a 23 de Julho de 1833.

O inicio desse povoado teve fundamento em 1530, porque ali veiu estabelecer-se, á margem do rio, o colono portuguez João de Tiba, primeiro habitante civilizado depois do descobrimento.

Exclusão feita dos degredados deixados por Cabral e de dois grumetes desertores que provavelmente se cruzaram com os aborigenes e constituíram familia nomade.

No anno de 1535 veiu com sua familia tomar posse da Capitania que lhe havia sido doada, Pero de Campo Tourinho, indo estabelecer a séde do povoado á margem do rio Buranhem, onde Christovão Jacques já havia fundado uma colonia. Pero de Campo Tourinho fundou em 1536 as povoações de Vera Cruz, onde já a seis annos se achava João de Tilla, e a de Santo Amaro ao sul do Buranhem.

Muitas vezes foi Santa Cruz arrazada pelos Aymorés, razão pela qual não se desenvolveu como Porto Seguro, que, sendo a séde da Capitania, chamou para si até a denominação dada por Cabral, á bahia que lhe serviu de

abrigo. Conta a tradição local que o ultimo arrazamento teve logar em uma noite de Natal, de anno não lembrado e naturalmente na missa de meia noite.

Referem que estando toda a pequena povoação na igreja e o padre celebrando o santo sacrificio, sentiu-se a comida cercada pelos Aymorés, que o vigario depois de lançar a benção, sem ser occasião prescripta na cerimonia, collocou a patena sobre o Calix e procurou sair pela porta que se abre para leste, mas sendo perseguido, tentou descer pela ingreme rampa do fundo da igreja, por onde rolou á margem do rio. Dizem ainda que a este ultimo massacre, sómente escaparam dois meninos, que foram pela costa dar noticias em Porto Seguro. Asseveram tambem que annos depois foram achados na margem do rio a sagrada patena, o pé do calix e ossada do padre, cujo nome não conservaram.

O municipio de Santa Cruz pertence hoje a comarca de Porto Seguro. A villa de Santa Cruz, actualmente deve ter uma população de umas 1600 almas, com 165 eleitores. Os seus habitantes occupam-se da pesca, da caça, do plantio da mandioca, canna, côco, pimenta e cacáo, e tiram piassaba e madeira nas selvas. Não se cultiva ali, nem o milho, nem o feijão, nem o arroz, nem o algodão, nem nenhum legume; a criação está atrazada, reduzida e sem estímulo. Santa Cruz tem uma egrejinha ligada ao cemiterio, sobre uma bonita e encantadora collina, de onde se contempla o Atlantico, podendo dali avistar-se embarcações e todos os transatlanticos ao longe. É um ponto de expectativa deslumbrante! A Nação tudo terá de esperar do immenso futuro dessa região, aproveitando-se os recursos naturaes do seu fertilissimo solo, além das madeiras de construcção, que são innumeraveis e que frondescem nas suas densas florestas.

O territorio se presta optimamente á cultura do café, cacáo, canna, côco, batata e todos os cereaes.

Esta privilegiadissima região, fadada pela natureza para um auspicioso futuro, aguarda unicamente que o governo do paiz, sobre ella lance as vistas, dando-lhe colonisação e povoamento e demais elementos de estímulo e transporte para o seu desenvolvimento.

Garring affirmava que o seu porto de mar é de primeira ordem e o mais bello e seguro do paiz.

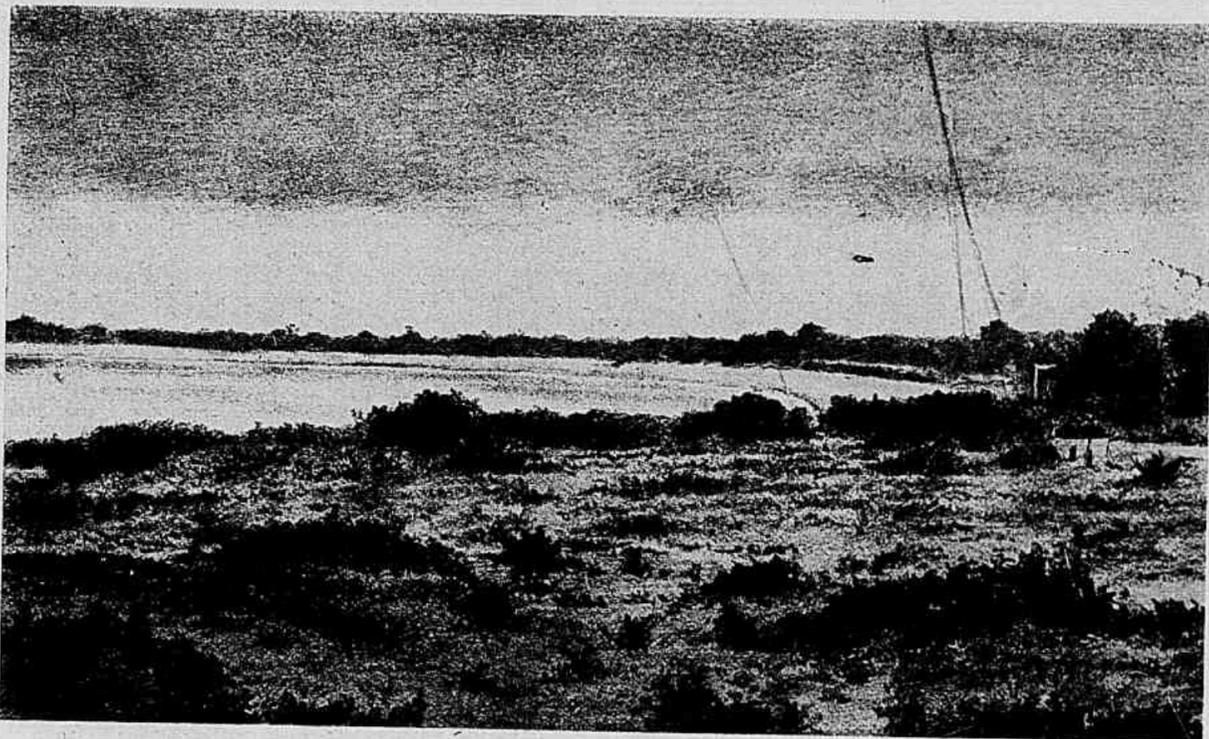
Por sua vez o exame mais superficial basta a quem ali fór, para demonstrar, que as communições do norte de Minas com o Rio de Janeiro, ficariam melhor, se em vez de serem feitas por pessimos caminhos, através de tantas cordilheiras, se effectuas-

sem caminhando directamente para o littoral, que fica no mesmo parallello e embarcasse dahi para a Bahia ou Rio — como ponderava perfectamente Theophilo Ottoni.

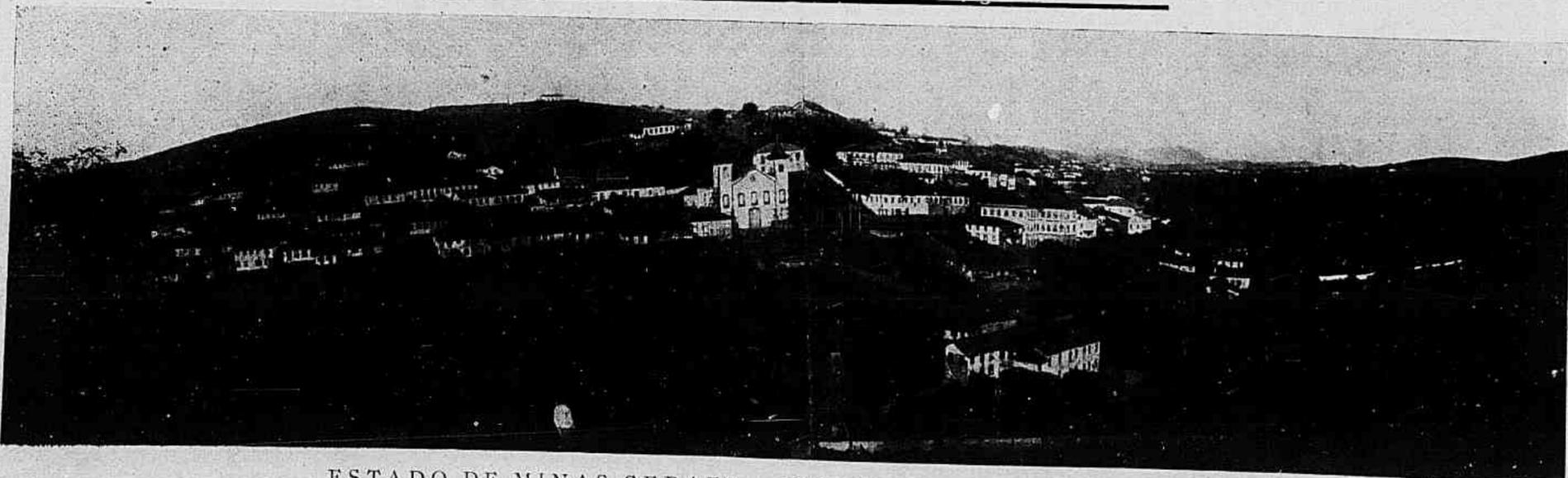
Por sua vez, Junqueira Ayres e Alberto Torres em brilhante parecer que apresentaram a Camara Federal — já affirmavam — que se houvesse desejo sincero de encontrar-se um porto para libertar o centro de Minas da oppressão que o devalenta, o de Santa Cruz, a que se ligam as primeiras recordações do paiz, se apresentaria naturalmente, como o mais propicio, pois possui enseada profunda, barra accessivel a navios de todos os calados e todos os requisitos necessarios a um porto natural excellente.

Além dessa immensa vantagem, Santa Cruz demora no portentoso valle do Jequitinhonha, a região mais ubere, salubre fertl e de soberbo futuro do Brasil, dependendo todo o seu progresso apenas da sua intensiva exploração e povoamento.

Nada falta pois, a Santa Cruz, para tornar-se o escritorio patrio, a cidade matriz, a urbs primaz, a mais importante, agricola pastoril e commercial do Brasil, pois para isso ali se encontram todos os recursos naturaes preciosos. É o que Vera Cruz, mãe veneranda, espera da munificencia carinhosa e do amor de seus filhes. Que cada um cumpra com a parcella do seu dever, na cohesão patriótica e perseverante de tornal-a a cidade primaz do Brasil, em realidade e como justiça ao seu legitimo direito de primogenitura.



LOGAR ESCOLHIDO PARA A COLLOCAÇÃO DA NOVA CRUZ



ESTADO DE MINAS GERAES — PANORAMA DA CIDADE DO SERRO.

Historia simples que recomeça...

de Carlos Drummond

ERA pequeno, de cabellos anelados e ciaros, já com uma indecisa tristeza nos modos, e um ar de alheamento, de ausencia... Ella, ao contrario, mais velha um anno, tinha, nos olhos morenos, duas fontes de alegria mal reprimida.

Brincavam muito. Eram amiguinhos, queriam-se para marido e mulher, tinham sempre as mãos unidas, numa effusão ingenua.

— “Quando eu fôr homem... você casa commigo?...”

— “Caso, sim...”

E, numa ingenua effusão, tinham as mãos unidas, felizes, como bons amiguinhos.

Aquillo durou uma infancia. No collegio, elle sentia um certo rubor, ao lembrar-se do idyllio infantil e inconsequente. No collegio, ella rezava orações, fazia bellos desenhos, crescia.

Até que uma vez...

O encontro foi num domingo de Dezembro, um Dezembro de ferias, na casa de D. Mariazinha.

Seria que os dois continuassem os mesmos? Não continuavam, — mas os olhos delle se abriram para os olhos della, e, fitando-se, a historia recomeçou...

Elle era romantico, e, sobre as suas roupas escuras, a cabelleira clara, em anneis, parecia uma corôa de ouro.

Ella sabia versos, e a historia se complicou com versos e romantismo.

Regressaram aos estudos, cada um levando flores, retratos. Os retratos envelheceram na ternura dos dois; foram destruidos, com as flores seccas...

Agora, é de vez, — pensaram.

Mas a historia recomeçou ainda, nova e differente.

Viram-se numa grande cidade, dentro de um grande jardim, á beira de um pequeno lago.

Os paes estavam presentes, os paes della, mas foi como se não estivessem.

Soube que era noiva de outro, — não lhe importava o nome.

Na conversa, reticenciada e longa, os dois passados se abraçaram, e elle teve um medo incrível de perdê-la.

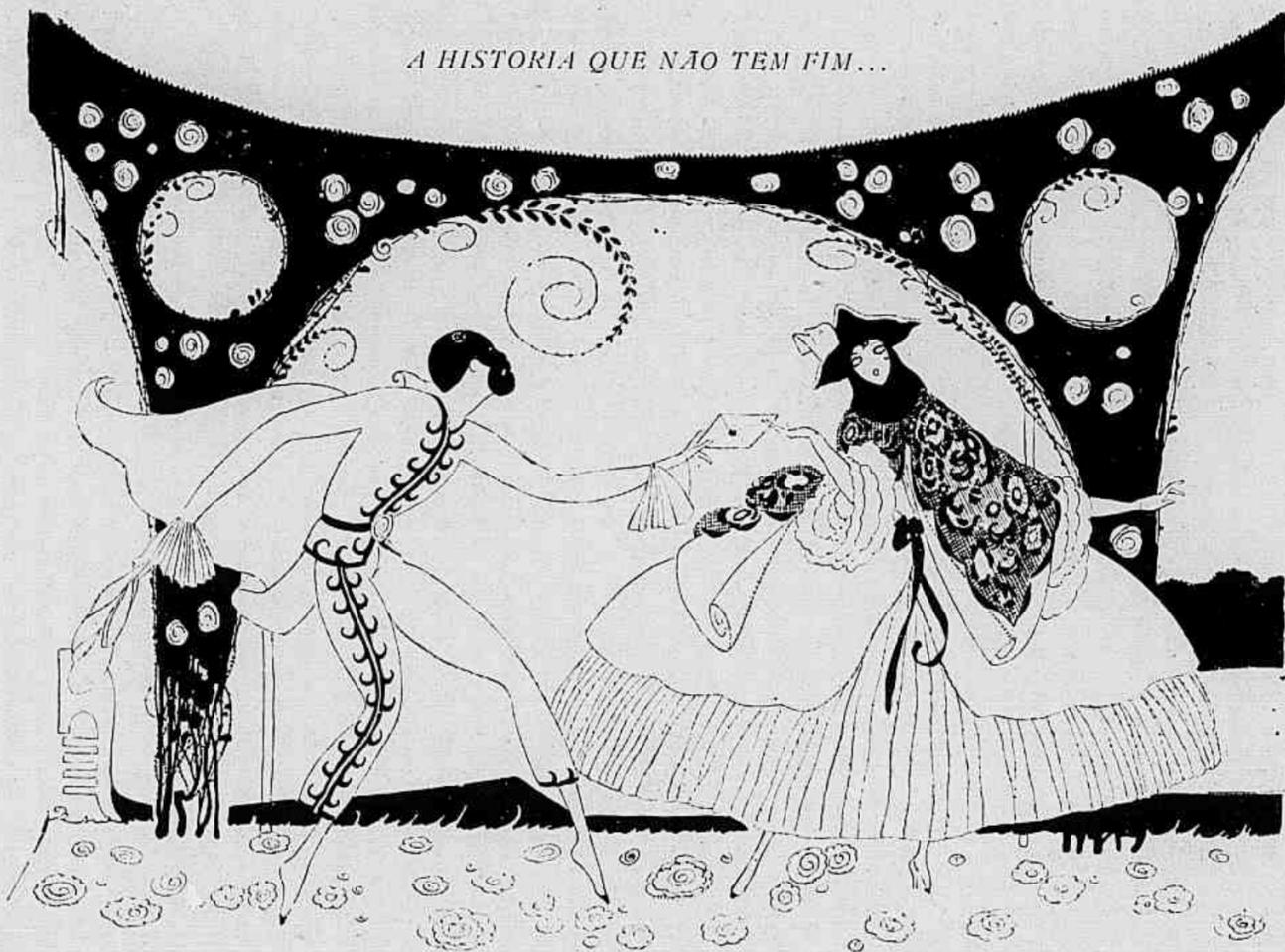
Quiz possuil-a de novo...

O casamento não demorou.

Unida ao outro, ella amava o amiguinho da infancia.

E, em silencio, crescia nelles uma affeição medrosa e envolvente, amor de duas creaturas que se possuem apenas na imaginação, e que, por isso mesmo, se adoram mais, muito mais...

A HISTORIA QUE NÃO TEM FIM...



Uma barreira de inevitavel, outra de impossivel, — até que um dia elle sahiu, num vapor, a viajar.

Viajou terras, a Europa, logares estranhos, e embalando as idéas e os sentimentos, narcotizando a alma.

— “Lá me esqueceu ella, certamente... Cá estou a esquecer-me tambem...”

Quando voltou, grisalho e melancolico, viu, no caes, de rosto pergaminhado, e vestida de preto, a antiga menina de olhos alegres.

As mãos se procuraram e caíram, sem forças, para um aperto. Os cabellos brancos falavam melhor que os labios perdidos e murchos.

Tomaram um carro. Foram-se. Mas a historia não recomeçou mais...

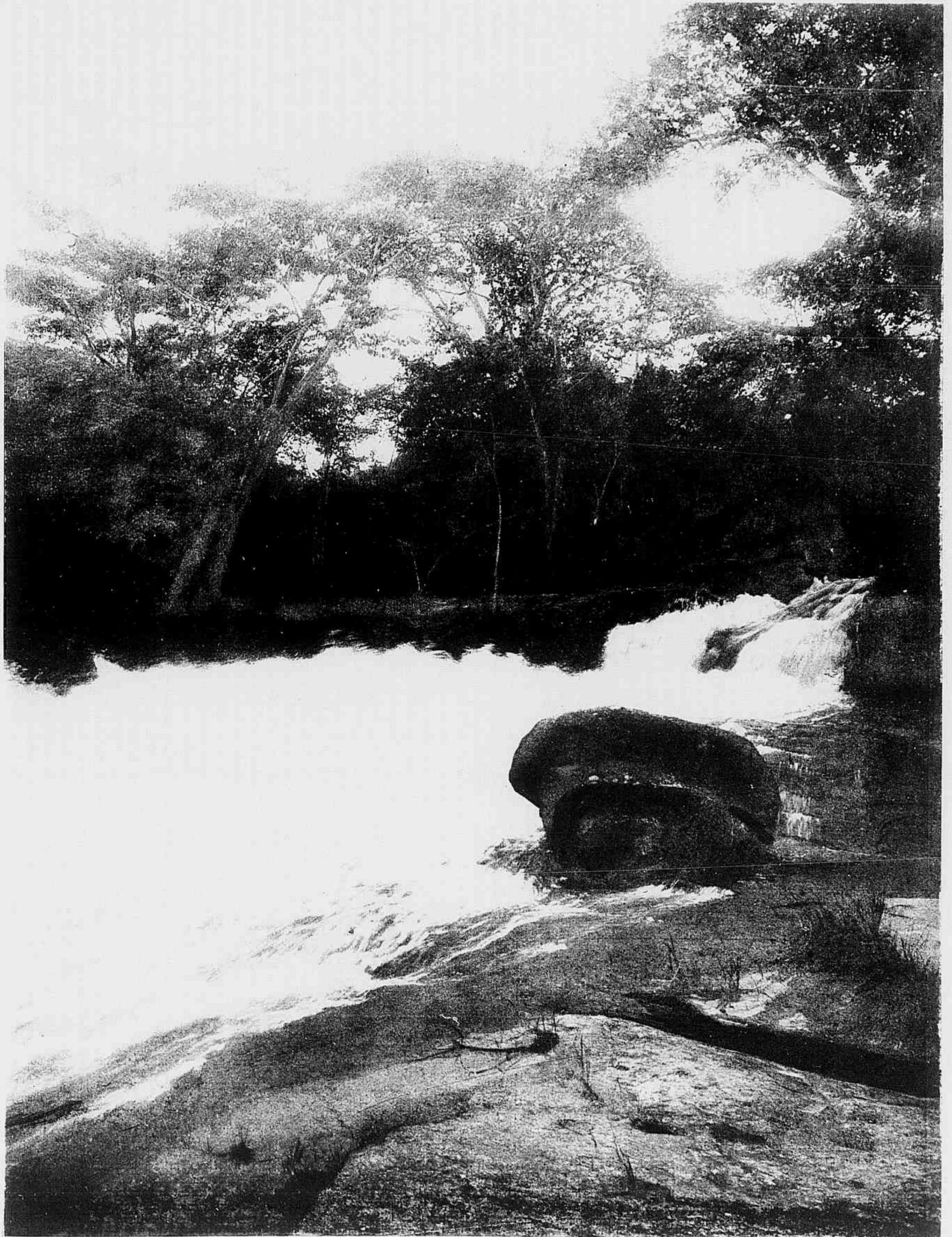
Carlos Drummond é um dos novos escriptores mineiros, que, como tantos outros da sua geração, estreou feito, com um modo pessoal de sentir e contar as coisas. Esta pagina prova bem o que dizemos.



Illustração Brasileira



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. JARDIM DA ESTANÇIA "SANTA MARTHA".



ESTADO DO RIO DE JANEIRO — CACHOEIRA DO "RONCA PAO", EM CANTAGALO

O VICIO DE WILDE



A vida de Oscar Wilde é um paradoxo que conturba no seu doloroso imprevisto. Ninguém lhe pôde recordar, ainda hoje, o mais pequeno episodio sem associar a essa reminiscencia a lembrança pungentissima da desgraçada tragedia que lhe encheu os ultimos dias e a culminou.

A figura suggestionadora e luminosa do homem que tão fortemente prendeu na trama de uma seducção inelutavel a sociedade do seu tempo, desaparece, assim que a evoquemos, nas sombras crassas da formidavel catastrophe. Adumbrou-se. Esvaeceu. Apagou-se de todo. Ninguém a recorda mais sem um sorriso de perversa ironia, ou de piedade ainda mais perversa.

Essa é que é a verdade.

O artista insubmisso dos paradoxos irreverentes, que, investindo com todos os prejuizos definitivamente firmados da esthetica e da moral contemporaneas, entendia que "la Vie imite l'Art bien plus que l'Art n'imite la Vie", ou o voluptuario de requintes esquisitos, que passeava nas ruas de Londres a sua face vulturina de imperador romano, fumando deliciosas cigarrilhas do Cairo e agitando nas mãos um heliantho de proporções desmedidas, — tudo, tudo esqueceu.

O Wilde de hoje, pelo menos para a generalidade dos artistas que não escrupulizam tratar o seu nome, votado, parece, ao esquecimento pela repugnancia incomprehensivel da critica, é ainda o execrado C. 33, do ergástulo de Reading, escrevendo, a gótas de sangue, sem uma queixa nem uma revolta, as paginas desesperadamente silenciosas desse poema unico de dor extra-humana e de infinita piedade, que é o *De Profundis*.

Ou, então, por detraz do vulto aureolado do Wilde dos dias de esplendor e triumpho ha-de estar sempre, sobrelevando-o, num atro fundo de tragedia, o vulto espectralmente sombrio de Sébastien Melmoth, o triste exilado de Berneval.

Dolorosa irrisão! Surpreendente paradoxo do destino.

Tudo quanto Wilde realizou, toda a fulgurante belleza da sua obra paradoxal, — e imperfeita porque vivida, intensamente vivida, — mas cheia de colorido e vibração, vibração e colorido que nunca artista algum, mesmo o mais forte, soube dar ás coisas do seu escrever, a critica relegou a uma plana secundaria, para demorar na analyse crudelissima e revoltante de um facto que, se no homem ferra uma inevitavel viltade de infamia, não vemos como ao artista lhe possa desluzir os claros brilhos.

O Sr. Arthur Ransome, é certo que, no livro pensado e erudito que escreveu acerca do grande estheta inglez, discrepa dessa tendencia geral, estudando profundamente, á luz de um criterio acertado de critica scientifica, o homem e o magnifico artista que se conjugaram na personalidade de Wilde, e a sua influencia na literatura de hoje, no abalar, a lanços d'ascumas rebrilhantes de ironia, os moldes estreitos da esthetica realista.

Aô referir, porém, a desgraçada aventura, o faz com a mais desabrida rudeza, vá com uma ponta de perversidade impiedosa.

Assim que, repellindo todas as interpretações conhecidas da queda deprimente, o Sr. Ransome dá-lhe com a origem, tal como o fez, se bem nos lembra, ha mezes, o Sr. Julio Dantas, numa excellente chronica do *Correio da Manhã*, chamada — *O homem dos cravos verdes*, — que não nos parece, dest'arte, de cunho original, — numa supposta affecção cerebral.

O vicio de Wilde — "ce vice dont Catulle et son époque parlent ouvertement" — e a cuja torpitude só o pincel fescemino de Juvenal alcançaria, na sua crueza, dar as côres justas, não fora, no entender do Sr. Ransome, uma consequencia natural do myscgenismo, que é inconcebivel no voluptuoso estheta que escreveu *Lady Windermere's Fan*, e, sibretudo, que creou essa tentadora Salomé, virgen e sensual, dansando, diante de Antipas maravilhado, envolta numa constellação de hydrophanas e esmeraldas, a dansa erótica dos sete véos, para pedir, mais tarde, a cabeça decepada

de Leopoldo Pérez

de Iokanaan, que ella retira da patena de ouro, oejando desvairadamente, num delirio truculento de amor...

Não viera, tão pouco, o vicio inconfessavel, da exagerada paixão dos costumes antigos, que o gosto da literatura classica despertara em Wilde.

Nem uma nem outra cousa.

O Sr. Ransome segue-lhe, então, pathologicamente, a diathese e a manifestação.

Mas é rude, de uma rudeza implacavel. O critico, ali, é bem o critico feito analysta: o dissecador, frio como pedra, que se não perturba á commoção mais poderosa. A subtileza da sua ironia, vélada no disfarce da engenhosa explicação scientifica que procura para a desgraça de Wilde, cae de prompto, sob os olhos e dóe como a ponta acerrada de um sarcasmo — é um sarcasmo cruel.

O livro do Sr. Ransome tem, ainda assim, este valor, que o salva: o de, no estudar a vida de Wilde, dar ao doloroso episodio as proporções a que elle merece reduzido.

Referimo-nos, porém, á generalidade da critica.

Toda gente sabe que a unica obra integralmente realisada de Wilde foi a sua vida, que elle fez á feição da sua estranha esthesia. E elle mesmo costumava contravir, como de uma feita a André Gide, a quem lhe reprochava o desperdiçar perdulario, em detrimento da Belleza, das riquezas da sua imaginação de fulgores radiosos: "Voulez-vous savoir le grand drame de ma vie? C'est que j'ai mis mon génie dans la vie; je n'ai mis que mon talent dans mes œuvres".

As suas melhores paginas, surtos maravilhosos do seu espirito d'apothéoses, elle não as escreveu: disse-as, disse-as por toda parte, aventando-as como joias mirificas, numa deliciosa vagabundagem espiritual...

Aos que, olhos abertos em pasmo, lhes vêem, de perto, o scintillar de pedrarias, sobresaltêa, para logo, esta impressão curiosissima: a de um artista que não pôde realizar serenamente a sua obra, por não poder vasar em moldes humanos os vãos inquietos da sua imaginação de arremessos exaltados e as delicadezas da sua esquisita sensibilidade. Um Miguel-Angelo ensoffreado, que abandonasse, aos primeiros impetos creadores, o seu David, por lhe não poder comunicar ás linhas humanas, mas immobilizadas e de pedra, estremecimentos de vida. Um de Vinci, cujo genio se perdesse, fragmentado e disperso, numa obra tumultuaria, por não saber o segredo divino de dar á expressão mysteriosa do sorriso da Joconda a alma meio archangelica e meio sensual de Monna Lisa.

Wilde não era um escriptor capaz de se encerrar no seu gabinete e trabalhar, d'assento e sobre-mão, pacientemente, labores d'arte.

Era, sobretudo, um desperdiçador de gemmas peregrinas, um conversador insoffrido... o precioso *amuseur* que nos *five ô clock whisky* de Stuart Merrill e nos salões de Mallarmé recitava devagar, longamente, como que escutando com voluptia a sua mesma voz, voz de rythmos quentes e sensuaes, que tinha toda a polychromia das paizagens do som, os lindos, os delicados apologos que elle se comprazia de crear e compôr para maior encanto da sua prosa illuminada.

Assim, para sentir a gente todo o forte prestigio da obra de Wilde, d'onde irradia essa irresistivel influência emotiva, de que fala Paul Souriau, na sua *Suggestion dans l'art*, essa corrente sympathica que, ao contacto das obras de lidimo cunho esthetico, identifica a nossa alma com a alma do artista, creando-nos, pela duração do encantado enlevo, uma alma especiosa, vibrando, agitando-se, vivendo com as emoções, os sentimentos e as idéas do poeta, para que a gente sinta na obra de Wilde essa força poderosissima de seducção, de fascinação, de suggestão, que é a caracteristica das obras em que ha um sincero sentimento de belleza, é

mistér penetrar-lhe a vida, esquadrinhá-la, sorprendendo-lhe todos os aspectos, onde se reflectem as facetas do temperamento requintado o bizarro do poeta inglez.

Estamos mesmo que, sem esse inquerito social e intimo, resultaria inutil qualquer esforço no sentido de lhe admirar a pureza olympica da obra inimitavel, e inacabada como um bloco que, apenas ferido do cinzel genial, e abandonado em meio do surto creador, guarda ainda, nas linhas tersas e palpitantes, o relevo irromortal da Belleza.

Um processo de critica que separe o homem da obra que realisou, para estudá-los de per si, encontra com todos os principios da critica moderna, segundo a comprehendem e exercem, desde Taine, os seus mais respeitados corifeos. Sobre inconsistente e falso, seria de todo em todo erroneo.

A obra d'arte é a polarisação integral da personalidade do artista. As facultades todas do individuo harmonizam no creá-la e construi-la. Dentro nella espelham-se e vivem todos os propensores do seu espirito e todos os seus estados emocionaes: porque a obra d'arte não é uma expressão de psychologia elementar, senão um documento de psychologia geral. "Elle est, diz, com exacta synthese, Léon Paschal, na *Esthétique Nouvelle*, la projection de la personnalité momentanée de l'auteur. Elle est un moi qui s'exprime dans son entier par le truchement d'une forme d'art".

É o criterio da sua maior ou menor sinceridade não colhe: a mais insincera e artificial trêa, a uma rigorosa analyse psychologica, na sua mesma insinceridade, os sentimentos e as idéas que presidiram á sua elucubração.

O homem e o artista devem ser, portanto, apañados numa vista de conjuncto, descobrindo-se-lhes as affinidades, as correspondencias, as influencias reciprocas nas suas variadissimas manifestações.

Essa facultade de comparar e concluir, synthetizando, se a não exerce a critica, então deixa de o ser, scientificamente.

Não ha como fugir esse criterio.

Mas, justamente o lado da vida de Oscar Wilde que deveria interessar nesse estudo, a phase de gloria e de esplendor deslumbrante em que elle mesmo se chamava — o Rei da Vida, esquece-a a critica para estudar de bem perto, esmiudando-a, ess'outra — a dos dias sombrios da desgraça.

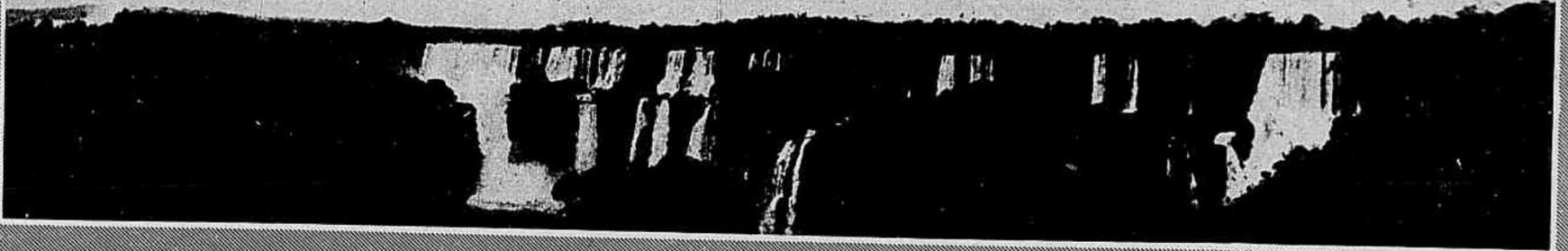
Não atinamos com as razões dessa pesquisa cruel senão tomando-a como uma requintada manifestação dos sentimentos inferiores da alma humana.

De que serve á critica expôr á luz da praça, á irrisão galhofeira da turba ignára, os episodios todos, até os mais insignificantes, dessa tragedia simultaneamente dolorosa e ridicula? Por que lhe investigar as origens? Não terá, porventura, a vida de Wilde, toda a vida de Wilde, a sua melhor explicação?

Wilde era um sybarita enamorado de si mesmo. Viveu incomprehendido da sua época porque não viveu na sua época. A escala do prazer, nas suas fortes sensações conturbadoras, elle a percorreu toda, sempre insaciado, até ao desregramento e á luxuria de um romano do baixo-imperio.

E percorreu-a conscientemente, tendo a absoluta certeza, que lhe dava a sua videncia de genio, de que, cedo ou tarde, mergulharia no volutabro em que immergiu, no fastigio da sua gloria prestigiosa. "Mon devoir á moi, dizia elle a André Gide nessas confidencias que o illustre escriptor recolheu no livro mais sinceramente sentido que ainda se escreveu sobre Wilde. mon devoir á moi c'est de terriblement m'amuser". E, logo, numa *bontade* quasi cynica, que era como um presentimento triste do fim inevitavel: "Pas le bonheur! surtout pas le bonheur. Le plaisir! Il faut vouloir le plus tragique..."

E teve-o como o desejava. Na vertigem do prazer mais tragico e aviltante foi que se eclipsou aquelle luminoso espirito que, com uma intuição inedita de belleza, creou uma nova expressão de arte para os nossos eternos anseios de perfeição...



O
BRASIL
MARAVILHOSO



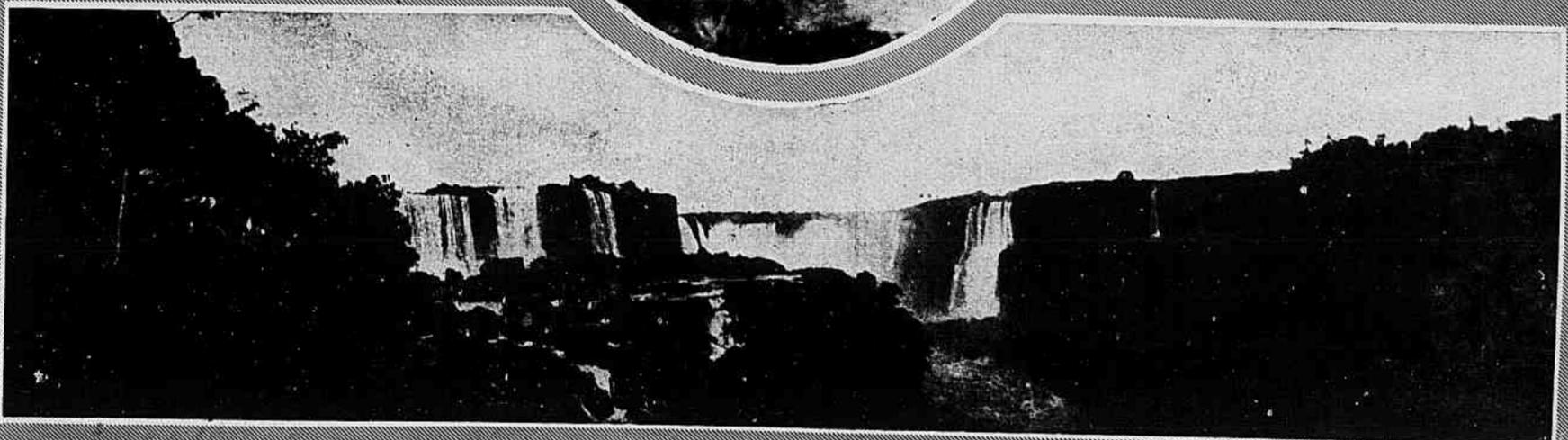
A AGUA, QUE TEM, NO SEU DESTINO ERRANTE, UMA TAREFA DE BONDADE E DE BELLEZA; QUE FOI DIVINA E QUE, PARA SEMPRE, FICOU MISERICORDIOSA E LINDA, JÁ NÃO É, HOJE, APENAS A GRAÇA OU O ESPLENDOR DAS PAIZAGENS... A FORÇA CONTIDA NELLA, A SUA ENERGIA IMMENSA, MOVE USINAS FORMIDÁVEIS, COMO NO TEMPO PASSADO MOVIA, CANDIDAMENTE, OS MOINHOS INGENUOS...



AS
GRANDES
QUÉDAS D'AGUA



PAIZ DE FLORESTAS. O BRASIL TINHA QUE SER PAIZ DE QUÉDAS D'AGUA. DUAS DELLAS ANDAM EM FAMA PELO MUNDO INTEIRO: AS DE PAULO AFFONSO E IGUASSÚ, DAS QUAES REPRODUZIMOS ASPECTOS NESTA PAGINA. OUTRAS CONHECIDAS SÃO AS DE MARIMBONDO, EM MINAS GERAES, E AVANHANDAVA, EM SÃO PAULO. MAS, A EXCEPÇÃO DO NORDESTE, HA QUÉDAS D'AGUA EM TODO O BRASIL.



vaia

por Lacerda de Almeida Junior

— P'ra les dizer a verdade, começou o velho Venancio, quebrando o silencio que se fizera em volta do fogão, enquanto, com os companheiros, esvasiava a *chicolateira* d'agua, em successivos mattes — eu acho que, Deus me perdõe! mal comparando, os bichos são como a gente... Ora, escutem vanceis, no mais, este caso e vejam si eu não tenho razão: Eu e o compadre Fidencio fomos, hoje, recorrer o alambrado da Invernada Velha e, justamentes quando se trocava um trambelho, perto do Capão Redondo, vimos aquelle ôsco que 'stá p'ra ser beneficiado este anno, se pegar com o colorado, filho da turina que morreu de raio. Bueno, isso não é nenhuma novidade, mesmo porque todo los dias anda p'r'ahi, nos campos, o bichorêdo a trocar aspa, qu'inté um homem não arrepara mais. Mas é que essa peleia era de circumstancia. O ôsco e o colorado não são dois touritos sem qualidade; são os pastores mais pesados da estancia. Os dois, nos rodeios, evitavam se encontrar, como que se respeitando. Nessas condições, começamos a bombear, do repecho da coxilha, embora soubessemos que aquillo não era carreira p'r'o ôsco, porque, nessas peleias, vence a resistencia. O colorado é meio leviano, em comparação com o ôsco, que já tem caraca na aspa... Mas vamos ao relato da peleia, como nós vimos, eu e o compadre Fidencio: Primeiro foi mousquetas, mas dahi a um pedaço, os bichos embrabeceram e se embrulharam ás devéras. O colorado começou como quem quer ducidir um assumpto que não deve demorar mais. Foi mandando aspa e amiudando tanto os golpes, que chegou a trazer o ôsco meio mal. Mas todas as chifradas que elle atirava, o ôsco rebatia e aparava nas guampas, com tanta certeza, que o colorado a mode que rezolveu mudar de peleia. E mudou mesmo, porque entonces, mais de espacito, os dois adversarios, cabeça contra cabeça, procuravam, cada qual levar o outro de vencida, por deante, no reponte. Mas o colorado viu que, com este systema, o ôsco lhe levava vantagem, por ser mais pesado, de modos que voltou á luta anterior, de carregar no adversario. E, cada vez mais brabo, recommçou a atacar com tanta furia que, das trompadas que elle atirava e que o ôsco aparava, toditas no mais, chegou a deixar se sentir cheiro de chifre queimado, além dos estouros das guampas que retinia na coxilha. Mas é que o colorado já 'stava se acabando, enquanto que o ôsco 'stava inteirinho, se preparando p'r'o fim, p'ra, então, entrar com todo o seu jogo delle... O colorado, nós vimos logo que não aguentava mais o tirão e que só esperava um momento á feição p'ra disparar. O pobre do ani-

mal, com a lingua de fóra, espumando e mugindo, já só cuidava de se defender contra o ôsco que, agora, no mais, atacava, certo da victoria.

Numa dessas, o ôsco carregou firme e, ôla cornada de lei! fez o colorado dobrar os joelhos e rinchar como gallo corrido! Tambem mal se levantou, o colorado se foi a la cria, num trotão largo, de cabeça baixa, berrando como um terneiro desmamado... Mas o importante é o que eu vou dizer a vanceis, e o compadre Fidencio que diga si não é a verdade... Durante a peleia, a gardaria, uma ponta ahi dumas trinta rezes talvez, pastava nas beiras do capão. Pastando e mosqueando socegradamentes, parecia não se importar com a peleia dos dois touros que eram os donos dos rodeios. Quando porém o colorado abandonou a luta, fugindo espavorido e berrando, o gado desinteressado até ali, deixou de pastar, levantou a cabeça, olhou em direcção ao fugitivo e, repentinamente, todo aquelle bicharedo, trotando e pulando, começou a seguir o vencido de atraz e, como este, berrando. Mas nós bem vimos; o alarido das rezes que seguiam o colorado, trotando, pulando, cabriolando, não era um berreiro de sentimento, de pena, de compaixão pelo vencido, pelo fraco, pelo batido. Era o mesmo que a gritaria do povo que não perdoa a derrota, era o escarneo dos covardes que não acreditam que se possa cair, na luta, com honra, era a vaia, a vaia miseravel, que enaltece o vencedor e deprime o vencido!

E' por isso qu'eu les contando este caso, disse, no principio que, Deus me perdõe! mal comparando, eu acho que os bichos são como a gente! Mas, não é mesmo? me digam vanceis!

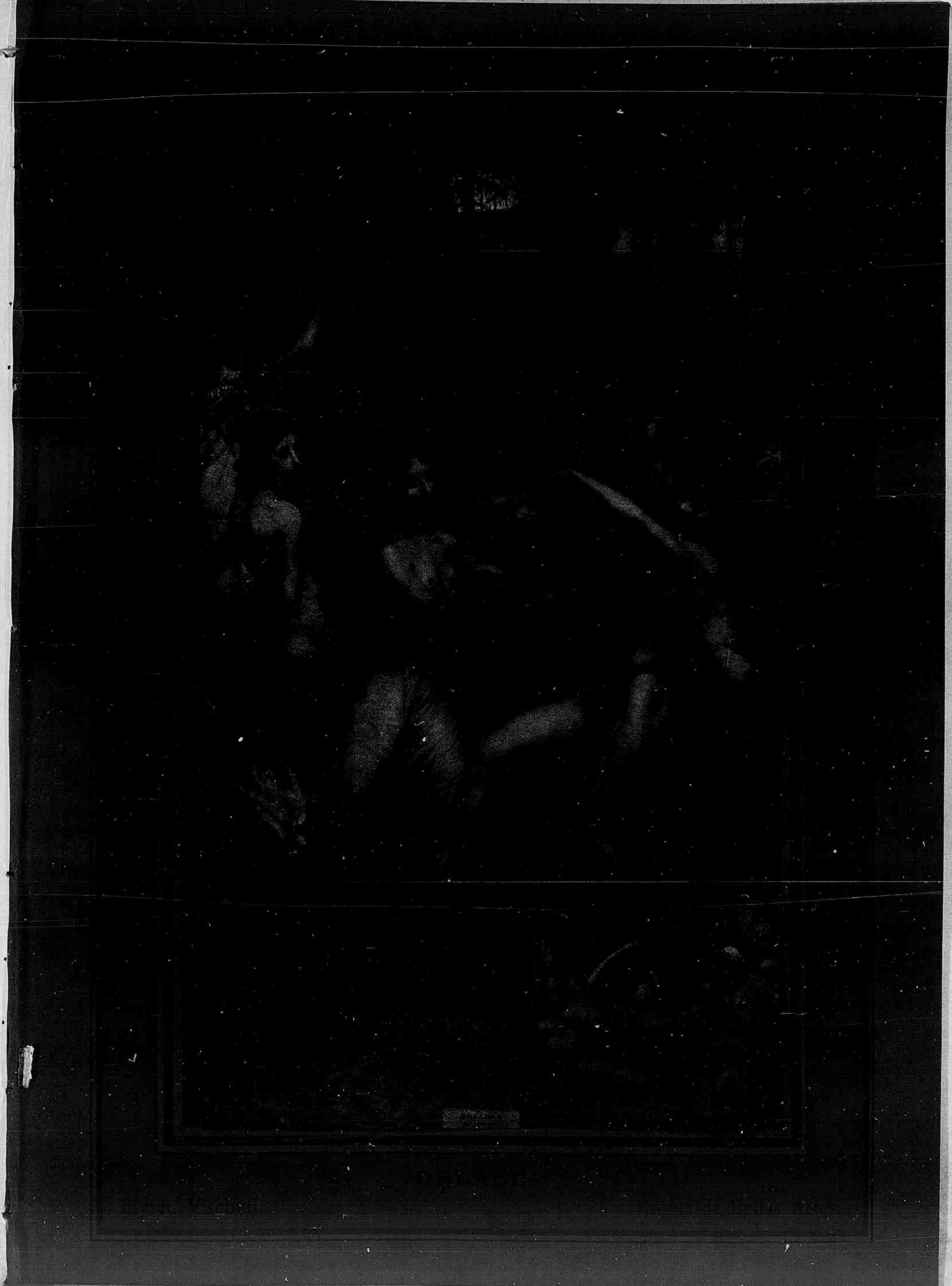
P'ra acabar com este caso, eu les digo que inté no fim, a gardaria fez como a gente faz e sempre ha de fazer, enquanto houver homens por esses mundos de Christo.

O ôsco, terminando a luta, não sahiu do logar da victoria. Deixou o colorado retirar-se corrido, talvez de vergonha e confusão. Ficou ali mesmo, talvez compadecido, mugindo profundamente, escarvando o chão e atirando p'r'o cupim a terra que cedia á pressão de suas patas poderosas.

O gado, este já muito ao longe, na beira do matto, aonde o vencido ia ruminar a sua vergonha e tristeza por ter perdido o careio, acompanhava, ainda, o colorado, atirando-lhe, no berreiro impertinente, dichótes e maldades que, com certeza, mais lhe haviam de augmentar o desespero e a raiva...



PREPARATIVOS PARA UMA CAÇADA DE VEADO CAMPEIRO NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL



... Éta ! amigo, que foi uma peleia braba ! A faca do Eloy Patacão riscava no ar que nem ferro; parecia inté rilampago ! E quando o índio véio se atirava p'ra riba do casteiano era um gosto; nem touro azgado, largando fumaça por os óio ! Le agarranto que nunca na minha vida vi uma bri-



ga ansim ! Valentaço os dois gaúchos, como poucos ! Ninguem se astrevia a apartá ! Os milicos tremiam, no fundo do boliche, como capim limão, acovardados ! Sómentes o Chico torto e eu, solitos no mais, tivemo corage de sahi da puzperia pr'a fóra ! O sangue corria no terreiro pr'o buraco dos palanque ! Tambem os dois chirú, guapos como dianho sorto, estavam tão lastimados !... Os chapeo eram pedaço e os poncho, enrolados no braço, puro frangraio ! Pulavam como veados, de um lado pr'a outro e não sei inté como não se enredavam nas espóra ! O partido ficava cada vez mais negro; cada um percurava dá o gozpe derradeiro ! A sorte decidia, mais, porém, leviano e de óio vivo, de repente, o Eloy deu um sarto no ar e cahiu em riba do casteiano, de cheio, enterrando-le a faca até o cabo bem no sangradô !

— Depois ?

— Depois o Eloy Patacão limpou a bicha no capim, entrou na venda, bebeu um martello de canna, deu boas noite a todos e montando no sebruno cabano desapareceu na estrada pr'a sempre, pr'a sempre...

— Os pa ren te delle andam dizendo que elle vai voztá...

— Pa ra da no mais, amigo ! Ninguem sabe ! E' verdade que na venda do seu Aguiar, na entrada do povo, chegou uma vez um tropeiro, de lingua arvezada, que contou vivê na terra delle, lá pr'as banda



“...O SANGUE CORRIA NO TERREIRO PR'O BURACO DOS PALANQUE !...”

do Rio da Prata, um brasileiro, que era um tigre, mas pode sê o Eloy e pode não sê. Os gringo arrelataram que o gaúcho era um homem pr'a tudo e os paisanos le tinham medo que nem de arma doutro mundo. Ganhava muito dinheiro; nos pagos era o mió domadó de mula. Pela relação que faziam parece que é o Eloy e o seu Aguiar, que é letrado, aproveitou a hora pr'a nos contá a historia do paisano, mui mal conhecida nestas redondeza !

— Como é, amigo ?

A gauchada, que até então, a chupar o amargo, pouco se importara com a conversa dos dois peães, curiosa e interessada chamou-os para a beira do fogo.

O Bento, alisando a palha para o pito, falou :

— Disque antigamente, em São Lucas, havia um estancieiro que nem burro ! Não sabia lê nem escrevê e pr'o mal delle desconfiava de todo mundo. Se me alembro bem, se chamava majó Aquino e era sovina como gringo. Quando os tropeiro de Pelotas vinham vê a noviada, advertia-les logo que não demorasse o aparte, e isto era pr'a les deixá sem churrasco ! Que trouxessem bastante dinheiro, porque elle tinha novio



como praga nos campo, em todos os rodeio ! O véio não fazia conta e falá em fiado pr'a elle entonces era um horrô ! Dinheiro em nota, isso nem conversá ! Pr'a elle só ouro e prata : onça, libra e patacão ! Naquelles tempo disque um novio gordo custava uma libra, por muito favô. A in-

diada véia acha graça, mas carece aquerditá nos home de sabê. O majó Aquino parava rodeio pr'o aparte. Vinha os tropeiro e dois burros de cangaia com umas grande bruáca de couro crú chea de moedas de ouro. Ao lado do sinuelo o estancieiro botava uma carreta, que tinha dentro duas tachas de cobre, bem fundas, daquellas de fazê cachaça. Quando começava o serviço e os tropeiro apartavam um novio, o majó recebia uma libra, apartavam outro animá, outra libra e assim faziam sempre inté o aparte acabá. Se dava o causo de voztá algum novio do sinuelo o majó devozia aos tropeiro uma libra.

As libra sempre acabava primeiro que os novio, porque São Lucas tinha mais boiada que capim, e noviada bôa, amigo; era por isto que os homem negociava com o majó Aquino. A estancia marcava mais de oito mil terneiro por anno ! Uma barbaridade ! Mas o seu Aguiar contou tambem que, se dava o causo de dispará uma ponta do rodeio, ficava todo serviço per-

dido; o gado de São Lucas era quasi azgado ! o majó ficava que nem féra e desmanchava logo o negocio, soztando a noviada toda do sinuelo, e devorvendo as libras pr'os tropeiro. No dia seguinte, novo trabaio ! Um inferno, um castigo negociá com elle ! Ninguem queria lidá com o mar va do ! Uma vez no rodeio da Cancha Grande, o Eloy, que era o piá mais cresçudo da es-

tancia, vigiava o sinuelo, quando nelle entrou um novio véio, de seis ano no menos, e que de bardo ficava sempre no campo. O majó não viu nada, mas á noite o capataz, falando-le sobre a linda tropa feita, estranhou que nella fosse o jaguané mocho, aquelle animá tão estimado e que dava tanta sorte a São Lucas ! O majó mudou de cô; não sabia de nada, não tinha vendido o boi ! Immediatamente despachou um chasque atraz dos tropeiro e mandou que le largasse o novio. O Eloy levou uma sova de deitá, como cachorro. E o estancieiro, enquanto não viu o jaguané, fez pilão do pobre piá !

Um pião de confiança disse tambem ao majó que os tropeiro pegalaram um patacão ao Eloy. Pobre indiosito ! Apanhou outra sova e gritava que nem porco pr'a morré !...

Dahi por deante somentes chamavam o piá de Eloy Patacão ! Ansim elle cresceu amigaços e quando se fez homem entendeu o feio appellido, que era como le chamassem de ladrão; tinha vergonha, no começo, e depois pelsava a todo mundo. Coitado ! Esteve preso no Povinho e em São Borja e a policia o perseguiu sem dó ! E, afinal, ainda foi por isto que elle matou o desgraçado casteiano !...

Como eu vi Benedicto XV. A canonização de Joana d'Arc. Por Tsaura Drummond de Almeida

-- Presto! Presto!

O sol queimava. Das ruas de Roma, agitada pela deslocação do ar produzida pela passagem dos raros automóveis e dos innumeráveis carros de praça, subia uma poeira subtil, que não suja, mas suffoca, uma poeira dourada, que se diria provinda dos velhos marmores, dos velhos palacios, que a luz radiosa daquelle céo cobriu, com o correr dos seculos compridos, de uma patina fulva.

— Presto! Presto!

Ainda estavam longe, ás portas apenas do castello de Santo Angelo, onde o barbilongo imperador Adriano e o seu Narciso epiceno e lindo jazem, para escandalo e perturbação das gentes.

— Presto! Presto!

Mas eu não podia andar mais depressa! A caminhada fôra já longa, a pé desde a praça Minerva, pelas ruas mal calçadas, augmentado ainda com o cansaço pela preocupação do atrazo e pelo temor da inutilidade do esforço... A voz amiga continuava, porém, a incitar-me, e o meu desejo, o meu immenso desejo, a impelir-me. Seguimos um momento a margem sinuosa do Tibre; dobrámos depois á direita, e, enfim, poucos passos adiante, a Piazza San Pietro nos apparece em frente, com os repuxos fartos arremessando ao alto o seu grosso pennacho branco e a sua quadrupla columnata semi-envolvente. Ao fundo, enorme, com um diadema de estatuas colossaes, precedida da escadaria que o divino Miguel Angelo construiu, o templo entre todos augusto se levanta.

A praça está cheia; a rua por que sigo carrega até ella um rumoroso rio humano, engrossando a cada esquina com affluencias novas. E eu tremo, anciosa, certa quasi de haver chegado tarde, perdido o logar especial que a amabilidade de Caio Mello Franco me conseguira na tribuna reservada ao corpo diplomatico...

Por que porta entraremos nós? A custo, dando de braços, sorrindo, implorando ou forçando caminho, chegámos á entrada principal. Mas mal nos vê de longe os cartões de ingresso, um dos soldados do Papa nos sauda militarmente, e indica-nos, com um gesto, que devemos retroceder, dar a volta ao edificio, penetrar nelle por uma porta lateral.

Agora sinto-me reanimada, cheia de energias subitas. E arrojamo-me de novo para fóra, apressadamente, fazendo afastar-se o povo á minha frente.

Ao lado da igreja não ha quasi ninguém; quando chegámos porém á porta procurada, um novo soldado da guarda real do pontifice nos toma o passo, obriga-nos a esperar, colladas á parede, que o Embaixador Britannico, na sua farda branca de gala, e todo o pessoal do seu sequito, penetrem no templo, entre continencias e saudações dos soldados, que elevam ao ar suas lanças medievas e batem depois com ellas o solo. O aço polido fulgura á luz violenta do sol, resoa em seguida nas pedras irregulares da estrada... E o embaixador passa... Agora somos nós; uma rapida inspecção dos cartões de ingresso:

— Avanti!

Passámos...

E eu paro, estarecida e pasma!

O interior da basilica, que conheço tão bem, parece ter-se dilatado para conter a multidão borbórinha que o enche... Tão vasto é o espaço aberto ante os meus olhos maravilhados que eu mal consigo desvendar, para além da nave central, as estatuas dos tumulos papalinos, brancas e grandes, que agora se perdem á distancia, entre sombras dubias. Da cupola maravilhosa — que o maior genio da Renascença arqueou, para assombro dos homens, quasi tão alta quanto vasta — a luz externa penetra a jorros, abre ao centro do templo uma clareira de ouro...

E' ali que se eleva o altar onde Benedicto XV dirá a missa pontifical de canonização; é ali que eu o verei dentro em pouco — elle, em frente a quem se prostra o mundo — prostrar-se, de joelhos, a face contra o pó, imprecando, adorando o Senhor.

No logar do altar-mór está o throno de S. Pedro, ladeado, de uma e outra banda, pelas curvas dos cardeaes, pelas cathedras dos arcebispos, pelas cadeiras dos bispos. O chão desaparece sob os tapetes orientaes, grossos e fofos. Dos muros pendem brocados, em dobras amplas e pesadas; pannos de seda, compactos, enormes, que cobrem espaços de cinquenta metros, fulgindo nas paredes, pendendo do alto, onde fitas de ouro e prata os ennastram. As columnas fugem, constelladas de lampadas; guirlandas enormes de flores pendem flexiveis e sinuosas; e o aroma do incenso e da odorosa myrrha, que thuriferarios meninos fazem evolvar-se continuamente por toda a basilica, trescala.

— Presto!

Eu tenho apenas tempo de galgar os degrãos da tribuna diplomatica, achegar-me ao balcão...

Uma onda densa de som desce das alturas, oscilla no ar em vagas largas, reboia pelo templo, repercute em ecos inesperados de cada canto da igreja... E' o grande órgão. Da multidão sobe um vozeio vago, que eu não sei se é de espanto, se de anciedade; e logo uma harmonia extranha, musica estridente e clangorosa, abala a basilica, irrita e delicia-me os nervos.

— E' o cortejo! E' o cortejo!

São as trompas de prata, que soam, ainda no Vaticano, fóra do templo, de que se approximam. De repente, o seu estridor faz-se mais forte, quasi violento; o povo irrompe em aclamações incontidas... E eis que as primeiras figuras do prestito surgem ao fundo: são os trompeiros, que empunham as tubas longuissimas, fazem vibrar o ar aos accordes metallicos dos instrumentos. Vestem-se de côres variegadas e trazem a cabeça coberta por capacetes de prata polida, como de prata polida são tambem as armaduras que lhes defendem o peito. Vem depois a guarda pontifical; em seguida desfilam centenas de bispos e arcebispos, de mitras brancas, solemnes, em fila. Apparecem agora os cardeaes: o velho Lafontaine, a quem uma agonizante predisse a ascensão ao solio supremo; o sorridente Vannutelli, de olhos pequeninos; o subtil Gasparri, espirituoso e fino, amador de bons livros e de boa prosa,

camerlengo do Vaticano; Maffi, que parece triste e traz os olhos baixos; Granito, Bonifé todos os cardeaes de França, todos os cardeaes de Hespanha, um cardeal da Inglaterra, o cardeal patriarcha de Lisboa...

Agora a multidão vozeia, excitada e commovida... Quem é aquella figura hirta e magra, de rosto pallido e olhos chammejantes, aquella figura que lembra um cirio a arder, e que se diria caminhar como em vôo, rente ao solo, sem tocar o solo? Ah! Bem o reconheço! E sentindo que os olhos se me encham d'agua, eu lembro-me tel-o visto, ter-lhe beijado com transporte a mão esguia, ter-lhe falado — distante dali, longe de Roma, longe daquelle fulgor, daquelle pompa, numa quieta cidadezinha triste, numa sala erma, onde apenas chegava o murmurio das aves e das aguas, que juntas cantavam e saltavam no jardimzinho modesto que lhe rodeava a casa... Numa cidadezinha cuja população tinha ainda os olhos espantados e o coração confrangido, e onde a aza negra da guerra passára, carbonisando os muros, entenebrecendo as almas... Mercier! Mercier! E a minha voz tambem o aclama á passagem, e num grito incontido, em que ponho toda a alma, todo o coração, toda a ternura de que sou capaz, e que valerá em frente a Deus, pela commoção com que o exhalo, melhor do que uma prece...

Mas a theoria dos cardeaes passa... Agora são os fidalgos, a nobreza pontifical, mais antiga e mais alta que a do Reino, que desfila. Todas as casas principescas ali têm os seus representantes. Os nobres vêm fardados, com espadim desembainhado, reluzentes de ouro e lucilantes de pedrarias. As tubas de prata continuam a clangorar; o órgão estrondeia altisonantes harmonias, e um côro de vozes mistura os accentos do canto ás musicas reboantes.

Subitamente, porém, faz-se silencio; e tão grande era a sonoridade anterior que aquella inesperada cessação da musica parece abalar-me o corpo, desamparal-o, tal como se eu me achasse mantida de pé pelas harmonias envolventes. Mas a pausa dura um apice; e de novo, mais fortes, mais amplas, mais agitadas do que nunca, as vagas de som percorrem o templo, enchem-n'o, transbordam delle, accrescidos ainda pelo calor ululante da multidão:

— O Papa!

Benedicto XV vinha no throno dourado, palanquim carregado aos hombros dos fidalgos da sua casa de honra. A um e outro lado, dois flabellos de plumas de avestruz, abanavam; e por toda aparte, á proporção que o palaquim avançava, a multidão cahia de joelhos, aclamava, agitava os lenços nas mãos tremulas. Do alto, ante a turba prosternada, o Santo Padre estendia o braço, traçava o gesto da benção... Eu fitava-o de longe, fixamente, via-o approximar-se, ao lento caminhar do cortejo...

Mas quando o seu vulto chegou junto a mim, todas as luzes da igreja immensa expluiram em scintellas, o órgão, as tubas, o côro estrugiram com inacreditavel violencia, o incenso e a myrrha saturaram o ambiente, e eu cahi de joelhos, deslumbrada e inconsciente, soluçando...

Moda

A MODA IMPERIO

EXACTAMENTE como succedeu depois da recente conflagração da Europa, uma intensa preocupação de luxo dominou o espirito feminino após a Revolução Franceza, o qual, delirante, se entregou plenamente, com desvario, com loucura, com paixão, com deslumbramento, ao culto da dansa, da futilidade, do prazer, do desperdicio e da prodigalidade.

Assim como agora, existiram tambem os açambarcadores, os "profiteurs", os novos enriquecidos, um grande numero, enfim, de homens, que, incapazes de vencer no claro, á luz refulgente e implacavel do sol, aproveitam a confusão de um momento de eclipse total, para apanhar o que lhes fica ao alcance.

As vestimentas alcançaram, então, um preço exaggerado; e a mulher exigia cada vez mais, na embriaguez tresloucada de expor ao olhar do homem os seus encantos. E arrancou os "puffs", os brocados, o espartilho, os "dessous", possuida de repulsa por tudo que lhe occultava as fórmas, surgindo quasi nua, fazendo realçar as linhas do corpo, por um "maillôt" côr de carne, completamente visível sob as longas e rodadas camisololas de tecido finissimo, presas, unicamente, abaixo do seio, deixando-o quasi livre e exposto, arfando no decote que exhibia o collo, as costas e os braços.

A transformação da sociedade que formava o mundo elegante foi, porém, muito mais sensível naquela época do que a que se produziu com a guerra de 1914, devido isso á mudança de regimen, que collocou no poder creaturas de habitos não só burguezes, vulgares, communs, mas ainda grosseiros e sem principios, creaturas sem nenhum preparo intellectual, e sem percepção clara do posto que occupavam, avidas por tirar todo o proveito da providencial oportunidade que as collocara em galarins pouco solidos, e onde se sentiam deslocadas, contrafeitas, ridiculas.

Para se poderem impor á admiração geral, impressionando, gastavam desbragadamente. Napoleão despendeu milhares de liras com os caprichos de Josephina, que, só de "écharpes" possuía perto de quatrocentas, de quinze a vinte mil liras cada uma. Maria Luíza fornecia o seu guarda-roupas com vestidos de tres, quatro e seis mil liras. Embora se vestissem exiguamente, a fazenda em uso era carissima, além de muito sensível, por ser excessivamente fina. Os "maillôts" custavam quantias fabulosas; e o preço dos pequenos objectos que completam a "toilette" feminina assumiu proporções extravagantes.

Havendo os eruditos esclarecido que em Athenas havia sido usado, na antiguidade, o "ridicule", a parisiense adoptou-o immediatamente, com toda a solemnidade, o que — diziam certos criticos de então — lhe dava o aspecto grave de sacerdotisa. O "ridicule" foi usado em couro, em pellica e em verniz.

Não foi somente no modo de vestir que a sociedade franceza manifestou independencia e progressismo, pretextando desejos de attender ao ideal de Rousseau, o qual exhortava a humanidade a approximar-se da natureza, vivendo de accordo com as suas leis e exigencias. A Revolução Franceza assignalou tambem uma nova época nos sentimentos e nos costumes.

Tomando por arbitro o estylo, uma verdadeira mania invadiu os espiritos: — Foi o culto pela antiguidade.

O mundano, então, burguez rico, precioso, ridiculo, sentiu absoluta necessidade de amparar-se aos costumes classicos, para adquirir a distincção que se lhe tornava indispensavel. Entretanto, não era das mais facéis tarefas serem os habitos e costumes de Roma e da Grecia antigas interpretados



SCHENKER — A MOSCA CEGA



DEBUCOURT — A MANIA DO BAILE



LEFÈVRE — BAUBINI. INCROYABLE E MERVEILLEUSE

com fidelidade por aquella burguezia enriquecida.

Essa manifestação de espiritualidade, depois da vida material e grosseira soffrida durante o regimen do Terror, foi expandida com exaggero pelos francezes, saudosos, talvez, da aristocracia, da nobreza e da côrte de Maria Antonietta, a boa e formosa rainha, tão cruelmente guilhotinada pelos revolucionarios. E, tentando imitar a gente de estirpe, de raça, descendente da antiga fidalguia, o revoltado victorioso appellou para a antiguidade. E, nessa allucinação, elle deu á vida quotidiana um aspecto quasi hieratico, impregnando-a de arte, de fantasia, de sentimentalismo, de sonho. Nos objectos mais corriqueiros procurava o francez reviver uma época remota, uma tradição, uma lenda. Invadindo-lhe o espirito, dir-se-ia que a arte o procurava purificar das barbaridades praticadas ou presenciadas em fins do seculo XVIII.

As joias foram, nessa época, igualmente usadas com exaggero excessivo; e mantendo a mesma preocupação da antiguidade, a parisiense usou joias antigas, havendo Napoleão adquirido para Josephina uma riquissima collecção que tinha pertencido a um príncipe romano. As pulseiras contornavam os braços e os tornozelos. Anéis brilhavam nos dedos das mãos e dos pés. Brincos dependuravam-se das orelhas, em tres pingentes. E collares, diademas, broches, grampos, alfinetes e fivelas offuscavam no collo e na cabeça da parisiense, deslumbrando, maravilhando. A condessa Potocka possuía, entre a sua riquissima collecção, cento e quarenta e quatro anéis. Em um baile, a condessa Schwichelt roubou da sua amiga Demidoff quarenta mil liras de brilhantes, insignificantemente parte das joias que ella possuía.

Quando a condessa de Voss escrevia que na côrte de Berlim não se via ha muitos annos uma pedra preciosa, em Paris, num baile da côrte, em honra dos peruanos, as damas exhibiam vinte milhões de brilhantes. A perola não mereceu a attenção da elegante daquelles tempos, elegante arrivista, que não via no precioso producto marinho nenhum valor, nenhuma belleza. A amethysta, porém, teve grande prestigio, pois ainda não haviam sido descobertas as do Brasil e da Russia.

Quando a condessa de Voss escrevia que na côrte de Berlim não se via ha muitos annos uma pedra preciosa, em Paris, num baile da côrte, em honra dos peruanos, as damas exhibiam vinte milhões de brilhantes. A perola não mereceu a attenção da elegante daquelles tempos, elegante arrivista, que não via no precioso producto marinho nenhum valor, nenhuma belleza. A amethysta, porém, teve grande prestigio, pois ainda não haviam sido descobertas as do Brasil e da Russia.

A MODA ACTUAL.

E DIFFICILIMO para uma chronista de modas, no Brasil, expôr modelos absolutamente novos, accetos como a consagração da suprema elegancia parisiense, portanto da suprema elegancia feminina. As nossas estações, divergindo, por completo, das da grande capital da graça e do "chic", difficultam a escolha de modelos a apresentar, por fórma a orientar com fidelidade as nossas elegantes sobre o ultimo capricho da tyranna e poderosa soberana da mulher — a moda.

A linha moderna, a silhueta dos grandes modelos, que não podem ser copiados detalhadamente, por serem executados em tecido de inverno, servem, entretanto, de bussola para orientar a nossa imaginação, a qual, de um modelo de velludo bordado a vidrilhos, pôde crear um vestido de linho com bordado a cheio, ou mesmo aberto. Eu prefiro, em todo caso, procurar para as minhas amaveis leitoras os ultimos modelos das grandes casas de costura, parisienses, expondo gravuras que reproduzam as suas ultimas creações.

AS SAIAS

A saia comprida installou-se, definitivamente, nos vestidos de chá, de visitas, de jantar, de recepções e de gala. Alliando, porém, á moda, á elegancia, ao "chic", um grande criterio, — o que raramente acontece, a parisiense rejeitou a saia comprida para os vestidos praticos e os costumes "tailleurs", ve-



VESTIDO DE TARDE — MODELO BEER.

rificando que neste caso a saia curta é mais util e mais esthetica, dando um caracter menos severo, menos austero, a esse gracioso vestido, que a mulher seguidamente usa, para ir a um passeio matinal ou campestre, a compras no centro da cidade, a uma visita em familia, gosando, enfim, da sua gentil intimidade. Por isso mesmo, o costume "tailleur" e o vestido pratico devem ser, sempre, confeccionados com muita graça, muita simplicidade,



VESTIDO DE TRICOT DE SEDA, GUARNECIDO DE RENDA RENASCENÇA.

dependendo, principalmente, da harmonia do corte e de sobriedade nas guarnições.

Um dos detalhes da moda é a irregularidade do comprimento das saias, as quaes ora são mais longas de um lado, ora de ambos os lados, ora atraz, ou então na frente. Muita vez os "panneaux" — que continuam a ter acceitação — são longos, collocados sobre uma saia curta; esses "panneaux" geralmente são presos na orla da saia, dando ao vestido um movimento interessante, vaporoso, infantil, alegre.

AS GRANDES "TOILETTES"

Para os chás, as recepções, os jantares, as horas de mundanismo, de salão, o vestido mantém a linha simples, modelando o corpo, deixando adivinhar toda a belleza das suas curvas, dos seus encantos. Não sendo collantes, esses vestidos são, entretanto, indiscretos, e deixam transparecer a belleza plastica da mulher, da mesma fórma que accusa as suas imperfeições. Portanto, mais uma vez repetirei, é indispensavel toda a sinceridade para com o espelho e não fugir aos conselhos desse grande amigo. Nelle, encontraremos a verdade muda, fiel, um pouco rude, ás vezes, para a nossa vaidade, mas que nos aponta as imperfeições que devemos occultar.

Para os vestidos decotados, os modelos bem recebidos pela parisiense elegante, e que ha algum tempo vêm inspirando os mestres da costura, creadores de "toilettes" de gala, são os vestidos de estylo. Ha-os com "panniers", graciosissimos, lembrando o seculo XVIII e os 1830, longos, muito rodados, muito interessantes.

Um dos modelos a que me refiro, em pleno estylo, foi apresentado por uma das melhores e conceituadas casas de modas, e é assim confeccionado: Busto alongado, formado todo elle de pequeninas ventarolas imitando petalas de rosas, acabando em baixo, irregularmente, sobre a saia, com rosas muito chatas, em tom mais vivo que o das petalas que formam o corpinho, as quaes são em rosa muito claro. O decote é redondo na frente, abrindo muito atraz, terminando em ponta, descendo quasi á cintura. A saia é de renda prateada, muito rodada e longa, sobre uma saia estreita de seda branca, coberta com gaze, e curta. Um pouco abaixo dos joelhos surgem, na frente, duas pontas de fita, azul claro, que estão presas na cintura, e são, apenas, percebidas, através da renda de prata, até que a rompem, sendo, então, presas, ahí, com uma grande rosa, identico ás que estão em cima. Essas pontas de fita cahem soltas sobre a saia, em baixo, alongando-se e ultrapassando-a, de tres a quatro centimetros, no comprimento.

A saia é suspensa de cada lado, nas ancas, por uma imperceptivel armação de arame; e a cintura é ligeiramente accentuada. Dois vestigios de mangas da mesma renda prateada completam esse lindo vestido da Casa Agnés.

AS MANGAS

Felizmente para nós, que estamos em pleno verão, a manga curta não abandonou ainda o seu posto. Nada é mais variavel na moda actual do que o comprimento das mangas. Fazem-nas longas, tres quartos acima do cotovelo, curtissimas, imperceptiveis e mesmo... nenhuma.

Algumas cahem, abandonando o braço e alongando-se até á orla da saia; outras contornam o braço modelando-o fielmente; outras são direitas, mantendo a mesma largura desde o hombro até á mão; e outras, ainda, que são mais estreitas em cima do que em baixo. Para os vestidos de verão, em linho, em cambraia, em mol-mol, em "organdi" e em "crêpe" da China, as mangas curtas dão muita graça, muita frescura e muita vaporosidad.

O DECOTE

O decote, para os vestidinhos simples de verão e para as "toilettes" mais apuradas, continúa a ter preferencia em abrir sobre os hombros. Esse decote, aliás, é muito gracioso, guarnece muito bem o rosto, emmoldurando-o astisticamente, fazendo-o surgir como em uma cabeça esculpturada.

A FITA

A fita continúa victoriosa. Raramente um modelo deixa de ter como complemento, como o detalhe que sussurra o segredo encantador, a fitinha



VESTIDO DE TARDE — MODELO DORAT.

azul, ou rosa, ou "marron", ou preta, ou prateada, ou verde, em summa, em qualquer côr, dando a ultima graça, o maximo do requinte, o supremo "chic".

Ha chapéus que são totalmente confeccionados de fita estreitissima. Na cintura e na gola, a fita constantemente tem oportunidade de ser usada. E nas saias, cahindo-lhes ao longo, ellas ficam esplendidas, principalmente nos vestidos de verão.



GRACIOSO VESTIDO DE NOITE — MODELO CHARLOTTE.

Evolução da cidade de São Paulo



PADRE MANUEL DE PAIVA, FUNDADOR DE SÃO PAULO.

PARTINDO do grão de areia, que foi o burgo do PADRE MANOEL DE PAIVA, desenvolveu-se o pequeno núcleo, constituindo-se, depois de algum tempo, em povoação. As estreitíssimas, raras e indígenas trilhas foram transformadas em caminhos, e estes, por sua vez, convertidos em ruas.

Com estas, desde essa época, formou-se o triângulo inicial — o polígono mais simples, a figura geométrica indeformável por excellencia.



PEDRA DA SEPULTURA DE AFFONSO SARDINHA E DE SUA MULHER, MARIA GONÇALVES, ENCONTRADA NA DEMOLIÇÃO DA IGREJA DO COLLEGIO.

E essa indeformabilidade resistiu aos seculos, apesar dos formidaveis ataques do gentio inimigo.

O cacique Tibyriçá e seu genro João Ramalho, o portuguez que Martim Affonso encontrára na nova região, foram os verdadeiros protectores da colonisação, que então se iniciára.

A população, a principio exclusivamente indi-



MARTIM AFFONSO DE SOUZA, PRIMEIRO DONATARIO DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE.

gena, foi augmentando com os portuguezes e os jesuitas vindos de S. Vicente e Santo André da Borda do Campo — primeiros povoados da Capitania. A influencia do elemento europeu não tardou em apparecer. A taba de Tibyriçá, algum tempo depois, havia perdido o seu caracter indiano.

Raras casas esparsas, feitas pelos jesuitas e portuguezes, com os materiaes encontrados na terra, mostravam um principio de civilisação.

O valoroso chefe Guayanaez empregou toda a sua actividade e os melhores esforços de protecção e ajuda na colonisação e crescimento da povoação.

Com a sabia orientação dos jesuitas e a protecção de Tibyriçá, o maior paulistano, iniciou-se a directriz de progresso que São Paulo havia de trilhar através dos tempos, attingindo o formidavel grão de cultura e o maravilhoso engrandecimento material que hoje ostenta.

Pelas "Listas Geraes", das quaes a mais antiga foi feita em 1766, por ordem do capitão-general Botelho Mourão, e pelas relações dos predios collectados, de 1834 até nossos dias, pôde-se bem ajuizar do que foi o crescimento da cidade de São Paulo:

Annos.	Predios	Valor locativo
1766	899	179:800\$000
1772	985	226:550\$000
1834	1.708	768:600\$000
1840	1.843	1.019:179\$000
1875	2.992	2.094:400\$000
1886	7.012	5.329:120\$000
1890	10.012	11.540:236\$000
1895	18.505	23.590:115\$000
1900	21.656	33.306:139\$000
1905	25.976	32.833:988\$000
1910	32.914	43.137:792\$000
1915	36.128	90.943:530\$000
1919	58.698	99.801:376\$000
1920	59.784	101.474:646\$000
1921	63.166	145.990:815\$000

Nos annos de 1918 e 1919 os predios foram classificados da seguinte maneira, conforme a sua natureza:

	1918	1919
Terreos	39.143	40.301
Assobradados	12.143	13.526
De um andar	4.275	4.531
De mais de um andar	250	340
	56.208	58.698

Moreira Pinto, na sua magnifica obra, *Cidade de São Paulo*, diz:

"No plano então observado se descobrem perfeitamente os lineamentos dessa cauta prudencia, dessa estrategia, que convinha guardar para com os de dentro, e desse calculado retrahimento, ou melhor, exclusão inteira que observava para com os de fóra. O chefe Tibyriçá e os da sua sequella ficaram ali para o vertice do triangulo, na altura do



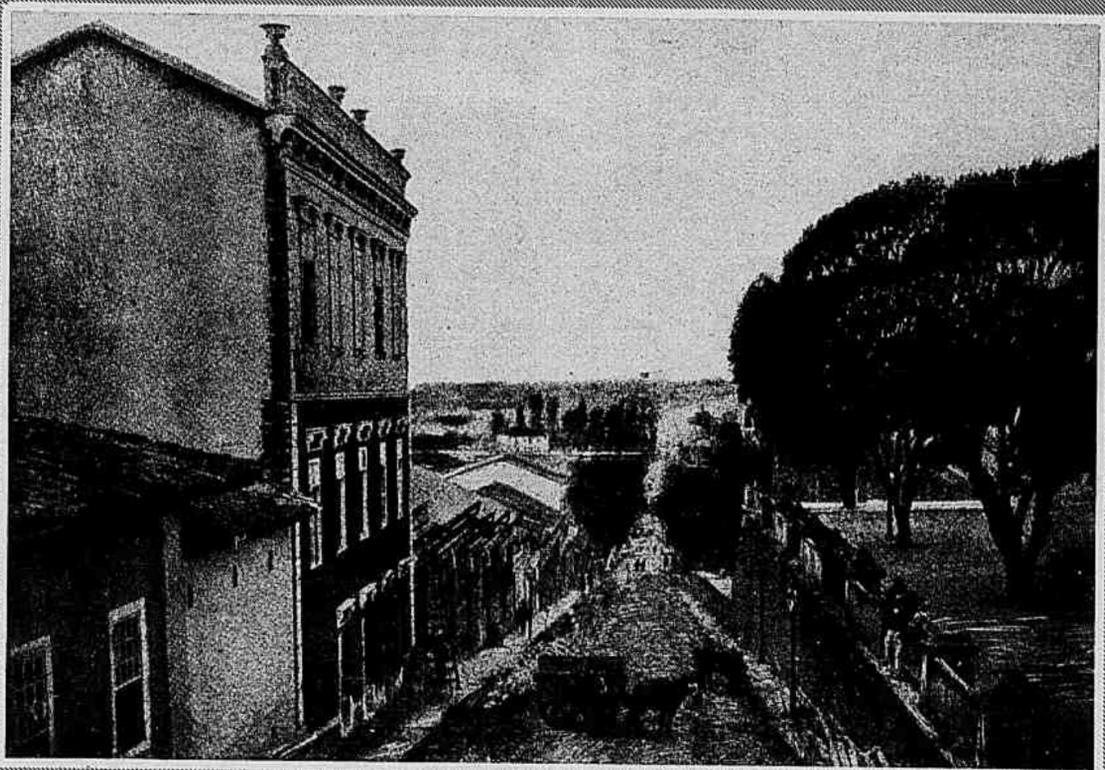
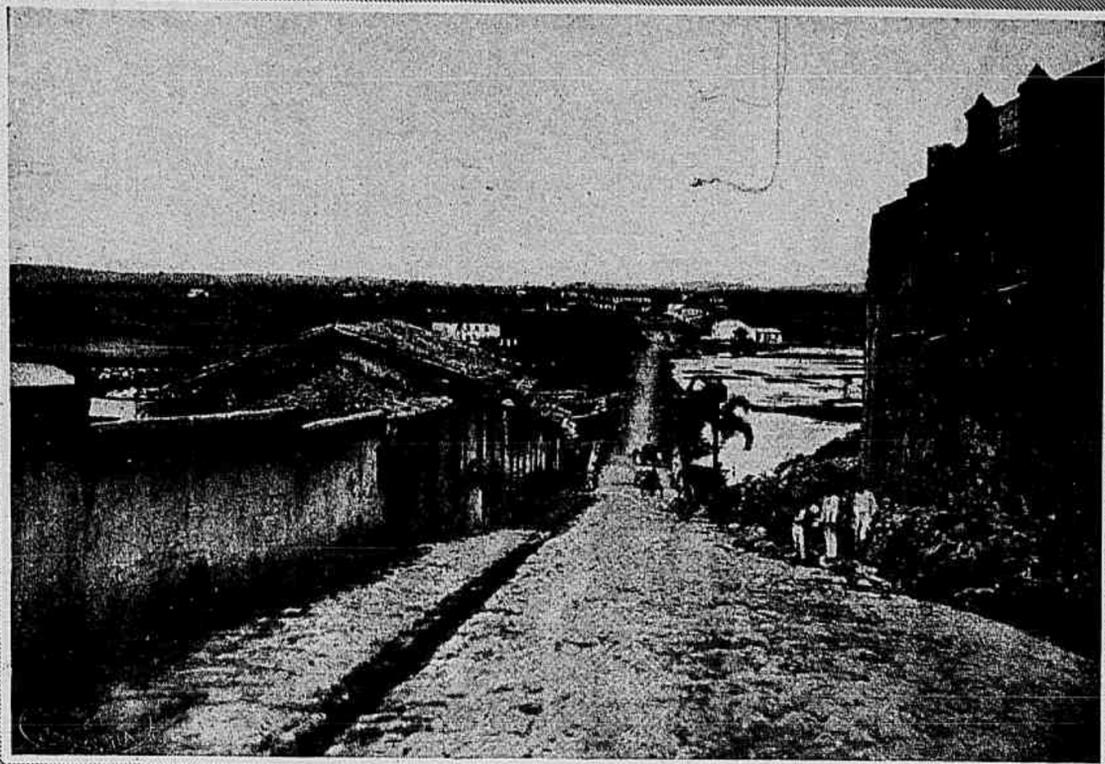
actual convento de S. Bento, que era a porta Norte da cidadella dos catechumenos, e protegendo o accesso desse lado do sinuoso Tieté. Os do sequito



A ACTUAL RUA 15 DE NOVEMBRO EM 1860.



A RUA DIREITA EM 1862 (ANTIGO CAMINHO DE SANTO ANTONIO).



A LADEIRA DO CARMO EM 1859, EM 1887 E EM 1905.

do velho Cai-Uby localisaram-se ali para o extremo Sul, proximo do sitio que depois se chamou *Tabatagoera*, e tinham sob a sua guarda o caminho que do alto do espigão descia para a varzea e tomava para S. Vicente, por Santo André.

No meio ficava o collegio dos padres, como centro de onde irradiavam os caminhos ou futuras ruas da Cidade.

No beijo da escarpa que dá para o Anhangabá,

J. Ramalho

ASSIGNATURA DE JOÃO RAMALHO, CAPITÃO E ALCAIDE-MÓR DOS CAMPOS DE SANTO ANDRÉ — 1555.

bahú, sulco profundo, onde crescia espesso matto e onde a lenda selvagem fazia deslizar mysteriosamente essa *agua da maldade*, oriunda de uma fonte do diabo, rasgava-se o caminho de cintura, mais tarde transformado em rua Martim Affonso, e hoje de S. Bento, outr'ora habitado em sua maior extensão pela gente de Tibyriçá.

Para o alto do campo, nas vizinhanças do moderno largo da Assembléa, onde os desbarrancados oppostos ou sorocas dos gentios mais se approximavam, um monticulo de pedras de limonito, de que se encontram ainda hoje fragmentos nos nossos vetustos calçamentos, se estendia para o Sul, como uma crista escalvada attingindo sua maior altura, no sitio que depois se chamou campo da Forca.

Desse morro procedia boa parte da pedra usada nas primeiras construcções. As paredes mestras da igreja do Collegio eram feitas com esse material.

Subindo para o mais alto dos morros, o campo ia fenece na mata virgem que coroava aquellas eminencias, a qual, descambando ainda para a vertente opposta, tomava o nome de *Caaguassú*, que quer dizer matto grosso, nome que a tradição conservou. Dahi descia o combustivel mais abundante como tambem quasi toda a madeira de construcção para as obras da Cidade.

Abundante e salutar era a agua desses campos. Fontes numerosas, na encosta dos morros, nos desbarrancados, para onde davam os fundos dos quintaes de todas as casas, forneciam o sufficiente para os gastos domesticos e para as obras.

O acesso para a agua dos ribeiros, no perimetro da cidade nascente, era difficil; mas bem se escusavam aguas de rio, descendo encostas ingremes, ou talhadas em degrãos, onde tão abundantes eram os olhos e minas d'agua, de que não poucos existem ainda, guardando a boa fama de outr'ora.

Para ganhar os campos ao poente da cidade, abundantes de perdizes e de caça miuda, pittorescos nos seus numerosos grupos de pinheiros, nas suas pequenas lagóas frequentadas pelas garças e bandos de patos que vinham do Tieté, havia então dous caminhos unicos, pelos dous váos existentes no sulco estreito e profundo do Anhangabá: o que descia pelo *Acú*, no logar em que está hoje o mercadinho da rua São João, e o que se encaminhava para a Aldeia dos Pinheiros, passando pelo Piques.

Naquelles tempos não havia mais que quatro portas na cidadella dos catechumenos: duas ao Norte, guardadas e frequentadas pela gente de Tibyriçá, e duas ao Sul, defendidas pelos guerreiros de Cai-Uby.

A trilha que se encaminhava do Collegio para o vão do Piques, a actual rua Direita, já a esse tempo parece indicar a linha divisoria entre os dous bairros em que a cidade, desde logo, se repartiu.

De então, começou a edificação da nova povoação, a qual, já pelo labor dos indios, já pela con-



BRAZÃO DE MARTIM AFFONSO

a.º Sarfinha

ASSIGNATURA DE AFFONSO SARDINHA, VEREADOR EM 1556.

corrença dos colonos vindos do littoral, teve rapido incremento a ponto de supplantar, alguns annos depois, a vizinha villa de Santo André, pois certo é que, achando-se em S. Vicente o governador-geral, Mem de Sá, em 1560, mediante representação do padre Nobrega, mandou extinguir a villa de



ESTADO DE SÃO PAULO — CAPITAL — UM ASPECTO RECENTE DA RUA DIREITA.

Santo André e transferiu este predicamento para a povoação vizinha com o nome de São Paulo de Piratininga."

Aos 5 de Abril de 1560, Mem de Sá, o 3º governador-geral do Brasil, diante das insistentes re-

presentações dos Jesuítas, elevou a povoação á categoria de villa.

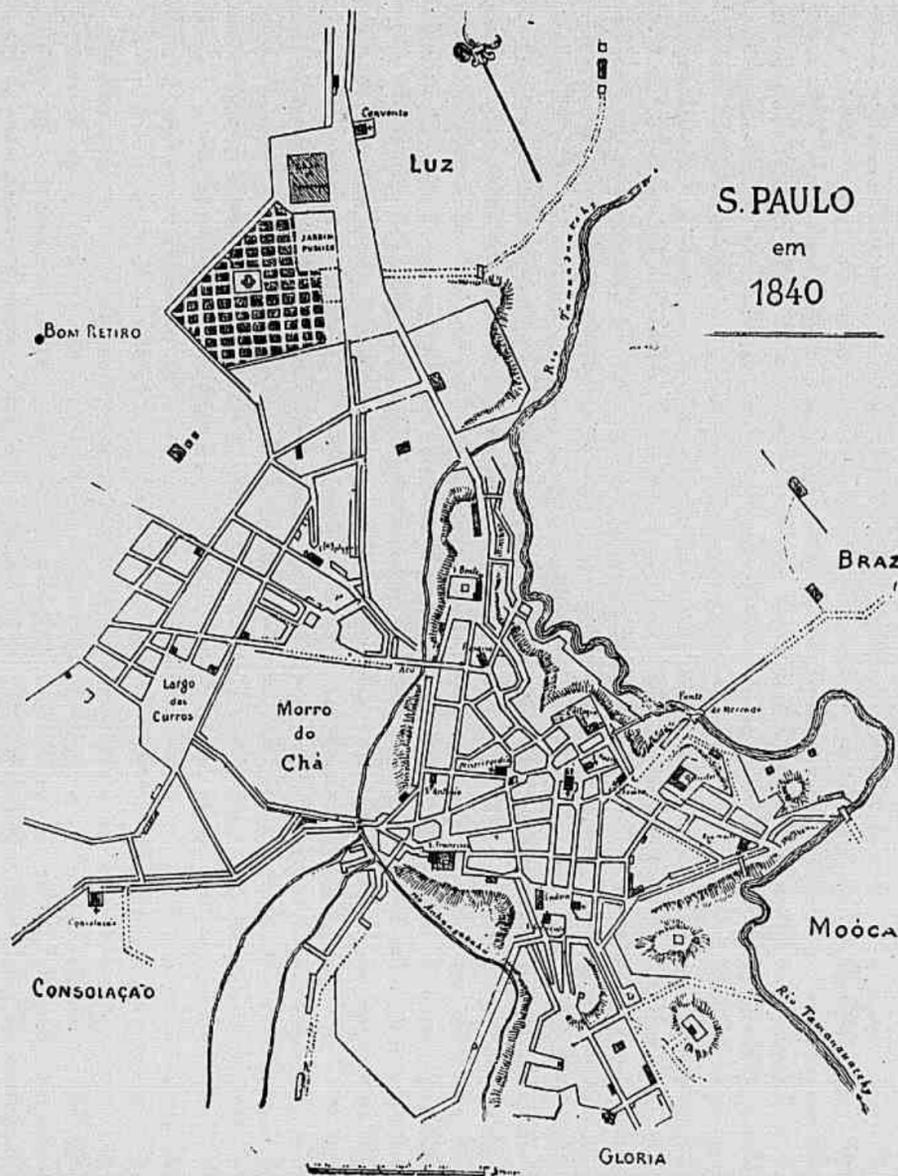
Com a mudança dos habitantes de Santo André para a villa de São Paulo, aquella foi totalmente arrazada.

Vinte annos antes, deu-se em São Paulo um honroso episodio, que dá exacta demonstração do espirito de independencia, de energia, de iniciativa e de patriotismo dos Paulistas. A. de Saint-Hilaire assim o descreve: "Quando o Duque de Bragan-

ça foi proclamado rei de Portugal, com o nome de João IV, em 1640, esta notícia causou entusiasmo no Brasil.

Mas a Capitania de S. Vicente fez excepção. Os paulistas tinham, sob o domínio hespanhol, ficado quasi independentes e pensaram aproveitar da perturbação e da indecisão do momento para romper os vinculos que os ligavam á Europa. Os hespanhóes que viviam em S. Paulo, não desejando ser governados pelo soberano de Portugal, communicaram aos seus habitantes as suas idéas de independencia. Entre elles contava-se o nobre e respeitado AMADOR BUENO DE RIBEIRA, pertencente a uma familia rica e numerosa. Os paulistas então quizeram collocar-o á sua frente. Compareceram a sua casa e, aclamando-o com entusiasmo, proclamaram-no seu rei.

Amador Bueno, fiel aos seus deveres, recusou a corôa com perseverança e concitou o povo a reconhecer soberano aquelle cujos direitos deviam de ser incontestaveis a todos os brasileiros. Sofreu ameaças ao ponto de ser morto, se rejeitasse o titulo de *Rei de São Paulo*. Então, armado de espada, sahiu Amador Bueno pelo portão do jardim de sua casa e dirigiu-se para o Mosteiro de S. Bento. O povo acompanhou-o, aclamando: — Viva Amador Bueno, o nosso rei! — Mas Amador Bueno, inflexivel, persistia respondendo: "Viva D. João IV, por quem estou prompto a derramar o meu sangue!" Chegando ao Mosteiro, entrou precipitado e cerrou as portas. O abba-de appareceu depois, rodeado de pessoas gradas, falando ao povo e convencendo-o de que deveria reconhecer a soberania de Portugal. Nessé mesmo



dia foi D. João IV proclamado rei em S. Paulo."

Segue-se a expulsão dos Jesuitas pelos Paulistas.

Em 1643, o vice-rei marquez de Montalvão ordenou por decreto que os bens destes padres fossem restituídos. Só em 1653 permitiram os Paulistas a volta dos Jesuitas.

Aventureiros e energicos, embrenham-se pelo interior do paiz, desbravando os sertões, á cata do ouro e pedras preciosas. Estas expedições, chamadas BANDEIRAS, espalham-se por Minas, vão até o Perú, sobem ao Amazonas, descem aos pampas rio-grandenses, fundando povoações e dilatando o territorio. Devido á acção decisiva dos BANDEIRANTES deve hoje o Brasil o seu immenso territorio.

O governo da Capitania, vendo a importancia adquirida por S. Paulo, mudou para ahi, em 1681, a séde do governo.

Aos 24 de Julho de 1711, Dom João V, rei de Portugal, concedeu-lhe o titulo de cidade.

Com a proclamação da Independencia, em 1822, S. Paulo pasou a ser a capital da Provincia e em 1889, com a Republica, a capital do "primus inter pares" dos Estados brasileiros.

Para finalizar, destacamos da notavel conferencia realisada pelo Sr. Dr. Alfredo Pinto, sobre os Immortaes de São Paulo, e na qual brilhantemente falou de Tibyriçá e Affonso Sardinha, que muito contribuíram para a formação de São Paulo, — estas palavras:

"Eu não sei se a justiça social, que tão desamorada tem sido até aqui para com as figuras plutarchinas d



A LADEIRA DO CARMO — PHOTOGRAPHIA APANHADA ESTE ANNO



ESTADO DE SÃO PAULO — CAPITAL — RUA 15 DE NOVEMBRO.

nosso passado, cumprirá desta vez o seu dever, ou ainda deixará passar o momento, flagrantemente oportuno, para fazer erigir o Pantheon dos Immor-

taes de S. Paulo. O que, porém, em minha alma de paulista, em minha consciencia de patriota, eu tenho a gratissima satisfação de reconhecer e sinto a ne-

cessidade de proclamar — é que, para gloria de minha terra, nenhum povo se honra com ascendencia mais digna da egregia homenagem."

O Escotismo em São Paulo

ORGANIZAÇÃO E FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOTEIROS

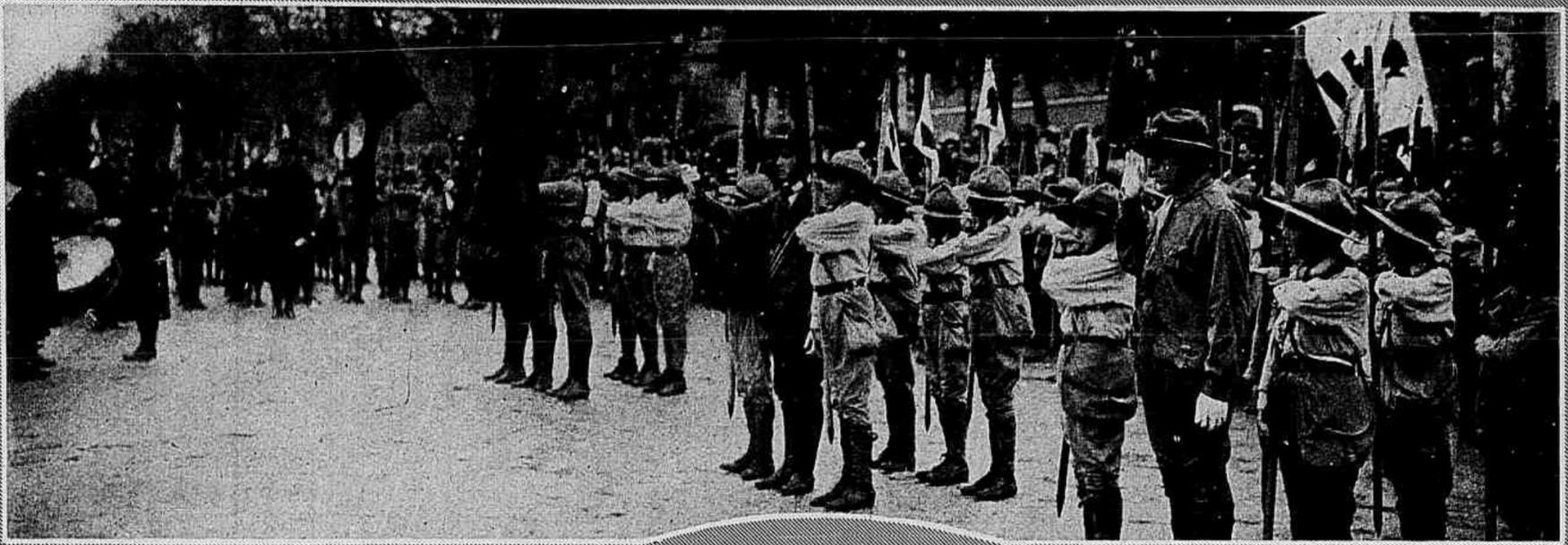
QUEM lê, diariamente, as notícias das grandes folhas da Capital sobre o desenvolvimento rápido e impressionante que vai tendo o escotismo no Estado de São Paulo, terá notado que, na vanguarda dos que se batem pelo progresso dessa nobre e generosa instituição em terras de nossa Patria, estão, em posição de destaque, os professores paulistas. Em todos os recantos de S. Paulo surgem, cheias de entusiasmo, as aggremações de escoteiros, graças á comprehensão exacta que de suas responsabilidades têm os educadores paulistas, convictos todos da influencia extraordinaria que, fatalmente, exercerá o escotismo na grandeza futura do Brasil. E já não se limitam esses abnegados servidores da Patria á implantação do escotismo nas cidades em que exercem sua missão nobilissima. Vão pelas cidades irmãs, em excursões arrojadas, a demonstrar, de modo convincente, as vantagens da educação pelo escotismo; a pregar, pela acção e pelo exemplo, a mais nobre das cruzadas em prol da grandeza futura da Patria, a convencer os nossos patricios, pelo argumento forte das conquistas já realisadas no terreno da educação dos jovens brasileiros pelos principios da escola de Baden Powell, da necessidade urgente de se fazer de cada menino de nossas escolas um verdadeiro escoteiro. São os modernos bandeirantes, dignos herdeiros das gloriosas tradições dos conquistadores dos sertões de nossa terra, dos heroicos povoadores do solo do Brasil. Os frutos dessa propaganda intelligente, tenaz e patriótica vão surgindo com incrível rapidez, sendo hoje poucas as cidades paulistas que ainda não possuem uma comissão regional de escoteiros. O escotismo, que é hoje um facto no Estado de S. Paulo, será, amanhã, para maior gloria de seus apóstolos, uma realidade brilhante no Brasil. Ainda agora, numa prova de grande carinho e interesse com que acompanha os progressos do escotismo nas escolas, acaba o Sr. professor Guilherme Kuhlmann, director geral da Instrucção Publica, de tomar, de accordo com a Associação Brasileira de Escoteiros, uma medida que, acreditamos, será acolhida com sympathia e executada com entusiasmo. Determinou S. S., em circular enviada ás Delegacias Regionaes, que, desde já, seja adoptado nos grupos escolares e escolas reunidas, para uniformes de seus alumnos, o uniforme dos escoteiros. E', á primeira vista, uma medida insignificante. Tem, entretanto, a nosso ver, alcance extraordinario. O uso diario do bellissimo e sympathico uniforme de brim kaki e chapéo de abas largas será constante estimulo para as creanças á pratica das virtudes dignificadoras do homem. O alumno-escoteiro terá, nas bellas côres do seu uniforme, ou no laço elegante de seu lenço, a recordação constante de sua responsabilidade e de seus deveres; terá, a todo momento, na simplicidade encantadora de sua farda, a lembrança dos 12 artigos de seu codigo de honra. E como os escoteiros são todos iguaes, cooperando todos pelo engrandecimento da instituição que os reúne para um mesmo ideal, é necessario que a todos tambem nivele o bello uniforme, que só pôde ennobrecer quem tiver a felicidade de envergal-o. E se assim é no escotismo, assim é preciso que seja na escola. Filhos da mesma Patria, possuidores todos dos mesmos direitos e tendo todos os mesmos deveres e responsabilidades para com a terra de seu berço, nada mais bello que todos vistam o mesmo uniforme, estabelecendo, desde os bancos escolares, as bases da igualdade republicana. E será ainda medida de grande economia para os paes. Não se trata de fardamento que exija grandes dispendios. Blusa e calças curtas de brim kaki e meias pretas compridas para os noviços e calças compridas e polainas para os escoteiros effectivos, tendo todos o lenço com a côr adoptada em cada região, o uniforme será sempre de facil confecção e estará sempre ao alcance dos menos favorecidos da fortuna. E' uma roupa economica para o uso diario e será tambem roupa bonita e pouco dispendiosa para os dias de festa. Longe de ser uma fonte de despesas, será ensejo para economia. E não se venha argumentar com a necessidade do calçado, actualmente não exigido em nossos estabelecimentos de ensino. Se os conhecimentos de hygiene, que os instructores dão aos escoteiros, fossem já conhecidos de nosso povo, não haveria hoje em nossa terra quem andasse descalço. Todos saberiam a que graves riscos expõe a saude quem não faz uso constante do calçado. A opilação não teria sido, assim, factor tão grande da decadencia do homem dos nossos sertões, o bravo sertanejo de outras éras, hoje tão impatrioticamente ridicularizado na figura grotesca do Jéca. A despeza que um pae fizer com a compra do calçado para seus filhos, annualmente, não será maior que as quantias que terá de despende com o combate ás molestias que as creanças podem adquirir andando descalças. Quando todos os nossos filhos forem escoteiros, quando tiverem todos recebido os ensinamentos dessa admiravel escola de educação, o combate a todos os males que affligem hoje a nossa Patria terá deixado de ser um problema a ser resolvido. Por isso, tudo quanto se fizer em prol do desenvolvimento do escotismo será pedra carreada para a construcção da grandeza do Brasil.

Constituição da entidade — A Associação Brasileira de Escoteiros, com séde em São Paulo, foi fundada em 29 de Novembro de 1914. Destina-se á formação do escoteiro, promovendo nos moços que a ella se filiarem: a) o vigor e a dextreza physica; b) o espirito de iniciativa; c) a decisão prompta; d) a coragem; e) a solidariedade; f) a honra; g) o patriotismo. A Associação Brasileira de Escoteiros foi reconhecida pela Liga da Defesa Nacional, por officio de 17 de Abril de 1917, instituição nacional, entregando-lhe a missão de centralisar todo o trabalho de escotismo no Brasil. O Governo da Nação attribuiu á A. B. E., por decreto, a qualidade de instituição de utilidade publica. O Governo do Estado votou um auxilio que, além de assegurar á A. B. E. elemento de vida, a consagra ainda instituição de benemerencia. A Associação Brasileira de Escoteiros é administrada por um Conselho Superior composto de 25 membros, que elege uma directoria para servir durante 2 annos. Ao Conselho Superior ficam subordinadas as Comissões Estaduaes de Escoteiros, que superintendem os trabalhos de um determinado Estado. A essas Comissões Estaduaes são filiadas as Comissões Regionaes de Escoteiros, que abrangem os agrupamentos de escoteiros que se formam nas localidades. Existe tambem Confederação de Escoteiros. Quando uma organização abrange uma determinada classe, dispersa por todo o paiz, toma essa denominação. Como exemplo, a Confederação Brasileira de Escoteiros do Mar, com séde no Rio de Janeiro e filiada á A. B. E., a qual reúne sob sua bandeira (azul, tendo no centro uma flor de lirio sobre uma ancora) todos os escoteiros navaes, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Organização de comissões regionaes. — Para organização de uma Comissão Regional de Escoteiros é necessario o seguinte: a) que haja um agrupamento de pelo menos 20 socios contribuintes, pagando 2\$000 por mez, e 17 constituintes (escoteiros), que pagam \$500, para os cofres da Comissão Regional; b) que organise uma directoria composta de um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e um thesoureiro; c) que peçam a sua inscripção ao Conselho Superior da A. B. E., juntando copia da acta da sua constituição e numero dos seus socios contribuintes e constituintes; d) que contribuam com a importancia de 50\$000 por anno para os cofres da A. B. E., no acto da sua inscripção e nos mezes de Abril dos annos seguintes. Os cartões de identidade, renovados annualmente, serão extrahidos em duas vias, ficando um com o escoteiro, e o outro será remetido para a séde da A. B. E. Esses cartões serão registrados em livro proprio, na secretaria da commissão regional. Estas instrucções deverão ser largamente divulgadas, e ficar fazendo parte do regulamento interno das commissões regionaes.



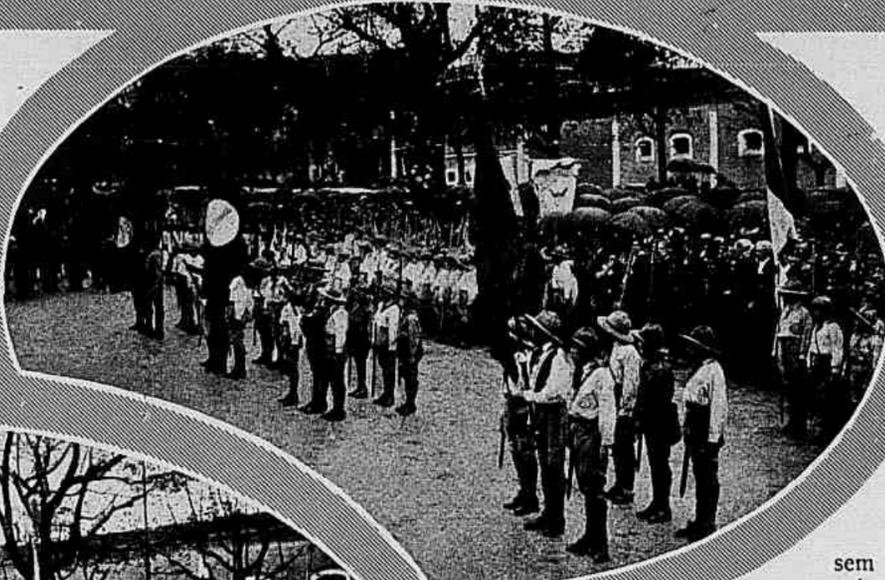
A benção da bandeira dos Escoteiros da Capital, pelo Arcebispo D. Duarte Leopoldo.

Horarios — Com o fim de orientar os delegados technicos das commissões regionaes, a Comissão Technica da A. B. E. organisou um programma e horario para o serviço de acampamento, sem comtudo entrar a iniciativa dos organisadores. 5,30 — Alvorada, levantar, cuidados pessoaes, vestir e preparar. 6,00 — Gymnastica educativa. 6,30 — Café e repouso. 7 a 9 — Trabalho de acampamento. 9,10 — Jogos, natação, reunião dos commandantes. 10,00 — Almoço e hygiene do acampamento. 11,30 a 12,30 — Descanço obrigatorio em silencio. 12,30 a 1,30 — Exercicios de escotismo. 1,30 a 2,30 — Trabalho de campo. 2,30 — Café. 2,45 a 4,00 — Jogos e permissão de passeio. 4,00 a 5,00 — Trabalhos. 5,00 — Jantar e limpeza geral. 6,30 a 8,30 — Cantos e lendas ao redor do fogo. 8,30 — Café. 9,00 — Toque de recolhida e chamada. 9,30 — Silencio. Para as refeições haverá dois toques de corneta, com intervallo de 15 minutos. Um toque de corneta ou apito, deve ser immediatamente obedecido por todos aquelles a quem pertence o chamado. Todos os escoteiros devem estar presentes e em forma, por occasião de hastear e arriar a bandeira. Os cozinheiros designados para cada dia serão isentos de trabalhos e exercicios de escotismo, salvo deliberação em contrario do chefe do acampamento. A guarda do acampamento é feita sempre por tres escoteiros commandados por um monitor, rendidos de duas em duas horas. A instrucção, formulas, estatutos, elementos completos, instructores, delegados technicos, informaçoes, tudo a Associação fornecerá em seguida, facilitando ás commissões regionaes a realisação dos seus fins patrióticos. Concessão de diplomas — O Conselho Superior confere diplomas de habilitaçoes aos escoteiros, afim de gosarem dos direitos outorgados pelos estatutos da Associação Brasileira de Escoteiros. Para obter o diploma basta que a secretaria regional envie uma lista dos escoteiros approvados, constando nome por extenso, idade, posto de commando e especialidades em que os mesmos se habilitaram. Remessa do Boletim — cada delegado technico deve enviar um Boletim Mensal, resumindo os trabalhos de



escotismo, realizados durante o mez anterior. Relatorio — Compete ao presidente apresentar ao Conselho Superior da A. B. E., em Janeiro e Julho de cada anno, um relatorio dos seus trabalhos, e copia do balancete do thesourero.

Uniformes — Privilegio de uniformes e seu uso. A Associação Brasileira de Escoteiros aprovou um modelo de uniforme e equipamento para escoteiros, do



recolhidos o seu cartão de identidade e a sua farda completa, pela qual receberá um valor correspondente ao seu estado de conservação. Esta farda poderá ser revendida, ou fornecida gratuitamente a outro escoteiro.

Idade — Limite de idade. Não poderão ser admitidos como escoteiros rapazes de mais de 16 annos de idade, a menos que já tenham conquistado algum posto de commando, desde monitor até capitão. Os diplomas de especialidades não servirão para este caso. Os escoteiros que attingirem a idade de 16 annos,

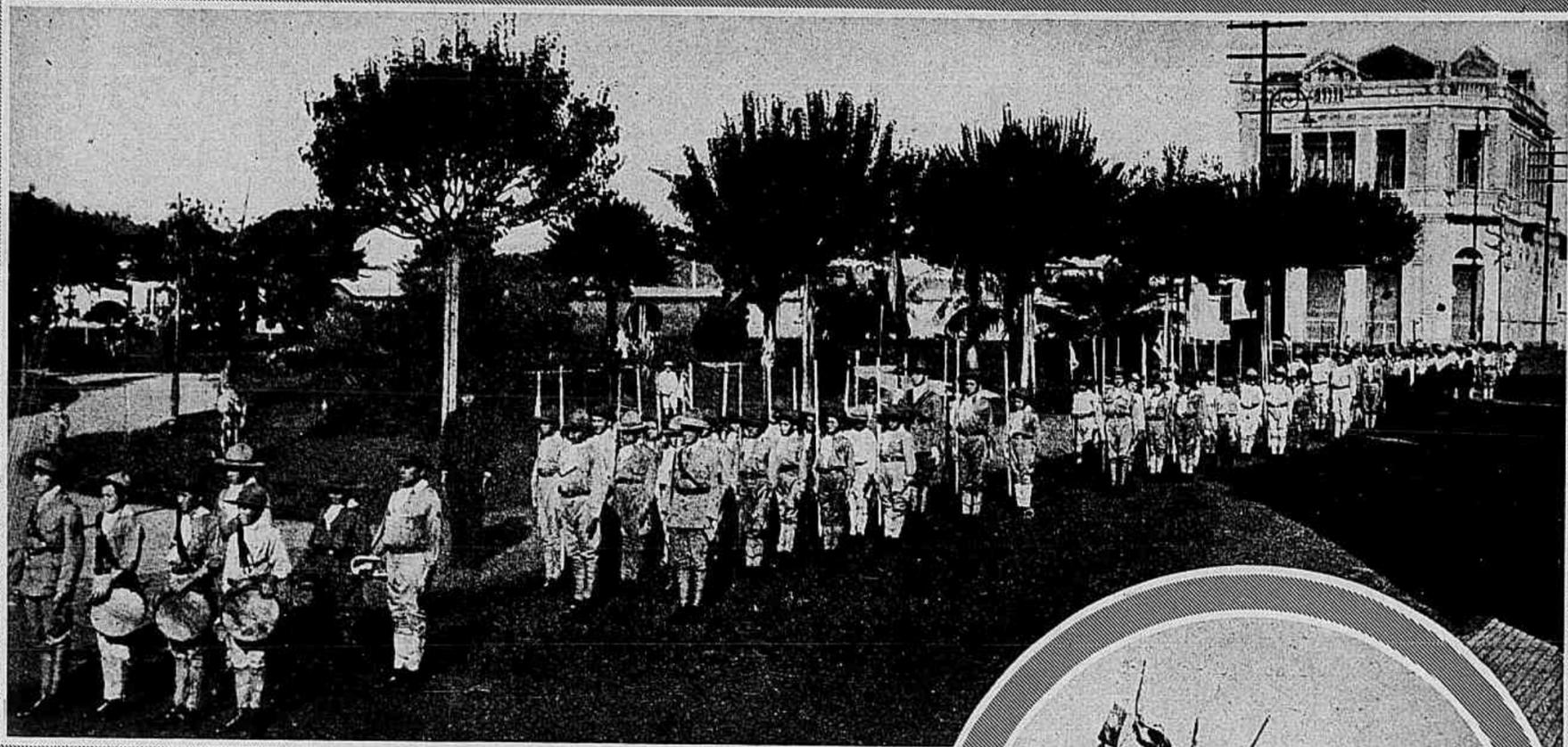
sem conquistarem posto de commando, receberão um certificado da sua conducta, autenticado pelos directores das commissões regionaes e visado pelo director tecnico da Associação Brasileira de Escoteiros.

Codigo do escoteiro — 1º - A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida. 2º - O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral. 3º - O escoteiro é um homem de iniciativa. 4º - O escoteiro acceta, em todas as circumstancias, a responsabilidade dos seus actos. 5º - O escoteiro é leal e cortez para com todos. 6º - O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociaes, 7º - O escoteiro é generoso e valente, sem

qual tirou privilegio, e que será fornecido exclusivamente pelas casas por ella designadas. Todos os pedidos, portanto, quer de uniforme, quer de emblemas, divisas e material de escotismo, devem ser dirigidos á casa fornecedora dos socios da A. B. E. Pessoa alguma, não sendo membro da Associação, poderá usar o uniforme de escoteiro, que se acha devidamente registrado. Por isso ninguem poderá usar o uniforme de escoteiro sem possuir o seu cartão de identidade, devidamente rubricado pelo delegado tecnico da commissão regional. Quando, por qualquer motivo, um escoteiro fôr eliminado, serã o

Escoteiros da Capital:
Ao som do Hymno
Nacional — Apresentação
das bandeiras —
Em continencia.



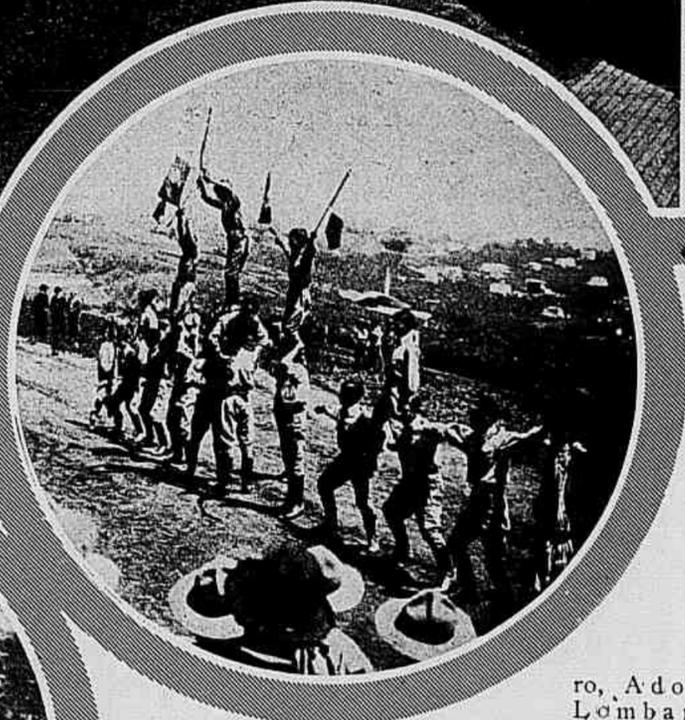


pre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida. 8º - O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja. 9º - O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda a crueldade contra elles. 10º - O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o bom lado de todas as cousas. 11º - O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio. 12º - O escoteiro tem a constante preocupação da sua dignidade e o respeito de si mesmo.

ORGANISAÇÃO DAS COMISSÕES REGIONAES DE ESCOTEIROS, FILIADAS A' ASSOCIAÇÃO B. DE ESCOTEIROS

C. R. de Annapolis — Fundada em 19 de Setembro de 1921. Pres. honorario, coronel Joaquim Caetano de Camargo Lima; Pres., coronel Estanislão de Camargo Abreu; vice-pres., capitão Carlos de Aruda Penteadó; 1º secret., Henrique de Barros Leite; 2º secret., João Baptista Leme; thes., Olympio Mattoso.

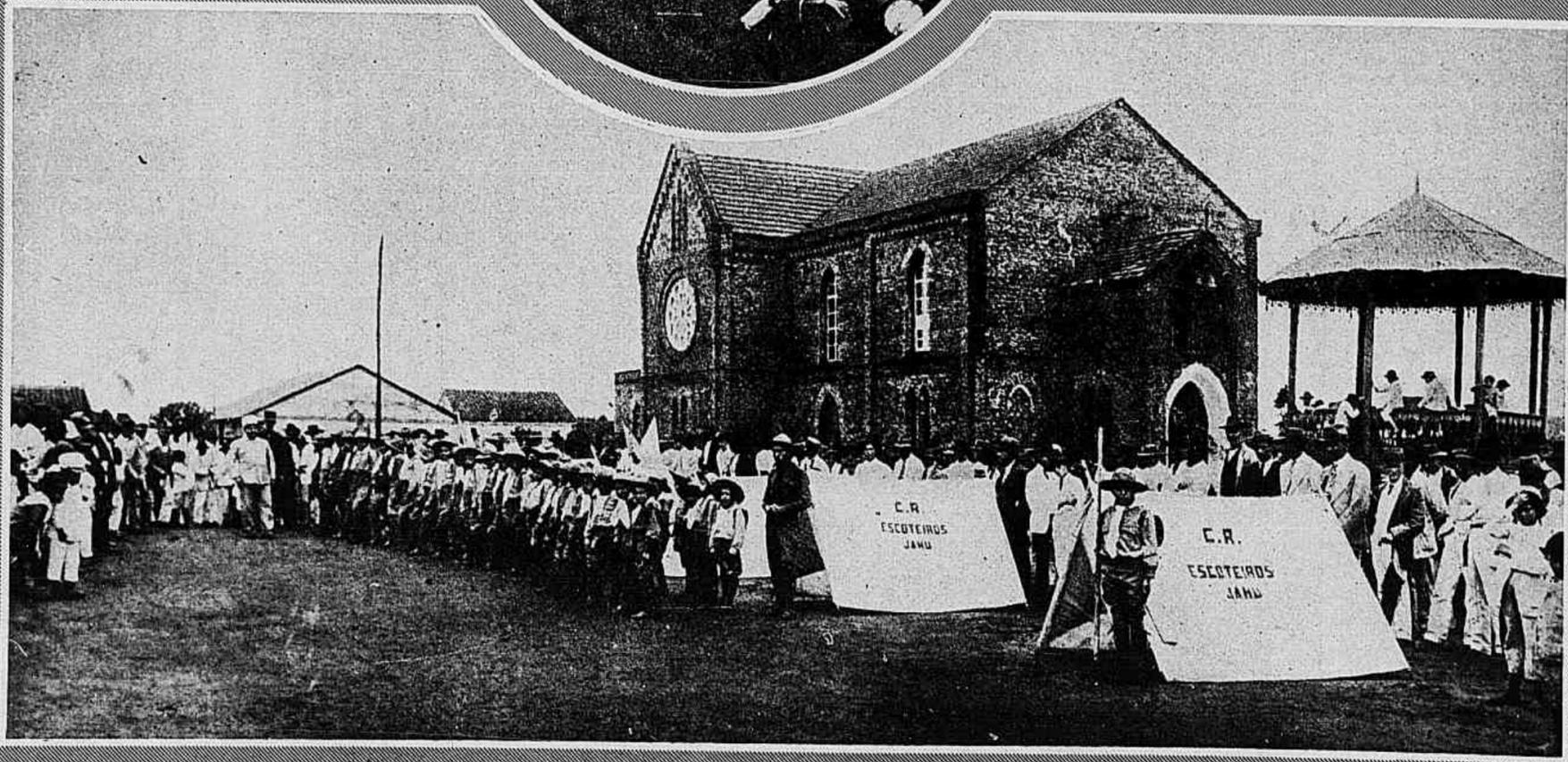
C. R. de Amparo — Fundada em 2 de Setembro de 1917. Pres., Dr. Francisco de Assis Vasco de Toledo; vice-pres., coronel João Augusto de Souza Campos; 1º secret., Paulo Moreira da Silva; 2º secret., professor Joaquim de Siqueira; thesourei-



ro, Adolpho Lombardi; pro curador,

professor Horacio Quaglio; delegado tecnico, professor Horacio Augusto da Silveira; instructor, tenente Edgard Pereira Armond.

C. R. de Alegria (Rio Grande do Norte) — Fundada em 4 de Fevereiro de 1920. Director, professor Luiz Corrêa Soares de Araujo.

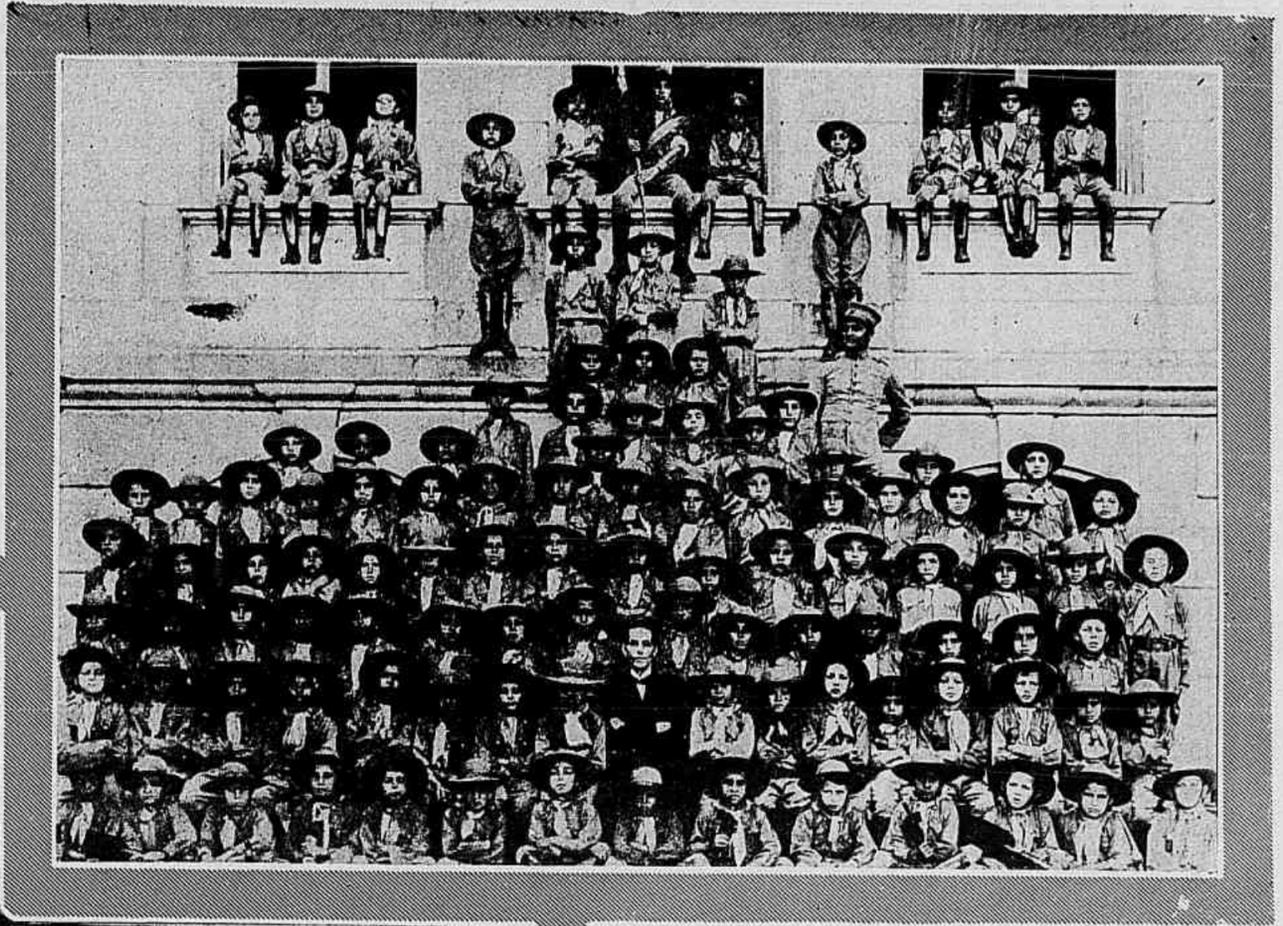


Escoteiros de Jahu: Promptos para uma excursão—Demonstração de escotismo em villa Deodoro—Acampados em villa L eodoro—Acantonados em Bica de Pedra.

C. R. de Brotas — Fundada em 16 de Setembro de 1917. Pres., Hilario Cesarino; vice-pres., Salvador Gogliano; thes., Affonso de Souza; 1º secret., José Benjamin Teixeira de Almeida; 2º secret., Sylvio Vaz; Conselho Fiscal: Agenor de Almeida, Nicenor Rodrigues, João Garcia Simões; delegado-technico, professor Jesuino Guimarães.

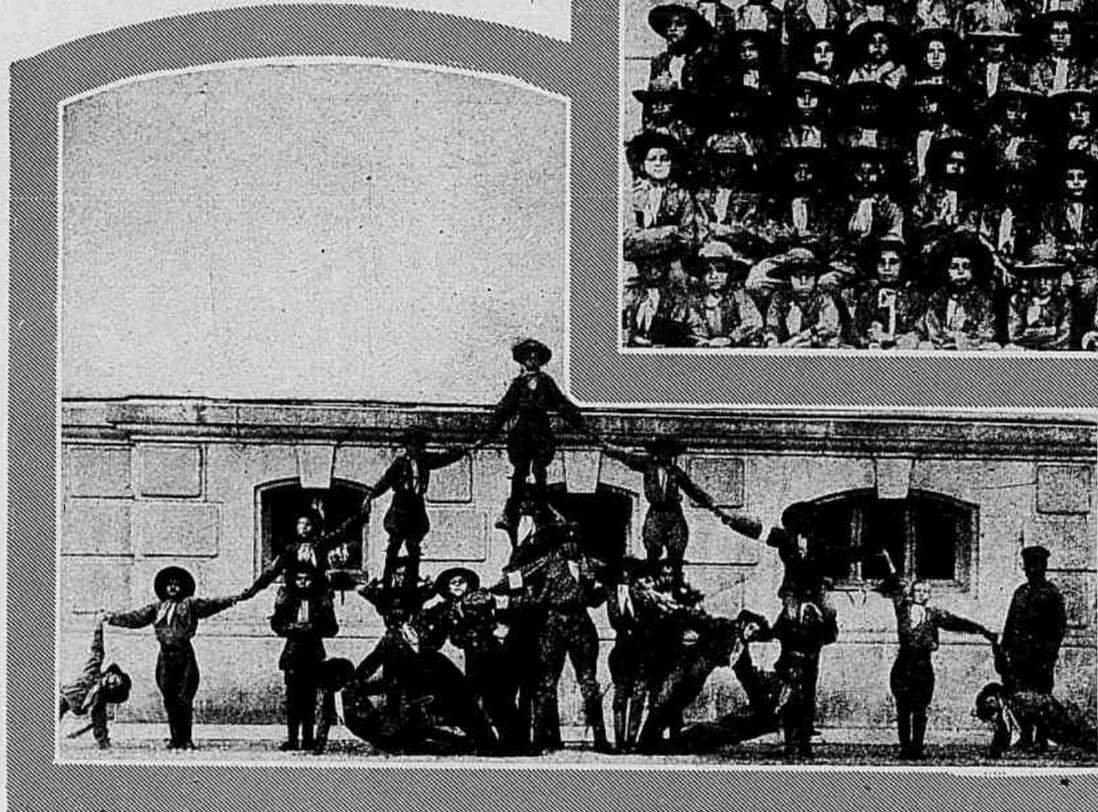
C. R. de Baurú — Fundada em 25 de Novembro de 1917. Pres., Dr. Arlindo Luz; vice-pres., Dr. João Bráulio Ferraz; 1º secret., prof. Eduardo da Costa Nunes; 2º secret., prof. Silverio S. João; thes., Flavio Delamare; delegado-technico, prof. Sizenando da Rocha Leite.

C. R. de Botucatu — Fundada em 1917. Pres., Dr. Waldomiro de Oliveira; vice-pres., coronel José Victoriano Villas-Boas; secret., prof. Celestino Euzebio Fazzio; thes., Ale-



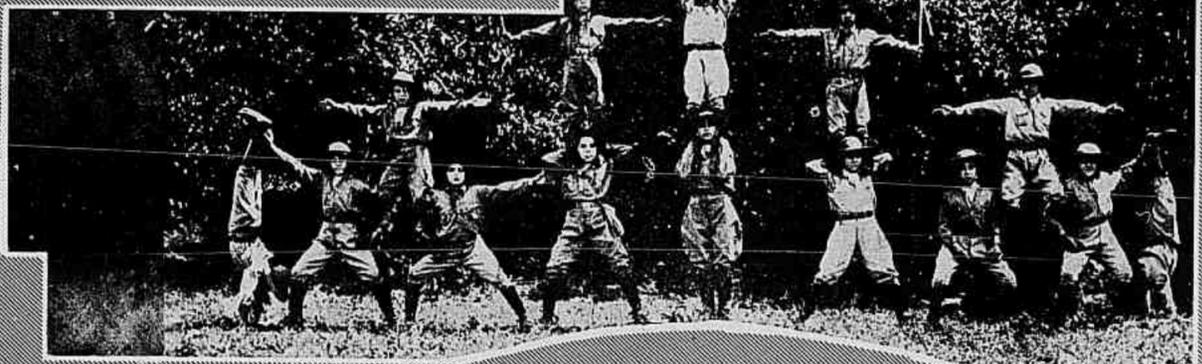
C. R. de Santos: Escoteiros do Grupo Escolar Cesario Bastos.

Toledo Ponte; educação artistica, prof. Alfredo Franklin de Mattos; excursõs, Eurico de Almeida; acampa-

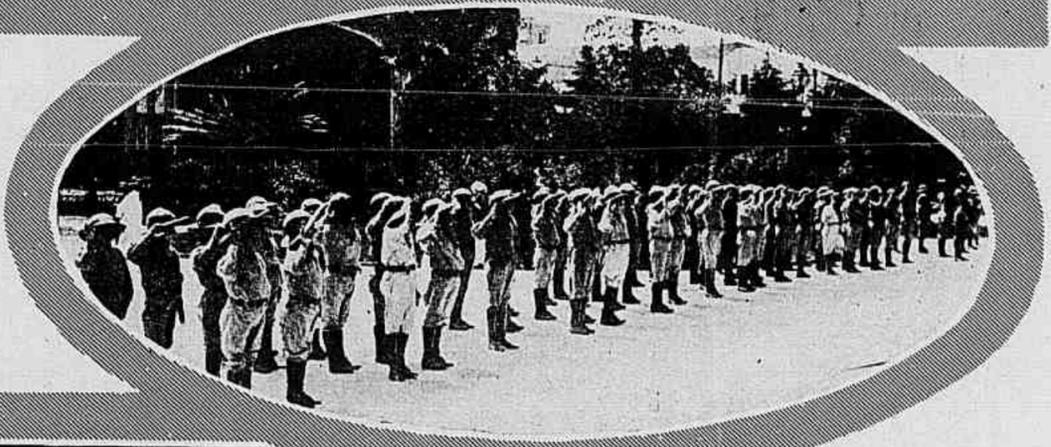


Pyramide pelos escoteiros do Grupo Cesario Bastos.

xandre Roubaud Junior; orador, prof. Aluizio Azevedo Marques; directoria-technica: educação physica, prof. Paulo Antunes; educação moral e civica, prof. Deocleciano de



Pyramide pelos escoteiros de Sant'Anna.

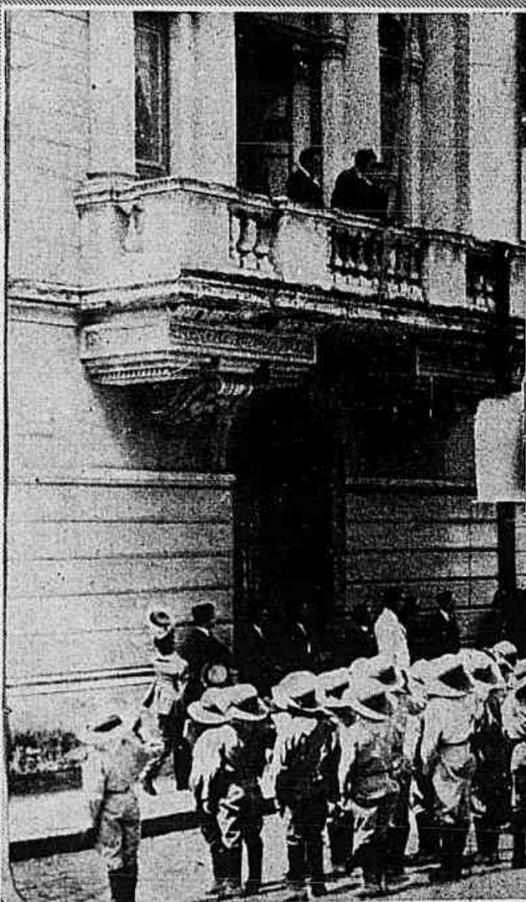


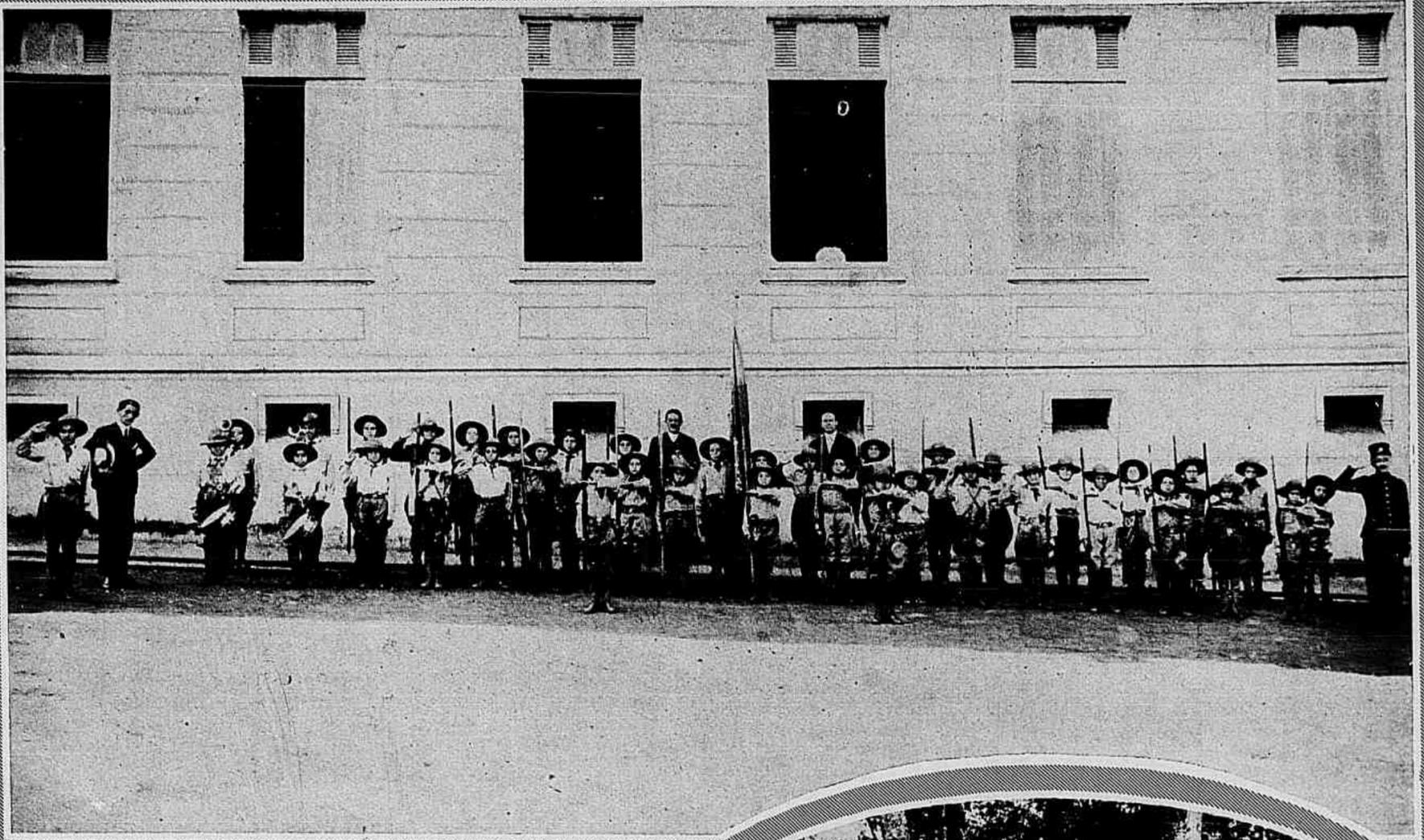
Escoteiros de Sant'Anna em continencia ao Dr. Washington Luis, presidente do Estado.

mento, prof. José do Amaral Wagne; bibliotheca e musica, porf. Dr. Moyses Carlos dos Santos.

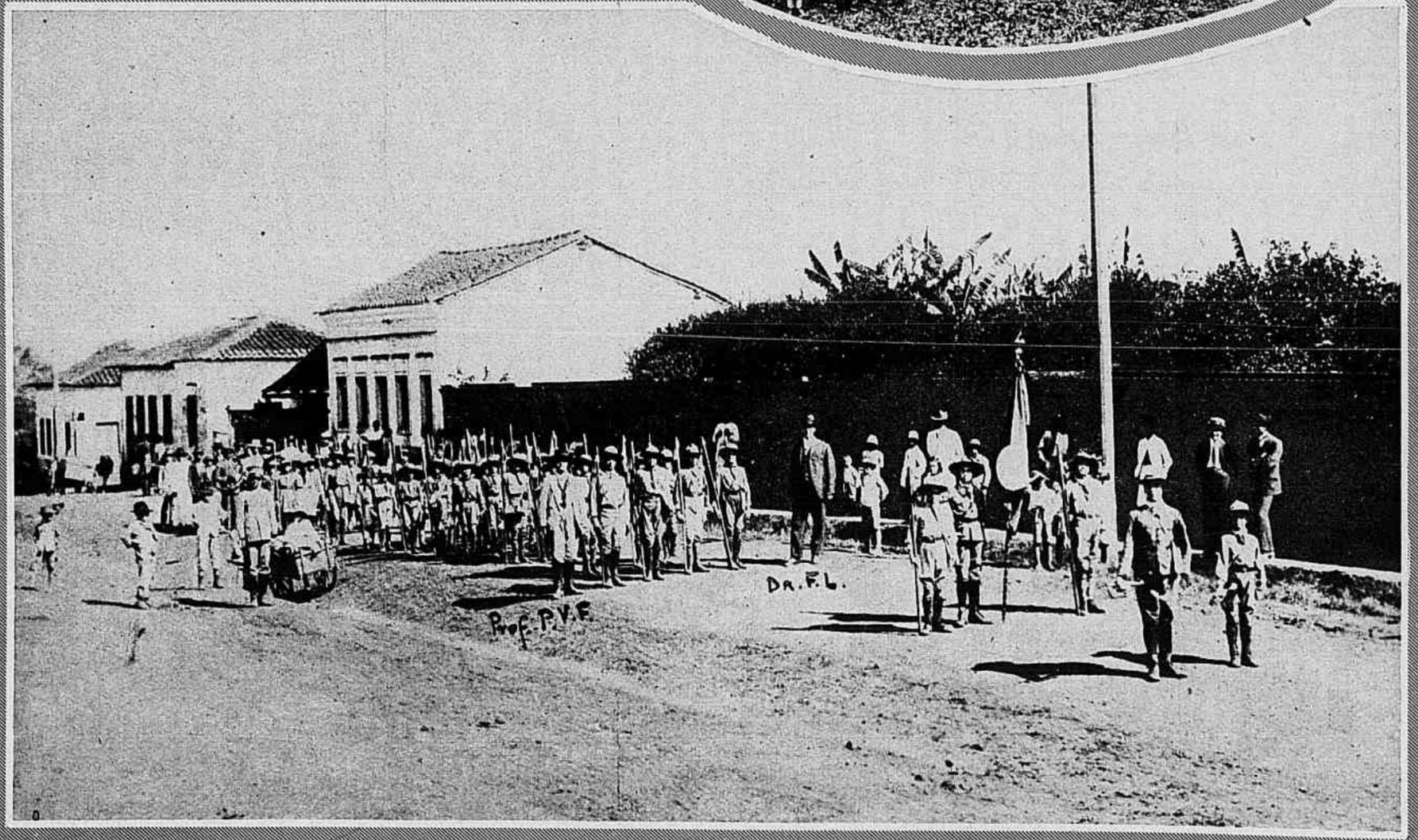
C. R. de Bernardino de Campos — Fundada em 28 de Agosto de 1921. Pres., Plinio Corrêa de Moraes Silveira; vi-

Escoteiros de Sant'Anna cumprimentando o Dr. Alarico Silveira, secretario do Interior.





ce-pres., Carlos Alberto Pereira; 1º secret., Diogo Pires Corrêa; 2º secret., Braulio de Oliveira França; thes., João Teixeira Cardoso; 1º proc., Amadeu Damato; 2º proc., Edgard Antunes de Souza; delegado-technico, prof. Diogo Pires Corrêa.
C. R. do Braz — Fundada em 12 de Novembro de 1921. Pres., Dr. Francisco Stella; vice-pres., Dr. Romeu do Amaral Camargo;



Escoteiros de Taquaritinga — Escoteiros de Sertão, acampados na "Floresta" Escoteiros de Tatuhy.

1º secret., prof. Theodomiro de Barros; 2º secret., prof. Antonio Rodrigues; thes., Nicoláo Piratininga Junior.

C. R. de Bariry — Fundada em 19 de Dezembro de 1917. Pres., João José Marques; 1º secret., Dr. João Pinto Cavalcanti; 2º secret., Dr. Sylvio Teixeira Leitão; 1º thes., Antonio Augusto Pacheco; 2º thes., Luiz Angelo Gonzaga; delegado-technico, Joaquim Teixeira Toledo.

C. R. de Campos Novos do Paranapanema — Fundada em 15 de Outubro de 1917. Pres., coronel Eduardo Theodoro de Freitas; vice-pres., coronel Paulo Fares; vice-pres., capitão Orlando Nicolosi; thes., capitão Hilario Bonini; 1º secret., capitão Benevenuto da Costa e Silva; 2º secret., Ovidio Tucunduva; vogaes: José Ignácio Dias Baptista, Luiz Antonio Sant'Anna, Appario Gomes Fernandes, Paulo Ferreira Mayo.

C. R. de Conchas — Fundada em 10 de Agosto de 1921. Pres., Quintino Soares; vice-pres., Eusebio Gomide; 1º secret., Benedicto Gomide; 2º secret., Oscar Villaças; 1º thes., João Pastina; 2º thes., Miguel Helou; delegado-technico, Nelson Martins.

C. R. Cruzeiro do Sul (Capital) — Fundada em 7 de Setembro de 1921. Pres., Clovis Godoy de Oliveira; vice-pres., Lavinio Ferreira; vice-pres., William Lane; 1º secret., Gentil Corrêa; 2º secret., Alceu Bellegarde; thes., Nestor Costa Pereira; delegado-technico, Gentil Corrêa.

C. R. de Catanduva — Fundada em 31 de Julho de 1921. Pres., Ernesto Ramalho; vice-pres., Sylvio Salles; 1º secret., Lauro Monteiro de Carvalho e Silva; 2º secret., Gentil Martins Ferreira; thes., Arthur Lerro; orador, Dr. Renato Bueno Netto; delegado-technico, Antonio Ferraz de Campos; conselho fiscal: Dr. João de Sampaio Doria, Ciciliano Ennes, Leoncio Leme.

C. R. de Campos Elyseos (Capital) — Fundada em 12 de Outubro de 1917. Pres., coronel Orozimbo Couto e Silva; vice-pres., José de Almeida; 1º secret., prof. André Ohl; 2º secret., Celso Camargo; thes., José de Souza Figueiredo; delegado-technico, Agostinho Ponciano Corrêa.

C. R. de Chavantes — Pres. honorario, Dr. Renato Nova Friburgo; pres., coronel Osorio Bueno; vice-pres., coronel Mancel Ferreira; 1º secret., Genaro Soares; 2º secret., Francisco Pereira Leite e Silva; thes., prof. Ernani de Barros Avila; delegado-technico, prof. Ernani de Barros Avila.

C. R. de Dois Corregos — Fundada em 4 de Outubro de 1918. Pres., coronel Joaquim Marcondes do Amaral; vice-pres., Dr. Antonio Ferreira de Castilho Filho; 1º secret., José Bernardino do Amaral; 2º secret., prof. Francisco Pedro Wey; thes., tenente Leoncio de Oliveira Mattosinho; delegado-technico, prof. Eugenio Francisco Mamaman.

C. R. de Espirito Santo do Pinhal — Fundada em 28 de Dezembro de 1920. Pres., Isaac de Barros; 1º vice-pres., José Borelli; 2º vice-pres., Augusto Wolf; secret., Amador Florence Sobrinho; thes., Joaquim Leite Junior, delegado-technico, prof. José Floriano de Azevedo Marques.

C. R. de Fatura — Fundada em 16 de Agosto de 1921. Pres., prof. Odorico de Albuquerque; vice-pres., prof. Valeriano Orozimbo dos Santos; 1º secretario, prof. Antonio Augusto de Oliveira; 2º secret., Marciliano de Mello; thes., prof. João Adolpho Rolim; delegado-technico, prof. Victorio Bertoni.

C. R. de Fazina — Fundada em 16 de Outubro de 1921. Pres., João Carlos de Toledo Ribas; vice-pres., prof. Mario Assumpção; 1º secret., Candido das Neves Pereira; 2º secret., Augusto Baptista do Couto; thes., José Ferrari; instructor, prof. João Strasburg; delegado-technico, prof. Luiz José Dias.

C. R. de Guariba — Fundada em 2 de Abril de 1920. Pres., Dr. Antonio Sobral Netto; vice-pres., José Francisco Abdo; 1º secret., Francisco Paschoal Faro; 2º secret., Arnibal Marques de Almeida; thes., Sylvio Vaz de Arruda; proc., Ridvero B. Verneck; delegado-technico, Luiz de Souza.

C. R. de Guarehy — Fundada em 19 de Outubro de 1921. Pres., coronel Annibal Castanho; vice-pres., capitão Antonio Abio da Rocha; thes., capitão Emilio de Almeida Mello; sec., prof. José Vieira de Moraes.

C. R. de Ibitinga — Fundada em 12 de Outubro de 1917. Pres., Dr. Raul de Oliveira; 1º vice-pres., Alvaro Cerqueira Leite; 2º vice-pres., Manoel Martins; 1º secret., Dr. Theolindo Castilione; 2º secret., Luiz Netto Caldeira; thes., Pedro Roberto; orador, Dr. Luiz Mastuscelli; proc., Bernardino Saturnino dos Santos; delegado-technico, prof. Clodoveu Barbosa.

C. R. de Ytú — Fundada em 6 de Janeiro de 1918. Pres., Dr. José de Almeida Sampaio; vice-pres., Dr. Braz Bicudo de Almeida; 1º secret., tenente Ignacio José Verissimo; 2º secret., prof. Gastão da Silveira Machado; thes., Dr. Servulo Parreiro e Silva.

C. R. de Irapé — Fundada em 1º de Outubro de 1919. Pres., major J. S. Nogueira Cobra; vice-pres., coronel Alexandre Café; 1º secret., Joaquim Barbosa; 2º secret., Orestes Camargo; delegado-technico, Antonio D'Avila.

C. R. de Itajuby — Fundada em 7 de Agosto de 1921. Pres., Luiz Galharoni; vice-pres., Paulo Ribeiro Netto; secret., Paulo de Castro Ferreira; thes., D. Hilda Freire; orador, Bernardino Torres.

C. R. de Itapetininga — Fundada em 18 de Fevereiro de 1917. Pres., prof. Julio de Oliveira Penna; vice-pres., prof. Adherbal de Paula Ferreira; 1º secret., prof. João Baptista de Azevedo Marques; 2º secret., Salvador Alves Brizolla; thes., prof. José Pedro Strasburg Junior; delegado-technico, prof. João Sylvestre de Camargo.

C. R. de Itararé — Pres., Paulo Vianna; vice-pres., Walfredo Rolim de Moura; 1º secret., Diogenes de Mello Pimentel; 2º secret., Apparicio de Oliveira; thes., Theodulo Pimentel.

C. R. de Jundiáhy — Fundada em 24 de Fevereiro de 1920. Pres., Boaventura Netto; vice-pres., Joaquim Ladeira; 1º secret., Georges Sucur; 2º secret., Anselmo Mazzola; thes., tenente Albino Paes Leme; delegado-technico, Andronico de Mello.

C. R. de Jahú — Fundada em 11 de Setembro de 1917. Pres., coronel Lourenço Xavier de Almeida Bueno; vice-pres., Martim Egydio Nogueira; 1º secret., Alvaro Vianna; 2º secret., prof. Antonio de Souza Amaral; thes., Ermantino da Silveira e Almeida; delegado-technico, prof. Renô de Aguiar.

C. R. de Joanopolis — Fundada em 29 de Outubro de 1921. Pres., coronel João Figueiredo; vice-pres., prof. Nabor Silva; 1º secret., prof. Agostino

Noves de Arruda Alvim; 2º secret., prof. Silvino de Oliveira; thes., prof. Saul Dias; delegado-technico, prof. José Pereira Eboli.

C. R. Jovens Bandeirantes (Capital) — Fundada em 5 de Junho de 1921. Pres., tenente José Acylyno de Castro; vice-pres., Benevuto da Silva; 1º secret., Joaquim da Silva; 2º secret., Francisco Ouzada; thes., Arão Ramos Nogueira.

C. R. da Luz (Capital) — Pres., prof. João Baptista de Brito; 1º vice-pres., coronel Julio Silva; 2º vice-pres., tenente-coronel Joviano Brandão; 1º secret., prof. Antonio de Oliveira Rodrigues; 2º secret., prof. Arnando de Alcantara; 1º thes., prof. José de Carvalho; 2º thes., coronel Elias Alkaim; delegado-technico, tenente Rezende.

C. R. de Monte Alto — Fundada em 28 de Outubro de 1917. Pres., Dr. Raul da Rocha Medeiros; vice-pres., capitão Francisco Henrique Lemos; 1º secret., prof. Raphael Gonçalves; 2º secret., prof. João Jefferson Felix; thes., Leoncio Uchôa de Loyola; proc., Francisco Ouriema; delegado-technico, prof. Guido Rezende.

C. R. de Monte Azul — Fundada em 13 de Maio de 1919. Pres., Augusto Neves; secret., prof. Oscar Leite de Arruda; thes., Paulino Ramos; delegado-technico, prof. Octavio Francisco da Silva.

C. R. de Platina — Fundada em 7 de Outubro de 1919. Pres., Annibal J. Sodré; vice-pres., capitão Felicissimo Antonio Pereira; 1º secret., Caetano Celia; 2º secret., João Gonçalves; thes., José Leone.

C. R. de Novo Horizonte — Fundada em 12 de Outubro de 1921. Pres., Dr. Luthero B. Junqueira; vice-pres., tenente Joaquim Ferreira; 1º secret., José de Franchi; 2º secret., Edison Pinheiro; thes., Alcuido B. Pitta; orador, capitão Custodio Teixeira Pinto.

C. R. de Pontal — Fundada em 21 de Agosto de 1921. Pres., Dr. Carlos Theodoro Samnaio; vice-pres., Feliciano Lellis; thes., Miguel Lauand; vice-thes., Oliverio Pires de Almeida; secret., Antonio Dias Paschoal; vice-secret., Cyrillo Moreira; delegado-technico, prof. Gumerindo Saraiva de Moura.

C. R. de Piratininga (Escola Profissional Masculina, Capital) — Fundada em 19 de Agosto de 1921. Pres., prof. Aprigio de Almeida Gonzaga; 1º secret., Alfredo de Barros Santos; 2º secret., Aduardo Alves Pereira; thes., Milton de Campos.

C. R. de Pirassununga — Fundada em 25 de Julho de 1915. Pres., coronel João A. Curado Fleury; vice-pres., prof. Antonio Firmino de Proença; 1º secret., Luiz Antonio Fragoso; 2º secret., prof. Elias de Mello Ayres; thes., prof. Joaquim Silva; delegado-technico, tenente Godofredo Vidal.

C. R. de Pereira — Fundada em 10 de Agosto de 1921. Pres., prof. Francisco de Campos; vice-pres., José Bonini; 1º secret., Jorge Toledo; 2º secret., José Francisco Henrique; thes., Augusto Engler de Vasconcellos.

C. R. de Pennapolis — Fundada em 26 de Setembro de 1920. Pres., Dr. Antonio Pereira Lima; 1º secret., Dr. José Aniceto Corrêa de Mello; 2º secret., Sylvio Coelho; thes., Germiniano Bastos Natal.

C. R. de Olympia — Fundada em 8 de Maio de 1920. Pres., Dr. Antonio Carlos de Abreu Sodré; vice-pres., Dr. Nestor Cunha; secret., Antonio da Silveira Martins; thes., major Antonio Garcia; delegado-technico, Rodrigo Rodrigues Rosa.

C. R. de Escoteiros de Arinhanha — Fundada em 15 de Novembro de 1921. Pres., Dr. Souza Lima; vice-pres., Miguel Tarsitano; 1º secret., prof. Alcides de Paiva Oliveira; 2º secret., prof. Sylvio Franco; thes., Braulio Escobar; delegado-technico, Alfredo de Souza.

C. R. de Escoteiros de Avahy — Fundada em 15 de Novembro de 1921. Pres., Osorio Machado; vice-pres., Dr. Germano de Andrade Pinto; 1º secret., Salathiel A. Toledo; 2º secret., José Pereira Leme; thes., João Evangelista de Andrade; delegado-technico, prof. Joaquim Natal.

Confederação Brasileira dos Escoteiros do Mar — Capital Federal — Fundada em 7 de Setembro de 1921. Pres., Dr. Paulo da Rocha Vianna; vice-pres., capitão-tenente Jair de Albuquerque; vice-pres., capitão Antonio Freire de Vasconcellos; vice-pres., Dr. J. E. Peixoto Fortuna; 1º secret., primeiro-tenente Gumerindo P. Loreti; 2º secret., Eduardo de Moraes Filho; 1º thes., Bruno Nunes; 2º thes., João da Rocha Vianna; Conselho Technico Superior: tenente-coronel Pedro Dias de Campos, capitão-tenente Armando Pinna, primeiro-tenente, Ary Pereira; Director technico geral, Gabriel Skine Silva.

C. R. de Escoteiros de Itatiba — Fundada em 1º de Novembro de 1921. Pres. honor., coronel Francisco R. Barbosa; pres., Dr. Mattos Pimenta; vice-pres., Dr. João F. Cuba dos Santos; 1º secret., prof. Manoel Emelydes de Brito; 2º secret., Francisco Parodi; thes., capitão Florencio Carlos de Araujo; delegado-technico, prof. Francisco Alves Mourão.

C. R. de Escoteiros de Pirajú — Fundada em 15 de Novembro de 1921. Pres., Dr. Domingos Theodoro Gallo; vice-pres., Dr. Joaquim Guilherme Moreira Porto; 1º secret., prof. Norberto de Almeida; 2º secret., José Barone Mercadante; thes., Deodoro Lago; delegado-technico, prof. Emilio Castellar Lobo.

C. R. de Escoteiros de Piratininga — Fundada em 15 de Novembro de 1921. Pres., capitão Trajano Pupo; vice-pres., coronel José Pereira de Campos; 1º secret., Sylvio Cesarino; 2º secret., Edgard Silveira; thes., Sylvio de Campos Mello; proc., Augusto Swensson; delegado-technico, Sylvio Cesarino.

C. R. Salesianos (Capital) — Fundada em 16 de Agosto de 1920. Pres., Revmo. Sr. Padre Dr. Henrique Mourão; delegado-technico, Revmo. Sr. Padre Manoel Duarte; secret., prof. Antonio de Souza Leal.

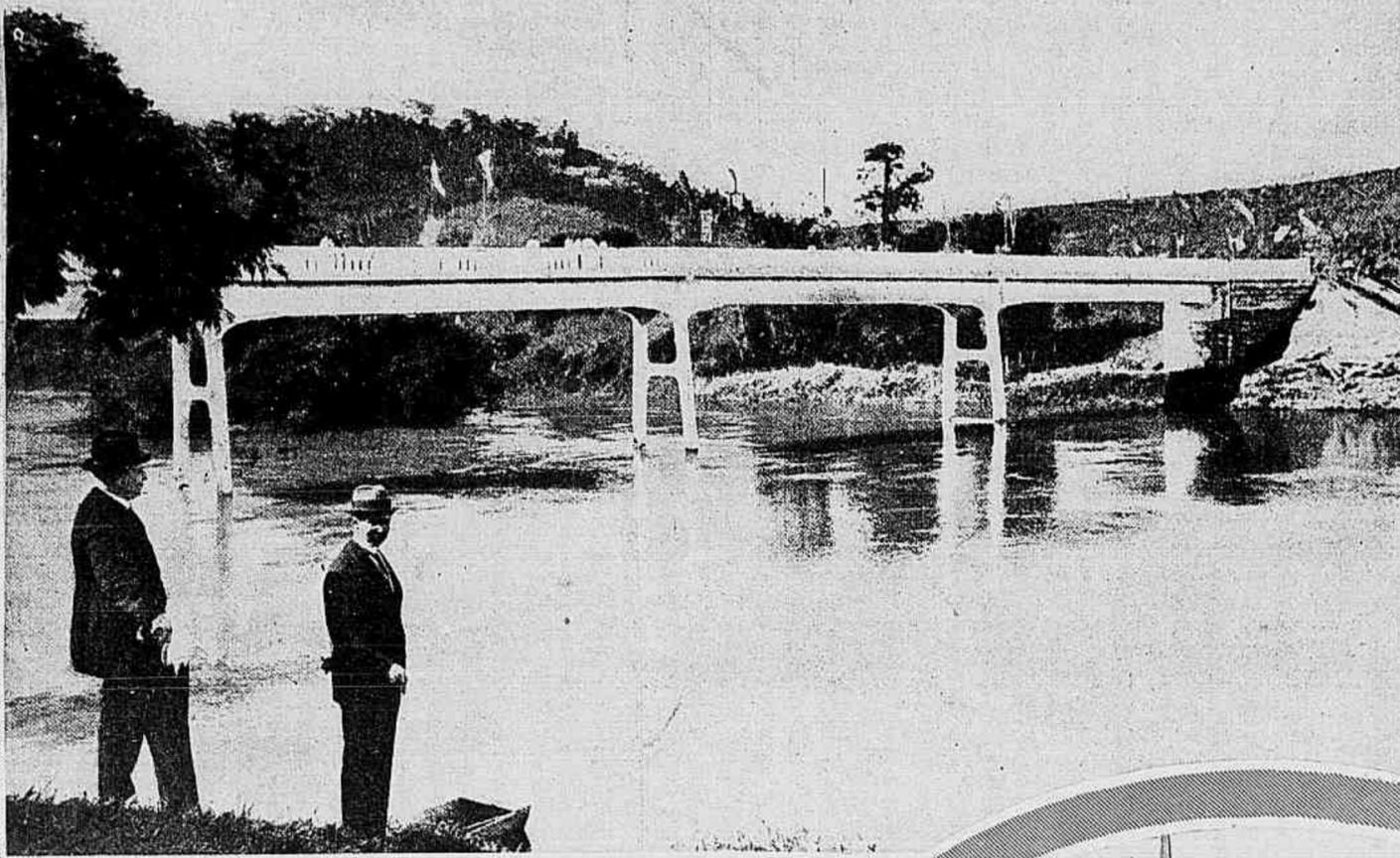
C. R. de Sant'Anna (Capital) — Fundada em 9 de Outubro de 1910. Pres., tenente-coronel Joviniano Brandão; vice-pres., prof. Francisco C. O. Carvalho; 1º secret., primeiro-tenente Luiz de Faria e Souza; 2º secret., segundo-tenente Euclides Marques Machado; thes., capitão Antonio Gonçalves Barbosa e Silva; delegado-technico, prof. Antonio Moraes Rosa.

C. R. de Santos — Fundada em 11 de Outubro de 1921. Pres., coronel Joaquim Montenegro; 1º vice-pres., Dr. B. de Oura Ribeiro; 2º vice-pres., Dr. Ibrahim Nobre; 1º secret., Alexandre Ferreira Cardoso; 2º secret., Horacio Faria; thes., Alexandre Chasseraux; delegado-technico, Dr. Zenon C. de Moura; directores technicos: Dr. A. Porchat de Assis, Delphino Stockler de Lima, prof. Armando Bellegarde, José Olivar da Silva e Carlos Borba.



ESTADO
DO
RIO
DE
JANEIRO

O DR. RAUL VEIGA
INAUGURA A PON-
TE DA "BOCCA DO
FOGO" SOBRE O
PIABANHA



Vista geral da ponte recém-inaugurada, vendo-se no plano inferior os Srs. Drs. Raul Veiga e Oscar Weinschenck.

O governo do Exmo. Sr. Dr. Raul de Moraes Veiga, no Estado do Rio, tem se caracterizado por uma serie de melhoramentos por si sós bastantes para recommendal-o á gratidão do povo fluminense. Ainda o mez passado, S. Ex., proseguindo no seu programma tendente a dar solução ao problema das communicações, inaugurou a ponte da "Bocca do Fogo", construída sobre o rio Piabanha, no kilometro 72, da estrada de rodagem União e Industria, proximo da estação Hermogeneo Silva, municipio da Parahyba do Sul, melhoramento esse ha muito reclamado pelo progresso daquella rica região do Estado.

A construcção dessa ponte, que é toda de cimento armado e mede de comprimento 85 m. 72, sobre 4 m. 00 de largura, foi feita pela firma Christiani & Nielsen, fiscalizada pela prefeitura de Petropolis, tendo se encarregado desse serviço o engenheiro Arthur Greenhalg, da Directoria de Obras e Viação do Estado do Rio.

O dr. Raul Veiga que se fez acompanhar dos Drs. Oscar Weinschenck, prefeito de Petropolis; Galdino Pereira, prefeito municipal de Parahyba do Sul; Henrique Cunha, delegado regional; engenheiro Arthur Greenhalg, ajudante de ordens, officiaes de gabinete, representantes da imprensa, etc., chegou á "Bocca do Fogo" debaixo de aclamações populares.

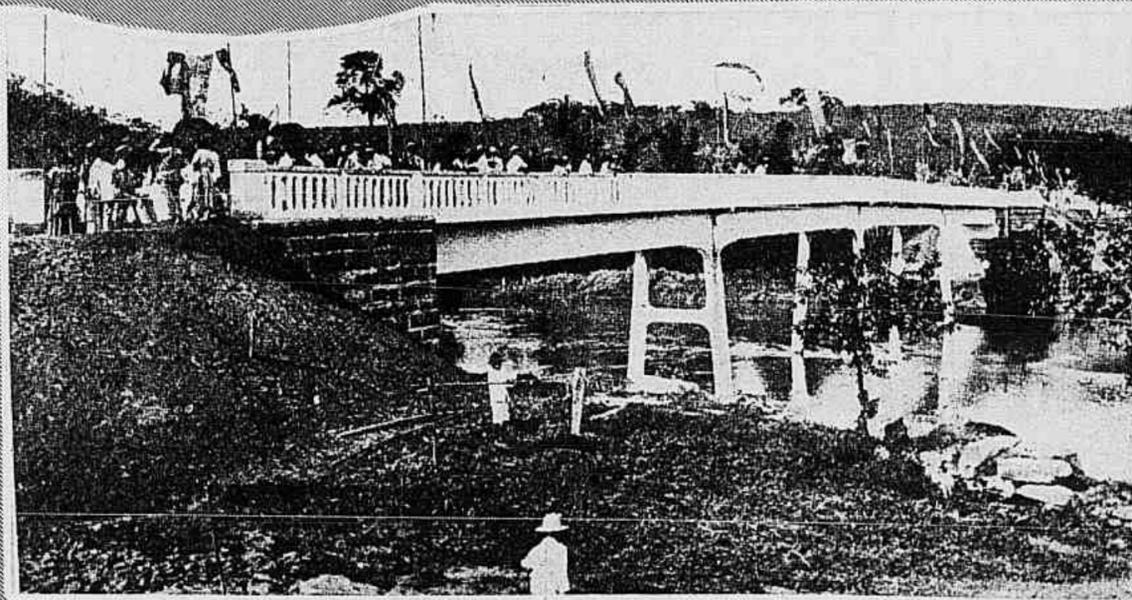
Dando inicio á solemnidade foi, pelo reverendissimo padre Carlos Gerchsheiner, vigario de Sant'Anna de Tiradentes, espargida agua benta sobre a ponte, seguindo-se, após

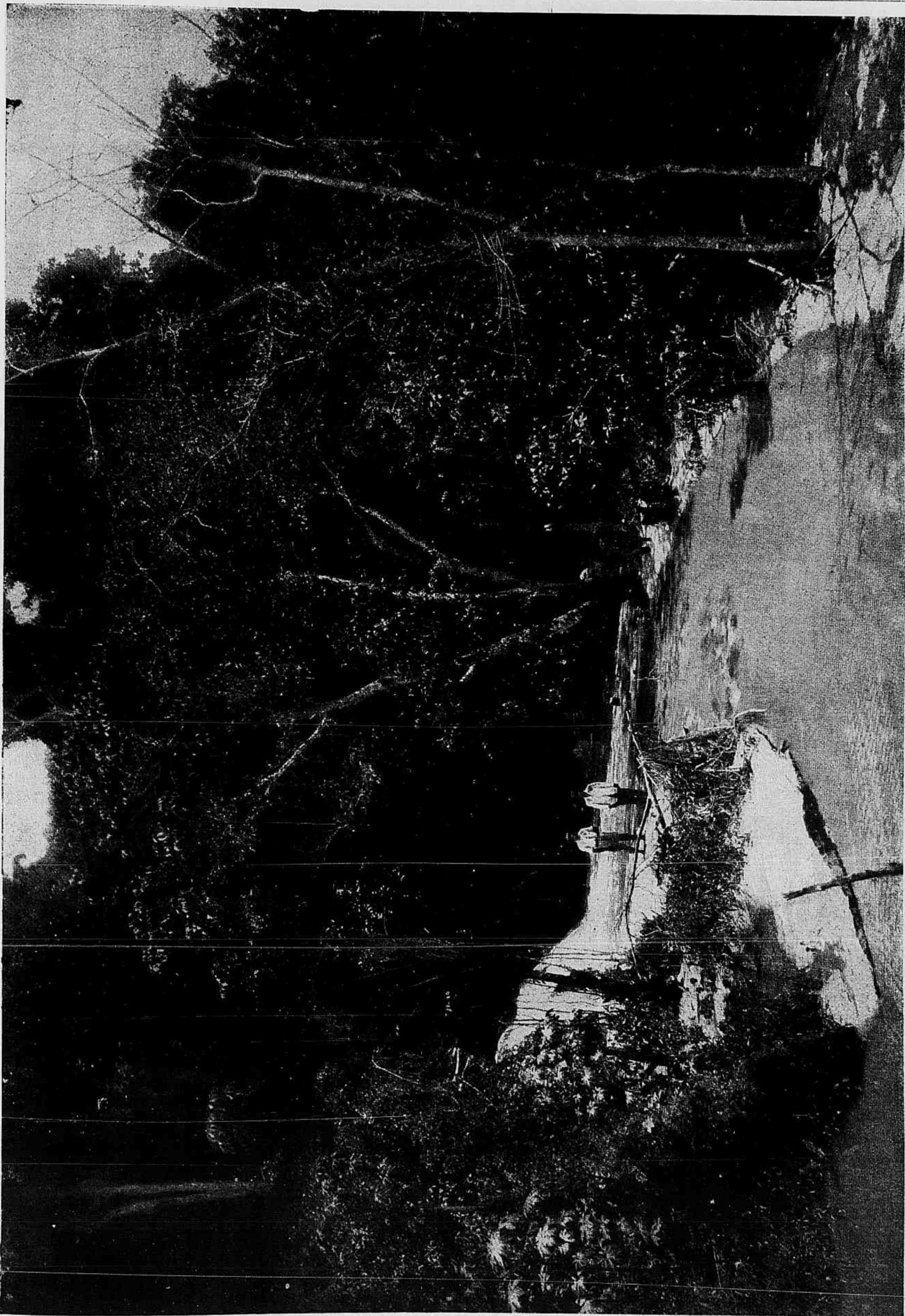
Aspecto da chegada do Sr. Raul Veiga e da sua comitiva e a ponte depois da inauguração.



Aspecto da solemnidade da benção da ponte pelo vigario de Sant'Anna de Tiradentes.

a benção, a ruptura da fita que vedava o transito, o que foi feito pelo Sr. Presidente do Estado, tendo sido, em seguida, a ponte franqueada ao publico.





ESTADO DE MATTO GROSSO — UM ASPECTO DA CACHOEIRA TACOM.

O Hymno Nacional

Uma letra de Magalhães de Azeredo

de B. Mendes Ribeiro

ACHA-SE em andamento no Congresso um projecto do deputado Verissimo de Mello, sobre a adopção official da letra para o Hymno Nacional.

Suggestiu-nos esse projecto a idéa de vulgarisar um trabalho de Carlos Magalhães de Azeredo sobre tão patriótico assumpto.

O illustre academico, conforme declarou em carta a um seu intimo amigo, a qual pudemos ler, escreveu-o numa época em que um jornal annunciou o concurso para dar ao Hymno letra condigna.

Tal iniciativa, porém, foi depressa esquecida, e elle guardou a poesia, como reliquia sagrada, esperando dal-a á publicidade, algum dia, se ella viesse a realisar-se ou houvesse oportunidade.

Esse dia chegou enfim. E', pois, preciso que os admiradores do festejado poeta e diplomata, tão longe de nós presentemente, conheçam essa joia litteraria patrioticamente lavorada.

A estas horas talvez, sob o céu da peregrina Italia, elle já tenha noticia da iniciativa do Congresso, e recorde os instantes felizes, em que, fremindo de inspiração, compoz essa poesia tão cheia de requintada belleza, synthetizando, symbolisando, a geographia e a historia, a terra e a gente, a forma e a alma do Brasil.

Eil-a :

I

Formosa praia occidental do Atlantico,
que o sol fecunda com seu beijo ardente;
que á noite vês, entre as astraes miriadas,
fulgir no céu a Cruz eternamente !

Se em teu seio verde e novo
tudo grande suscitou a natureza,
tambem a alma do teu Povo
digna já se revelou de tal grandeza !

Brasil creador !
Patria querida !
orgulho e amor
da nossa vida !

Surgiram arraiaes, villas, metropoles
onde eram as florestas primitivas;
e os portos sobre o mar franquearam providos
tuas immensas dádivas nativas.

Por Deus, por ti, cahiram tantos martyres;
morreram os sublimes bandeirantes;
mas outras gerações viram, triumphantes,
o ideal trabalho

crescer, vingar, e o seu suor, bemdito orvalho,
romper da terra exuberante em fructos mil,
doce Brasil !
forte Brasil !

II

Da lusa gente, mãe de gentes multiplas,
tu foste o maior filho e o mais genuino.
Um dia, desatando os velhos vinculos,
seguiste independente o teu destino.

Desposaste a Liberdade,
já sagrada pelo sangue do teu peito;
e, com firme e alta vontade,
do teu lar fizeste o templo do Direito.

Brasil creador !
Patria querida !
orgulho e amor
da nossa vida !

Sómente em justo pleito armas sem mácula
confiaste ás mãos certéiras de teus bravos.
Fraterno abrigo deste a'gratos hospedes.
Quebraste o jugo aos miseros escravos.



FRANCISCO MANUEL, EM 1844

Possante como os rios teus auriferos,
Canaan tão bella como a dos Prophetas,
é o genio dos heróes, sabios, poetas,
a quem de louros

as fronteas cinges, enlaçando, immorredouros,
os da ardua guerra e os da feliz gloria civil,
doce Brasil !
forte Brasil !

III

Brasil, colosso entre as nações da America !

latino campeão do Novo Mundo !
que o brilho juntas dos brazões do Espirito
aos bens do solo teu vasto e profundo !

Tu, brioso e activo herdeiro
dos thesouros da latina Intelligencia,
entre os pares o primeiro,
nutre um foco universal de arte e sciencia !

Brasil creador !
Patria querida !
orgulho e amor
da nossa vida !

Sê bom, mas forte, doce, mas energico,
da paz com honra denodado amigo.
Na paz dilecta e nas pelejas asperas
teus filhos todos estarão contigo.
Que se algum dia, em justa lide, intrepido,
tiveres ainda de arrancar a espada,
seremos todos um na hora sagrada,
e em cada pulso

o teu natal valor palpitará convulso,
tinto, por ti ! do sangue nosso, acre e viril,
doce Brasil !
forte Brasil !

Esta producção deve acompanhar o velho, mas glorioso hymno de nossa patria, que distrahiu por vezes a dor das feridas de tantos de seus filhos, nos instantes sagrados das pelejas; juntaremos assim, á perenne gloria que ampara a memoria de Francisco Manuel, outra obra cheia tambem de ardor patriótico, que revôa e canta, e de certo levará aos posteros o nome já consagrado do poeta das *Procellarias*.

Diz elle em nota á poesia: "Incomparavelmente mais que outros hymnos conhecidos, presta-se o nosso, pela alada vibração dos seus acordes, a uma interpretação juntamente *Lyrica* e *épica*. Mesclar aos fervorosos louvores e incitamentos patrióticos uma rapida, animada synthese da paizagem e da historia do Brasil, é, pois, corresponder ao duplo character que torna unica talvez no seu genero a obra de Francisco Manuel."

◇

O Hymno Nacional, escripto para solemnisar a Abdicação, com o titulo de: *Hymno do 7 de Abril*, foi pela primeira vez cantado no dia 13 desse mesmo mez e anno de 1831, na partida de D. Pedro I.

A sua primeira letra foi attribuida a Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, celebre advogado na defesa de Rateliff, nascido no Piauhy e fallecido no Rio de Janeiro em 1852, como desembargador aposentado.

Delle disse um patricio nosso em brilhante conferencia: "os seus acordes lembram o 7 de Abril, a Regencia e a Maioridade, as grandes victorias do Imperio nas guerras externas e os notaveis triumphos liberaes do glorioso reinado de D. Pedro II, na phase accentuadamente de 1870 a 1880, e, finalmente, a Abolição e a Republica".

Francisco Manuel, foi o discipulo amado de José Mauricio e por algum tempo de Segismundo Neukomm, o celebre discipulo de Haydn, chegado ao Brasil em companhia da Missão artistica de 1816, e "foi o compositor do concerto monstruoso, composto de tres mil artistas, que se executou na inauguração da estatua de Gutenberg !" (*)

Foram estes os mestres consagrados que abriram a Francisco Manuel o caminho da gloria.

Como José Mauricio, este artista soffreu injustiças, dos reinões, que se lhe não roubaram a flamma do genio, lhe amargaram, contudo, os dias em que pode ver seu nome admirado, a começar pelo *Te-Deum*, sua primeira e notavel composição.

Liberto dos portuguezes, trabalhou com amor pela musica no Brasil. Assim foi que fundou a Sociedade Beneficencia Musical em 1833, amparada pelo governo de D. Pedro II, com duas loterias annuaes; e o Conservatorio de Musica, o seu maior padrão de gloria.

Francisco Manuel foi distinguido em 1846 com o habito da Ordem da Rosa e elevado a official da mesma ordem em 1857, pelo magnanimo imperador, em cuja bolsa protectora muitos artistas encontraram o amparo e o estimulo.

Falleceu aos setenta annos no Rio de Janeiro, de onde era natural, aos 18 de Dezembro de 1865, tendo nascido a 21 de Fevereiro de 1795.

"Exercia os cargos de mestre da Capella Imperial, director do Conservatorio e musico da Imperial camara.

Novembro, 1921.

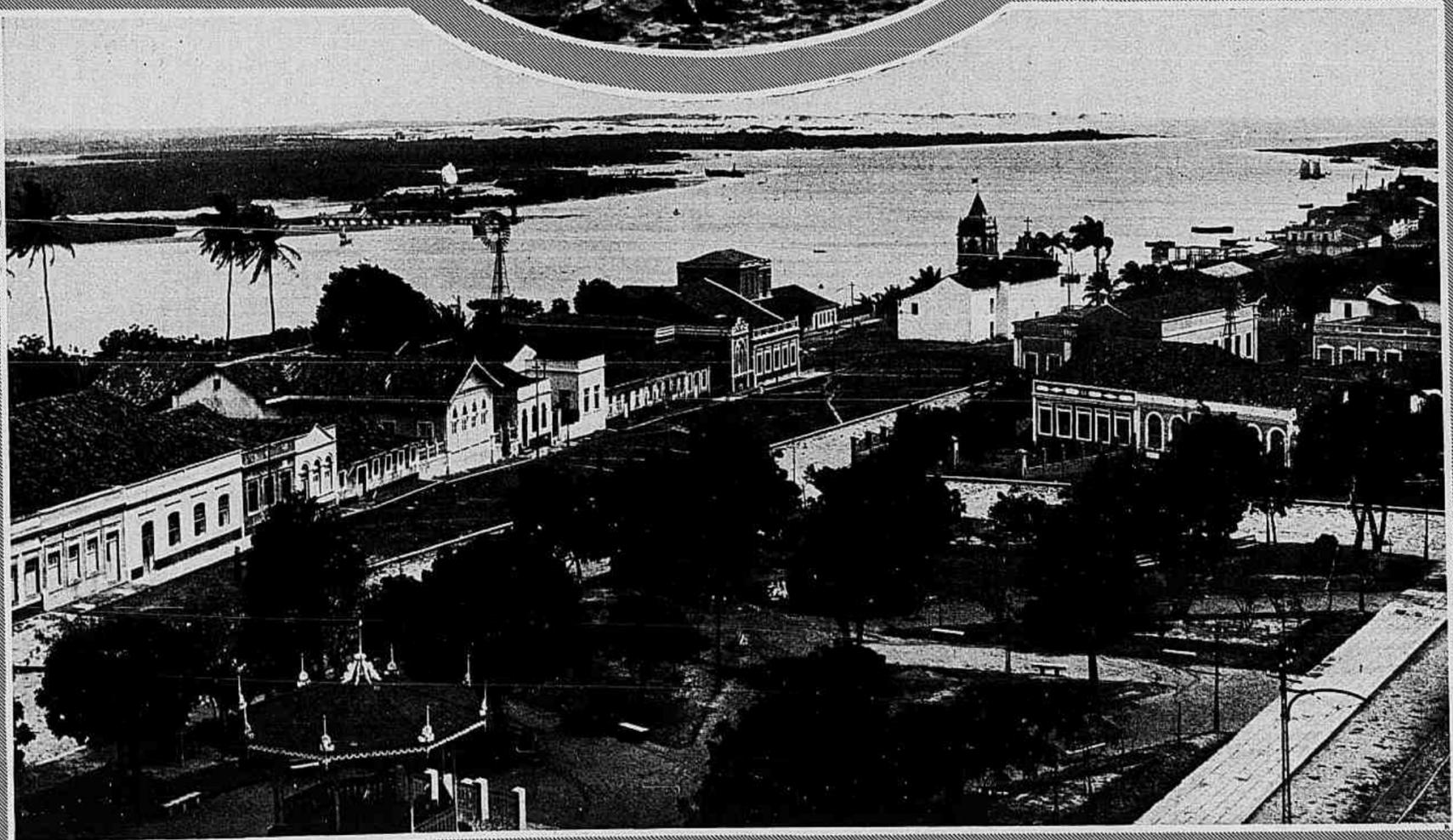
(*) G. P. T. de Mello — A Musica no Brasil.



ESTADO DO RIO GRANDE
DO NORTE



ASPECTOS DA CIDADE
DE NATAL



PRAIA DA AREIA PRETA — FORTE DOS REIS MAGOS (CONSTRUÇÃO DOS HOLLANDEZES) — PRAÇA ANDRE' DE ALBUQUERQUE.

Canções de Heitor Pessoa

O Forte.

Entre verdes punhaes, lanças e partasanas
Que das auras agita a tímida cohorte,
Ermo, na solidão, entre cipós e lianas
E, exausto de lutar, quêda em ruínas o forte.

Desnastradas ao sol, as flores soberanas
Por toda parte, a rir, escarnecem da morte,
Embora dos canhões ainda as fauces insanas
Se escancarem brutaes para o sul, para o norte!

Vestindo o muraldal que aos poucos se esborôa,
O lichens multicôr os paredões porôa
E, da aurora que rompe aos primeiros clarões,

Ao som de hymnos á luz e de gorgeios suaves
Estranhos projectis, deixando o ninho, as aves
Partem, singrando o azul, da bocca dos canhões!

Angelus.

Sons que vindes ao léo das auras transportados,
Longínquas vibrações, tenues e fugitivas
Onde a voz se dilue de sereias esquivas,
E o remoto planger de sinos afastados.

Sons erradios no ar, gemidos apagados,
Porque fazeis vibrar as almas pensativas
E, parecendo vir de tantas cousas vivas,
Sois para os corações um dobre de finados?

Minha alma, ao vos ouvir, do sonho na vertigem
Parte, e buscando, em vão, a vossa extranha origem
Do passado revê, na bruma e na saudade,

Almas e corações que ao sopro dos destinos
Como velas de náos singrando a eternidade
Subiram para Deus com a musica dos sinos...

Ruínas.

Avisto, ao luar, a forma solitaria
De uma deserta e alvinitente ermida
Que se esborôa, em ruínas, esquecida
Na paludosa terra da malaria.

Ruína que ainda sorri, pois que, escondida,
Abriga entre os festões da parietaria
Uma alma que por tudo espôrse a vida
De uma saudade triste e visionaria.

E penso — eu que a alma vi na immensidade
Da dôr se desfazer como as neblinas
No rosiclér dos dias abrazados —

Nova alma improvisar dessa saudade
Com que reveste o luar a paz das ruínas
E a paz dos corações aniquilados!

Mentira.

Quando fizeste as juras vãs, aquellas
Confissões que julguei santas e puras,
Porque ninguem resiste ao encanto dellas,
Quando com os olhos e com os labios juras.

Tinhas o olhar dos anjos, nas pinturas
Que os sacros muros ornam das capellas,
Onde contemplan céos de roseas telas,
Sentindo a nostalgia das alturas...

Hoje, arrancaste a mascara insincera,
E minh'alma, na dôr que a dilacera,
No desespero immenso em que delira,

Jura-te odio mortal... e, no entretanto,
Sente que esse odio, debulhado em pranto,
E' como o teu amor — uma mentira!...

Na sombra.

Enche a paz florestal a vida que enxameia
Dos ramos e cipós sob o cerrado tecto;
Cantam aves e ao som do cantico indiscreto
A serpente em redor das arvores vagueia...

Em circulos de luz, o doudejante insecto
A corolla da flor por attingir anceia,
Emquanto a aranha vil, num repouso discreto,
Apparenta dormir no coração da teia.

Iniquidade atroz da cega natureza:
Sempre a força a triumphar da misera fraqueza,
O forte que se abate á furia do mais forte!

Sempre o atroz pugilato, a luta enfurecida
Da vida que persegue e que extermina a vida
Para a morte nutrir, nutrindo-se da morte...

OS UM PEÃO

Pega em tres factos

por J. M. Clouart de Andrade

(Continuação)

CLAUDIO — Bem sabe que sou membro da sociedade de temperança.

PAULO SOARES — Não vá, pelo amor de Deus, falar contra o Martini.

CLAUDIO (*Abespinhado*) — Pois olhe, Sr. Paulo Soares, todos os seus philosophos de vida ascendente, como o Sr. lhes chama, não eram, nunca foram alcoolicos.

PAULO SOARES — Razão por que, meu caro doutor, nunca chegaram á Perfeição e á Verdade. (*Riso*).

ALBERTO — Que é que examinava com tanto cuidado?

CLAUDIO — Uma letra de mulher. Veja; não acha exquisita?

ALBERTO — Ah! Mas não é preciso ser graphologo para se saber que se trata de uma intellectual. Esses traços de *ll* são o signal seguro de uma imaginação alada. Veja este *s* e este *l*.

RAMOS TEIXEIRA — Aqui está a prova de uma grande sensibilidade.

GUSTAVO — Começo a crer na graphologia, porque na verdade esta senhora é o maior temperamento artistico que conheço.

CLAUDIO (*Rindo*) — Exquisito. Nunca lhe vi uma só pagina. Ella naturalmente escreve apenas para os deuses...

GUSTAVO — A sua reputação é entretanto, inatacavel, Doutor. Fatalmente a sua alma insatisfeita ha de ancian por outra de igual afinação. E' conhecida a historia do seu casamento; mas ninguém ainda murmurou contra a sua honestidade. O Dr. conhece-a?

CLAUDIO — Tenho idéa...

GUSTAVO — Se a viu um dia, deve conhecê-la, porque os seus traços são inconfundiveis.

RAMOS TEIXEIRA — E se nunca a leu, seria capaz de adivinhar quanto ella escrevesse sem que assignasse...

CLAUDIO — Exaggeram, sem duvida. Isto não é mulher; é antes um phenomeno, Sr. Ramos Teixeira.

GUSTAVO — O Sr. irá conhecê-la hoje.

CLAUDIO — Como? Pois ella tem coragem? Ella vem aqui?

GUSTAVO (*Perplexo*) — Mas coragem, por que?

CLAUDIO — Meu amigo, não se faça de ingenuo. Se Sylvio não está commosco, é porque a espera pelo jardim ou porque já se encontrou com ella por ali... Não lhe censuro o entusiasmo; mas penso que elle devia ter mais cuidado e pena da mulher, pobrezinha.

OSCAR — O Sr. hoje, doutor, não é homem; é um gume.

CLAUDIO — Uma pessoa que conhece o mundo. A' força de escrever romances, vou ficando um psychologo... Agora, deixem-me dar um giro. (*Sae*).

SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS DR. CLAUDIO

OSCAR — Como escriptor o homenzinho se definiu nesta phrase.

ALBERTO — E tambem como homem.

GUSTAVO — Vêem como as cousas caminham depressa... Era fatal.

RAMOS TEIXEIRA — Achei finalmente nesse medico romancista um esplendido modelo para o meu quadro: — O Jesuita.

OSCAR — Mas vocês acham que D. Clara está ao corrente dos factos?

ALBERTO — Ainda que não fosse intelligente, como é, seria servida por este maravilhoso instincto da mulher que ama. Confesso ficaria constrangido se a visse a beijar a *outra*, porque começo a imaginar uma tragedia silenciosa, em que todos nós somos cumplices.

GUSTAVO — Não ha duvida que sempre houve uma especie de complacencia da nossa parte... embora essa attitudo possa ser justificada...

RAMOS TEIXEIRA — Oh! o egoismo barbaro dos artistas!...

GUSTAVO — Comtudo, quando as vejo a par, tenho a impressão de que ha uma lamparina prestes a se extinguir, proxima de um grande foco luminoso... (*Sae dando de hombros, a bater com as luvvas, nervosamente*).

ALBERTO — O de que precisamos é evitar que Clara se encontre com esse melifluo Dr. Claudio.

OSCAR — Ora, que adianta mais?

ALBERTO — Que ella não o ignora, quasi o afirmo. Mas entre guardar este segredo penoso, escondendo-o como a um furto aos olhos estranhos, e ser obrigada a mostrá-lo, accetando uma situação dolorosa, vae um abysmo. Qualquer revelação partida de outro irá ferir-a deshumanamente.

OSCAR — Ha creaturas que são capazes de suportar o maior soffrimento, somente para tornar hedionda uma certa e determinada pessoa. E' uma vingança terrivel. Não conhece nem um caso em que a mulher affecta martyrio, soffrendo mesmo, só pelo prazer diabolico de ver depois accusado o objecto dos seus designios, o pobre do marido?

ALBERTO — Ha; mas não é o caso de Clara.

OSCAR — Não a conheço tanto, de forma a fazer a seu respeito semelhante juizo. Parece-me até que a sua psychologia se resume nisto: — Uma santa menina, que adora o marido e vê que para elle é hoje uma fonte extincta de emoções.

GUSTAVO — Mas onde andarão o senhor doutor Claudio Lins? Em vão procurei descobri-lo no salão.

OSCAR — Vamos procurá-lo. Aquillo não é homem que possa andar sem sentinella á vista. (*Ao sair cruza com Clara e Martha. Recuando um passo, arregaça a cortina para que ellas entrem*).

SCENA IX

OS MESMOS, MENOS OSCAR E MAIS CLARA E MARTHA

CLARA — Como vê, a sala communica-se tambem com o jardim.

MARTHA — E' muito bem dividida a casa.

CLARA — Aqui costume passar as tardes, embora a vista do segundo andar seja mais bonita... E' que a escada me fatiga muito.

MARTHA — Não se sente melhor então?

CLARA — Ao contrario; tenho febre quasi sempre á noite. Creio mesmo em que isto estará por pouco...

MARTHA — Não diga isto. O seu marido não gostaria de ouvi-la dizer tal.

CLARA — Sylvio?!

MARTHA (*Estremecendo, máo grado*) — Naturalmente.

GUSTAVO (*Intervindo*) — Não somente Sylvio, mas todos nós. A senhora sabe quanto é querida...

CLARA — Sei, meu amigo, que tenho esta felicidade. Mas nem tudo se consegue neste mundo...

ALBERTO (*Commovido*) — Poderia muito bem reagir contra este entorpecimento. Afinal, não ha um diagnostico preciso para a sua molestia. O doente deve ajudar o clinico. A senhora deveria querer a vida por amor do seu marido e mais ainda pelo bem do seu filhinho.

CLARA — Ah! Se a felicidade estivesse em nossas mãos! (*Outro tom, a Martha*). Esta porta dá para o aposento da ama de leite, que por sua vez se communica com os meus. Fica, portanto, conhecendo toda a casa... (*Um silencio*).

GUSTAVO (*A Martha*) — Como vae seu livro, minha senhora?

MARTHA — Caminha vagarosamente. Desde o verão passado que procuro um dia propicio para dar o desfecho. E' que os pensamentos e os desejos se succedem dentro de mim tão vertiginosamente, que nem um delles tem tempo de tomar o seu gesto peculiar... E eu fico nesta immobilidade esteril... Sou, portanto, uma vida e um impeto que se paralytam.

CLARA — Agora, peço licença; fica no seu meio... Parece que ouvi o choro do meu filhinho...

MARTHA — A' vontade. (*Clara sae*).

GUSTAVO — Está, pelo que disse, a fazer o coroamento da grande basilica?

MARTHA — Oh! Não exagere. Afinal sou a mais feminina das mulheres. Ha instantes em que sinto uma ternura tão grande, que eu mesma tenho a impressão de um diluimento do meu ser em outro, de modo a pensar em que me torno um simples objecto muito pequenino...

GUSTAVO — Sei que o seu livro será a revelação de um escriptor de genio.

MARTHA — Não gracieje. O que ha no meu livro é apenas efflorescencia de sentimentos tardiamente expandidos: humanidade e soffrimento, portanto...

ALBERTO — Germinens maravilhosos que somente agora acharam ambiente favoravel ao desabrochamento.

SCENA X

OS MESMOS E MAIS OSCAR

OSCAR — Desculpem-me a interrupção. Mas trago a incumbencia de levar Alberto para servir de juiz numa pendencia muito grave, a respeito de modas... (*Dá-lhe o braço e saem os dois*).

SCENA XI

GUSTAVO E MARTHA

GUSTAVO — E' a apothose de um grande amor?

MARTHA — Não devo ser convencional com o senhor. Não ignora a minha vida, porque é um irmão de Sylvio, o seu confidente e o seu conselheiro. Por elle conhece o meu lar; por elle, que é o meu peccado de ouro, sabe da minha historia. Não me considere uma impudente. Sou uma creatura talhada para ser feliz; e, no emtanto, ainda não conheci a ventura. Não disputo, o senhor o sabe. Sylvio á sua mulher, porque ella é uma chama que se apaga. Não lhe tenho odio, oh! não! Tributo-lhe antes uma certa amizade, que é feita de indulgencia e de pena, ainda que lhe pareça estranho. Olhe, chego a sentir os seus soffrimentos. Ella, entretanto, é o unico empecilho á minha felicidade. Está admirado do meu modo de ver?

GUSTAVO — Não, minha senhora. Já lhe conheço as theorias e tenho verificado que as pratica. Acredito na bondade e na inteireza do seu character. Eu mesmo já chamei o seu caso de fatalidade necessaria. A senhora e Sylvio são duas forças que se buscam impellidas pelo destino; duas arvores de grande seiva que partiram os vasos em que foram plantadas pelas circumstancias do momento.

MARTHA — Fossem dizer em livro impresso de uma alma como esta, e chamariam a quem a retratasse de falso psychologo.

GUSTAVO — E a quem calasse a respeito desses amores — de dissoluto e amoral...

MARTHA — E' que nos movemos dentro de uma rede de hypocrisias. Quem me privaria de ser amante desse homem que me deslumbra? Apenas uma força — elle mesmo, ou talvez a fraqueza da pobre mulher... Eu o reconheço um sentimental, e não desejo apressar de maneira nenhuma um desfecho. E neste soffrimento, neste eterno esperar, aguardo o veredictum do destino.

GUSTAVO — A senhora é a victoriosa... Persevere na sua generosidade...

MARTHA — Ha nada mais triste do que estar nesta casa, a dois passos d'elle, sabendo-me glorificada, vendo na sua peça o remate radioso de uma grande paixão, collocada tão alto que, com um simples estirar de braços, poderia colher um festão de estrelas para me engrinaldar? E contorcer-me, e padecer, e guardar toda essa gratidão, conter os meus impulsos e o turbilhão dos meus sentimentos? E conservar-me de pé, deante d'elle, quando devera estar rente ao chão, como um tapete de flores para receber o seu peso e a sua dominação?

GUSTAVO — E a senhora pensa em que elle não pena e não padece nessa falsa attitudo, soffrendo a matilha açulada e faminta dos seus sentimentos?

MARTHA — Oh! Comprehando, sim, o mysterio que lhe ensombra as pupillas. Vejo dellas através a vibração de todas as azas que se impacientam...

GUSTAVO — Quem sabe? Poderão ainda ser muito felizes! E que não sejam? Este infortunio abrirá em flores e astros.

MARTHA — Máos desejos, Sr. Gustavo, para uma pobre mulher... Sabe? Ainda não falei a Sylvio depois daquella divina surpresa. Sei que elle está cheio como eu. Foi com as linhas do meu corpo que elle traçou o contorno da sua obra e com as labaredas do meu espirito que elle...

GUSTAVO — A illuminou, minha senhora...
(*Ouve-se bater de palmas lá dentro, risos, rumores*).

MARTHA — Como esta gente é feliz!
GUSTAVO — Não inveje a frivolidade.

SCENA XII

OS MESMOS E SYLVIO

SYLVIO — Martha!
GUSTAVO (*Baixo*) — Cuidado!
SYLVIO (*Triste*) — Vão para a mesa... Não querem ir?
MARTHA — Um instante só. Preciso falar-te.
GUSTAVO (*Recessos*) — Não esqueçam de que ha aqui interessados num escandalo.
SYLVIO — Conheço-os todos. Tenho sido crivado de ironias. E ainda assim sou obrigado a acarinhar a quem me fere.

(*Gustavo sae, Sylvio, fechando a porta que dá para o jardim, lança-se perdidamente, num arranço, nos braços de Martha, constringindo-a*).

MARTHA — Ai, Sylvio!

PANNO

ACTO III

SCENARIO

A mesma decoração do 2º acto, sem os atavios e as flores da festa

SCENA I

SYLVIO E DEPOIS A CREADA

(*O poeta, com uma revista sobre a perna, dormita numa cadeira de braços. Os olhos estão vinçados pela marca das vigílias, os braços pendem*).

A CREADA — Patrão! Patrão!
SYLVIO (*Despertando*) — Que ha?
A CREADA — E' que chegou o novo remedio.
SYLVIO — O doutor ainda não veio?
A CREADA — Não, senhor; mas D. Martha já o viu.
SYLVIO — E' para dar duas vezes ao dia. Como vae ella passando?
A CREADA — Acho-a muito melhor, patrão; até já tomou meia chicara de leite e conversou.
SYLVIO — E D. Martha?
A CREADA — Foi mudar de roupa e descansar um pouco... Não tem pregado olhos...
SYLVIO — Bem. Vae dar o remedio.
A CREADA — Esqueci de dizer que D. Clara quer vir até aqui, na cadeira de rodas.
SYLVIO — Não lhe digas nada. Se ella falar nisto novamente, vem cá avisar-me.
A CREADA — Sim, senhor. (*Sae*).
(*Sylvio torna a abrir a revista, forcejando por lê-la, o que não consegue. Fica depois a olhar o espaço numa abstracção*).

SCENA II

SYLVIO E GUSTAVO

GUSTAVO (*Entrando com passo cauteloso, pouca o chapéo e aperta a mão do amigo*) — Como vae a doente?
SYLVIO (*Fitando-o bem nos olhos, num desalento*) — No fim.
GUSTAVO — Mas então peorou de hontem para cá?
SYLVIO — Irremediavelmente perdida. (*Um silencio. Ouve-se o rumor dos vehiculos que passam, o ladrado dos cães ao longe, o pregão dolente de mercador*).
GUSTAVO — Dize, Sylvio, ella algum dia soube dos teus amores?
SYLVIO (*Com convicção*) — Nunca!
GUSTAVO — Não te-ias deixado alguma carta esquecida no bolso ou num movel?
SYLVIO (*Sereno*) — Nunca!
GUSTAVO — Não teria ella ouvido alguma conversa tua com Martha ou surpreendido um olhar mais intencional?
SYLVIO — Não creio. Não costuma espreitar. Nunca alludiu a isto. Tem a boa fé que teria um anjo.
GUSTAVO — Perdôa, mas é que sinto um grande interesse nisto... ainda porque me considero tambem culpado, bem culpado...

SYLVIO — Não! Não, Gustavo. Foi a fatalidade. Ainda que não a conhecesses ou tivesses intervindo, o facto dar-se-ia... Tinha que ser...

GUSTAVO — Estás transformado. Não tens dormido?

SYLVIO — Ah! meu amigo, é o castigo das impacencias... dos máos desejos... Bem m'o dizias...

GUSTAVO — Somos todos assim. Mas, agora, é tarde. Trata antes de animar a tua doente, de assistil-a com o teu desvelo. Com esta physionomia, far-lhe-ás mal.

SYLVIO — Crês nisto? Mas se ella espera a morte como uma libertação... Hoje sorriu... Por isto mesmo, estou mais preocupado: Se sorriu, é porque se sente peor... (*Um silencio*). Sabes? A pobre quer vir até cá...

GUSTAVO — Mas é impossivel, e tu não sentirás nisto.

SYLVIO — Não lembrarei; mas se persistir que mal haverá? Aliás o medico me disse que lhe fizesse todas as vontades... Sabes que significa isto?... A morte!...

GUSTAVO (*Sentando-se, desanimado*) — Coragem! (*Um silencio. Os bonds passam. O pregão de um vendedor de vassouras eleva-se numa toada dolente*).

SCENA III

OS MESMOS E A CREADA

A CREADA — Patrão, ella mandou pedir para vir.

SYLVIO — Pois, sim. Dize-lhe que já a irei buscar. (*A Gustavo*) Fecha as janellas por favor. Está frio. Não sentes frio?

GUSTAVO — De certo... E' conveniente. (*Sylvio sae e Gustavo fica a fechar as janellas*).

SCENA IV

SYLVIO, CLARA, GUSTAVO E A CREADA

(*Clara está mortalmente pallida. Sylvio impelle docemente a cadeira de rodas, onde ella se reclina apoiada em almofadas. A criada traz um frasco e uma colher*).

GUSTAVO — Bravos! Acho-a hoje muito bem disposta, magnificamente até!

CLARA — Que bons olhos tem o senhor!...

GUSTAVO — Sou physionomista: estou, por exemplo, quasi a apostar em como vae tomar uma chicara de leite. Não é verdade, que acertei, e que está agora mesmo sentindo uma disposiçãozinha?...

SYLVIO (*Calçando-a com travesseiros*) — E' sim. Ella vae fazer-te a vontade; não é, Clara?

CLARA (*Sorrindo*) — Pois sim, meu amigo.

SYLVIO (*A' criada*) — Traze depressa uma chicara de leite.

GUSTAVO — Vamos! Depressa para aproveitar a boa vontade...

CLARA (*Sorri ainda*) — Abre aquellas janellas... abre tudo.

SYLVIO (*Hesitante*) — Está tão frio! Não estás sentindo frio?

CLARA — Não, abre-as. Quero ver o jardim. (*Gustavo e Sylvio abrem as janellas e as portas*).

SYLVIO — Olha! Mandei podar as roseiras e substituir a gramma...

CLARA (*Olhando, desolada a nudez do jardim*): Para que na primavera que entra estejam floridas e viçosas...

SYLVIO — E quando te levantares festejarem com esplendor maior a tua volta...

CLARA (*Olha longamente o marido*) — Levantar! (*Um silencio*). Agora nem um botão ao menos!

SYLVIO — Deste lado, não; mas, lá, nos fundos, ainda ha alguns...

CLARA (*Sorrindo*) — Assim, nem a terra desta morada dará uma flor para minha sepultura...

SYLVIO (*Comovido*) — Não digas isto, Clara. Não fales em morrer...

GUSTAVO — Está com saudade das suas flores? Pois vou buscal-as, e aqui mesmo. (*Sae*).

SCENA V

CLARA E SYLVIO

CLARA — Sylvio, não te maldigo, não. Nunca te maldisse. Foi uma fatalidade... Deveria calar sempre, compreendendo... Fôra melhor...

SYLVIO — Que queres dizer?

CLARA — Sei tudo!... Não me interrompas... E' o fim... Daqui a pouco... talvez já não possa falar... Amas a Martha... Sei... Ella é tambem infeliz, além do mais, porque ainda não está livre... como tu...

SYLVIO (*Perplexo*) — Clara, por piedade, Clara.

CLARA — Ouve: Por mim não poderias subir até onde o teu merecimento e a tua ambição deveriam conduzir-te... Foste uma arvore forte plantada em máo terreno... Se não fores transplantada, definharás... Martha é bem a companheira digna dos teus surtos... Como tu, ella é tambem uma alma solitaria... E eu? (*Vira a cabeça num desalento*) Eu... sou a terra caçada...

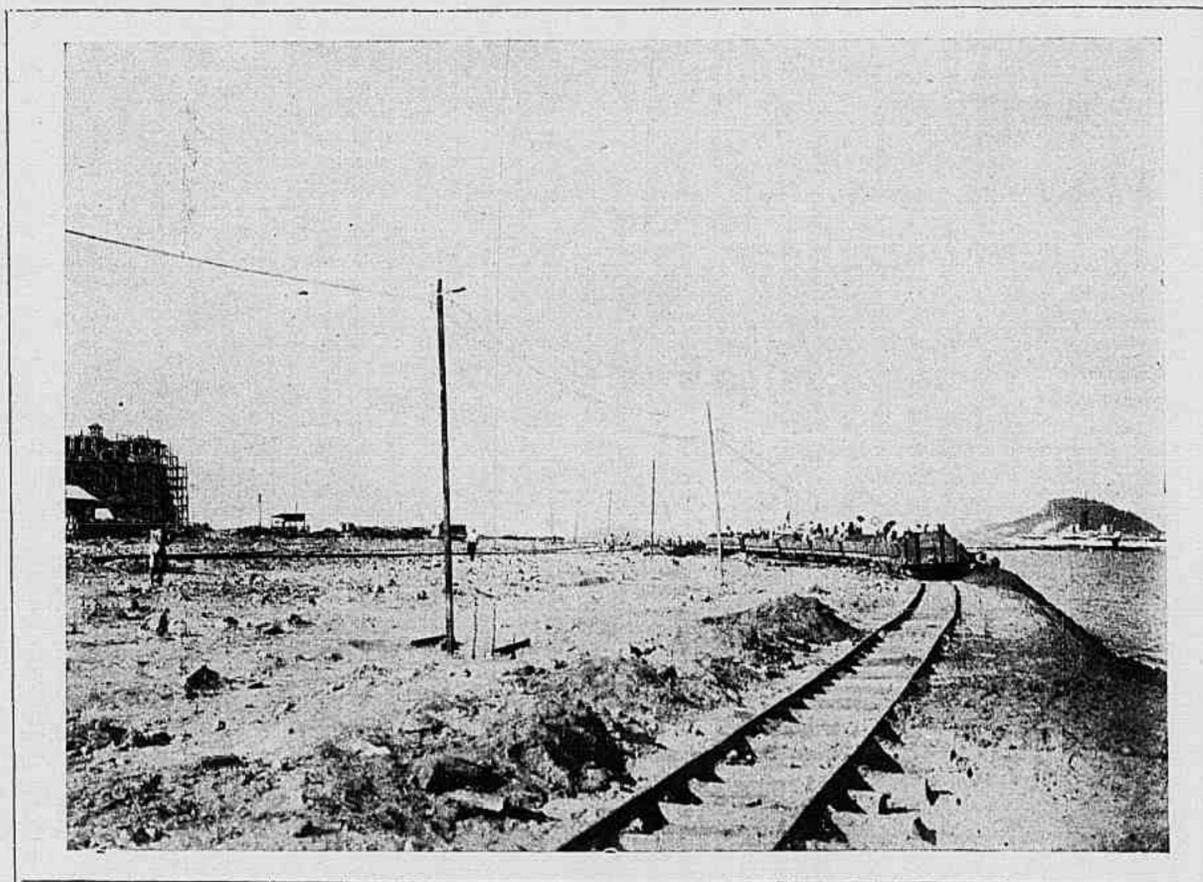
SYLVIO (*Sem reprimir as lagrimas*) — Calate, calate, por piedade...

CLARA — Ao meu lado, não darias um fructo, que não fosse mirrado. E soffrerias com isto, porque vives no teu sonho de gloria...

SYLVIO (*Supplicante*) — Mas não vês que isto te faz mal?

CLARA — Ai, não, Sylvio... O mal já está feito... Não ha mais remedio... Soffrerás pela impossibilidade de voar... E acabarias por odiar-me... Que horror, Sylvio! Disto é que eu tive medo...

(*Conclue no proximo numero.*)



OBRAS DA EXPOSIÇÃO — O ATERRO DA PONTA DO CALABOUÇO.

É tudo, é tudo...

por Balthazar Pereira

*Ao curral da fazenda, o bezerrinho
chegava ha pouco tempo e todo dia,
olhando espantadinho,
notava que sahia
uma vacca ou um boi e, inda de mezes,
um pequeno, um novillo,
desses ou de outros paes algumas vezes,
a semente da raça, o unico filho.*

*Vão e não voltam mais... Ando intrigado
Todos nedios e bons correm felizes,
A sombra de um cuidado
inda não vi de longe os seus narizes.
E cheio de respeito
do touro de aguilhão, um velho doente,
approximou-se e disse :
Ha um sujeito,
que sempre de manhã, risonhamente,
visita todos nós... De baixo a cima
um em um, cauteloso, apalpa, alisa,
ausculta, bate, amima,
escolhe dois ou tres e finalisa...
Elle deve pesar kilos aos centos
e fala muito grosso;
tem na cara vermelha uns supplementos
e gordura nas mãos e no pescoço.*

*Exhibe sem mysterio arma assassina,
estranho facalhão de ponta aguda.
O monstro se destina
á pratica do mal? Ninguem me illuda...
Talvez seja, quem sabe?
o famulo da morte.*

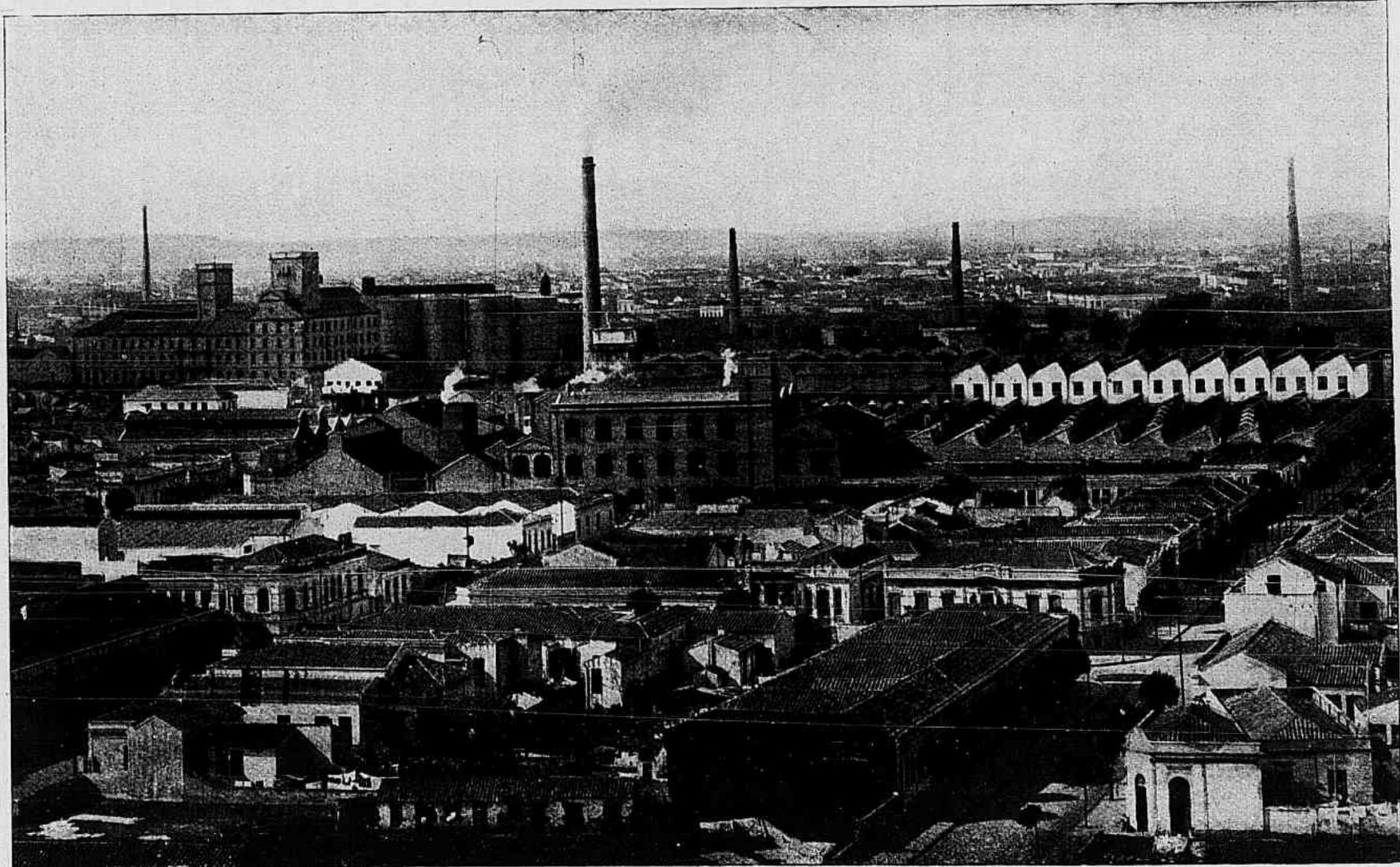
*Eu sei... Disseste bem... No mundo vasto
toda a miseria cabe.
Nós somos, todos nós de talho ou corte,
o lombo do seu pasto.
No curral o teu chefe,
o teu dono, o senhor de tuas prendas,
é, parente assustado, o magarefe
de execuções tremendas,
inimigo feroz de nossa raça,
de sangue antigo ou novo,
o carrasco, a desgraça
a miseria do povo.*

*É como atravessaste os teus horrores
neste inferno de Dante?
ao velho perguntou, quasi sem cores,*

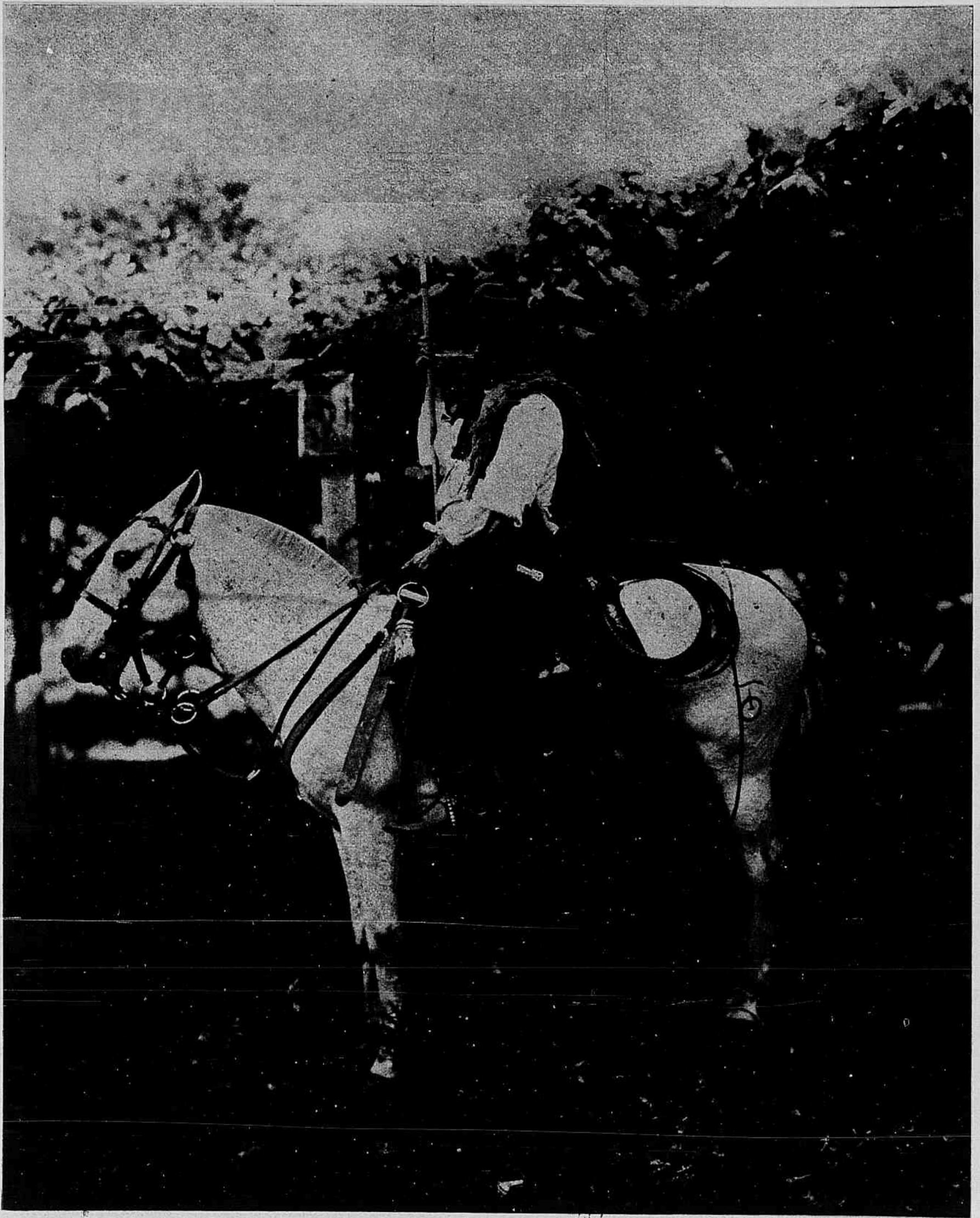
*o bezerro a tremer lacrimejante.
Como foi? Como foi? O meu systema
é de todos, é teu, e hoje me apuro
a dar-te um dos ardis, o estratagemas
de effeito mais seguro.
Eu sou gordo. Não sou... O meu sustento
sóbrio, parco, discreto, apenas, filho,
ha muito se reduz — pobre alimento!
A pontas de capim e a uns grãos de milho...*

*O meu exemplo segue e o meu fastio...
Tu não has de escrever da humanidade
todo o epitaphio, não, mas desconfio
que inda podes sommar a minha idade.
Baixo, sempre encolhido,
junto do magarefe oii do assassino
passo despercebido...*

*Passar despercebido — ouve, menino,
a voz do touro ossudo
na orelha da innocencia,
passar despercebido é tudo, é tudo
no curral da existencia.*



SÃO PAULO — VISTA GERAL DA FABRICA DE TECIDOS "MARIANGELA", VENDO-SE AO FUNDO O MOINHO DE TRIGO "MATARAZZO"



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

TIPO POPULAR DE VELHO GAUCHO, QUE GUARDA A TRADIÇÃO DOS HABITOS DE ANTIGAMENTE.

Fabulas infantis

por J. B. Mello e Sousa

FABULAS EM PROSA DE LESSING

O LOBO AGONISANTE

Um lobo, sentindo-se mal, recordava as suas acções e os episodios de sua vida passada.

— Sim, dizia elle, sei que sou realmente um grande peccador; creio, porém, que não sou dos maiores. Fiz muito mal, é certo; mas fiz algum bem. Lembro-me de que uma vez um cordeirinho extraviado passou, sem me ver, a alguns passos de distancia; e eu não lhe fiz nenhum mal. Nessa mesma occasião ouvi o balido de uma ovelha que se achava perfeitamente a meu alcance; e eu não a matei, embora nada tivesse a recear de cães nem dos pastores. Não é verdade, comadre raposa?

— Posso confirmar tudo, assegurou a raposa, pois me lembro perfeitamente das circumstancias. Tudo isso aconteceu naquella dia em que o compadre lobo se engasgou com aquelle enorme osso que mais tarde a boa cegonha lhe arrancou da garganta.

ESOPO E O BURRO

O celebre moralista Esopo, autor de tantas fabulas interessantes, foi procurado um dia pelo burro, que lhe disse:

— Senhor Esopo, quando V. S. publicar outras historietas em que eu esteja envolvido, peço que me faça dizer alguma cousa sensata ou espirituosa.

— Tu dizeres cousas sensatas? Como é possível? Os meus leitores haviam de acreditar que tu eras o moralista, e eu o burro!

O AVESTRUZ

— Agora quero voar! gritava o gigantesco avestruz. Resolvi hoje voar bem alto!

É todo o mundo das aves poz-se a observar, aguardando a extraordinaria proeza.

— Agora, sim, é que vou voar! exclamou novamente o avestruz.

No meio da expectativa geral, abriu as suas azas e lançou-se para a frente, como um navio com suas velas enfunadas, mas... sem perder o solo nem um passo!

Ora ahí está uma imagem poetica de certas cabeças pouco poeticas, que nas primeiras linhas de seus poemas ameaçam galgar as nuvens e attingir os astros, mas que permanecem sempre fieis á terra.

AS ANDORINHAS

Uma velhissima egreja, que dava abrigo aos ninhos de innumerables andorinhas, passou por uma completa reforma exactamente na época em que ellas estavam ausentes.

Passada a estação invernososa, voltaram as andorinhas e puzeram-se a procurar suas antigas moradas, mas não as encontraram. Pude-ra! Pois se as paredes, onde havia buracos, tinham sido reconstruidas.

— Para que servirá agora este grande edificio? exclamaram as andorinhas. Abandonemos este inutil montão de pedras!

O VEADO E A RAPOSA

O veado dizia á raposa:

— Pobres de nós! Pobres de nós, os animaes fracos.

— Que ha de novo? indagou a raposa.

— O leão fez alliança com o lobo!

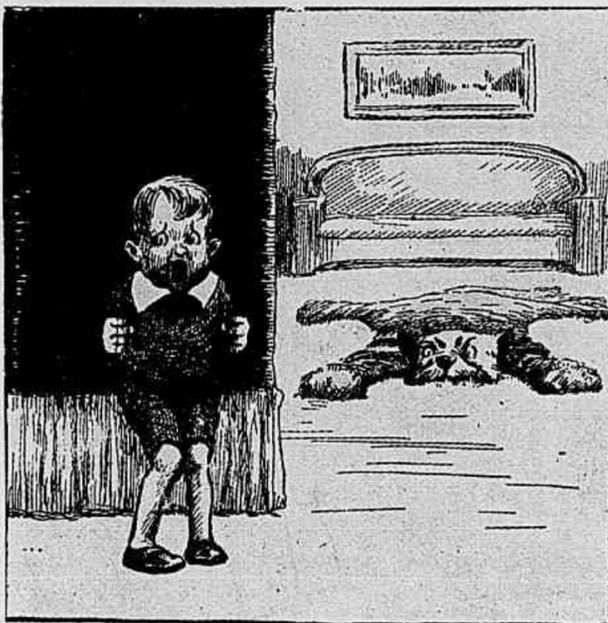
AS CREENÇAS NA CARICATURA ESTRANGEIRA



PESCARIA PERDIDA

SAMMY — Mas que azar! Se eu soubesse... não tinha pedido a mamãe que me mandasse buscar um irmãozinho!...

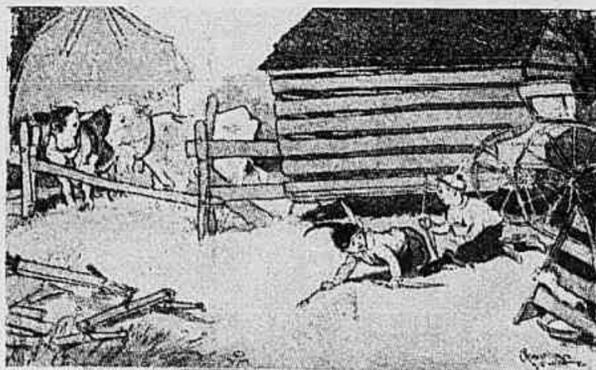
(Do Life, de New York)



O TAPETE NOVO

— Mamãe! Mamãe! Corra aqui para ver uma cousa! Entrou na sala um "bruto" gato, atquem pisou em cima e "achatou elle"!

(Do Judge, de New York)



NA FAZENDA

Uma perigosissima caçada aos ferozes buffalos!

(Do Life, de New York)

— Com o lobo? Ora essa! Que mal ha nisso? O leão ruge, o lobo uiva, e nós podemos nos por a salvo em tempo. Mas desgraçados de nós si o leão tiver a idéa de se alliar ao lynce astuto e cauteloso...

A ASSEMBLÉA DOS ANIMAES

FABULA PRIMEIRA

Surgiu, certa vez entre os animaes uma discussão acalorada, para se saber a quem caberiam os primeiros postos na hierarchia zoológica.

— Para liquidar de uma vez por todas com esta questão, propoz o cavallo, façamos uma assembléa e consultemos o homem; elle não é parte interessada, e portanto, deve julgar com imparcialidade e justiça.

— Mas, observou a toupeira, terá o homem bastante intelligencia para isso? O julgamento é difficil e exige grande talento e perspicacia do juiz.

— Ahí está uma observação muito razoavel, disse o porco-espinho.

— Sim, certamente, accrestou o macaco. O homem não dispõe de intelligencia bastante para essa delicada missão.

— Calae-vos! disse o cavallo. Todos sabem que quem não confia na sua causa é sempre o primeiro a por em duvida a capacidade do juiz.

FABULA SEGUNDA

E o homem foi tomado como juiz.

— Uma palavra! — disse o leão, — antes que pronuncies a sentença. Qual é o criterio, cu segundo que regra, ó homem, pretendes fixar a escala do nosso merito?

— Segundo que regra? Nada mais facil: conforme a maior ou menor utilidade que obtenha de vossos serviços.

— Ora muito obrigado, exclamou o leão offendido. Nesse caso, quantos grãos abaixo do burro serei eu collocado? Tu não podes ser juiz, ó homem. Abandona a assembléa.

FABULA TERCEIRA

O homem retirou-se.

— Então? Que dizia eu, observou maliciosamente a toupeira. Bem vêes, ó cavallo, que o homem não se presta para nosso juiz.

— É verdade! sustentaram o porco-espinho e o macaco. O leão concordou connosco!

— Mas com melhores razões, respondeu o leão, dirigindo-lhes um olhar de desprezo.

FABULA QUARTA

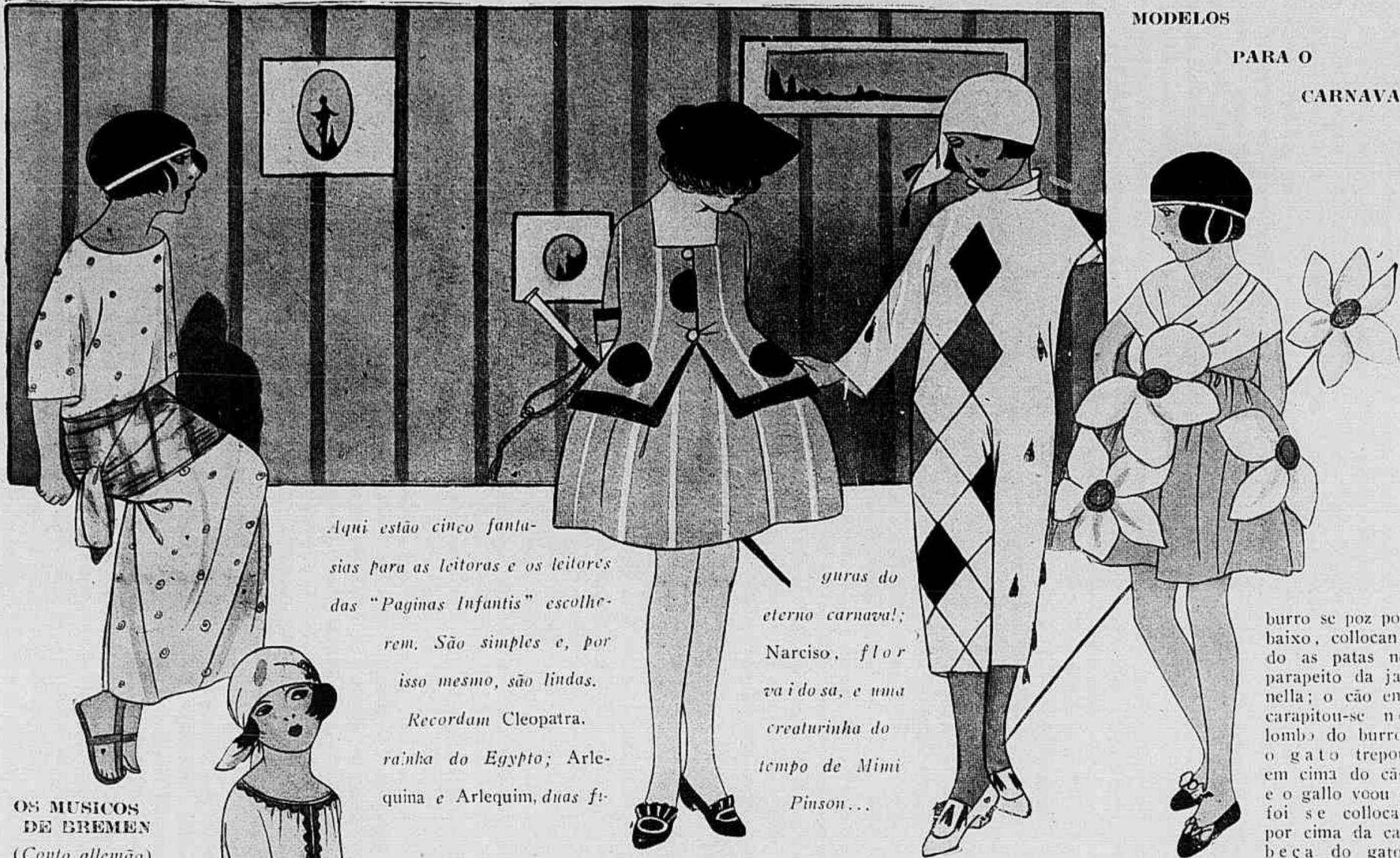
E o leão accrescentou:

— Pensando bem, meus amigos, esta questão não me interessa absolutamente. Que vocês me considerem como o mais importante, ou o menos importante, para mim é o mesmo. Eu me conheço, e isso me basta.

Em seguida sahiu da assembléa.

O enorme elephante, pensando da mesma forma, retirou-se igualmente. A mesma cousa fizeram o tigre cruel e atrevido, o grave urso, o lobo prudente e o nobre cavallo, todos, enfim, que tinham algum merito, ou, pelo menos, suppunham tel-o.

Os ultimos a sahir, e os que mais protestaram contra a dissolução da assembléa foram o macaco e o burro.



Aqui estão cinco fantasias para as leitoras e os leitores das "Paginas Infantis" escolherem. São simples e, por isso mesmo, são lindas. Recordam Cleopatra, rainha do Egypto; Arlequina e Arlequim, duas fi-

guras do eterno carnaval; Narciso, flor vaidosa, e uma creaturinha do tempo de Mimi Pinson...

burro se poz por baixo, collocando as patas no parapeito da janella; o cão encapitou-se no lombo do burro, o gato trepou em cima do cão e o gallo voou e foi se collocar por cima da cabeça do gato. Collocados desta

OS MUSICOS DE BREMEN

(Conto allemão)

Numa granja escondida entre montanhas, vivia um pobre lavrador, dono de um burro que o havia lealmente servido durante muitos annos, porém cujo vigor se debilitou de tal modo com a idade, que já não prestava para o trabalho. O dono pensou em esfolal-o, para aproveitar a pelle; porém o burro, comprehendendo que o vento soprava contra elle, escapou-se e tomou o caminho de Bremen.

— Ali; disse, poderei fazer-me musico da municipalidade.

Depois de haver andado por algum tempo, encontrou no caminho um cão de caça, que ladrava como se estivesse cansado de uma longa carreira.

— Porque ladras desse modo, camarada? — perguntou-lhe.

— Ah! — respondeu-lhe o cão — porque sou velho, vou perdendo as forças de dia para dia, não posso voltar á minha casa, e meu amo já quiz matar-me; eu dei ás de villa Diogo; porém, come me arranjarrei para cavar a vida?

— Não te incomodes — replicou-lhe o burro — eu vou a Bremen, para fazer-me musico da cidade; vem commigo e procura que te recebam tambem na banda. Eu tocarei trompa e tu os tymbales.

O cão concordou e continuaram juntos seu caminho. Um porco mais adiante encontraram um gato atirado no meio do caminho, e com uma cara bem triste.

— Que é que tens, velho bigodudo? — perguntou-lhe o burro.

— Quando se tem a cabeça a premio, não ha lugar para bom humor, — respondeu o gato — porque minha idade é um pouco avançada, meus dentes um pouco gastos e gosto mais de dormir ao pé do fogão do que de correr atraz dos ratos, meu

senhor tem querido matar-me. Escapei-me a tempo; porém que hei de fazer agora, para onde irei?

— Vem commosco a Bremen; tu conheces bem a musica nocturna e te farás, como nós, musico da municipalidade.

Agradou ao gato o conselho e seguiu com a troupe. Não tardou que os nossos viajantes passassem por perto de um curral, em cima de cuja porta um gallo cantava com todas as suas forças.

— Porque gritas deste modo? — perguntou-lhe o burro.

— Estou annunciando o bom tempo; — respondeu o gallo — como amanhã é domingo, ha um grande jantar em casa, e a patrão, sem a menor compaixão, disse á cozinheira que me comerá com arroz, e esta noite com certeza corta-me o pescoço. Assim, tenho gritado com todas as minhas forças, não sem certa satisfação, vendo que ainda respiro.

— Cristaroxa, — disse o burro — vem commosco a Bremen; em qualquer parte farás alguma cousa melhor do que a morte. Tu tens boa voz, e, quando cantarmos juntos, faremos um estupendo concerto.

Ao gallo agradou a proposta, e puzeram-se a andar os quatro juntos; mas não podiam chegar naquella dia á cidade de Bremen; ao anoitecer, param em um bosque, onde decidiram passar a noite. O burro e o cão collocaram-se debaixo de uma arvore muito grande; o gato e o gallo treparam até á copa, e o gallo collocou-se no lugar mais alto, onde se julgou mais seguro. Antes de dormir, quando passeava seus olhares aos quatro ventos, pareceu-lhe ver muito ao longe como uma luz e avisou aos seus companheiros de que devia haver alguma casa perto, pois se percebia grande claridade.

— Sendo assim, — contestou o burro — desçamos e marchemos depressa para esse lado, pois este pouso não é muito do meu agrado.

Ao que replicou o cão:

— Com effeito, não me saberiam mal alguns ossos com o seu pouco de carne.

Dirigiram-se ao ponto onde se encontrava a luz; não tardou que a vissem crescer e brilhar, até que chegaram a uma toca de ladrões muito bem illuminada.

O burro, que era o mais alto de todos, aproximou-se da casa e deitou uns olhares para dentro.

— Que vês, russo? — perguntou-lhe o gallo.

— Que vejo? — replicou o burro. — Uma mesa cheia de manjares e garrafas e em volta ladrões, que, segundo se vê, não passam mal de bar-riga.

— Para nós é que isso seria um bom negocio. — Certamente; — affirmou o burro — ah! se lá estivessemos agora...

Começaram então a estudar um meio de afastar d'ali os ladrões, e por fim o encontraram. O

maneira, começaram todos sua musica, a um signal convencionado. Poz-se o burro a zurrar, o cão a ladrar, o gato a miar e o gallo a cantar; em seguida precipitaram-se pela janella dentro do quarto, quebrando os vidros, que voaram em mil pedaços. Os ladrões, ao ouvir aquelle espantoso barulho, julgaram que entrara na sala algum espectro e fugiram aterrorisados para o bosque. Então os quatro companheiros sentaram-se á mesa, avançaram no que restava e comeram como se tivessem de jejuar durante um mez.

Apenas acabaram, os quatro instrumentistas apagaram as luzes e cada um arranhou-se como poude para descansar. O burro estendeu-se na esterqueira, o cão atraz da porta, o gato no fogão, junto da cinza quente, e o gallo em cima de uma viga; e, como estavam cansados de tão grande viagem, não tardou que adormecessem.

Pouco depois de meia-noite, quando os ladrões viram de longe que não havia luz na casa e que tudo parecia tranquillo, disse-lhes o capitão:

— Não nos devemos deixar derrotar de uma maneira tão vergonhosa.

E mandou a um dos seus que fosse ver o que se passava em casa. O enviado encontrou tudo tranquillo; entrou na cozinha e procurou accender a luz; tomou de umas palhas e como os inflammados e brilhantes olhos do gato lhe pareceram duas brazas, delles aproximou as palhas para accendel-as; mas como o gato não gostava de brincadeiras, saltou-lhe ao rosto, e arranhou-o, bufando. Tomado de horrivel medo, o nosso homem procurou galgar a porta; porém o cão, que estava deitado por detraz della, atirou-se furioso e mordeu-lhe uma perna; quando passava pelo curral, ao lado da esterqueira, o asno pregou-lhe um par de couces, enquanto que o gallo, acordado com o ruido e precavido, gritava: "Qui-qui-ri-qui!", do alto da viga.

O ladrão deu cebo ás canellas, e ao chegar onde estavam seus companheiros disse-lhes:

— Na nossa casa existe uma horrorosa feiti-ceira, que me arranhou, bufando, com as suas largas unhas; junto á porta acha-se um homem armado de enorme faca, com que me atravessou a perna; alojou-se no pateo um monstro negro, que me espancou a golpes de maça, e no alto do tecto collocára-se o juiz, que gritava: "Trazei-m'o aqui! Trazei-m'o aqui, diante de mim", pelo que pensei em fugir.

Dahi por diante não pensaram mais os ladrões em voltar á tal casa, e os quatro musicos de Bremen nella se achavam tão bem que não quizeram abandonal-a.

Bem diz o rifão. "a quem madruga, Deus ajuda."

Comissão Executiva do Centenario da Independencia

EXPOSIÇÃO COMMEMORATIVA DO CENTENARIO

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO PAVILHÃO TCHECO-SLOVACO

Expediente

Realizou-se, no dia 25 de Janeiro, ao meio dia, na Avenida das Nações, da Exposição Nacional, a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do pavilhão da Republica Tcheco-Slovaca.

Assistiram á cerimonia os Srs. Dr. Carlos Sampaio, Prefeito do Distrito Federal, Jan Havlasa, Ministro da Tcheco-Slovaquia nesta Capital, Miroslav Schubert, Secretario da Legação, Dr. Alfredo de Niemeyer, Director Geral dos Serviços da Commemoração, Dr. Mello e Souza, Secretario da Comissão Executiva, Drs. Octavio Penna e Rocha Faria, Chefes da Secção de Obras da Exposição, o architecto José Pitlik, autor das plantas do pavilhão, e outras pessoas.

Ao ser feito o lançamento da pedra fundamental, o Sr. Ministro Jan Havlasa pronunciou a seguinte allocução:

"E'-me muito grato lançar aqui a primeira pedra do pavilhão de meu paiz na Exposição Nacional com que o Brasil commemora o centenario de sua independencia politica. Vejo neste acto um indício seguro de uma sempre crescente aproximação entre o Brasil e a minha Patria, que dentro em breve se traduzirá numa muito apreciavel intensificação do intercambio cultural entre os dous paizes.

Commungando ambos em aspirações nacionaes identicas, repassadas de alto idealismo, o Brasil e a Tcheco-Slovaquia têm a unil-os também a analogia das suas instituições e o cunho característico de liberdade e democracia de que se revestem; aliados ainda recentemente, juntaram seus esforços numa mesma aspiração de reivindicación e de justiça.

Assim, não podia deixar de ser muito grata ao meu Governo a commemoração do Centenario da Independencia Brasileira, e a essa commemoração se quiz associar, dando á nação brasileira uma prova cabal da estima e grande sympathia que lhe merece.

Sinceramente agradeçi á Comissão Executiva e aos Srs. Directores dos Serviços da commemoração todas as finezas e facilidades que nos dispensaram neste periodo inicial da preparação da participação tcheco-slovaca ao certamen."

O Sr. Dr. Carlos Sampaio, em nome da Comissão Executiva, depois de agradecer as expressões do Sr. Ministro, fez votos pela intensificação das relações de amizade que ligam a nosso paiz á valorosa e culta nação tcheco-slovaca.

Os trabalhos da construção do pavilhão tcheco-slovaco vão proseguir com grande rapidez, devendo o edificio estar concluido e installados os productos expostos por occasião da abertura solemne do grande certamen.

PARTICIPAÇÃO DO PERU' NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO

Mais um paiz sul-americano acaba de manifestar o desejo de tomar parte na proxima Exposição Nacional que, sob os melhores auspicios, deverá ser levada a effeito por occasião do Centenario da Independencia do Brasil.

Trata-se da Republica do Peru', de cujo communicado official a Comissão Executiva, com grande prazer, teve conhecimento em sua sessão de 19 de Janeiro ultimo.

Para o pavilhão peruano que, segundo declara o Governo desse paiz amigo, será em elegante e tylo incaico, já está reservado, na Avenida das Nações, o necessario local.

O PAVILHÃO BELGA DAS GRANDES INDUSTRIAS

Conforme comunicação feita á Comissão Executiva do Centenario, por Mr. Constant Renson, Director Geral da Secção Belga, foram iniciadas e proseguem com a necessaria intensidade as obras do pavilhão da Belgica na Secção das Grandes Industrias da Exposição, no Caes do Porto.

Tudo permite asseverar que a representação das Industrias Belgas seja de grande realce no certamen, attento o interesse revelado pelo Governo daquelle paiz, para que a respectiva participação nada deixe a desejar.

A exposição das Grandes Industrias Belgas permanecerá franqueada ao publico durante seis mezes após o encerramento da Exposição.

O PAVILHÃO MEXICANO NA PROXIMA EXPOSIÇÃO

Do Sr. Dr. Alvaro Torre Diaz, Embaixador do Mexico, recebeu a Comissão Executiva os seguintes dados, em referencia ao pavilhão que o seu paiz construirá para a proxima Exposição do Centenario:

"A Secretaria de Industria, Commercio e Trabalho, do Mexico, abriu um Concurso de projectos para o Pavilhão Mexicano, tendo se apresentado quinze concurrentes. Terminado o prazo de admissão, o jury, que foi presidido pelo Engenheiro José Vasquez Schiaffino, Official Maior daquelle Ministerio, deu começo a seus trabalhos, formulando sua decisão, após minucioso estudo de todos os projectos apresentados, e adjudicando o premio ao de que foram autores os architectos Carlos Obregon Santacilia e Carlos Tarditi. Este projecto é o de um pavilhão que se construirá em uma superficie de terreno de 30 por 20 metros, de estylo colonial, de architectura festiva e moderna (dentro do mesmo estylo colonial), com um bello pateo, uma pinturesca escadaria ao fundo e uma fonte central de azulejos. Na parte alta tem o mesmo uma elegante arcada colonial e terraços amplos, onde pôde installar-se uma banda

de musica. Na fachada principal fica uma sala de festas."

O Embaixador Torre Diaz informou que, desejando o Presidente Obregon que o contingente do Mexico á Exposição do Rio de Janeiro supere os que tem exhibido ultimamente em varias cidades europeas e dos Estados Unidos, dirigiu um convite aos agricultores e industrias para que remetam suas amostras. Um dos departamentos do pavilhão se destina a uma exhibição petrolifera, que demonstrará a riqueza do Mexico nesse ramo, e em outro se installará a Exposição de Arte Popular Mexicana, que figurou na Capital azteca nas festas do Centenario, em Setembro passado.

VENDA DE COMESTIVEIS E BEBIDAS. NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO

Encerrou-se no dia 7 deste mez a concorrência aberta pela Comissão Executiva do Centenario, para a construção e exploração de pavilhões no recinto da Exposição Nacional, destinados á venda dos seguintes artigos:

- I— Cervejas e comidas frias;
- II— Café e bebidas;
- III— Refrescos, sorvetes, aguas mineraes, chá e chocolate;
- IV— Frutas, doces, *bonnons* e balas;
- V— Caldo de canna;
- VI— Leite (lactinios e derivados);
- VII— Artigos de charutaria;
- VIII— Flores;
- IX— Jornaes, revistas, albums e outras publicações não officiaes;
- X— Objectos lembranças da Exposição.

Para cada qual dos grupos acima houve uma concorrência distincta.

São as seguintes as obrigações dos concorrentes:

a) a construir á sua custa, nos locais indicados pela Secção de Obras da Exposição, o pavilhão ou os pavilhões necesarios ao fim de que se trata;

b) a submeter á aprovação da comissão os projectos dos pavilhões, os quaes deverão ser completos em côres e com desenhos que permitam julgar da esthetica, dimensões e estabilidade dos mesmos, com especificações e orçamentos;

c) a explorar a venda dos artigos que constituem objecto da concorrência, durante todo o tempo em que estiver aberta a Exposição, observando os preços correntes da praça, mediante uma tabella que será opportunamente submittida á aprovação da Comissão Executiva;

d) a pagar o aluguel do terreno destinado aos mesmos pavilhões, de accordo com a tabella do Regulamento Geral, além da percentagem de que trata a clausula quarta;

e) a sujeitar-se á fiscalisação da Comissão Executiva, não só durante a execução das obras como no periodo da exploração dos serviços arrendados, e bem assim quanto ao abastecimento dos pavilhões dos generos necesarios;

f) a manter os preços da tabella, sejam quaes forem as oscillações do mercado durante o tempo da Exposição;

g) a manter caixas registradoras para qualquer especie de recebimento, as quaes só serão abertas para apuração, em presença de fiscal designado pela Comissão Executiva;

h) a vender ao publico artigos de todas as marcas nacionaes idoneas e de notoria aceitação.

A concorrência versa apenas sobre a maior percentagem de renda bruta offerecida em favor dos cofres da Exposição, ficando assegurados ao concorrente aceito os direitos de exclusividade, para a venda dos artigos comprehendidos no respectivo grupo, no recinto da Exposição Nacional, exceptuando-se:

a) os pavilhões dos expositores nacionaes, cujo custo não tenha sido inferior a 25.000\$, caso em que fica salvo ao expositor o direito de vender os productos de sua industria, sendo a percentagem a pagar pelo expositor igual á do concorrente aceito;

to, ou, na falta deste, de 15 % sobre a venda dos artigos sobre os quaes versa a concorrência;

b) os pavilhões officiaes estrangeiros.

Os grupos IX e X não comprehendem cartões postaes, nem medalhas vendidas por meio de apparatus automaticos.

A REPRESENTAÇÃO DA BELGICA NA EXPOSIÇÃO NACIONAL

O Sr. Embaixador da Belgica nesta Capital communicou á Comissão Executiva do Centenario que seu governo resolveu fazer as seguintes nomeações, relativas á respectiva participação na Exposição Nacional:

Director Geral da Exposição Belga, o Sr. Constant Renson; Presidente, do Sub-Comité Belga, o Sr. P. J. Paternot, Director Geral do Banco Italo-Belga. Membros do Sub-Comité: Srs. Faustin Havelange, da Casa Laport; Camille Janssens, presidente da Camara de Commercio Belga no Brasil; J. de Baere, da casa de Baere Delcroix, Jean Mayens e Henri Malerme.

No impedimento do Sr. Constant Renson, suas attribuições ficarão a cargo do Sr. P. J. Paternot.

A EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GADO

Já se acha prompto o regulamento especial da 4ª Exposição Nacional de Gado, que constituirá a secção de pecuaria do grande certamen commemorativo do Centenario.

Segundo o mesmo regulamento, a Quarta Exposição Nacional de Gado



O CORONEL D. C. COLLIER,
COMMISSARIO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS Á EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.

O Coronel Collier possui experiencia anterior em assumptos de exposições, pois esteve durante cinco annos á testa da Exposição Panamá-Californiana, realisada em San Diego, em 1915, primeiro como Director Geral e mais tarde como Presidente. S. Ex. tem visitado o Brasil em diversas occasiões.

ficará a cargo da Sub-Comissão de Industria Pastoral e terá lugar nos dias 20 a 30 de Setembro de 1922.

A Sub-Comissão de Industria Pastoral solicitará da Comissão Organizadora a nomeação de Delegados, que serão encarregados de obter a adesão dos criadores do paiz ao certamen projectado.

Os trabalhos da Sub-Comissão obedecerão ás instrucções approvadas pelo Exmo. Sr. Ministro da Agricultura e aos regulamentos geraes da Exposição e da Comissão Organizadora da Exposição Nacional de 1922.

O programma abrangerá as seguintes especies de animaes domesticos: bovinos; equinos e asininos e seus hybridos; suinos; ovinos e caprinos; gallinacos; palmípedes; caninos pastores e de guarda; etc.

O programma comprehenderá:

a) grupos, conforme o objectivo;

b) classes, conforme a especie, divididas em reproductores e animaes de rendimento;

c) concursos, conforme raças, sexos e idade.

Os animaes que concorrerem aos premios serão das raças constantes no programma e de criação nacional.

Os animaes da mesma raça, mesmo sexo serão classificados conforme indicações do programma dos concursos.

Os animaes importados especialmente para a Exposição pelos governos estrangeiros não entrarão em concurso, podendo, entretanto, ser expostos extra-concursos, ter premios especiaes e concorrer aos leilões.

Para os effeitos do presente regulamento serão considerados animaes puros os que vicrem acompanhados de seus registros e, na falta destes, aquelles que apresentarem todos os característicos de sua raça, a juizo da Comissão do certamen.

Os mestiços são os que apresentarem mais de um primeiro cruzamento com os animaes de raças puras.

Serão tambem admittidos os equideos mestiços com grão de sangue indeterminado, desde que possam figurar nos concursos especificados no programma.

Nos concursos de lotes industriaes "animaes gordos", "leiteiros e ou-

As inscrições sujeitam o expositor á acceitação dos regulamentos e decisões da Sub-Comissão de Industria Pastoral.

Os boletins de inscrição conterão o nome do expositor, sua residencia, Estado, Municipio, cidade, nome da propriedade, a sua localização, especie de animal, raça (puro sargue ou cruzado), nome, sexo, idade, numero do concurso em que deve figurar, indicação da estrada de ferro ou do porto onde deve ser embarcado, assim como se se destina á venda.

A inscrição dará ao expositor o direito de vender o animal exposto, em leilão no recinto da Exposição, ou particularmente, durante o certamen, obrigando-se o expositor a fazer as necessarias communicações á Sub-Comissão, para o effeito da comissão devida.

Cada expositor não poderá concorrer com mais de tres reproductores ao mesmo concurso.

Com previo assentimento da Sub-Comissão, é facultada ao expositor a distribuição de informações impressas ou dactylographadas sobre os seus animaes.

A Sub-Comissão fará publicar um catalogo dos animaes expostos, que será distribuido durante o certamen e que conterá a relação dos expositores, nomenclatura dos animaes, tabella dos premios honoríficos e especiaes, programma dos leilões e relação dos juizes.

Além dos dispositivos acima, contém o regulamento capitulos que tratam das demais questões que interessam aos expositores, como sejam o transporte, a instalação e a manutenção dos animaes, as comissões de julgamento, os premios, as vendas, a retirada dos animaes, os concursos de animaes gordos e de vacas leiteiras.

MUSEU DA INDEPENDENCIA

Entre os numeros do programma official commemorativo do Centenario figura a organização de um Museu da Independencia, no qual serão exhibidos documentos, publicações, quadros, estampas, moedas e quizesquer objectos de valor historico relacionado ao episodio da Independencia do Brasil, e heu assim aos movimentos liberes e republicanos que o precederam.



ros" — serão admittidos os mestiços de qualquer grão de cruzamento e os tipos nacionaes seleccionados.

A Sub-Comissão de Industria Pastoral permitirá a construcção, no recinto da Exposição, de pequenos pavilhões para mostruarios de artigos tendo ligação com a Pecuaria; e tambem para restaurantes, cafés, leiterias, bars, etc., correndo todas as despesas de instalação por conta dos interessados, pagando estes um arrendamento.

A Comissão permitirá a publicação ou affixação de anuncios no seu regulamento, mediante previo ajuste.

BOLETINS DE INSCRIPÇÃO

Todos os animaes destinados á Exposição deverão ser previamente inscrites, obedecendo aos boletins impressos organizados para esse fim pela Sub-Comissão.

As inscrições serão pagas á razão de 5\$000 para cada bovino, equino, asinino ou muar; 10\$000 para cada lote de bois e carneiros gordos ou vacas leiteiras e 2\$000 para cada suino, lanigero ou caprino.

Estão isentos de pagamento de taxa de inscrição os animaes de proveniencia official e os estrangeiros enviados á Exposição, de accordo com este regulamento.

Os paizes estrangeiros terão direito a apresentar cada um 20 animaes de gado maior, dentro das raças autochtonas ou das adaptadas aos respectivos territorios.

A Sub-Comissão de Industria Pastoral indicará ao Sr. Ministro as raças dos animaes que de preferencia interessam ao paiz, afim de que neste sentido sejam feitas as necessarias solicitações aos governos dos paizes estrangeiros que concorrerem á Exposição.

Os preços estabelecidos pelos criadores estrangeiros, para a venda de seus animaes, constarão do boletim de inscrição e do respectivo catalogo.

Os boletins de inscrição de que trata o artigo 13 serão devolvidos á Sub-Comissão de Industria Pastoral, a tempo de serem recebidos até o dia 31 de Julho de 1922.

Em falta dos boletins serão acceitas as inscrições por cartas, desde que contemham os requisitos regulamentares.

Para organizar o programma desse Museu e dirigir os trabalhos relativos á organização, instalação e funcionamento do mesmo, resolveu a Comissão Executiva nomear uma comissão especial, que ficou constituída pelos Srs. Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Director Geral da Bibliotheca Nacional, como Presidente; Dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, Director do Archivo Nacional, representante do Ministerio da Justiça; Conde de Affonso Celso, Presidente do Instituto Historico e representante dessa corporação; Dr. Bruno Lobo, Director do Museu Nacional e representante do Ministerio da Agricultura, e Francisco Agenor de Noronha Santos, Director do Archivo Municipal e representante da Prefeitura.

JOGOS ATHLETICOS E DESPORTIVOS

A Confederação Brasileira de Desportos prosegue activamente na organização dos jogos athleticos e desportivos da Commemoração do Centenario da Independencia.

Ultimamente resolveu a Directoria da Confederação commetter a uma comissão especial o encargo de dirigir o preparo dos ditos jogos, ficando essa comissão constituída pelos Srs. Dr. Benedicto Montenegro, Dr. A. Prado Junior, Celio Negreires de Barros, Dr. Antonio Antunes de Figueiredo, Dr. Victor Pontes, Dr. Roberto Trompowsky Junior, Commandante Armando Burlamaqui, Arthur Azevedo Filho, Commandante Lemos Basto e Commandante Santa Cruz.

Essa Comissão se reúne na séde da Confederação Brasileira de Desportos, á Avenida Rio Branco 134 (1º andar).

CONGRESSO DE ENSINO SUPERIOR E SECUNDARIO

Pronunciando o discurso com que abriu as sessões do Conselho Superior do Ensino, o Sr. Barão de Ramiz Galvão assim se manifestou, em relação ao Congresso de Ensino Superior e Secundario:

"Patrioticamente, incluiu o Governo da Republica entre os elementos constitutivos da commemoração do Centenario da nossa Independencia o funcionamento do Congresso de Ensino Secundario e Superior, onde as nossas sumidades pedagogicas e todos quantos desveladamente cuidam dos magnos interesses do ensino devem comparecer, prestando a efficiencia do seu concurso e a leal cooperação do seu saber,

Muito embora eu já me tenha dirigido a todos os membros do nosso magisterio official e a quasi todos do magisterio particular, não podendo fazer nesta hypothese a totalidade, porque não temos um cadastro do nosso professorado particular, nem resta capital nem nos Estados, julgo opportuno dirigir um appello sincero a quantos militam no magisterio superior e secundario, pedindo a sua collaboration, para que esse certamen, de alto alcance patriótico, tenha o realce indispensavel e produza os meliores effeitos para o engrandecimento do nosso ensino.

Estou certo de que o patriotismo dos nossos educadores não deixará de corresponder com a sua util adhesão ao meu appello."

OBRAS COMMEMORATIVAS DO CENTENARIO

GEOGRAPHIA DO BRASIL

Commemorando o Centenario da Independencia, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro publicará, sob os auspicios da Commissão Executiva do Centenario, grande obra, em que trabalham varios homens notaveis, tendo sido escolhidos verdadeiros especialistas para elaboração dos assumptos.

Desde 1918 está constituida uma commissão, que trabalha activamente no coordenação das materias, reunindo-se semanalmente na sede da Sociedade e correspondendo-se com os colaboradores.

Dessa Commissão fazem parte o Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires como Presidente, o Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos como relator, e o Professor Sr. Lindolpho Xavier como Secretario.

O serviço cartographico ficou a cargo do Engenheiro Francisco Bhering, que está confeccionando uma carta geral do Republica e 22 cartas parciais dos Estados.

A Sociedade abriu concorrência entre as principaes empresas editoras desta Capital e de São Paulo, para a impressão da obra, que será illustrada com as vistas das principaes cidades e trechos característicos da natureza brasileira.

A obra será editada em volumes de 300 paginas, papel *couché*, do formato da *Illustração Brasileira*. A impressão da obra deverá estar terminada em Agosto proximo, de fôrma a ser distribuida pelas Embaixadas estrangeiras, autoridades brasileiras, associações scientificas e bibliothecas de varios paizes.

Abrangendo um grande repositório de informações uteis, a *Geographia do Brasil* vai ser uma das principaes publicações do Centenario.

Damos em seguida o plano da obra e a distribuição dos assumptos pelos varios colaboradores, a maior parte dos quaes já entregou os seus trabalhos.

Relação dos nomes dos colaboradores da *Geographia do Brasil*, commemorativa do Centenario da Independencia:

(POR ORDEM ALPHABETICA)

General Dr. Alexandre José Barbosa Lima — Paragraphos 1º, 2º e 3º, do Capitulo 1º, do Titulo 3º, do Livro 2º, Parte Geral — *Governo e Divisão Política*.

Dr. Augusto Tavares de Lyra — Capitulo 5º, do Livro 2º, da Parte Especial — *Chorographia do Rio Grande do Norte*.

Almirante A. C. Gomes Pereira — *A Organização Naval do Brasil*.

Dr. Aquino e Castro — *Prehistoria Brasileira* — Inscricções e sua dissipação, como preambulo ao descobrimento.

Capitão Dr. Annibal Amorim — Paragrapho 1º, do Capitulo 1º, do Titulo 3º, do Livro 2º, Parte Geral — Na que se refere ao historico das fortificações do Brasil, com detalhe da organização militar.

Dr. Aarão Reis — Paragrapho 4º, Capitulo 3º, Titulo 3º, Parte Geral — *Moedas, Pesos e Medidas*.

Dr. Antonio Carlos de Arruda Beltrão — Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — (*Viação*, na parte referente a Telegraphos e Telephores).

Dr. Alvaro Belford — Paragrapho 3º, Capitulo 1º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Poder Judiciario*.

Dr. Alvaro da Silveira — *Chorographia de Minas Geraes* — Capitulo 5º, Titulo 2º, Livro 2º, Parte Especial — *Bello Horizonte* (Em collaboration com o Dr. Nelson de Senna e o Dr. Rodolpho Jacob).

Dr. Aureliano Portugal — Titulo 1º, Livro 2º, Parte Especial — *O Districto Federal*, em collaboration com o Dr. Mario Freire.

General Dr. Alcino Braga Cavalcanti — Capitulo 1º, Livro 2º, Parte Especial — *Pará*, no que diz respeito aos territorios do Amapá e Aricary.

Coronel Dr. Alipio Gama — Titulo 2º, Livro 1º, Primeira Parte — *Aspecto Physico* (Estudo sobre as manifestações vulcanicas no Brasil.)

Dr. Alberto José de Sampaio — Paragraphos de 1º a 4º, do Capitulo 2º, do Titulo 4º, do Livro 1º, Primeira Parte — *Reino Vegetal*.

Dr. Alcides Maya — Capitulo 16º, Titulo 2º, Livro 2º, Parte Especial — *Chorographia do Rio Grande do Sul* (Em collaboration com o Dr. Simões Lopes).

Professor Dr. Brasílio de Magalhães — Paragrapho 1º, Capitulo 4º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Instrução Artística*.

Barão de Studart — *Chorographia do Ceará* — Capitulo 4º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. (João) Barbosa Rodrigues Junior — Paragrapho 4º, do Capitulo 2º, Titulo 4º, Livro 1º, Primeira Parte — Na referente a plantas medicinaes.

General Candido Mariano da Silva Rondon — *Chorographia de Mato Grosso* — Capitulo 18º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Clodomiro de Vasconcellos — *Chorographia do Estado do Rio de Janeiro*, em collaboration com o Dr. José Mattoso de Maya Forte, Capitulo 12º, Titulo 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Coriolano de Medeiros — *Chorographia do Estado da Parahyba* — Capitulo 4º, Livro 2º, Parte Especial.

Almirante Cordeiro da Graça (João) — Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Viação* — Parte referente ás estradas de rodagem.

Dr. Carlos de Campos — *Chorographia do Estado de São Paulo* — Em collaboration com os Drs. João Pedro da Veiga Miranda, João Pedro Cardoso e Gentil de Moura. Capitulo 13º, Titulo 2º, Livro 2º, Parte Especial.

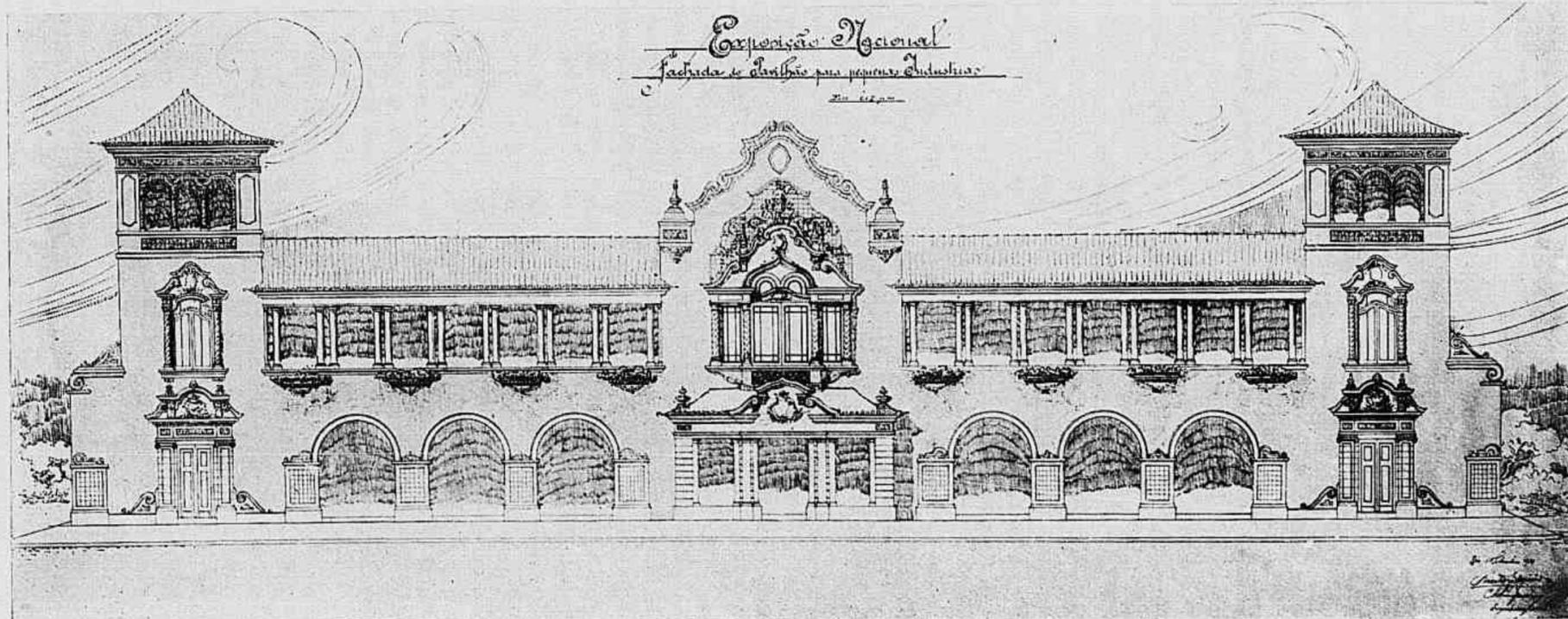
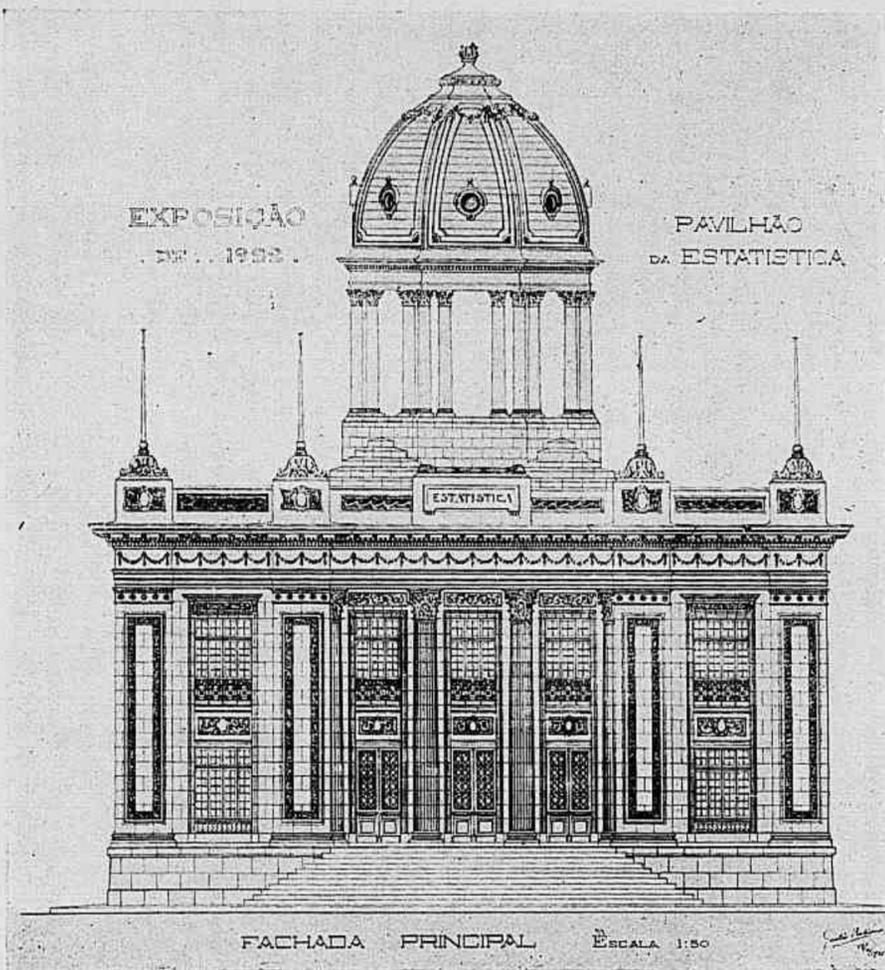
Dr. Euzebio Paulo de Oliveira — Capitulos 1º, 2º e 3º, Titulo 1º (Geognose do sólo), Primeira Parte (O sólo).

Dr. Eugenio Augusto Wandek — Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Viação* — na parte referente a Correios.

Professor Dr. Edgard Roquette Pinto — Titulos 1º, 3º e 4º, Livro 1º, Segunda Parte — *A Dominação do Sólo, Colonização e o Brasileiro*. Em collaboration com o Dr. M. M. Brasil Amaral.

Dr. Emilio Schnnor — Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Titulo 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Viação* — na parte relativa ás Estradas de Ferro.

Dr. Ermelinda de Leão — *Chorographia do Estado do Paraná*. Em colla-



horação com o Dr. Sebastião Paraná. Capitulo 14º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Francisco Bhering — Limites Geographicos e Astronomicos e Superficiaes, Capitulo 1º com os Paragraphos 1º e 2º, Capitulo 2º, do Título 1º, Livro 2º, Parte Geral, em collaboração com o Commandante Thiers Fleming.

Dr. Candido de Mello Leitão — Paragraphos de 1º a 7º do Capitulo 3º, do Título 4º, Livro 1º, Primeira Parte — *Reino Animal*.

Professor Dr. Fernando Raja Gabaglia — Paragraphos 1º, 2º, 3º, do Capitulo 3º, Título 2º, Livro 1º, Primeira Parte — *Costas e Nesographia*.

Capitão Felix Amelio da Costa Pereira — *Chorographia do Estado do Pará* — Capitulo 1º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Gustavo Barroso — Título 4º, Livro 1º, Segunda Parte — *O Brasileiro na parte relativa ás populações do Nordeste*.

Capitão Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos — *Bacias hydrographicas do Amazonas e do Prata*.

Major Henrique Silva — *Chorographia do Estado de Goyas* — Capitulo 19º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Henrique Morize — Título 3º, Livro 1º, Primeira Parte — *Agentes Physicos, Clima e Salubridade*.

Professor Dr. Honorio de Souza Sylvestre — Paragraphos 3º, 4º e 5º do Capitulo 2º, Título 2º, Livro 1º, Primeira Parte — *Bacias Orientaes, Bacias Interiores e Lagos e Lagões Individualizados*.

Dr. Horacio M. Meanda — Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Viação* — na parte relativa á "Noticia sobre os Principaes Canaes do Estado do Rio de Janeiro".

Senador Dr. José Felix Alves Pacheco — *Chorographia do Estado do Piahy* — Capitulo 3º, Livro 2º, Parte Especial (tendo como relator o Coronel Josino José Ferreira, Director da Escola de Artifices do Piahy).

Dr. José Arthur Boiteux — *Chorographia do Estado de Santa Catharina* — Capitulo 15º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Professor Lindolpho Xavier — *Economia e Finanças*.

Professor La-Fayette Côrtes — *A Instrução Profissional*.

Dr. Lucas Bicalho — *Estudo dos Portos, Canaes e Rios Navegaveis do Brasil*, Paragrapho 1º, Capitulo 1º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral.

Capitão Dr. Lucio Corrêa de Castro — Paragrapho 1º, *Poder Executivo* — Na parte referente ao Ministerio da Guerra — Capitulo 1º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Noticia sobre os Trabalhos technicos da Commissão da Carta Geral do Brasil*.

Senador Lopes Gonçalves — *Chorographia do Estado do Amazonas* — Capitulo 22º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Leopoldo Bulhões — Paragraphos 5º e 6º, Capitulo 3º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Instituições de Credito e Regimen Fiscal e Tributario*.

Dr. Mancel dos Passos de Oliveira Telles — *Chorographia do Estado de Sergipe* — Capitulo 9º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Miguel Arrojado de Lisboa — Paragrapho 1º — *Poder Executivo* — Na parte referente ao Ministerio da Viação e Obras Publicas — Capitulo 1º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Noticias sobre os Trabalhos de Obras Contra as Seccas*.

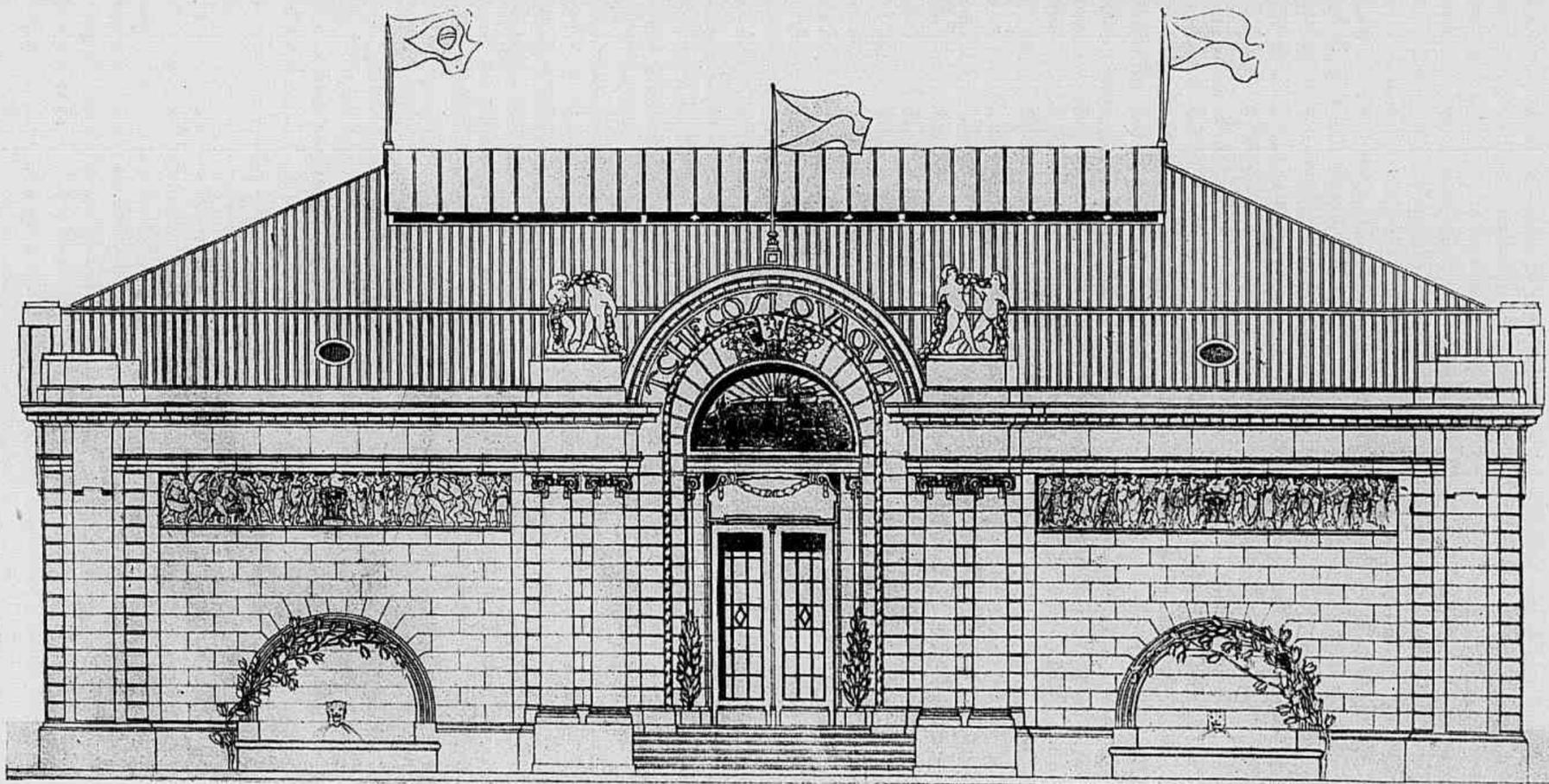
Dr. Mario Mello — *Chorographia do Estado de Pernambuco* — Capitulo 7º, Título 2º, Livro 2º, Segunda Parte.

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida — *Chorographia da Bahia* — Em collaboração com o Sr. Theodoro Sampaio.

Dr. Mario Freire — Título 1º, Livro 2º, Parte Especial, *O Districto Federal* (em collaboração com o Dr. Aureliano Portugal).

Dr. Mario de Souza — 1º *Livro de Introducção da Geographia do Brasil* — Publicado em separado, em collaboração com o Dr. Sampaio Ferraz.

Professor Dr. Nelson de Senna — *Chorographia do Estado de Minas Geraes* — Em collaboração com os Drs. Rodolpho Jacob e Alvaro da Silveira. Capitulo 20º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.



PROJECTO PARA A CONSTRUÇÃO DO PAVILHÃO DA TCHECOSLOVAQJIA NA EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO.

Dr. José Augusto Bezerra de Menezes — *Instrução Primaria* — Paragrapho 1º, Capitulo 4º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral.

Dr. José Luiz Sayão Bulhões de Carvalho — Capitulos 1º e 2º, do Título 2º, Parte Geral, *População*.

Dr. José Fernandes Lima — *Chorographia do Estado de Alagoas* — Capitulo 8º, Título 2º, Livro 2º, Segunda Parte (Especial).

Dr. José Mattoso de Maya Forte — *Chorographia do Estado do Rio de Janeiro* — Em collaboração com o Dr. Clodomiro de Vasconcellos — Capitulo 12º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

General Dr. José Maria Moreira Guimarães — Paragrapho 1º, do Capitulo 1º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Poder Executivo* — Parte referente á organização militar, forças de terra.

Dr. João Alberto Masó — *Territorio do Acre* — Capitulo 21º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. João Baptista de Mello e Souza — Capitulos 1º e 2º, Título 2º, Livro 1º, Segunda Parte — *Directrizes e Superficies de Povoamento*.

Dr. João Pedro da Veiga Miranda — *Chorographia do Estado de São Paulo* — Em collaboração com os Drs. Carlos de Campos, João Pedro Cardoso e Gentil de Moura — Capitulo 13º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. João Pedro Cardoso — *Chorographia do Estado de São Paulo* — Em collaboração com os Drs. Carlos de Campos, João Pedro da Veiga Miranda e Gentil de Moura — Capitulo 13º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. João Baptista de Moraes Rego — *Viação* — Na parte relativa á "Noticia sobre os trabalhos technicos da Baixada Fluminense". Paragrapho 3º, Capitulo 3º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral.

Dr. Jeronymo Monteiro — *Chorographia do Estado do Espirito Santo* — Capitulo 21º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Luiz Felipe Gonzaga de Campos — Paragraphos 1º, 2º e 3º, Capitulo 1º, Título 2º, Livro 1º, Primeira Parte: *Aspecto Physico*.

General Dr. Lauro Severiano Müller — Paragraphos 1º e 2º, Capitulo 2º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral, *Religiões*.

Dr. Padua Rezende — Paragrapho 3º — *Fontes Thermaes* — Capitulo 1º, Título 4º, Livro 1º, Primeira Parte.

Dr. Paulo de Frontin — Paragrapho 6º — *Força Hydraulica* — Capitulo 2º, Título 2º, Livro 1º, Primeira Parte.

Dr. Rodolpho Jacob — *Chorographia do Estado de Minas Geraes* — Em collaboração com os Drs. Nelson de Senna e Alvaro da Silveira — Capitulo 20º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Major Dr. Renato Barbosa Rodrigues Pereira — Paragrapho 1º — *Poder Executivo*, na parte referente ao Ministerio do Interior, Capitulo 1º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral — *Noticia sobre os Trabalhos Technicos da Commissão de Limites dos Estados do Norte*.

Dr. Sebastião Paraná — *Chorographia do Estado do Paraná* — Em collaboração com o Dr. Ermelindo de Leão — Capitulo 14º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial.

Dr. Simões Lopes — *Chorographia do Estado do Rio Grande do Sul* — Em collaboração com o Dr. Alcides Maya.

Dr. Sampaio Ferraz — 1º *Livro de Introducção da Geographia do Brasil* — Publicação em separado (em collaboração com o Dr. Mario de Souza).

Commandante Thiers Fleming — *Regularisação das Fronteiras Interstadaes* (em collaboração com o Dr. Francisco Bhering), Capitulo 1º, com os paragraphos 1º e 2º, Capitulo 2º, Título 1º, Livro 2º, Parte Geral.

Dr. Theodoro Sampaio — *Chorographia do Estado da Balsa* (Em collaboração com o Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida).

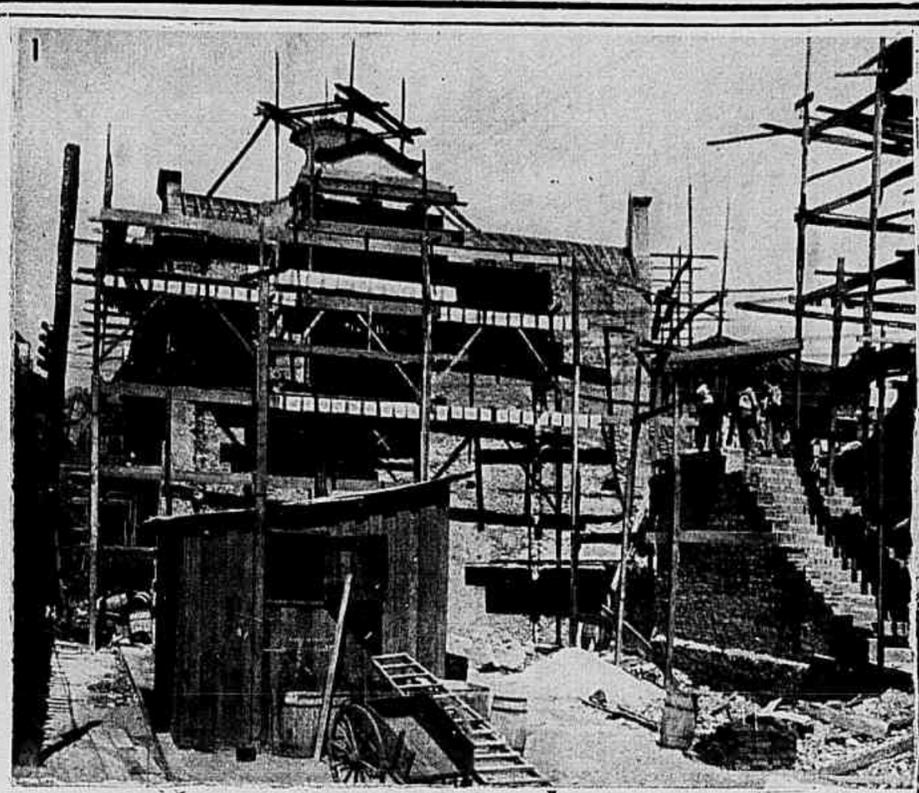
Dr. Theophilo de Almeida — Título 3º, Livro 1º, Primeira Parte — *Agentes Physicos, Climas e Salubridade* — Na parte condizente com o *Resumo Nesographico do Brasil*.

Dr. Urbano dos Santos — *Chorographia do Estado do Maranhão* — Capitulo 2º, Título 2º, Livro 2º, Parte Especial. (Tendo como relator o seu Secretario, Dr. Domingos Barbosa).

Dr. Victor Viana — Paragraphos 2º e 3º, respectivamente: *Instrução Secundaria e Instrução Superior*, Capitulo 4º, Título 3º, Livro 2º, Parte Geral.

*Obras
da Exposição
Nacional
de 1922*

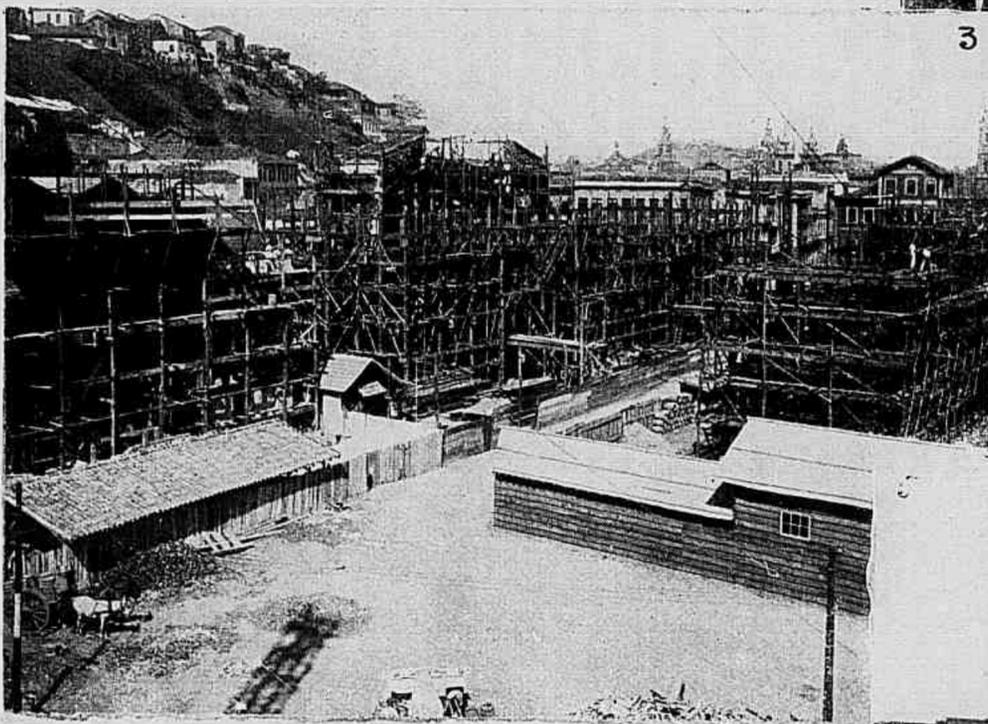
2 Em Dezembro de 1921



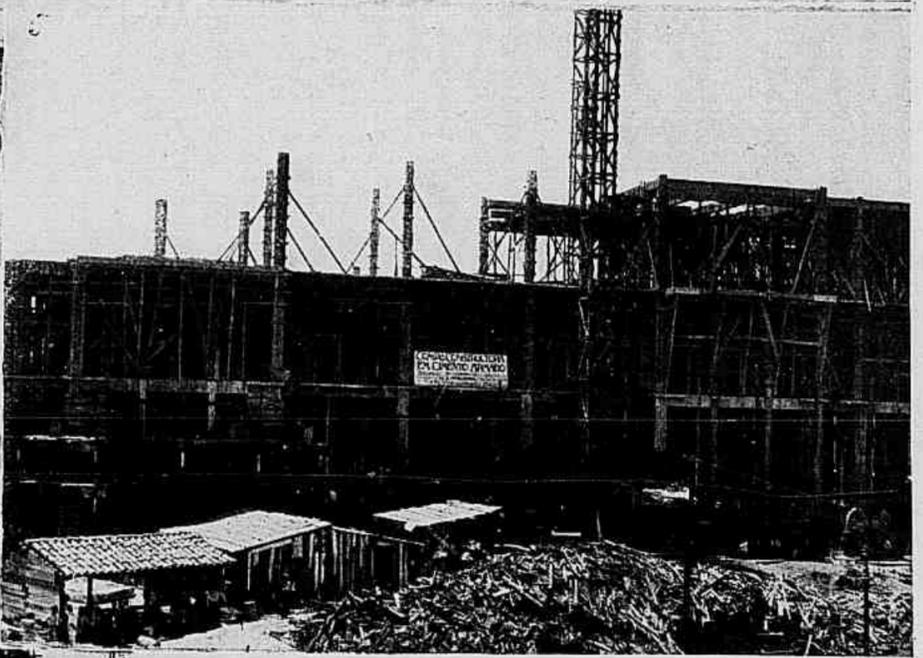
FACHADA DO LADO SUL DA PONTA DO CALABOUÇO.



DOCA NO FUNDO DA QUAL ESTA' EM CONSTRUCCAO O PAVILHÃO DE CAÇA E PESCA.

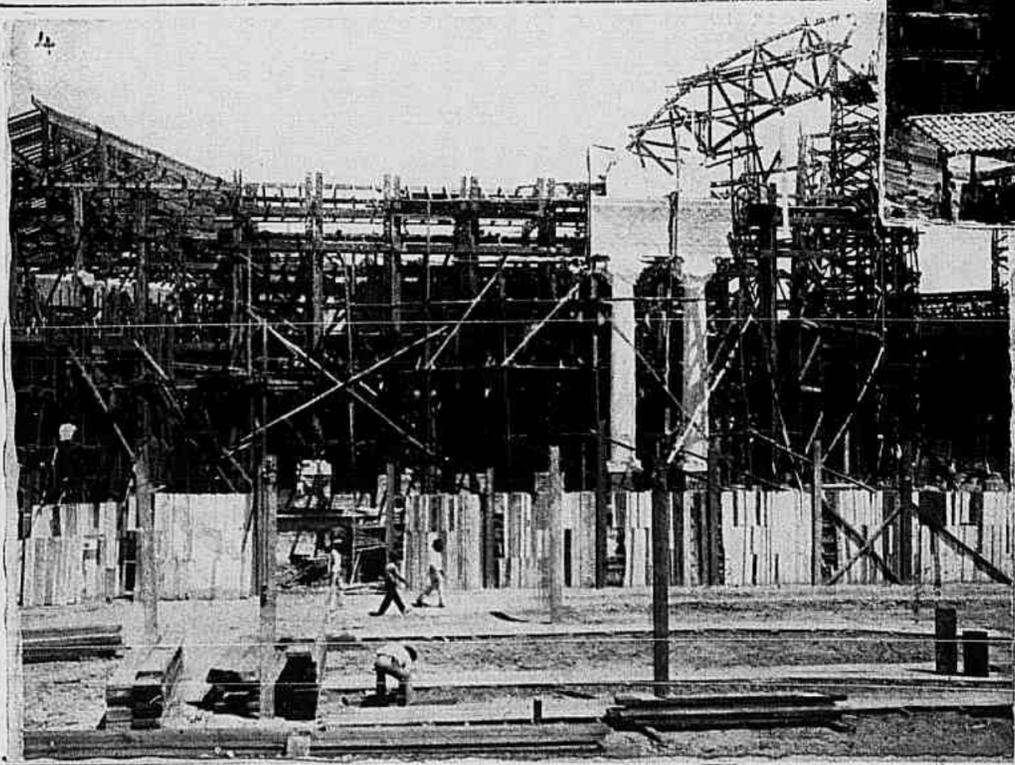


OSSATURAS DOS PAVILHÕES DE IMPRENSA, VIAÇÃO E AGRICULTURA, E PEQUENAS INDUSTRIAS.



FACHADA DA SALA DE FESTAS, EM CONSTRUCCAO.

PALACIO DOS ESTADOS — A OSSATURA, EM CIMENTO ARMADO, FICOU PROMPTA EM DOIS MEZES APENAS, O QUE PROVA A ACTIVIDADE COM QUE ESTÃO SENDO EXECUTADAS AS OBRAS.





Illustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

— ORGÃO OFFICIAL DA COMISSÃO EXECUTIVA DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA —

Rua do Ouvidor n. 165 — Rio de Janeiro

Sucursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Gastão dos Santos Moreira — Rua Direita n. 53 A, sala 9, 1º andar.

As assignaturas, somente annuaes, enviadas sob registro, começam em qualquer tempo

Para o Brasil 30\$000 — Para o Estrangeiro 36\$000

VENDA AVULSA :

Na Capital 2\$000 — Nos Estados 2\$500 — Atrazado 3\$000

Plano para a emissão dos "Bonus da Independencia"

De accordo com as disposições do decreto legislativo n. 4317, de 31 de Agosto do anno de 1921, o Congresso autorizou o Governo a emittir até dois milhões de BONUS, numerados, do valor de 20\$000 cada um, dando direito a premios e a 20 entradas no recinto da Exposição. A primeira parte desta emissão constará de um milhão de BONUS, os quaes concorrerão aos seguintes premios em dinheiro:

LISTA GERAL DOS PREMIOS

1 premio de	500:000\$000	500:000\$000
6 premios de	100:000\$000	600:000\$000
7 premios de	50:000\$000	350:000\$000
9 premios de	20:000\$000	180:000\$000
16 premios de	10:000\$000	160:000\$000
31 premios de	5:000\$000	155:000\$000
70 premios de	2:000\$000	140:000\$000
150 premios de	1:000\$000	150:000\$000
260 premios de	500\$000	130:000\$000
675 premios de	200\$000	135:000\$000
1.225 premios de	100\$000	122:500\$000
7.550 premios de	50\$000	377:500\$000
10.000 premios no valor de		3.000:000\$000

Esses premios serão distribuidos do seguinte modo :

Quatro sorteios iguaes (Março, Maio, Julho e Setembro de 1922), compondo-se cada um desses sorteios dos seguintes premios:

1 de	100:000\$000	100:000\$000
1 de	50:000\$000	50:000\$000
1 de	20:000\$000	20:000\$000
2 de	10:000\$000	20:000\$000
4 de	5:000\$000	20:000\$000
10 de	2:000\$000	20:000\$000
20 de	1:000\$000	20:000\$000
40 de	500\$000	20:000\$000
100 de	200\$000	20:000\$000
200 de	100\$000	20:000\$000
1.300 de	50\$000	65:000\$000
1.679 premios no valor de		375:000\$000

O quinto sorteio realizar-se-á durante a Exposição e constará dos premios seguintes:

1 de	500:000\$000	500:000\$000
2 de	100:000\$000	200:000\$000
3 de	50:000\$000	150:000\$000
5 de	20:000\$000	100:000\$000
8 de	10:000\$000	80:000\$000
15 de	5:000\$000	75:000\$000
30 de	2:000\$000	60:000\$000
70 de	1:000\$000	70:000\$000
100 de	500\$000	50:000\$000
275 de	200\$000	55:000\$000
425 de	100\$000	42:500\$000
1.350 de	50\$000	117:500\$000
3.284 premios no valor de		1.500:000\$000

Os BONUS darão tambem direito ao sorteio da "TOMBOLA DA EXPOSIÇÃO", a realizar-se no encerramento desta e constante de donativos diversos, cuja especificação será publicada opportunamente, offerecidos pelo Governo Federal, Prefeitura do Districto Federal, pelos Governos dos Estados, Municipalidades e expositores.

Os BONUS premiados não concorrerão aos demais sorteios, inclusive á "TOMBOLA", sendo validos, porém, os respectivos *coupons* de entradas na Exposição. No caso de repetição do numero já premiado, proceder-se-á immediatamente a novo sorteio.

Não serão pagos os BONUS dilacerados ou defeituosos cuja legitimidade não se possa verificar.

Os premios prescreverão no prazo de 120 dias, contados do ultimo sorteio.

Os possuidores de BONUS poderão dispor como bem entenderem dos respectivos *coupons*; estes não representam vigesimos dos BONUS e apenas correspondem ao valor de 1\$000 para entradas nos recintos da Exposição, de accordo com o regulamento especial, que será opportunamente expedido; não concorrem aos premios em dinheiro nem á "TOMBOLA DA EXPOSIÇÃO". Só os possuidores de BONUS, "COM OU SEM COUPONS", é que terão direito aos premios ou objectos sorteados.

Foi o coração...

POD MARIO SETTE

VINGANDO o acive da ladeira, no cimo da collina, Humberto estacou, renovando o ar dos pulmões, aspirando forte, enquanto a vista se estirava amaciada pelo ladrilho esverdeado do mar, levemente raiado de espuma... Estava defronte da Misericórdia. No largo, esteirado de capim, raros transeuntes. Trabalhadores, vindos de estucar a Sé, desciam o Amparo, rumo dos lares. Devotas, de mantilhas negras, vestidos de merinó escuro, entravam no velho templo aberto, para a hora vespertina do terço. Tangiam sinos ao longe, ondas dolentes do Carmo, ondas melódicas de S. Francisco. Jangadas balouçantes, amarrando-se, pinturalavam de branco os silhares azues do horizonte remoto...

Mal entardecia. Hora de cinzento embacio, de esbatimento dos recôrtes das casas, dos talhes esguios dos coqueiros, dos desenhos caprichosos dos arvoredos. Nas aguas quietas da Tacaruna os mocambos ribeirinhos se copiavam em sombra, enquanto o sol se embuçava na frisa de ouro e de sangue do occaso.

Rezavam na igreja. Humberto, dando a mão á filha, entrára na nave sombria, escurecida: luzes apenas nos altares. Nos bancos de jacarandá, as devotas do terço, vizinhas ao altar-mór, as religiosas, genuflexas, cabeças decahidas para os peitos, num sussurro macio de preces, como se borboletas andassem a recrutar vôos sob o tecto oitavado.

Humberto ficára de pé, na entrada, rente ao reposteiro de gurgurão roxo, mandando a filha se ajoelhar, rezar. Elle, ah! pobre de si! já desaprendera a flexionar os joelhos deante dos santos, talvez por havel-o feito, em demasia, em frente de alguma mulher... E permanecera a mirar os pontos de luz dos cirios, os primores dos entalhes, as vetustas pinturas dos retabulos, cousas por onde tinham passado as mãos dos avós de nossos avoengos. As mesmas imagens tôscas, ingenuas, desbotadas que os haviam consolado, erperançado...

Olhava tudo, com olhos que andam longe dos pensamentos. Uma seraphina esparzia accordes tristes, quebrantados, doces, como se as notas vibradas se fossem transmudando em flores, em lyrios alvos do gosto de Nossa Senhora... Intraduzivel melancolia de canto gorgeado pelas gargantas das monjas, amestradas nas melodias coraes, — tom evolado de musica religiosa a se insinuar pelos corações...

Esmorzavam-se os sons. Ffindava o terço. Esvasiava-se a igreja. Uma a uma, sete ao todo, lembrando as sete gammas da escala musical, as freiras se sumiram pela porta baixa, almofadada, do convento, em cujo arco lia-se em letras negras "Clausura".

No centro da nave, uma mulher, de vestes humildes, ajoelhada, orava assim desde o começo da cerimonia. Teria, talvez, um rosario nas mãos e a cada mysterio rezado beijava o mosaico do chão.

Uma das religiosas volvera a apagar as luzes dos altares, fazendo reverencias a cada um delles. Cirios a morrerem...

Humberto e a filha sahiram, tambem, e foram bater á portaria do mosteiro. Uma sineta vibrou lá dentro. Abriu-se o postigo: rosto de freira, afilado, pallido, debruado pela coifa branca, surdiu.

— A irmã Superiora está?

— A Superiora está, sim senhor. Faça favor de entrar.

Atravessaram o claustro cheio de crotons e roseiras, em arcos romanos, caiados de pouco, entrando na sala de espera, moveis antigos, quadros religiosos, recamos de alumnas em exposição.

A irmã avisára:

— Madre Superiora vae demorar uns minutos. Tenha a bondade de esperar. Hora de meditação...

Humberto, sentado no sofá, tinha a filha defronte, — creança de onze annos presumiveis, tímida, olhos bondosos, gestos infantis. Espiava tudo, entrecuriosa, entremedrosa, inaffeita ao ambiente de quietude, de sombra, de silencio... De onde estava, o pae vislumbra, através uma porta, trecho da nave meio escurecida, mal visível ao bruxoleio das lamparinas. A mulher piedosa ainda lá se achava, ora genuflexa, ora de bruços a oscular o piso. Alguma promessa, alguma penitencia.

E, desinteressando-se do ambiente, elle começou a recordar-se da sua vida, reseguindo a trilha de amargos dissabores: — viera deixar a filha no collegio das freiras. Ha dias, contractara a matri-

cula e naquela tarde, embora as ferias do fim de anno só se vencessem dali a oito dias, recolhia logo a creança porque na manhã seguinte volvera ao trabalho, no alto sertão. Internar Adelia! A que contingencias o extremára a sorte! Que fazer? Cinco annos de casado e sem esposa, sem lar, sem socego... sem nada! O seu amor pela mulher, madrugado de golpe no coração, de golpe tambem tivera fim... Viera do sertão, onde a profissão de engenheiro o jungira em empreza rendosa. Isto ha quasi seis Dezembros. Numa tarde de domingo, enfastiado, fôra ao football: jogo de successo. Christina lá estava, radiosa de luxo, ciosa de elegancia, batendo as mãos enluvadas no arrebatado do jogo. Gostava das mulheres assim, vivazes, galantes. Uma boneca de Paris... Ser-lhe-ia goso animal-a, enchel-a de tafularias. Namoraram-se... Ella era a filha unica de um casal condescendente. Uniram-se. No noivado, tudo era possível, até o irem viver nas serranias. Mas, depois, o tedio, a saudade, as queixas... Nascida nos coxins de velludo do luxo, arrepia-va-lhe a epiderme a modestia dos tectos campezinos; flor de estufa, melindrava-a o tostar do sol sertanejo; fam. Far do lexico eivado de gallicismos dos salões elegantes e de anglicismos dos torneios de football, enfarava-n'a o falar simples e sincero dos matutos... A gravidez, nervosismos da crise de geração, calharam como pretexto para descer a serra, recolher-se á casa paterna. O marido ficára. Viria mez em mez... Nasceu a filha. Parto máo, resguardo calmo, convalescença longa... tudo a servir para maior demora no Recife. E, de repente, quasi ha dois annos ausente do lar, o marido soubera de leviandades suas... frequencias diarias na rua Nova... sessões de cinemas... amizades não recommendaveis. O requinte da moda empolgava-n'a: a seda, na sua trama macia, perfida, envolvia-n'a da cabeça aos pés... Embora o dinheiro do esposo careiasse-se vultuosamente para as suas mãos bonitas, parecia-lhe pouco. Cahiú não por amor, que por elle poucas caem. Cahiú pelo luxo... E o marido soube, abandonou-a. Sózinho, com a sua grande dor de trahido, ficára-lhe sómente a filha. Ambos se aquietaram no sertão, mas agora, com oito annos, Adelia carecia instrucção. Lá, impossível. Elle vir morar na capital, outra muralha. O geito era o internato. E ali estava, alma franzida, prestes a deixar Adelia...

A Superiora surdira: typo sympathico, maneiras maternas. Affagou a creança, sentou-se-lhe ao pé, depois de haver saudado, num gesto de cabeça, a Humberto.

— Então, trouxe-me hoje a filhinha?

— Sim, irmã. Embarco amanhã, de modo que...

— Não faz mal! Ella vae se habituando commosco nestes oito dias. Quando chegarem as companheiras, será de casa... Não é? Adelia olhava a religiosa, mais tranquillada, attrahida, dulcificada por aquella voz carinhosa, ella que nunca a ouvira, assim, de outra mulher...

— E pôde ir descansado, doutor. Zelaremos pela menina, havemos de fazel-a uma moça direita...

Humberto atalhou:

— Sobretudo modesta, não o esqueça. Incuta-lhe na alma todas as regras da simplicidade. Vaidosa, apenas dos seus estudos, dos seus meritos Moraes... Quero-n'a ao pé das humildes, das orphãs...

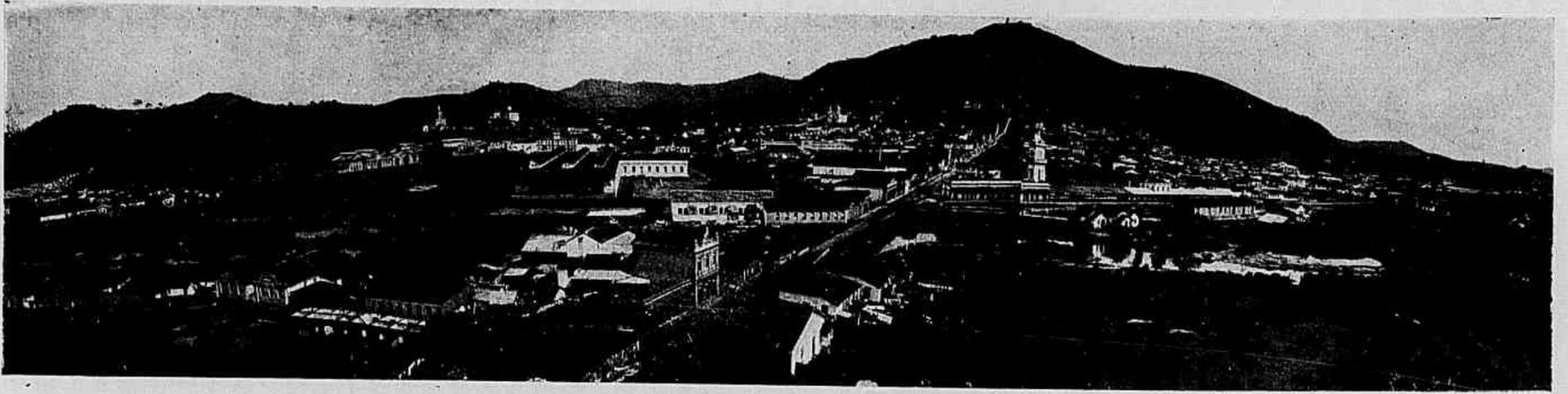
A Superiora, num sorriso de entendimento, entrevendo rastro de amargem na vida do homem, promettia.

— Agora, minha filhinha, vá mudar a roupa e depois venha falar com o papae, antes d'elle ir...

Irmã Joaquina, a roupeira do collegio, acompanhou Adelia ao interior do edificio.

Humberto ficou a conversar. Do seu canto, elle vira a mulher piedosa rematar as orações, beijar o chão tres vezes e desaparecer. Sem se conter, commentou o fervor religioso daquella penitente. A freira explicou:

— E' a nossa creada. Humilde rapariga que nos appareceu aqui o anno passado, pedindo agasalho. Deixámol-a ficar como nossa empregada, por esmola. E que abnegação! Dir-se-á que tem alguma falta na vida... Reza assim tres vezes em cada dia e confessa-se todas as manhãs. Ninguem lhe sabe a vida... As tarefas mais humildes são as que prefere. Adora as creanças do collegio, conta-



ESTADO DE MINAS GERAES — PANORAMA DA CIDADE DE JUIZ DE FORA.

historias e muitas vezes chora ao ver as menores no recreio... Desconfiamos que perdeu alguma filha...

— Coitada! — lamentou Humberto, meio consolado de haver outros soffredores no mundo.

É, disfarçando a emoção, ponderou :

— Ao menos o collegio tem essa auxiliar prestimosa. As creadas trabalhadoras hoje são raras!

— E' certo, mas a pobre não irá longe... Soffre do coração, queixa-se de dores! Apesar de moça ainda, está uma ruina. Desgostos profundos, talvez castigo de...

O resto da phrase cortou-se-lhe na garganta. Irmã Joaquina, alarmada, volvia ás pressas :

— Madre Superiora! Madre Superiora! A creada teve um ataque...

Correram as duas a acudir. Humberto acompanhou-as, atravessando o claustro ensombrado. Penetraram no vestiario das alumnas. Uma lampada fôca mal allumiava o aposento. Outras freiras rodeavam um corpo estirado no chão. Adelia viera pegar-se ás pernas do pae, assustada.

Irmã Joaquina, com as mãos embuçadas nas mangas do burel, explicava :

— Ella começou a despir a creança, fazendo-lhe festas, agradando-n'a, como era seu costume. De repente, ao tirar-lhe do pescoço esta medalhinha, cahiu...

E a religiosa, descobrindo as mãos, mostrava um fio de ouro sustendo um disco de esmalte, onde se via o retrato de Adelia aos seis mezes de idade.

Humberto, apprehensivo, baixára-se sobre o corpo. A Superiora, de joelhos, segurando a vela já inutil, sussurrou:

— Está morta. Foi o coração...

Fitando o rosto desfigurado da defunta, a custo Humberto reconheceu Christina. Quiz falar... Mas teve pena da filha. Melhor acerto seria o silencio. Que a humildade do fim e da cova rematasse a humildade do castigo.

É reerguendo-se, simulando voz serena, confirmou :

— Sim. Foi o coração...



Os nossos dentes

Quem não teve ainda occasião de notar que, não obstante o tratamento diario dos dentes por meio de pastas dentifricias, os dentes, sobretudo os molares, ficam arruinados e cariados? Este facto surpreendente não constitue então a melhor prova de que toda a limpeza dos dentes com pasta é d'uma insufficiencia total? Os dentes não se dete ioram só nos pontos onde podemos alcançal-os; não, esse favor elles não nos trazem; pelo contrario, é precisamente lá onde o accesso é difficil, por exemplo sobre a parte posterior dos molares, nas juncturas dos dentes cariados ou arruinados etc., que o mal exerce frequentemente os maiores estragos, os quaes se torna muito difficil de evitar.

Portanto, querendo-se preservar os dentes contra todo o ataque da carie, é evidente que não se conseguirá obter este resultado tão desejado,

se não se fizer um uso diario d'uma substancia realmente effcaz, tal como o dentifricio, antiseptico ODOL. Lavando-sea bocca por meio d'este dentifricio, este penetra em todas as partes, nos dentes cariados, assim como entre as juncturas e a parte posterior dos molares, etc. Além do ODOL existem, é verdade, outras preparações liquidas antisepticas, por exemplo as soluções de chlorato ou de permanganato de potassa, que são destinadas igualmente ao tratamento da bocca. Mas foi provado que estas soluções atacam os dentes e destroem o seu esmalte. O ODOL, pelo contrario, é inteiramente inoffensivo aos dentes, e protege-os contra a carie porque destroe as parasitas d'uma maneira effcaz. Isto foi provado scientificamente. Aconselhamos portanto a todos aquelles que desejarem conservar os seus dentes em bom estado, de habituaem-se ao cuidadoso tratamento da bocca por meio do ODOL. O ODOL é vendido em dous tamanhos de frascos : originaes e pequenos, e se acha em todas as boas pharmacias, perfumarias e drogarias.

Annie Besant aproximou-se da Theosophia, traduzindo para o *Pall Mall Gazette* a *Doctrina Secrete*, de Mme Blavatsky, que a empolgou de tal forma que ella resolveu conhecer pessoalmente a illustre autora da magnifica obra — synthese geral da Theosophia.

Depois de grandes lutas interiores, tendo renunciado o seu passado de materialista combativa, ella voltou a Landowne Road, onde Mme H. P. Blavatsky lhe fez a seguinte pergunta:

— Vistes o relatorio da *Société des Recherches psychiques*? Lestes o que diz a meu respeito?

— Não.

— Tomae-o e lêde-o e se voltardes depois, ainda será melhor.

Annie Besant levou o documento.

Ella leu até o fundo o claro e honesto olhar da calumniada. Sua natureza digna e leal revoltou-se. E, sentindo de que lado estava a verdade, no dia seguinte foi inscrever-se na folha de adesão e dirigiu-se á casa de Blavatsky.

— Lestes o relatorio?



ANNIE BESANT EM 1916.

— Sim.

— E então? Entraes na Sociedade de Theosophia?

— Sim.

— E...?

Annie Besant, ajoelhando-se diante de Blavatsky, tomou-lhe as mãos e, olhando bem de frente, respondeu:

— Quereis acceitar-me como alumna e conceder-me a honra de vos proclamar meu instructor ao mundo inteiro?

Blavatsky, com o olhar marejado de lagrimas e com dignidade toda real, poz sua mão sobre a fronte da aspirante:

— Como sois nobre, senhora! Que o meu Mestre vos abençoê.

Isto foi em 10 de Maio de 1889. A 23 de Junho apparecia no *National Reformer* um *compte-rendu* importante da *Doctrina secreta*.

Nelle a autora analysava as grandes verdades contidas na obra, não como teria feito uma admiradora superficial, nem tampouco um critico profissional, porém como uma já quasi convencida, com o entusiasmo de uma neophita. Della, este documento:

“O que representa o homem neste vasto drama do Universo?

Annie Besant e a sua vida de Rachel Prado.

E' inutil dizel-o: Elle não é a unica forma viva no Cosmos: a maior parte do tempo é inhabitavel para elle.

Do mesmo modo que a Sciencia nos mostra formas vivas em toda a vida physica, um mundo em cada gotta de agua e nos mostra que a vida palpita em cada folha, em cada pedacinho de herba, do mesmo modo a *Doctrina secreta* nos assignala as formas vivas sobre planos superiores da existencia, cada uma apropriada ao seu meio.

Assim, sentimos o espaço todo inteiro fremente de vida e não encontramos em nenhuma parte a noite! Tudo meras transformações.

Entre myriades de seres, alguns ha que evoluem em direcção á humanidade; outros, porém, evoluem em sentido contrario.

Despem-se do seu estado de materia a mais densa e volatilizam-se.

E' preciso vermos no homem um ser septuplo, do qual quatro principios pertencem ao corpo animal, isto é, perecem no momento da morte ou pouco depois, emquanto que os tres outros principios formam o ser superior, a verdadeira individualidade: aquelle que persiste após a morte.

Esta individualidade é o *Ego*, que passa por differentes encarnações, aprendendo as lições da vida, trabalhando pela sua redempção, nos limites permittidos por uma lei inexoravel.

E' sabido que, conforme as sementes semeadas, assim será a colheita.

Construimos o nosso proprio destino com dedos infatigaveis.

Não encontraremos ao redor de nós no tempo sem medida, nem no espaço sem fim, nenhum obstaculo que não seja creado por nós mesmos.

Nenhum fardo do qual não tivessemos arranjado o material.

Nós proprios embarçamos a meada dos nossos destinos e não ha nenhum abysmo que não tenha sido cavado pelas nossas proprias mãos.

Eu sei que a consciencia, longe de depender do cerebro, é mais activa quando se liberta do seu envolvero de materia densa e creio na existencia dos grandes sabios, dos quaes Blavatsky proclamou os poderes e sentidos, e, diante a certeza da existencia desses poderes e das suas leis, os nossos conhecimentos não são mais que uma simples brincadeira de creanças.

Eu aprendi isto e muito mais ainda, quando era apenas uma alumna de classe inferior, que chamamos á classe infantil da Escola occulta.

No emtanto, esse primeiro contacto com a Theosophia foi um successo; a minha intuição justificou-se. O *Caminho do conhecimento* que eu estou seguindo está aberto a todos aquelles que quizerem pagar o direito de entrada á porta... E este direito de entrada é a renuncia a todas as cousas materiaes pelo amor da verdade espiritual, assim como ter a boa disposição de pôr tudo que foi conquistado ao serviço do homem, sem guardar para si uma parcella.

Pouco depois, Bradlaugh, respondendo a este artigo, desapprovava, em termos pre-

cisos, as novas idéas de Mme Besant e fazia, embora com moderação, um julgamento francamente desfavoravel sobre a doutrina theosophica.

Era o *de-profundis* de uma leal amisade, que lhe fôra tão cara e preciosa.

Ainda uma ultima vez Annie Besant escreveu no *National Reformer*, para annunciar que exporia as suas idéas em duas conferencias publicas, a 4 e a 11 de Agosto, sob este titulo: “Porque eu me tornei theosophica”.

Ella teve a coragem de renegar publicamente o Atheismo e se declarar theosophica. Muitos dos seus velhos amigos estavam presentes; uns — a maioria — separaram-se della depois desta profissão de fé; outros, seguiram-n'a na *via-nova* e tornaram-se seus collaboradores.

* * *

Vamos ver Annie Besant na sua vida de theosophica.

Ella não foi infiel ás obras sociaes, pelo facto de se ter tornado theosophica. Bem ao contrario, pois que ella fundou uma, e das



H. P. BLAVATSKY, A FUNDADORA DA THEOSOPHIA NO OCCIDENTE.

melhores, com o apoio de Mme Blavatsky.

Como antes ella se debruçara sobre as dôres humanas com uma terna compaixão, agora no seu coração existia ainda maior devotamento. O soffrimento de outrem despertava sempre em sua alma uma piedade commovente, sem o fanatismo de outr'ora.

Ella penetrou o mysterio do soffrimento com a ajuda do seu Instructor. E' sabia qual era a fonte e qual era o remedio.

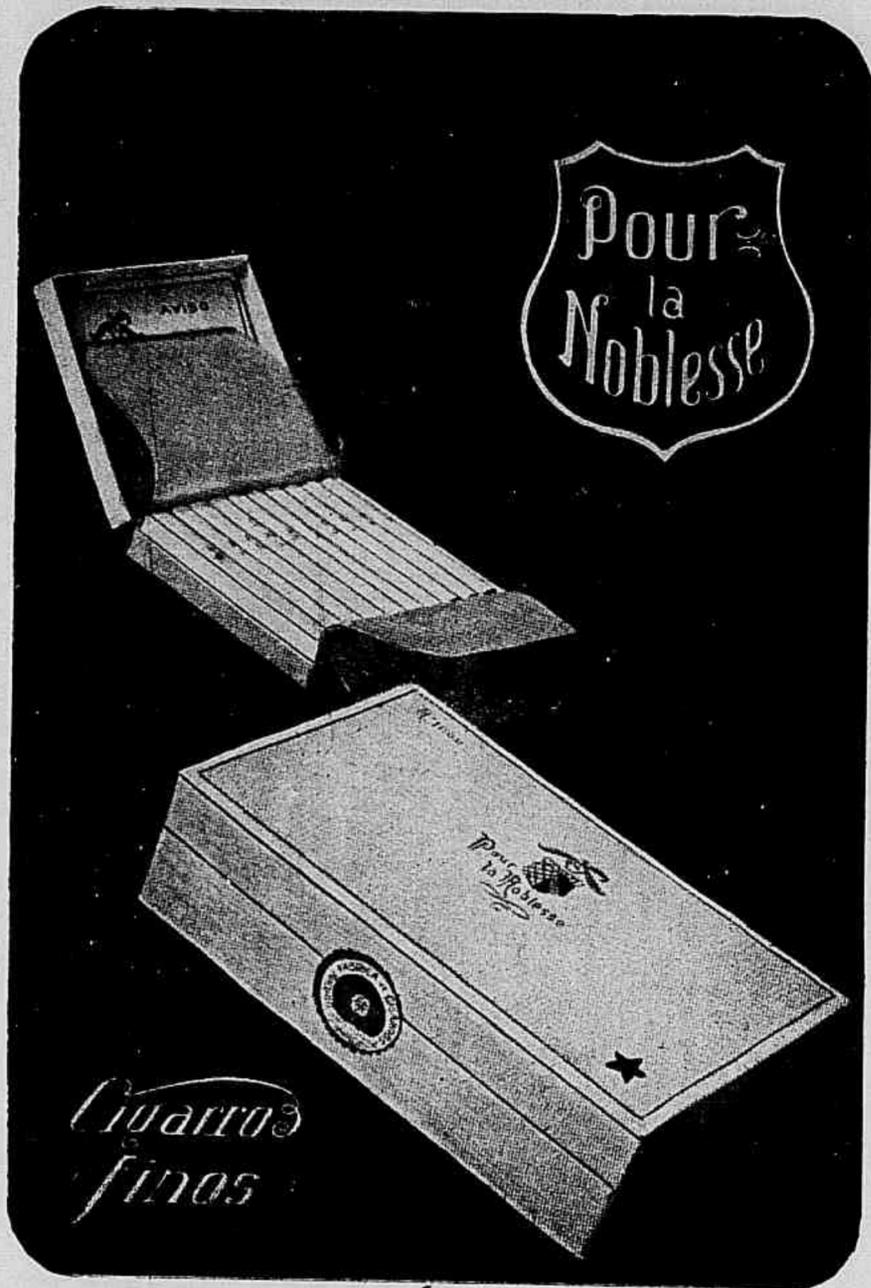
Ao sahir da tormenta, ella via o porto e presentia a paz que existe além da nossa comprehensão.

* * *

No correr desse anno, Annie teve que ir a Paris, com um dos seus collegas socialistas, que se tornou theosopho tambem, Herbert Burrows, para assistir a um grande Congresso do Trabalho.

Blavatsky encontrava-se então em Fontainebleau, em casa da viscondessa d'Adhémar, onde Annie Besant pousou dois dias.

Foi lá que, numa noite de solidão e silencio, ella teve uma alegria profunda e inesperada: pela primeira vez o Mestre lhe appareceu. Foi uma visão inesquecivel.



Nossa Marinha de Guerra em 1823

POR E. W. MUNIZ BARRETO

(FIM)

Assim, enquanto fazia recolher ao porto os navios aprisionados, pela sua decisão acertada, com verdadeiro tino guerreiro, fez-se de vela para o Maranhão, onde sabia, por papeis tomados ao inimigo, que devia ter aportado uma fracção da esquadra de Felix de Campos.

A 26 de Julho apparece em frente a S. Luiz. Haviam lá chegado, na verdade, sete navios, que elevavam a oito o numero de unidades no porto. Usando de estratagemas amedrontou-os. Capitulava dess'arte o adversario. Lord Cockrane, mais uma vez, dominava a situação.

Concedendo liberdade aos Portuguezes, despachou-os com seus navios e tropas para o Tejo, integrando a provincia na comunidade politica do Imperio.

Mas era preciso perscrutar ainda o littoral mais ao norte. Destacou da "Pedro I" o capitão-tenente Grenfell, que lhe merecia inteira confiança, dando-lhe o commando do brigue "Maranhão". Mandou-o a Belém. Com pleno exito agiu o commandante inglez, içando na cidade o nosso pavilhão a 15 de Agosto, atemorizados os Portuguezes com a nova que espalhou da approximação de Lord Cockrane com uma forte esquadra para apoial-o.

Entretanto, o destemido commandante John Taylor, na "Niethe-roy", despejando diariamente mancheias de metralha sobre o costado dos navios portuguezes, abatendo-lhes a mastreação e semeando a morte em suas guarnições, levou a sua audacia até a foz do Tejo! Velejou depois, triumphante, nas costas portuguezas, aportando ao Brasil de regresso, em Novembro, depois de lutas formidaveis com o oceano revolto.

No mesmo mez chegava á capital o almirante, que de S. M. recebia o titulo de marquez do Maranhão, em recompensa honrosa aos serviços valiosissimos que acabava de prestar.

Comquanto no Pará não estivessem os animos completamente serenos, chegando mesmo a ser ferido á traição o commandante Grenfell, pôde-se dizer que o anno de 1823 registrou os maiores successos da campanha da independencia, com a expulsão completa dos ultimos elementos do poder militar luzitano e a reintegração das provincias do norte na unidade politica nacional.

Brilhantes feitos d'armas coroaram, de facto, os esforços da Marinha, que, sob o commando de intrepidos officiaes, constituiu a escola admiravel em que se fizeram os vencedores das futuras campanhas do Prata. Para coroar nossos feitos militares não faltou, ainda, em 1823, a capitulação das forças portuguezas de D. Alvaro de Macedo, que occupavam a Cisplatina, apertadas por terra e mar. Nossa esquadra, sob as ordens do capitão de mar e guerra Pedro Nunes, bateu a esquadriha

luzitana quando tentava uma sortida em 21 de Outubro, desmantelando-a.

Mas parece que não havia de findar o anno sem que uma nuvem ameaçadora viesse toldar os horizontes da liberdade. A dissolução da Assembléa, pelo Imperador, a 12 de Novembro, e a deportação dos Andradas, que foram os maiores vultos nacionaes dessa phase memoravel, era o inicio de uma época de nova orientação do throno nos negocios internos, fundamentalmente prejudicial aos interesses da nação.

A INSOLAÇÃO

Conto de Horacio Quiroga, traduzido por Lila Escobar de Camargo

(FIM)

que ia na frente, viu, atraz da rêde de arame da chacara, a mister Jones, vestido de branco, que caminhava para elles. O cachorro, com subita lembrança, voltou a cabeça a seu patrão, e comparou.

— A morte! A morte! — uivou.

Os outros o haviam visto tambem, e ladravam eriçados. Viram que atravessára a rêde de arame, e um instante julgaram que ia enganar-se; porém, ao chegar a cem metros, de eve-se, mirou o grupo com seus olhos celestes, e marchou para a frente.

— Que não caminha depressa o patrão! — exclamou Prince.

— Vae tropeçar com elle!! — uivaram todos.

Com effeito, o outro, após breve hesitação, havia avançado, porém, não directamente sobre elles como antes, senão em linha oblíqua e na apparencia erronea, mas que devia leval-o certo ao encontro de mister Jones. Os cães comprehenderam que desta vez tudo se acabava, porque seu patrão continuava caminhando a passo igual, como um automato, sem ligar a nada. O outro chegava já. Juntaram o rabo e correram de costas, uivando. Passou um segundo, e deu-se o encontro. Mister Jones deteve-se, girou sobre si mesmo e cahiu.

Os trabalhadores, que o viram cair, levaram-no ao primeiro rancho, mas tudo foi inutil; morreu sem ter voltado a si. Mister Moore, seu irmão materno, foi de Buenos Aires, esteve uma hora na fazenda, e em seguida voltou para o sul.

Os indios repartiram entre si os cães, que viveram desde ahí fracos e sarnentos, e iam todas as noites, com faminto segredo, roubar espigas de milho nas plantações alheias.

CASA AMERICA E JAPÃO

CHAVES & HUE

ACABAM DE RECEBER:

Geladeiras e sorveteiras americanas

Urnas para agua gelada

Filtros francezes "Mallies"

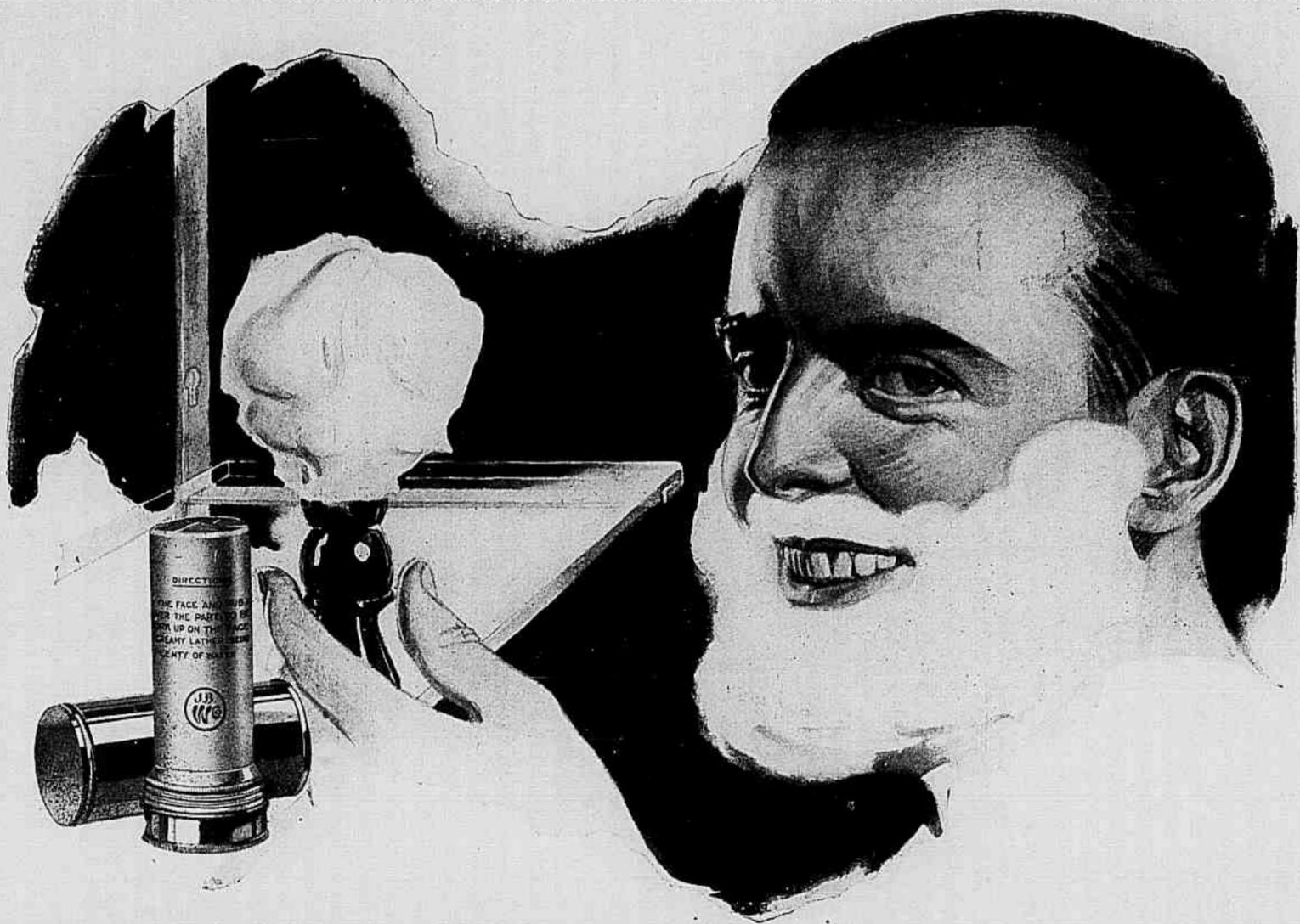
Transparentes para janellas

Leques de todas qualidaes e feitios

Grande collecção do jogos, cartas, fichas, roletas e sportivos

Objectos de luxo para adornos e presentes

74, Rua do Ouvidor, 74



Williams' Shaving Stick

Previna o seu rosto contra as infecções, usando este sabonete, universalmente conhecido.

AS NOSSAS EXMAS.

LEITORAS

Prevenimol-as que para acompanharem rigorosamente a moda da presente estação, fazendo ao mesmo tempo grande economia, devem tingir seus vestidos somente com o afamado "GERMANIA", que dá resultados garantidos, custando só 1\$500.

Unicos representantes no Brasil

C. F. QUEIROZ (Dep. Imp.)

RUA S. PEDRO, 133

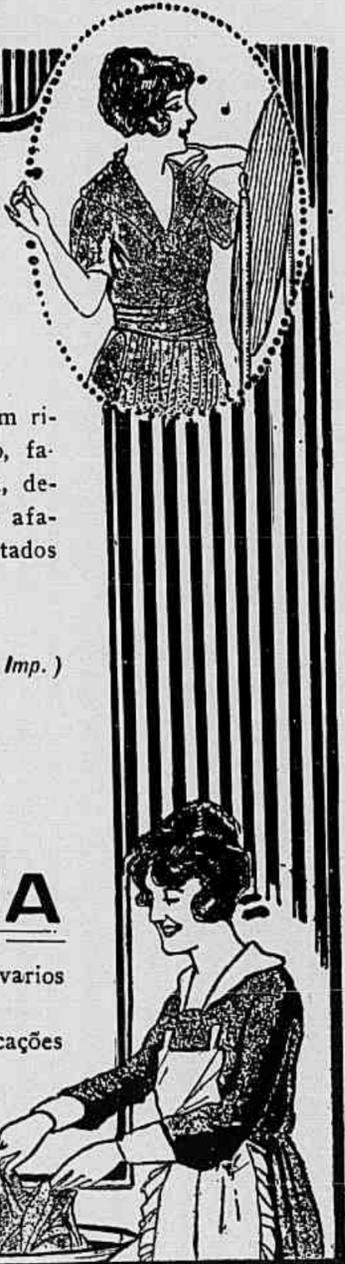
Caixa Postal 765

Exijam sempre marca alemã

GERMANIA

O artigo encontra-se á venda em varios pontos desta cidade e nos Estados.

Com muito prazer aceitamos indicações de casas que queiram revender o artigo.



ADOLFO BENGELL

Casa de Pianos

LOJA E ESCRITORIO:
RUA DO PASSEIO, 42
OFFICINA ESP. DE CONCERT.
RUA DAS MARRECAS,
Nº 18
TELEPH. CENTR.
2336.

RIO DE JANEIRO.

Unico Representante
EM PIANOS
AUTOMATICOS:

Duca, PIANO
Electrico de reproducção
Ducanola
Ducanola-Combinção

"PHILIPPS"

PIANOS AUTOMATICOS ZEITER & WINKELMANN
com Ducanola:

SCHIEDMEYER, Fiedler.

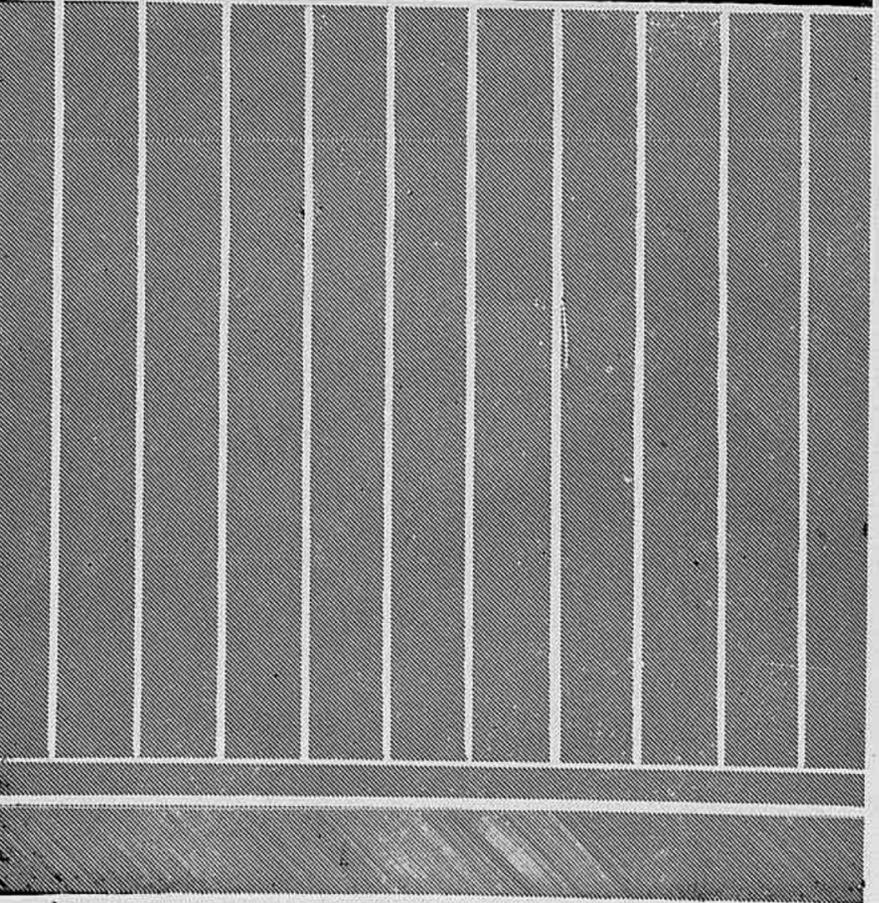
Kiel

Unica casa no seu genero
Pagamentos á vista e a prestações
TRABALHOS GARANCIDOS
RUA DO PASSEIO, N. 42
-- Rio de Janeiro --



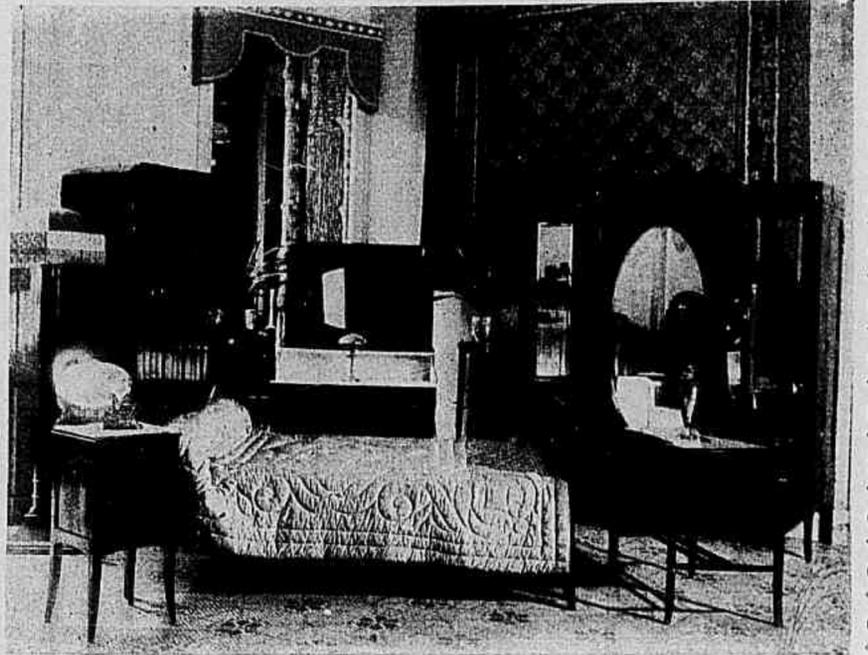

**OS
VINHOS DO PORTO
DE
ADRIANO
RAMOS PINTO**

DÃO: ALEGRIA AOS TRISTES
E AUDACIA AOS TIMIDOS
COMO DIZIA O DITHYRAMBO GREGO



LE MOBILIER (End. Teleg. "MOBILIER")

D. REBELLO & Cia.



Dormitório Imbuira para casal

Em exposição na acreditada casa de móveis "LE MOBILIER"

41, Rua Uruguayana, 41

Móveis de estylo, tapeçarias e ornamentações

Rua Uruguayana, 41

TELEPHONE 899 CENTRAL

Fabrica: RUA VISCONDE RIO BRANCO, 63

TELEPHONE CENTRAL 2933

RIO DE JANEIRO



**FLUMINENSE
HOTEL**

Praça da Republica, 207 e 209

Estabelecimento de primeira ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. C. B.

Agua canalizada nos quartos, elevador electrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12\$000

Aposento sem pensão desde 7\$000

**End. Telegraphico FLUMINENSE
RIO DE JANEIRO**

DATAS DE FEVEREIRO

DIA 1

1549 — Parte de Lisboa o 1º governador-geral do Brasil, Thomé de Souza, á frente de uma expedição que trazia muitos casaes, 400 degredados e 600 homens de armas. Com elles vieram tambem os primeiros jesuítas que pisaram as terras do Novo-Murdo.

DIA 5

1811 — Carta régia, firmada pelo príncipe-regente, depois D. João VI, permitindo que se fundasse na Bahia o primeiro estabelecimento typographico que houve na antiga capital do Brasil.

DIA 7

1827 — Sae a lume, neste dia, o 1º numero do *Pharol Paulistano*, periodico com que se inicia a imprensa na terra dos bandeirantes.

DIA 9

1853 — Fallece em Ouro Preto, já em avançada idade, pois nascera a 8 de Novembro de 1767, D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas, a celebrada *Maria de Dirceu* das "Lyras", de Thomaz Antonio Gonzaga.

DIA 10

1811 — Desmoronamento de parte do morro do Castello, em consequencia de chuvas torrencias, soterrando varias casas do becco do Cotovello e fazendo grande numero de victimas.

DIA 11

1523 — Combate de artilharia entre as forças brasileiras que occupavam a posição de Cabrito, e algumas canhoneiras portuguezas. Tiroteio na Soledade, entre tropas brasileiras e portuguezas (guerra da Independencia, na Bahia).

DIA 15

1822 — Partem do Rio de Janeiro 7 navios mercantes conduzindo as tropas portuguezas do general Avilez. Sahiram comboiados pelas corvetas brasileiras *Maria da Gloria* e *Liberál*. Ficou a nossa capital livre dessa força, que, em 1821, introduzira aqui o systema dos pronunciamentos á hespanhola.

1823 — Combate nas linhas avançadas da Bahia, entre as tropas brasileiras do general Labatut e as portuguezas do general Madeira.

DIA 16

1822 — Decreto de D. Pedro, príncipe-regente do Reino do Brasil, convocando um Conselho de Procuradores Geraes das Provincias, nomeados pelos eleitores de parochia. José Bonifacio era ministro do Reino, desde 16 de Janeiro deste anno.

DIA 19

1868 — Forçamento da passagem de Humaytá por 6 couraçados brasileiros, sob o commando do capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, e tomada do Reducto-Cierva pelo marechal Caxias.

DIA 20

1827 — Batalha de Ituzáingo, tambem chamada do Passo do Rosario, entre o exercito brasileiro, dirigido pelo tenente-general marquez de Barbacena, e o exercito argentino-oriental, commandado pelo general Carlos Maria de Alvear.

DIA 23

1865 — D. Venancio Flores, governador provisório da Republica do Uruguay, em attenção aos serviços que lhe prestou o Imperio, dá, neste dia, a mais solenne reparação ao insulto de que fôra objecto a bandeira brasileira, a 7 de Fevereiro, nas ruas de Montevidéo.

DIA 24

1823 — São elevadas, nesta data, á categoria de cidades, por decreto imperial, todas as villas que eram capitães de provincias.

1868 — Uma esquadilha brasileira, sob o commando do Barão da Passagem, se approxima de Assumpção, cumprindo assim a sua missão de reconhecimento tanto do rio como da capital paraguaya, e tendo percorrido 65 leguas.

1890 — Promulgação da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, sendo Presidente da Republica o Marechal Deodoro da Fonseca e Ministro da Justiça o Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles.

DIA 25

1680 — São descobertas as minas de ouro de lavagem do ribeirão de Curytiha pelo paulista Salvador Jorge Velho, que morreu opulento em Parahyba.

1807 — E' elevado á categoria de capitania geral o territorio do Rio Grande do Sul, com a denominação de "Capitania de São Pedro", subordinada ao vice-rei do Estado do Brasil.

1834 — Nascimento de Agrario de Souza Menezes, na cidade da Bahia, onde falleceu, a 23 de Agosto de 1863. Escreveu muitas peças theatraes, entre ellas o drama historico em verso "Calabar".

DIA 26

1808 — Parte da Bahia, com destino ao Rio de Janeiro, a esquadra portugueza que ali aportára a 22 de Janeiro e que trazia a seu bordo o príncipe-regente D. João, depois D. João VI.

1821 — Pronunciamento da guarnição militar do Rio de Janeiro em favor do movimento constitucionalista de Portugal. Conseguiram os revoltosos que D. João VI, por um decreto antedatado, adoptasse a constituição que estava sendo elaborada pelas Côrtes de Lisboa e que o soberano e os príncipes jurassem solemnemente o dito pacto politico.

1846 — Entrada solenne de D. Pedro II e de D. Thereza Christina, com a sua comitiva, na cidade de São Paulo.

DIA 27

1826 — Chega á Bahia D. Pedro I, que ali restaura a calma, perturbada na capital e em toda a provincia pelas animosidades entre nacionaes e portuguezes.

DIA 28

1845 — Tendo sido decretada, para os que depuzessem as armas, ampla amnistia, em 18 de Dezembro de 1844, David Canavarro, chefe dos rebeldes do Rio Grande do Sul, depois de reunir, em Ponche-Velho, um conselho de officiaes de todo o seu exercito e obtido o assentimento dos mezmos, proclama a accitação da mencionada amnistia, nos termos do referido decreto imperial.

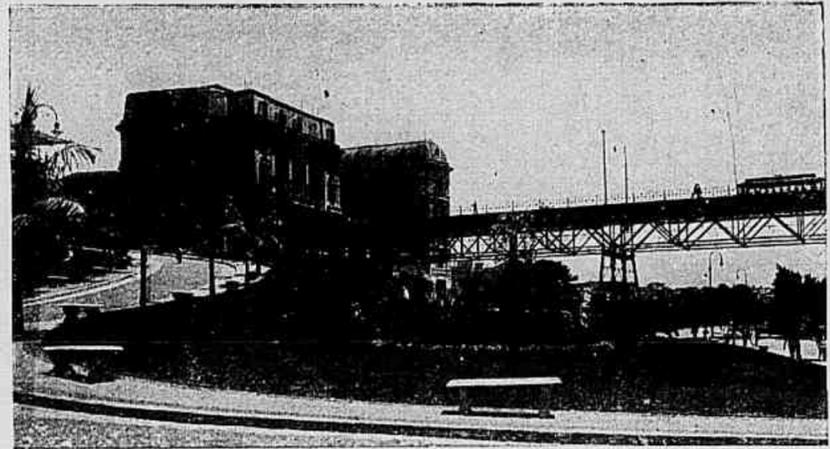
1854 — E' nesta data que se inicia no Rio de Janeiro o habito de festejar o carnaval por meio de carros allegoricos e cavalgatas, em lugar do antigo entrudo a esguichos de agua e laranjinhas de cera.



RÔTISSERIE SPORTSMAN

HOTEL • RESTAURANT • BAR

RUA LIBERO BADARÓ, 114 -- S. PAULO



O melhor hotel de S. Paulo, com apartamentos, agua corrente e telephone em todos os quartos. Situação privilegiada no centro commercial da cidade e com esplendidas vistas para o Parque Anhangabahú. Restaurant au menu e á la carte — Cocktail-bar, especialidade em bebidas inglezas. — Cervejas nacionaes e estrangeiras.



CODIGOS: A. B. C. 5 & 6TH

Bentley's — Borgés — Ribeiro — A-Z, FRANÇAIS

CAIXA POSTAL: 571 Endereço telegraphico :

"RÔTISSERIE Sã PAULO"

LICORES BELLARD

os melhores

E. Manograsso & C.

SÃO PAULO

CASA BOITEUX

TAPEÇARIAS

Helmo Pinheiro & C.

Armadores e Estofadores

33, QUITANDA, 33

TELEPHONE 1850 C.

RIO DE JANEIRO



CASA BAZIN

Perfumarias

e Artigos para Toilette

131, Avenida Rio Branco, 131

Esta marca em cada
LAMPADA EDISON
DE
FABRICAÇÃO BRASILEIRA
E' ABSOLUTA GARANTIA DE
PERFEIÇÃO-QUALIDADE-ECONOMIA-DURABILIDADE.
General Electric S.A.

Rio de Janeiro Recife Bahia Porto Alegre S. Paulo

VERMOUTH-AMERICANO
o melhor aperitivo
DISTILLARIA BELLARD
SÃO PAULO

A Febre Typhoide e o Professor Bertarelli

Examinando as talhas, filtros e moringas "Salus" o Professor Bertarelli formou um parecer sobre a utilidade deste material, do qual extrahimos o seguinte topico:

"Em duas dessas moringas, a nós remetidas pelo Prof. Dr. hattinger, collocámos agua e nesta puzemos *culturas puras e bem identificadas de bacillos de dysenteria* (typo SHiga), *bacillos de typhicos e paratyphicos A. e B.* Uma hora após, todos esses germens estavam *cestrudos e a agua esteril, embora tivessemos operado com centenas de milhares de microbios por centimetro cubico.*

Pedidos a ORESTES RANGEL PESTANA - Rua José Bonifacio, 35 - Telephone Central 2446 - Caixa Postal, 139 - S. Paulo.

Casa Schmitt
FUNDADA EM 1876
TELEPH. Central 2749
Perfumarias e Cutelarias finas
Cabelleireiro especial para
Senhoras e crianças,
Applicação de Henné,
Ondulação Marcel.

- RUA GONÇALVES DIAS, 51 -
Telephone C. 2749

Antenor, Peçanha & C.

M. CARVALHO MACHADO & C.
Importadores de artigos para colchoeiros
Importação directa de todos os artigos
concernentes á colchoaria
PREÇOS RESUMIDOS
TELEPHONE 1142 NORTE-RUA DA ALFANDEGA N. 135
RIO DE JANEIRO

GRANDE DEPOSITO
DE
MATERIAL PHOTOGRAPHICO
E
PRODUCTOS CHIMICOS
PARA
PHOTOGRAPHIA E GRAVURA

BASTOS DIAS
RUA
GONÇALVES DIAS, 52
SOBRADO
RUA JANEIRO

FABRICA de Carlões
NRO BROWNIE CAMERA
PASSAPORTOIS

TYPOGRAPHIA SIQUEIRA

Objectos para escriptorio e artigos de engenharia
Editores de livros escolares

ZINCOGRAPHIA

Augusto Siqueira & Cia.

S. PAULO

Loja e escriptorio

Rua de São Bento n. 25

Officina e deposito

Rua Conde de S. Joaquim, 28

Telephone N. 1216 — Central

CAIXA, 178



Pour Bal de tête les coiffures Doret sont de Style vrai
Si vous voulez une coiffure originale allez chez Doret
Si vous avez besoin d'un beau postiche, soyez chez Doret
Si vos cheveux sont en mauvais état consultez Doret
Si vous avez des cheveux blancs, suivez les conseils de Doret
Si votre visage est fatigué, employez les produits de beauté Doret
Les meilleurs parfums du monde sont fabriqués par Doret

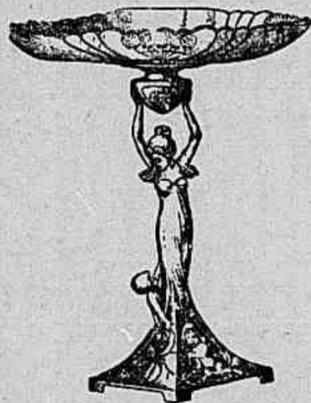
Rua Rodrigo Silva n. 5

Telephone Central 2431

RIO DE JANEIRO

BAZAR AMERICA

Finissimos objectos para presentes



Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christoffe.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38 - 40

Doenças broncho-pulmonares

Um medicamento verdadeiramente ideal para crianças, senhoras fracas e convalescentes é o PHOSPHO-THIOLGRANULADO de Giffoni. Pelo «phospho-calcio physiologico» que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo «sulfo-galacol» tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o appetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo. Recetado diariamente pelas summidades medicas desta cidade e dos Estados.

TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando UROFORMINA precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar.

Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito:

DROGARIA GIFFONI

Rua Primeiro de Março, 17—Rio de Janeiro

C. LAUBISCH, HIRTH & C.

FABRICA DE MOVEIS

Decoração geral de interiores artisticos por architectos da casa

Importante stock de sedas
Tapeçaria fina
Moveis de couro e cortinas na mais alta perfeição

RUA RIACHUELO 83/87

Tel. C. 4754

RIO

GERMANO BOETTCHER

Avenida Rio Branco N. 137

CASA FUNDADA EM 1901

Fornecedores de materiaes ao Governo Federal

ESPECIALIDADES:

Material de Estrada de Ferro, Armamentos e equipamentos, Materiaes de construcção

H. K. PORTER Co. - PITTSBURG, Pa., U. S. A. — Locomotivas e accessorios.

WHITING FOUNDRY & EQUIPMENT Co. - HARVEY (CHICAGO suburb.), ILL., U. S. A. — Officinas de fundição, fornos completos de aço, macacos para locomotivas, guindastes em geral.

PARKESBURG IRON Co. - PARKESBURG, Pa., U. S. A. — Tubulações de aço sem costura.

GLOBE SEAMLESS STEEL TUBE Co. - MILWAUKEE WIS., U. S. A. — Tubos de aço para caldeiras, sem costura.

ORTON & STEINBRENNER - CHICAGO, ILL., U. S. A. — Guindastes para locomotivas, docas, etc., com caçambas.

THE MAGOR CAR COMPANY - 30 CHURCH STREET, N. Y. CITY, U. S. A. — Carros de carga para estradas de ferro, para canna de assucar, de aço e meio aço.

THE FRANKLIN STEEL Co. - FRANKLIN, Pa., U. S. A. — Postes de aço para estradas de ferro, companhias de bondes, luz e força electrica, cantoneiras, canaes, vigas de ferro e aço em diferentes secções.

THE BALTIMORE TUBE Co. - BALTIMORE, Md. U. S. A. — Tubos e chapas de cobre e latão.

THE BLYSTONE MANUFACTURING Co. - CAMBRIDGE, SPRINGS, Pa., U. S. A. — Misturadores de cimento, concreto, areia, etc.

THE KNICKBOCKER Co. - JACKSON, MICHIGAN, U. S. A. — Idem.

WILBRAHAM - GREEN BLOWER Co. - PITTS-TOWN, Pa., U. S. A. — Ventiladores rotativos, proprios para fornos de fundição.

THE PITTSBURG SPRING & STEEL Co. - PITTSBURG, Pa., U. S. A. — Molas de aço para locomotivas, carros de passageiros, cargas, etc., bondes e automoveis.

THE CONTINENTAL CAR Co. - LOUISVILLE, Ky., U. S. A. — Carros, gondolas para o transporte de material de construcção, estradas de ferro, etc.

THE FRANKLIN-MOORE Co. - CONNETICUT, U. S. A. — Guindastes electricos e accessorios.

THE OHIO ELECTRIC & CONTROLLER Co. - CLEVELAND, OHIO, U. S. A. — Magneto para ser usado com guindastes electricos para transporte de material nas officinas e pateos.

M. K. DUNHAM WELDING EQUIPMENT
THE BASTIAN BLESSING COMPANY - CHICAGO, ILL., U. S. A. — Solda oxy-acetylene e aparelhagem completa. Geradores de oxigenio e acetylene.

THE BAYONNE BOLT & NUT Co. - BAYONNE, N. J., U. S. A. — Parafusos, porcas, rebites, etc.

GEO. C. MOON Co. - CARWOOD, N. J., U. S. A. — Cabos de aço, de arame, etc.

CAMPBELL, GIFFORD & WHITE - LONDON, ENGLAND — Engenheiros electricistas, installadores de fornos electricos.

LUDLAM ELECTRIC FURNACES — Fornos electricos para minerio. Aço especial para ferramentas (alta velocidade).

CHARLOTTE LEATHER BELTING Co. — Correias de couro para todos os misteres.

THE PENN METAL Co. - BOSTON, MASS., U. S. A. — Metal corrugado para boeiros, etc.

THOS. BORN & Co. - LONDON S. W., ENGLAND — Asbestos, etc.

THE RAILROAD SUPPLY Co. - CHICAGO, ILL., U. S. A. — Talas de junção e sapatas para trilhos.

FRY'S (LONDON) LTD. - LONDON, ENGLAND — Serras "ENOX".

J. & A. NICLAUSSE - PARIS — Material de guerra, caldeiras e viaturas.

THE SPERRY GYROSCOPE Co. - BROOKLYN, N. Y., U. S. A. — Aparelhos de precisão para navegação, holophotes, pharóes, etc.

KALAMAZOO RAILWAY SUPPLY Co. — Carros e accessorios para Estrada de Ferro.

COMPAGNIE GENERALE DE CONSTRUCTIONS - HAINES, ST. PIERRE, BELGICA — Locomotivas, vagões e material rodante em geral.

SOCIÉTÉ CHAUDRONNERIE ET ROBINETTERIE BELGES - BELGICA — Superstruc-turas metallicas e pontes.

SOCIÉTÉ METALLURGIQUE SAMBRE ET MOSELLE - BELGICA — Trilhos de ferro e aço laminado.

WERF CONRAD - HAARLEM, HOLLANDA — Dragas e machinas escavadoras.

GESELLSCHAFT "HARKORT" - ALLEMANHA — Wagões, wagonetes e material metallico.